Orlando

Virginia Woolf

CAPÍTULO 1

Ele – pois não podia haver qualquer dúvida a respeito do seu sexo, embora a moda da época contribuísse para disfarçá-lo – estava golpeando a cabeça de um mouro, que pendia das vigas. Era da cor de uma velha bola de futebol, e tinha mais ou menos a mesma forma, exceto pelas faces encovadas e um ou dois tufos de cabelo grosso, seco, como os pelos de um coco.

O pai de Orlando, ou talvez seu avô, a tinha arrancado dos ombros de um enorme infiel que havia surgido, sob o luar, nos campos bárbaros da África; e agora balançava suavemente, perpetuamente, à brisa que nunca deixava de soprar nos cômodos do sótão da gigantesca casa do senhor que o havia matado.

Os pais de Orlando tinham cavalgado em campos de asfódelos, e campos pedregosos, e campos irrigados por estranhos rios, e tinham arrancado muitas cabeças de muitas cores de muitos ombros, e as trouxeram de volta para pendurar nas vigas. Assim também faria Orlando, ele jurou. Mas como tinha só dezesseis anos, e era muito jovem para cavalgar com eles pela África ou pela França, escapava da mãe e dos pavões do jardim e ia para o seu canto no sótão, e ali ele dava estocadas e cortava e rasgava o ar com sua espada. Às vezes cortava a corda e o crânio caía no chão, e ele tinha que prendê-lo de novo lá em cima, amarrando-o de modo um tanto cavalheiresco, quase fora de alcance, de maneira que o seu inimigo lhe arreganhava os dentes triunfalmente por entre os lábios escuros e contraídos. O crânio balançava para lá e para cá, pois a casa, no alto da qual ele vivia, era tão vasta que o próprio vento parecia aprisionado ali, soprando de um jeito, soprando de outro, no inverno e no verão. A tapeçaria verde de Arrás com os caçadores agitava-se continuamente. Seus antepassados tinham sido nobres desde que passaram a existir. Haviam saído das brumas do norte com a cabeça coroada. Por acaso as barras de sombra no quarto e as poças amarelas que formavam um xadrez no chão não eram feitas pelo sol que atravessava o vitral colorido de um enorme brasão na janela? Orlando estava agora no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico. Quando pôs a mão no peitoril da janela para abri-la, ela imediatamente se coloriu de vermelho, azul e amarelo, como a asa de uma borboleta. Assim, aqueles que gostam de símbolos e têm talento para decifrá-los poderiam observar que, embora as pernas bem torneadas, o belo corpo e os ombros firmes estivessem todos enfeitados com vários matizes da luz heráldica, o rosto de Orlando, quando abriu a janela, estava iluminado apenas pelo próprio sol. Seria impossível encontrar um rosto mais ingênuo e mais sombrio. Feliz a mãe que dá à luz, e mais feliz ainda o biógrafo que registra a vida de uma pessoa assim! Nem ela jamais precisará se atormentar, nem o biógrafo invocar a ajuda de um romancista ou de um poeta. Ele avançará de façanha em façanha, de glória em glória, de cargo em cargo, seguido de perto pelo seu escriba, até que alcancem aquele assento, seja qual for, que esteja à altura do desejo de ambos. Ao se olhar para Orlando via-se que fora talhado precisamente para uma carreira como essa. O vermelho das faces era coberto por uma penugem de pêssego; a penugem do buço era só um pouco mais espessa que a das faces. Os lábios eram finos e ligeiramente repuxados sobre os dentes, que possuíam uma delicada brancura de amêndoa. Nada perturbava o

voo curto, tenso, do nariz em forma de flecha; o cabelo era escuro, as orelhas pequenas e bem próximas à cabeça. Mas, ai de mim!, que estes catálogos de beleza juvenil não podem terminar sem mencionar a testa e os olhos. Ai de mim!, que as pessoas raramente nascem destituídas de todos os três! Pois, ao olharmos diretamente para Orlando parado junto à janela, temos que admitir que possuía olhos como violetas encharcadas, tão grandes que a água parecia tê-los enchido até a borda e os alargado; e uma testa como a saliência de uma cúpula de mármore apertada entre os dois medalhões brancos das têmporas. Se olharmos diretamente para sua testa e seus olhos, ficaremos extasiados. Se olharmos diretamente para sua testa e seus olhos, teremos que admitir mil coisas desagradáveis, que todo bom biógrafo tem como objetivo ignorar. Havia visões que o perturbavam, como a de sua mãe, uma bela dama de verde que saía para alimentar os pavões, com Twitchett, sua criada, atrás de si; havia visões que o exaltavam – como os pássaros e as árvores; e outras que o faziam apaixonar-se pela morte – o céu da noite, as gralhas retornando. E assim, subindo pela escada em espiral até seu cérebro, que era espaçoso, todas essas visões – e também os ruídos do jardim: a batida do martelo, a madeira sendo cortada – começavam aquele tumulto e confusão de paixões e emoções que todo bom biógrafo detesta. Mas continuando – Orlando contraiu lentamente a cabeça, sentou-se à mesa, e, com o ar semiconsciente de alguém que está fazendo o que faz todos os dias de sua vida a essa hora, pegou um caderno intitulado “Aethelbert: Tragédia em Cinco Atos”, e mergulhou fundo na tinta uma velha pena de ganso manchada.

Logo havia coberto mais de dez páginas com poesia. Ele era fluente, por certo, mas era abstrato. O Vício, o Crime, a Miséria eram os personagens do seu drama; havia reis e rainhas de territórios impossíveis; intrigas horrendas os perturbavam; sentimentos nobres os inundavam; nunca havia uma palavra como ele mesmo a teria dito, mas tudo estava tomado por uma fluência e doçura que, considerando a sua idade – ele ainda não tinha dezessete anos – e que o século dezesseis ainda tinha alguns anos de antes do fim, eram bastante notáveis. Mas finalmente fez uma pausa. Ele estava descrevendo, como todos os poetas jovens estão sempre descrevendo, a natureza, e para verificar o tom preciso de verde olhou (e nisso mostrou mais audácia que a maioria) para o próprio objeto, que aconteceu de ser um loureiro que crescia sob a janela. Depois disso, é claro, não pode mais escrever. O verde na natureza é uma coisa, na literatura é outra. A natureza e as letras parecem nutrir uma antipatia natural entre si; basta juntá-las que uma parte a outra em pedaços. O tom de verde que Orlando viu estragou sua rima e quebrou sua métrica. Além disso, a natureza tem seus próprios truques. Basta que se olhe para fora da janela para ver as abelhas entre as flores, ou um cão latindo, ou o pôr do sol, basta que se pense “quantos pores de sol ainda verei”, etc. etc. (a ideia é por demais conhecida para que valha a pena escrever mais) e larga-se a pena, pega-se a capa, sai-se do quarto a passos largos, e tropeça-se em uma arca pintada ao fazer isso.

Pois Orlando era um pouquinho desajeitado.

Ele tomou cuidado para evitar um encontro com qualquer pessoa. E Stubbs, o jardineiro, vinha andando pelo caminho. Orlando escondeu-se atrás de uma árvore até que ele tivesse passado. Saiu por um portãozinho no muro do jardim. Circundou todos os

estábulos, canis, cervejarias, carpintarias, lavanderias, lugares onde fabricam velas de sebo, matam bois, forjam ferraduras, costuram casacos – pois a casa era uma cidade ressoante de homens trabalhando em seus vários ofícios – e alcançou sem ser visto o caminho de samambaias que subia para o parque. Há um parentesco, talvez, entre as qualidades; uma arrasta a outra consigo; e o biógrafo aqui deveria chamar a atenção para o fato de que essa falta de jeito muitas vezes vem acompanhada pelo amor à solidão. Tendo tropeçado em uma arca, Orlando naturalmente amava lugares solitários, vistas amplas, e sentir-se sempre e para todo o sempre sozinho.

Assim, depois de um longo silêncio, “estou só”, ele afinal sussurrou, abrindo os lábios pela primeira vez neste relato. Havia subido muito depressa, por entre samambaias e espinheiros, assustando cervos e pássaros silvestres, até um lugar coroadado por um único carvalho. Era um lugar muito alto, tão alto, de fato, que dezenove condados ingleses podiam ser vistos abaixo; e em dias claros, trinta ou talvez quarenta, se o tempo estivesse muito bom. Às vezes podia-se ver o canal da Mancha, onda sobre onda. Podiam-se ver rios e barcos de passeio deslizando sobre eles; e galeões partindo para o mar; e frotas de navios com rolos de fumaça, dos quais vinha o troar surdo dos canhões; e fortes na costa; e castelos entre os prados; e aqui uma torre de vigia; e ali uma fortaleza; e de novo alguma vasta mansão como a do pai de Orlando, amontoada como uma cidade no vale rodeado por muralhas.

Para leste, ficavam os pináculos de Londres e a fumaça da cidade; e talvez na própria linha do horizonte, quando o vento soprava do quarto certo, o topo escarpado e as extremidades dentadas do próprio Snowdon surgiam montanhosos por entre as nuvens. Por um momento Orlando ficou contando, contemplando, reconhecendo. Aquela era a casa de seu pai; aquela outra, a de seu tio. Sua tia era dona das três grandes torres, lá entre as árvores. A eles, pertenciam a charneca e a floresta; o faisão e o cervo, a raposa, o texugo e a borboleta.

Ele suspirou profundamente e arremessou-se – havia uma paixão em seus movimentos que justifica a palavra – ao chão, aos pés do carvalho. Ele adorava, sob toda essa fugacidade do verão, sentir sob seu corpo a espinha dorsal da terra; pois assim ele imaginava a dureza do carvalho; ou, como uma imagem segue outra, o lombo de um grande cavalo que ele estava cavalgando, ou a coberta de um navio balançante – qualquer coisa servia, na verdade, desde que fosse firme, pois ele sentia necessidade de algo a que pudesse amarrar seu instável coração; o coração que dava arrancos em seu peito; o coração que parecia cheio de perfumados e amorosos ventos todas as tardes, naquela hora, quando ele saía para caminhar. Amarrou-o ao carvalho, e enquanto ficou ali deitado, a agitação que havia dentro dele e em volta dele gradualmente se aquietou; as pequenas folhas pendiam, os cervos paravam; as pálidas nuvens de verão se imobilizavam; seus membros se tornavam pesados sobre o chão; e ficou tão quieto que aos poucos os cervos foram se aproximando, e as gralhas girando em torno dele, e as andorinhas imergindo e voando em círculos, e as libélulas disparando, como se toda a fertilidade e a atividade amorosa de uma tarde de verão se fossem tecendo como uma teia sobre o seu corpo.

Mais ou menos uma hora depois – o sol declinava rapidamente, as nuvens brancas

tornaram-se vermelhas, as colinas eram cor de violeta, os bosques cor de púrpura, os vales negros – uma trombeta soou. Orlando pôs-se de pé em um salto. O som estridente vinha do vale. Vinha de algum lugar escuro lá embaixo; um lugar compacto e delineado; um labirinto; uma cidade, ainda que rodeada por muralhas; vinha do coração da sua própria casa grande no vale, que, antes escura – enquanto ele olhava e a trombeta solitária se duplicava e reduplicava com outros sons mais estridentes – perdia sua escuridão e era trespassada por luzes.

Algumas luzes eram pequenas, apressadas, como se criados se chocassem pelos corredores ao atender aos chamados; outras eram altas e brilhantes, como se luzissem em salões de banquete vazios preparados para receber convidados que não tinham vindo; e outras mergulhavam e ondulavam e afundavam e ressurgiam, como se seguras pelas mãos de legiões de criados que se inclinassem, ajoelhassem, levantassem, recebessem, protegessem e escoltassem com toda a dignidade, dentro de casa, uma grande princesa que desce de sua carruagem. Coches circulavam e davam voltas pelo pátio. Cavalos sacudiam seus penachos. A rainha havia chegado.

Orlando parou de olhar. Lançou-se encosta abaixo. Entrou por uma portinhola. Precipitou-se pela escada em caracol. Chegou ao seu quarto. Atirou as meias para um lado, a jaqueta para o outro. Molhou a cabeça. Limpou as mãos. Aparou as unhas. Ajudado apenas por seis polegadas de espelho e duas velas gastas, enfiou-se em um par de calças cor de carmim, gola de renda, colete de tafetá e sapatos com rosetas tão grandes quantas dalias dobradas, em menos de dez minutos, pelo relógio da torre. Estava pronto. Estava corado. Estava excitado. Mas estava terrivelmente atrasado.

Por atalhos que conhecia, ele agora abria caminho pelo vasto amontoado de quartos e escadarias até o salão do banquete, a cinco acres de distância, do outro lado da casa. Mas a meio caminho, nos quartos dos fundos onde viviam os criados, ele parou. A porta da saleta de Mrs. Stewkley estava aberta – ela tinha ido, sem dúvida, com todas as suas chaves atender à sua ama. Mas ali, sentado à mesa de jantar dos criados, com uma caneca ao lado e papel diante de si, estava um homem bem gordo, esfarrapado, cuja gola franzida estava um tanto suja, e cujas roupas eram de um tecido pardo de lã. Tinha na mão uma pena, mas não estava escrevendo. Parecia estar ruminando um pensamento em sua mente, para cima e para baixo, para lá e para cá, até que ganhasse forma ou ímpeto a seu gosto. Seus olhos, redondos e nublados como uma pedra verde de estranha textura, estavam fixos. Ele não viu Orlando. Com toda sua pressa, Orlando parou de repente. Seria um poeta? Estaria escrevendo versos? “Conte-me”, ele quis falar, “tudo sobre o mundo inteiro”, pois Orlando tinha as ideias mais loucas, mais absurdas e extravagantes a respeito dos poetas e da poesia. Mas como falar com um homem que não o vê? Que, em vez disso, vê ogros, sátiros, talvez as profundezas do mar? Assim, ele permaneceu olhando, enquanto o homem movia a pena entre os dedos, para cá e para lá; e contemplava e meditava; e então, bem depressa, escreveu meia dúzia de linhas e levantou o olhar. Diante disso, vencido pela timidez, Orlando partiu como um raio, alcançando a sala do banquete justamente a tempo de cair de joelhos, e, inclinando a cabeça, confuso, oferecer uma tigela de água de rosas à grande rainha em pessoa.

Tal era a sua timidez que nada viu da rainha além das mãos aneladas mergulhadas

na água; mas foi o bastante. Era uma memorável mão; uma fina mão de dedos longos, sempre arqueados como se envolvessem o orbe ou o cetro; mão nervosa, intratável e doentia; mão de comando, também; mão que só precisava erguer-se para que uma cabeça rolasse; mão, ele adivinhava, presa a um velho corpo que cheirava como um armário onde há peles conservadas em cânfora; cujo corpo ainda era ajaezado com todo tipo de brocados e pedras preciosas; e que se mantinha muito ereto, embora talvez sofresse de dores ciáticas; e que nunca vacilava, apesar de tensionado por mil temores; e os olhos da rainha eram de um amarelo claro. Tudo isso ele sentiu enquanto os grandes anéis cintilavam na água, e então alguma coisa pressionou seu cabelo – o que, talvez, tenha contribuído para que ele não visse nada mais útil para um historiador. E, na verdade, sua mente era tal tumulto de contrastes – a noite e as velas luzindo, o poeta esfarrapado e a grande rainha, os campos silenciosos e o alarido dos criados – que ele não pode ver nada; ou apenas aquela mão.

Pelo mesmo raciocínio, a própria rainha pôde ver apenas uma cabeça. Mas se é possível deduzir-se um corpo pela mão, preenchido com todos os atributos de uma grande rainha, sua irascibilidade, sua coragem, sua fragilidade e seu terror, certamente uma cabeça pode ser fértil do mesmo modo, vista do alto de uma cadeira de Estado por uma senhora cujos olhos, se é possível confiar nas figuras de cera da Abadia, estavam sempre muito abertos. O cabelo longo e encaracolado e a cabeça sombria inclinada com tanta reverência, com tanta inocência, diante dela, indicavam um par das melhores pernas sobre as quais jamais se firmara um jovem nobre; e olhos cor de violeta; e um coração de ouro; e lealdade e encanto varonil – todas as qualidades que a velha dama apreciava cada vez mais, à medida que passavam a lhe faltar. Pois ela estava ficando velha e gasta e curvada antes do tempo. O som do canhão estava sempre em seus ouvidos. Via sempre a reluzente gota de veneno e o longo estilete. Ao sentar-se à mesa, ela escutava; ouvia a artilharia no Canal; ela temia: seria uma maldição? Seria um sussurro? A inocência, a simplicidade, eram-lhe ainda mais caras, em contraste com o fundo escuro contra o qual ela as observava. E foi nessa mesma noite, assim reza a tradição, enquanto Orlando dormia profundamente, que ela, apondo afinal sua assinatura e seu selo ao pergaminho, fez formalmente a doação da grande casa monástica que tinha sido do arcebispo, e depois do rei, ao pai de Orlando.

Orlando dormiu a noite toda na ignorância. Tinha sido beijado por uma rainha sem saber. E, talvez, pois os corações das mulheres são complicados, foi por essa ignorância, e por seu leve sobressalto quando os lábios dela o tocaram, que ela manteve a lembrança de seu jovem primo (pois eles tinham parentesco de sangue) fresca em sua mente. De qualquer modo, dois anos desta calma vida de campo ainda não haviam passado – e Orlando não tinha escrito talvez mais que vinte tragédias, uma dúzia de histórias e uma vintena de sonetos – quando chegou uma mensagem para que se apresentasse à rainha em Whitehall.

“Aqui”, disse ela, observando-o avançar pelo longo corredor em sua direção, “vem o meu inocente!” (Havia nele sempre uma serenidade que parecia inocência, quando, tecnicamente, a palavra não era mais aplicável).

“Venha!” disse ela. Estava sentada muito ereta junto à lareira. Deteve-o à distância

de um passo, e olhou-o de cima a baixo. Estaria comparando suas especulações da outra noite com a realidade agora visível? Achou suas suposições justificadas? Olhos, boca, nariz, peito, quadris, mãos – ela esquadrinhou-o todo; seus lábios se contraíram visivelmente enquanto olhava; mas quando viu as pernas, riu bem alto. Ele era a própria imagem de um cavalheiro nobre. Mas, e no íntimo? Seus olhos amarelos de falcão faiscaram sobre ele, como se quisesse trespassar-lhe a alma. O jovem resistiu ao olhar, ruborizando só um pouco, como lhe cabia. Força, graça, romance, loucura, poesia, juventude – ela o leu como a página de um livro. Imediatamente arrancou um anel do dedo (a junta estava um pouco inchada) e enquanto o ajustava nele, nomeou-o seu tesoureiro e mordomo; logo passou-lhe os grilhões do cargo; e, fazendo-o dobrar o joelho, amarrou em torno da sua parte mais fina a joia da Ordem da Jarreteira. Nada lhe foi negado depois disso.

Quando ela fazia passeios de estado, ele cavalgava ao lado da sua carruagem. Ela o enviou à Escócia, em uma triste embaixada junto à infeliz rainha. Ele estava a ponto de embarcar para as guerras polonesas, quando ela o chamou de volta. Pois como poderia suportar a ideia daquela carne tenra dilacerada e daquela cabeça encaracolada rolando no pó? Manteve-o junto a si. Na plenitude do seu triunfo, quando a artilharia ribombava na Torre e o ar estava grosso de pólvora o bastante para provocar espirros, e os hurras do povo ressoavam sob as janelas, puxou-o para as almofadas onde as suas damas a tinham colocado (ela estava tão gasta e velha) e o fez enterrar o rosto naquela espantosa composição – ela não mudava o vestido há um mês – que cheirava exatamente igual, ele pensou, lembrando-se da sua infância, a um velho gabinete em casa onde as peles da mãe eram armazenadas. Levantou-se, meio sufocado pelo abraço.

“Isto”, ela sussurrou, “é a minha vitória!” – e enquanto falava um foguete estrondou e tingiu suas faces de escarlata.

Pois a velha o amava. E a rainha, que conhecia um homem quando via um, embora não, diziam, da maneira usual, tramara para ele uma esplêndida e ambiciosa carreira. Terras lhe seriam ofertadas, casas lhe seriam destinadas. Ele deveria ser o filho da sua velhice; o suporte da sua fraqueza; o carvalho em que ampararia sua degradação. Ela grasnou essas promessas e essas estranhas ternuras tirânicas (estavam agora em Richmond) sentada muito ereta nos seus duros brocados, junto à lareira que, por mais alto que a empilhassem de lenha, nunca a mantinha aquecida.

Enquanto isso, os longos meses de inverno foram se aproximando. Todas as árvores do parque estavam cobertas de geada. O rio deslizava preguiçosamente. Um dia em que havia neve no chão, e os escuros quartos apainelados estavam cheios de sombras, e os veados rugiam no parque, ela viu, no espelho que mantinha sempre consigo por medo de espíões, através da porta que mantinha sempre aberta por medo de assassinos, um rapaz... seria Orlando?... beijando uma moça. Quem diabos seria aquela atrevida? Arrebatou sua espada de cabo dourado e golpeou com violência o espelho. O vidro se estilhaçou; pessoas acorreram; ergueram-na e a colocaram outra vez na cadeira; mas depois disso ficou ferida, e lamentava muito, à medida que os seus dias iam chegando ao fim, a deslealdade dos homens.

A culpa era de Orlando, talvez; mas, afinal de contas, poderíamos culpar Orlando?

Era a época elisabetana; sua moralidade não era a nossa; nem seus poetas; nem seu clima; nem mesmo os seus legumes. Tudo era diferente. O próprio tempo, o calor e o frio do verão e do inverno eram, podemos acreditar, de uma consistência completamente diferente. O brilhante e amoroso dia estava tão bruscamente separado da noite como a terra da água. Os poentes eram mais vermelhos e mais intensos; as alvoradas mais brancas e mais auroras. Eles nada sabiam da nossa meia-luz crepuscular ou dos nossos ocasos lânguidos. A chuva caía com toda força ou não caía. Ou brilhava o sol ou havia escuridão. Traduzindo isso para as regiões espirituais, como é seu costume, os poetas cantavam lindamente o modo como as rosas murchavam e as pétalas caíam. O momento é breve, cantavam; o momento passou; e então seguia-se uma longa noite para que todos dormissem. Usar os artifícios de estufas ou viveiros para prolongar ou preservar esses frescos cravos e rosas, não era o seu hábito. As fracas complexidades e ambiguidades da nossa época, mais nuançada e duvidosa, eram desconhecidas por eles. A violência era tudo. A flor desabrochava e murchava. O sol nascia e morria. O amante amava e partia. E o que os poetas diziam em rima, os jovens punham em prática. As moças eram rosas, e suas estações eram tão curtas como as das flores. Deviam ser colhidas antes do anoitecer; pois o dia era breve, e o dia era tudo. Assim, se Orlando seguisse o comando do clima, dos poetas, da própria época, e colhesse sua flor no banco sob a janela, mesmo com a neve no chão e a rainha vigilante no corredor, dificilmente poderíamos nos dispor a culpá-lo. Ele era jovem; era pueril; fez apenas o que a natureza mandou que fizesse. Quanto à moça, não sabemos mais do que a própria rainha Elizabeth sobre o seu nome. Pode ter sido Dóris, Clóris, Délia ou Diana, porque ele fez versos para todas essas, uma após a outra; do mesmo modo, pode ter sido uma dama da corte, ou alguma criada. Pois o gosto de Orlando era amplo; não era amante apenas de flores de jardim, até mesmo as flores selvagens e as ervas daninhas o fascinavam.

Aqui, na verdade, vamos revelar com rudeza, como um biógrafo pode fazer, uma característica curiosa, explicada, talvez, pelo fato de certa bisavó de Orlando ter usado avental e carregado baldes de leite. Alguns grãos da terra de Kent ou de Sussex estavam misturados ao fino e bom fluído que recebera da Normandia. Ele sustentava que a mistura de terra marrom e sangue azul era boa. O certo é que sempre teve uma preferência pela companhia de pessoas baixas, especialmente a dos homens letrados, cuja inteligência com tanta frequência os mantinha em um nível inferior, como se houvesse entre eles a afinidade do sangue. Nessa época da sua vida, em que sua cabeça estava cheia até a borda de versos e ele nunca ia para cama sem cometer alguma extravagância, o rosto da filha de um estalajadeiro lhe parecia mais fresco, e a esperteza da sobrinha de um guarda-caça mais viva que a das damas da corte. Por isso, começou a frequentar Wapping Old Stairs e as cervejarias, à noite, envolto em uma capa cinzenta para esconder a estrela que levava ao pescoço e a liga da jarreteira no joelho. Ali, com uma caneca diante de si, entre velas arenosas e campos de jogo de críquete e toda a arquitetura simples desses lugares, escutava as histórias dos marinheiros sobre o sofrimento e o horror e a crueldade no mar das Caraíbas; como alguns haviam perdido os dedos dos pés, outros o nariz – pois a história oral nunca era tão floreada ou pintada em cores tão ricas quanto a escrita. Gostava especialmente de ouvi-los cantar em altos

brados suas canções “dos Açores”, enquanto os papagaios, que eles tinham trazido desses lugares, bicavam os anéis em suas orelhas, batiam com os bicos duros e ávidos nos rubis em seus dedos, e praguejavam de modo tão abjeto quanto seus donos. As mulheres eram pouco menos audaciosas em sua fala e livres em suas maneiras do que os pássaros. Acomodavam-se em seu colo, lançavam-lhe os braços ao redor do pescoço e, adivinhando que algo fora do comum se escondia sob sua capa de lã grosseira, ficavam tão ansiosas para tirar a história a limpo quanto o próprio Orlando.

Não faltava oportunidade. O rio ficava cheio, da manhã à noite, com barcaças, balsas e embarcações de toda espécie. Todos os dias havia algum belo navio zarpendo rumo às Índias; de vez em quando, outro, enegrecido e arrebetado, com homens peludos a bordo, deslizava penosamente para ancorar. Ninguém dava pela falta de um rapaz ou moça, se eles namorassem um pouco a bordo depois do pôr do sol; nem levantava uma sobranceira de espanto, se ouvisse rumores de que tinham sido vistos entre os sacos do tesouro, dormindo profundamente, seguros nos braços um do outro. Tal, na verdade, era a aventura que aconteceu com Orlando, Sukey e o conde de Cumberland. O dia estava quente; seus amores tinham sido ativos, e haviam adormecido entre os rubis. Tarde naquela noite, o conde, cuja fortuna estava muito associada às aventuras espanholas, veio sozinho conferir o butim, armado de uma lanterna. Focalizou a luz sobre um barril. E deu um salto para trás, com uma praga. Enlaçados junto ao casco, dois espíritos dormiam. Supersticioso por natureza, e com a consciência pesada por muitos crimes, o conde pegou o par – estavam enrolados em uma capa vermelha, e o peito de Sukey era quase tão branco quanto as neves eternas da poesia de Orlando – pois um fantasma saltara das sepulturas dos marinheiros afogados para censurá-lo. Fez o sinal da cruz. Jurou arrependimento. A fila de casas de caridade que ainda se encontram na Sheen Road é o fruto visível daquele momento de pânico. Doze pobres velhas da paróquia hoje bebem chá e abençoam o Senhor à noite por terem um teto sobre a cabeça; de forma que um ilícito amor, em um navio carregado de tesouros... mas omitimos a moral.

Logo, porém, Orlando se cansou, não só do desconforto desse modo de vida e das tortuosas ruelas do bairro, mas dos modos primitivos dessa gente. Pois temos que lembrar que o crime e a pobreza não exerciam sobre os elisabetanos a atração que exercem sobre nós. Eles não tinham a nossa moderna vergonha de aprender em livros; não tinham a nossa convicção de que nascer filho de um açougueiro é uma bênção, e não saber ler, uma virtude; não imaginavam que aquilo que chamamos de “vida” e “realidade” estivesse de alguma maneira relacionado com ignorância e brutalidade; nem tinham, na verdade, sequer um equivalente para estas duas palavras. Não foi à procura de “vida” que Orlando misturou-se a eles; nem em busca de “realidade” que os deixou. Mas, depois de ter ouvido uma porção de vezes como Jakes perdera o nariz e Sukey a honra – e eles contavam essas histórias de modo admirável, é preciso admitir – começou a ficar um pouco cansado da repetição, pois um nariz só pode ser cortado de um modo, e a virgindade perdida de outro – ou assim lhe parecia – enquanto as artes e as ciências traziam em si uma diversidade tal que excitava profundamente sua curiosidade. Assim, guardando gratas recordações de todos eles, deixou de frequentar as cervejarias e as

vielas onde se jogava críquete, pendurou a capa cinzenta no armário, deixou a estrela brilhar no pescoço e a liga da jarreteira cintilar no joelho, e voltou a aparecer na corte do rei James. Era jovem, era rico, era belo. Ninguém poderia ter sido recebido com maior aclamação.

Não há dúvida sobre o fato de que muitas damas estavam prontas a oferecer-lhe seus favores. O nome de três, pelo menos, foi livremente associado ao seu com vistas ao casamento – Clorinda, Favilla, Eufrosina – assim ele as chamou em seus sonetos.

Para colocá-las em ordem: Clorinda era uma jovem muito doce e de modos amáveis – de fato, Orlando esteve muito atraído por ela durante seis meses e meio; mas ela tinha cílios brancos, e não podia suportar a visão do sangue. Uma lebre assada colocada à mesa do seu pai a fez desmaiar. Também vivia muito influenciada pelos padres, e economizava na sua roupa íntima para ajudar os pobres. Tomou a si a tarefa de regenerar Orlando dos seus pecados, o que o incomodou tanto que ele desistiu do casamento, e não lamentou muito quando ela morreu de varíola, pouco tempo depois.

Favilla, que vem a seguir, era de um tipo completamente diferente. Era a filha de um cavalheiro pobre do Somersetshire, que à custa de assiduidade e do bom uso de seus olhos havia aberto caminho até a corte, onde sua habilidade em equitação, seus belos tornozelos e sua graça no dançar conquistaram a admiração de todos. Um dia, porém, cometeu a imprudência de chicotear um "spaniel" que rasgara uma de suas meias de seda (e, a bem da verdade, deve-se dizer que Favilla tinha poucas meias, a maior parte de lã) até quase a morte, embaixo da janela de Orlando. Orlando, que amava apaixonadamente os animais, reparou então que os dentes dela eram tortos, e os dois da frente voltados para dentro, o que, disse ele, nas mulheres é um sinal seguro de caráter perverso e cruel. E assim, naquela mesma noite, rompeu o compromisso para sempre.

A terceira, Eufrosina, foi sem dúvida a mais séria de suas paixões. Por nascimento, provinha dos Desmond da Irlanda, e, portanto, tinha uma árvore genealógica tão antiga e profundamente arraigada quanto a do próprio Orlando. Era loura, rosada e um tantinho fleumática. Falava bem o italiano, tinha uma carreira de dentes perfeitos no maxilar superior, embora os da arcada inferior fossem ligeiramente descoloridos. Nunca estava sem um cãozinho spaniel ou um lebréu no colo, e os alimentava com pão branco do seu próprio prato; cantava docemente ao virginal; e nunca estava vestida antes do meio-dia, devido ao extremo cuidado que dedicava à sua pessoa. Em suma, teria dado uma esposa perfeita para um nobre como Orlando, e as tratativas tinham avançado tanto que os advogados de ambos os lados estavam ocupados com contratos, dotes, assentamentos, propriedades, residências e tudo que é necessário antes que uma grande fortuna possa desposar outra, quando, com a imprevisibilidade e o rigor que caracterizavam então o clima inglês, veio a Grande Geada.

A Grande Geada, dizem os historiadores, foi a mais severa que alguma vez atingiu estas ilhas. Pássaros congelavam em pleno ar, e caíam no chão feito pedras. Em Norwich, uma jovem camponesa que começou a cruzar a estrada com sua habitual robustez, foi vista pelos espectadores transformar-se em pó e ser soprada como um redemoinho de poeira sobre os telhados, quando uma rajada glacial a atingiu no canto da rua. A mortandade entre as ovelhas e o gado foi enorme. Cadáveres congelavam e não podiam

ser arrancados dos lençóis. Não era nada incomum topar com uma vara inteira de porcos congelados e imóveis no meio da estrada. Os campos estavam cheios de pastores, lavradores, parelhas de cavalos e meninos espantalhos, todos surpreendidos na atitude do momento, um com a mão no nariz, outro com a garrafa na boca, um terceiro com uma pedra erguida para lançar nos corvos que pousavam, como empalhados, em uma cerca viva próxima. O rigor da geada foi tão extraordinário que às vezes resultava em um tipo de petrificação; e de modo geral se supôs que o grande aumento de rochas em algumas partes do Derbyshire não foi devido a qualquer erupção, pois não houve nenhuma, mas à solidificação de transeuntes desafortunados, literalmente transformados em pedra no lugar em que se encontravam. A Igreja foi de pouca ajuda na questão, e embora alguns proprietários tivessem mandado benzer essas relíquias, a maior parte preferia usá-los como marcos, postes para as ovelhas se esfregarem, ou, quando a forma da pedra o permitia, bebedouros para o gado, propósito ao qual a maior parte ainda serve, admiravelmente, até hoje.

Mas, enquanto os camponeses passavam necessidades extremas e o comércio do país estava paralisado, Londres desfrutava de um carnaval do mais alto esplendor. A corte estava em Greenwich, e o novo rei aproveitou a oportunidade que a coroação lhe proporcionava para bajular os cidadãos. Determinou que o rio, que congelara a uma profundidade de mais de vinte pés, por seis ou sete milhas em cada margem, fosse varrido, ornamentado, e tomasse o aspecto de um parque de diversões, com árvores, labirintos, aleias, barracas de bebidas, etc. – às suas expensas. Reservou certo espaço bem em frente aos portões do palácio para si e os seus cortesãos, o qual, separado do público apenas por uma corda de seda, tornou-se imediatamente o centro da mais brilhante sociedade da Inglaterra. Grandes estadistas, com suas barbas e golas de renda, despachavam assuntos de estado sob o toldo carmim do pavilhão real. Soldados planejavam a conquista dos mouros e a queda dos turcos sob pérgolas listradas, encimadas por plumas de avestruz. Almirantes rondavam para cima e para baixo pelas aleias estreitas, lunetas à mão, vasculhando o horizonte e contando histórias da travessia do noroeste e da Armada Espanhola. Amantes namoravam nos divãs cobertos com peles de zibelina. Rosas congeladas desabavam em chuvarada, quando a rainha saía a passear com suas damas. Balões coloridos pairavam imóveis no ar. Aqui e ali ardiam vastas fogueiras de madeiras de cedro e carvalho, salgadas em profusão, para que as chamas fossem verdes, alaranjadas e purpúreas. Mas, por mais que essas ardessem ferozmente, o calor não era suficiente para derreter o gelo, que, embora de transparência singular, tinha uma dureza de aço. Tão claro era o fogo, de fato, que se podia ver, congelados a vários pés de profundidade, aqui um golfinho, ali um linguado. Cardumes de enguias jaziam imóveis como em um transe, mas se estavam mortas ou apenas com a vida suspensa em um estado de congelamento que o calor pudesse reanimar, era uma questão que confundia os filósofos. Perto da ponte de Londres, onde o rio congelara até umas vinte braças de profundidade, viam-se claramente, no fundo do rio onde havia afundado no outono anterior, os destroços de uma balsa carregada de maçãs. A velha do barco, que estava levando suas frutas para o mercado na margem de Surrey, jazia ali nas suas mantas e anquinhas, com o colo cheio de maçãs, e para todo mundo era como se

estivesse a ponto de atender um cliente, embora certa cor azulada nos lábios sugerisse a verdade. Era uma visão de que o rei James gostava especialmente, e trazia um bando de cortesãos para admirá-la junto com ele. Em suma, nada poderia exceder o esplendor e a alegria da cena durante o dia. Mas era à noite que o carnaval era mais alegre. Pois o gelo continuava intato; as noites eram de quietude perfeita; a lua e as estrelas brilhavam com a dura fixidez de diamantes, e, ao som da bela música da flauta e da trombeta, os cortesãos dançavam.

Orlando, é verdade, não era desses que dançassem com facilidade o courante e a lavolta^[2]; era desajeitado e um pouco distraído. Preferia muito mais as danças simples da sua região, que dançava quando menino, a esses fantásticos ritmos estrangeiros. Ele de fato acabara de juntar os pés ao final de alguma quadrilha ou minueto, às seis da tarde do dia 7 de janeiro, quando viu, saindo do pavilhão da embaixada moscovita, uma figura que, fosse homem ou mulher – pois a túnica solta e as calças compridas à moda russa serviam para disfarçar o sexo – encheu-o da maior curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse o nome ou o sexo, era de estatura mediana, de formas muito esbeltas, e estava vestida dos pés à cabeça em veludo cor de ostra, enfeitado com uma estranha pele esverdeada. Mas esses detalhes eram obscurecidos pela extraordinária sedução que emanava de toda a pessoa. Imagens, metáforas das mais extremas e extravagantes giravam e se entrelaçavam em sua mente. Chamou-a de melão, de abacaxi, de oliveira, de esmeralda e de raposa na neve, tudo no espaço de três segundos; não sabia se a tinha ouvido, provado, visto, ou todos os três juntos. (Pois, embora não devamos interromper nem por um momento a narrativa, podemos aqui observar de passagem que todas as suas imagens, naquela época, eram simples ao extremo para corresponderem aos seus sentidos, e eram tiradas na maior parte de coisas de que ele tinha gostado quando menino. Mas se esses sentidos eram simples, eram ao mesmo tempo extremamente fortes. Fazer uma pausa agora para procurar a razão das coisas está fora de cogitação...) Um melão, uma esmeralda, uma raposa na neve – assim delirava, assim a fitava. Quando o rapaz, porque, ai de mim!, só podia ser um rapaz – nenhuma mulher poderia patinar com tamanha velocidade e vigor – passou por ele quase na ponta dos pés, Orlando estava pronto a arrancar os cabelos de vergonha, pois a pessoa era do seu próprio sexo e, assim, quaisquer abraços estavam fora de cogitação. Mas o patinador aproximou-se. As pernas, as mãos, o porte eram de rapaz, mas nenhum rapaz jamais teve uma boca assim; nenhum rapaz teve aqueles peitos; nenhum rapaz teve olhos como aqueles, que pareciam ter sido pescados do fundo do mar. Por fim, parando e fazendo uma reverência com extrema graça para o rei, que passava a passos lentos de braço com algum lorde camarista, o patinador desconhecido parou. Não estava a mais de um palmo de distância. Era uma mulher. Orlando fitou-a; estremeceu; sentiu calor; sentiu frio; desejou lançar-se no ar do verão; esmagar bolotas de carvalho em baixo dos pés; atirar seu braço como as faias e os carvalhos. Nas circunstâncias, porém, arregaçou os lábios por sobre os pequenos dentes brancos; abriu-os talvez meia polegada, como se fosse morder; fechou-os como se tivesse mordido. Lady Eufrosina tinha o braço preso ao seu.

O nome da estranha, ele descobriu, era princesa Marousha Stanilovska Dagmar Natasha Iliana Romanovitch, e viera na comitiva do embaixador moscovita, que era seu

tio, talvez, ou talvez seu pai, para assistir à coroação. Sabia-se muito pouco sobre os moscovitas. Sentavam-se quase sempre calados, com suas grandes barbas e chapéus de pele, bebendo algum líquido negro que eles de vez em quando cuspiam no gelo. Nenhum falava inglês, e o francês, com que alguns pelo menos estavam familiarizados, era então pouco falado na corte inglesa.

Foi deste incidente que surgiram as relações entre Orlando e a princesa. Estavam sentados um diante do outro, na grande mesa montada sob um toldo enorme para acolher os notáveis. A princesa fora colocada entre dois jovens lordes: um, lorde Francis Vere, e o outro, o jovem conde de Moray. Era cômico de ver a situação difícil em que ela logo os colocou, pois embora fossem ambos, a seu modo, dois belos rapazes, seu conhecimento da língua francesa era menor que o de um recém-nascido. Quando a princesa, no início do jantar, virou-se para o conde e disse com uma graça que lhe arrebatou o coração, "Je crois avoir fait la connaissance d'un gentilhomme qui vous était apparenté en Pologne, l'été dernier", ou "La beauté des dames de la cour d'Angleterre me met dans le ravissement. On ne peut voir une dame plus gracieuse que votre reine, ni une coiffure plus belle que la sienne"^[3], tanto lorde Francis quanto o conde demonstraram o maior embaraço. Um serviu-lhe uma farta porção de molho de raiz-forte, o outro assobiou para o seu cão, e o fez implorar por um osso de tutano. Diante disso, a princesa não pôde mais conter o riso, e Orlando, encontrando o seu olhar por sobre as cabeças de javali e os pavões recheados, riu também. Riu, mas o riso, nos seus lábios, gelou-se em maravilhamento. A quem havia amado? O que havia amado até agora? perguntou-se, em um tumulto de emoção. E respondeu: uma velha, só pele e ossos. Muitas prostitutas de faces pintadas, demais para mencionar. Uma freira chorosa. Uma aventureira dura, de lábios cruéis. Uma massa sonolenta de renda e cerimônia. O amor para ele nada significara, além de serragem e cinzas. As alegrias que lhe proporcionara revelavam-se insípidas ao extremo. Espantava-se de ter podido passar por isso sem bocejar. Pois enquanto a olhava, seu sangue derretia; o gelo transformava-se em vinho nas suas veias; ouvia as águas fluírem e os pássaros cantarem; a primavera irrompia na dura paisagem invernal; sua masculinidade despertava; agarrava uma espada na mão; investia contra um inimigo mais audaz que o polonês ou o mouro; mergulhava em água profunda; via a flor do perigo crescendo em uma fenda; estendia a mão... – na verdade, estava recitando um dos seus mais apaixonados sonetos, quando a princesa dirigiu-se a ele: "Far-me-ia a gentileza de passar o sal?"

Orlando corou violentamente.

"Com o maior prazer, madame", ele respondeu, falando francês com um sotaque perfeito. Pois, o céu seja louvado!, falava essa língua como se fosse a sua própria; a criada de sua mãe o tinha ensinado. Embora, talvez, teria sido melhor que nunca tivesse aprendido a língua; que nunca tivesse respondido àquela voz; que nunca tivesse seguido a luz daqueles olhos...

A princesa prosseguiu. Quem eram esses dois grosseirões sentados ao seu lado, com modos de cavaliários? perguntou-lhe. O que era aquela mistura repugnante que haviam despejado em seu prato? Os cachorros, na Inglaterra, comiam à mesma mesa que os homens? E aquela figura ridícula, no final da mesa, com o cabelo armado como

um mastro de fitas ("comme une grande perche mal fagotée") era mesmo a rainha? E o rei sempre babava assim? E qual daqueles janotas seria George Villiers? Embora essas perguntas, a princípio, desconcertassem um pouco Orlando, eram feitas de modo tão travesso e zombeteiro que ele não pôde evitar o riso; e tendo visto pelos rostos inexpressivos dos convidados que ninguém entendia uma só palavra, respondeu-lhe com a mesma liberdade com que ela perguntou, falando, como ela, em francês perfeito.

Assim começou entre os dois uma intimidade que logo se tornou o escândalo da corte.

Em breve notou-se que Orlando dispensava à moscovita muito mais atenção do que exige a mera cortesia. Raramente estava longe dela, e sua conversação, embora ininteligível para os demais, era mantida com tanta animação, provocava tantos rubores e risos, que até os mais tolos podiam adivinhar-lhe o assunto. Além disso, a mudança que se operara em Orlando era extraordinária. Ninguém jamais o tinha visto tão animado. No espaço de uma noite, livrara-se da sua falta de jeito juvenil; de um rapaz mal-humorado, incapaz de entrar no quarto de uma dama sem derrubar metade dos adornos sobre a mesa, transformara-se em um nobre cheio de graça e cortesia varonil. Vê-lo conduzir a moscovita (como ela era chamada) ao seu trenó, ou oferecer-lhe a mão para a dança, ou apanhar o lenço manchado que ela deixara cair, ou cumprir qualquer outro desses múltiplos deveres que a suprema dama exige e que o amante se apressa em antecipar, era um espetáculo para acender os olhos entorpecidos da velhice e fazer bater mais depressa o pulso rápido da juventude. Mas, sobre tudo isso, pairava uma nuvem. Os velhos davam de ombros. Os jovens riam disfarçadamente. Todos sabiam que Orlando estava noivo de outra. Lady Margaret O'Brien O'Dare O'Reilly Tyrconnel (pois esse era o verdadeiro nome da Eufrosina dos sonetos) usava a esplêndida safira de Orlando no segundo dedo da mão esquerda. Era ela que tinha o supremo direito às suas atenções. Ainda que pudesse derrubar no gelo todos os lenços que tinha no armário (e tinha dúzias deles) sem que Orlando jamais se inclinasse para apanhá-los. Era capaz de esperar vinte minutos por ele para que a conduzisse ao trenó, e no final ter que se contentar com os serviços do seu criado negro. Quando patinava, o que fazia de modo bastante desajeitado, ninguém estava ao seu lado para encorajá-la, e, se caía, o que fazia pesadamente, ninguém a erguia do chão nem espanava a neve das suas saias. Embora fosse naturalmente fleumática, lenta para aceitar uma ofensa, e mais relutante que a maioria em acreditar que uma simples estrangeira pudesse afastá-la do afeto de Orlando, até mesmo a própria Lady Margaret foi levada, por fim, a suspeitar que algo estivesse sendo tramado contra a sua paz de espírito.

De fato, conforme os dias passavam, Orlando cada vez tomava menos cuidado para esconder seus sentimentos. Com uma ou outra desculpa, deixava os convidados assim que terminava o jantar, ou escapava dos patinadores que estavam organizando pares para uma quadrilha. Logo em seguida, dava-se pela falta da moscovita também. Mas o que mais ultrajava a corte, ferindo-a no seu ponto mais sensível, que é a vaidade, era verem o par muitas vezes deslizar por baixo da corda de seda, que separava o recinto real da parte pública do rio, e desaparecer entre a multidão de populares. Pois de repente a princesa batia o pé e exclamava, "Leve-me embora. Detesto essa malta

inglesa”, querendo referir-se à própria corte. Não podia mais suportar. Estava cheia de velhas bisbilhoteiras, dizia, que olhavam a pessoa na cara, e de rapazes arrogantes que pisavam nos seus pés. Cheiravam mal. Seus cachorros corriam por entre as suas pernas. Era como estar em uma jaula. Na Rússia, tinham rios com dez milhas de largura, onde se podia galopar seis cavalos lado a lado o dia todo, sem encontrar uma alma. Além disso, ela queria ver a Torre de Londres, os guardas de honra da Torre, as cabeças decapitadas em Temple Bar, e as joalherias na cidade. Assim foi que Orlando levou-a à cidade, mostrou-lhe os guardas de honra e as cabeças dos rebeldes, e comprou-lhe tudo que lhe deu na veneta na Royal Exchange^[4]. Mas não era o bastante. Cada um desejava cada vez mais passar o dia todo na companhia do outro, de modo privado, onde não houvesse ninguém para ver ou se espantar. Então, em vez de pegar o caminho para Londres, viravam para o outro lado, e logo haviam ultrapassado a multidão entre as extensões congeladas do Tâmis, onde, fora algumas aves marinhas e alguma velha camponesa rompendo o gelo na vã tentativa de conseguir um balde de água, ou juntando alguns gravetos ou folhas mortas que pudesse encontrar para fazer fogo, nunca cruzaram com viva alma em seu caminho. Os pobres se mantinham em suas cabanas, e os que tinham melhor sorte e podiam se permitir amontoavam-se na cidade, em busca de calor e alegria.

Portanto, Orlando e Sasha, como ele a chamava para abreviar, e porque esse era o nome de uma raposa russa branca que ele tivera quando menino – uma criatura macia como a neve, mas com dentes de aço, e que o mordeu tão ferozmente que seu pai mandou matá-la – portanto, tinham o rio para si. Aquecidos pela patinação e pelo amor, atiravam-se ao chão em algum braço de rio solitário, onde salgueiros amarelos orlavam a margem, e, envolto em uma grande capa de pele, Orlando a tomava nos braços, e conhecia pela primeira vez, murmurava, as delícias do amor. Então, depois do êxtase, quando ainda jaziam em um estado de enlevo sobre o gelo, ele lhe contava dos seus outros amores, e de como, comparados a ela, tinham sido de madeira, de estopa e de cinzas. E, rindo da sua veemência, ela se aninhava outra vez nos braços dele, e, como prova de amor, dava-lhe mais um abraço. E então se espantavam de que o gelo se tivesse derretido com o seu calor, e penalizavam-se da pobre velha que não tinha esses meios naturais para derretê-lo, mas tinha que quebrá-lo com um picador de aço frio. E depois, envoltos em suas peles de zibelina, falavam de tudo que havia debaixo do sol; de visões e viagens; de mouros e pagãos; da barba deste homem e da pele daquela mulher; de um rato alimentado à mesa pela mão dela; da tapeçaria de Arrás que balançava sem cessar no salão da casa dele; de um rosto; de uma pluma. Nada era pequeno demais para a sua conversa, nem grande demais.

Depois, de repente, Orlando caía em um dos seus estados de melancolia; talvez a causa era a visão da velha coxeando sobre o gelo, ou podia não haver causa nenhuma; atirava-se de rosto para baixo no gelo, e olhava para as águas congeladas, pensando na morte. Pois tem razão o filósofo que diz que nada mais grosso que a lâmina de uma faca separa a felicidade da melancolia; e vai além ao opinar que uma é irmã gêmea da outra; e tira daí a conclusão de que todos os extremos dos sentimentos são aparentados com a loucura; e assim nos convida a buscar refúgio na verdadeira igreja (no seu entender, a

anabatista), que é o único porto, baía, ancoradouro, etc., dizia, para aqueles que são lançados nesse mar.

“Tudo acaba em morte”, dizia Orlando, sentando-se, o rosto anuviado pela tristeza. (Pois era assim que sua mente funcionava agora, em violenta oscilação entre a vida e a morte, sem qualquer parada no meio, de modo que o biógrafo também não pode parar, mas deve voar tão rápido quanto possível, e assim acertar o passo com as tolas, apaixonadas e irrefletidas ações, e as súbitas e extravagantes palavras a que, é impossível negar, Orlando se entregava nessa época da sua vida).

“Tudo acaba em morte”, dizia Orlando, sentando-se no gelo. Mas Sasha, que afinal de contas não tinha sangue inglês, mas era da Rússia, onde os crepúsculos são mais longos, as auroras menos repentinas, e as frases muitas vezes ficam inacabadas, pela dúvida sobre o melhor modo de terminá-las – Sasha o fitava, talvez zombando dele, pois devia parecer-lhe uma criança, e não dizia nada. Mas com o tempo o gelo se tornava frio debaixo deles, o que não a agradava; assim, fazendo-o levantar-se outra vez, dizia-lhe de modo tão encantador, tão engenhoso, tão sábio (mas, infelizmente, sempre em francês, que obviamente perde o sabor com a tradução) que ele esquecesse as águas geladas, ou a noite que caía, ou a velha, ou o que quer que fosse, e tentasse dizer-lhe – mergulhando e revolvendo-se entre mil imagens tão envelhecidas quanto as mulheres que as inspiraram – como ela se parecia. Neve, creme, mármore, cerejas, alabastro, fio de ouro? Nada disso. Ela era como uma raposa, ou uma oliveira; como as ondas do mar, quando as olhamos do alto; como uma esmeralda; como o sol em uma colina verde ainda coberta de nuvens – não se parecia com nada que ele tivesse visto ou conhecido na Inglaterra. Revirou o idioma como pode, mas faltavam-lhe as palavras. Precisava de outra paisagem, de outra língua. O inglês era franco demais, cândido demais, doce demais para Sasha. Pois em tudo que ela dizia, embora parecesse sincera e voluptuosa, havia alguma coisa escondida; em tudo que ela fazia, apesar de ousado, havia alguma coisa encoberta. Assim a chama verde parece oculta na esmeralda, ou o sol aprisionado em uma colina. A transparência era só exterior; por dentro, era uma chama errante. Ora surgia, ora desaparecia; nunca brilhava com a chama firme de uma mulher inglesa – aqui, no entanto, lembrando-se de Lady Margaret e suas saias, Orlando se exaltou em seus delírios, e arrastava-a pelo gelo, mais depressa, mais depressa, jurando perseguir aquela chama, mergulhar atrás da pedra preciosa, e assim por diante, e assim por diante, as palavras entrecortadas, com a paixão de um poeta cuja poesia é meio arrancada dele pelo sofrimento.

Mas Sasha ficava em silêncio. Depois que Orlando terminou de dizer-lhe que era uma raposa, uma oliveira, ou o topo verde de uma colina; e de contar-lhe toda a história de sua família, como sua casa era uma das mais antigas da Inglaterra, como tinham vindo de Roma com os césores e adquirido o direito de passear pelo Corso (que é a rua principal de Roma) sob uma liteira de borlas, o que ele dizia ser um privilégio reservado apenas para aqueles que possuíam sangue imperial (pois havia nele uma credulidade orgulhosa bastante agradável), parava para perguntar-lhe: Onde era sua casa? Quem era seu pai? Ela tinha irmãos? Por que estava ali sozinha com o tio? Então, de alguma forma, embora ela respondesse com bastante presteza, surgia entre eles certo embaraço. Ele

suspeitou, a princípio, que sua posição social não fosse tão alta quanto ela gostaria; ou que estivesse envergonhada das maneiras selvagens de seu povo, pois ouvira dizer que as mulheres em Moscou usavam barbas e os homens se cobriam com uma pele da cintura para baixo; que tanto homens quanto mulheres se untavam com sebo para espantar o frio; que cortavam a carne com as mãos e moravam em cabanas onde um nobre inglês hesitaria em abrigar seu gado – de modo que ele desistiu de pressioná-la. Mas, refletindo, concluiu que poderiam não ser essas as razões do seu silêncio; ela mesma não tinha qualquer pelo no queixo; vestia-se de veludo e pérolas, e seus modos certamente não eram os de uma mulher criada em um estábulo.

O que, então, ela ocultava? A dúvida que estava na base da tremenda força dos seus sentimentos era como areia movediça sob um monumento, que desliza de repente e abala a construção inteira. Subitamente, a agonia o arrebatava. Ardia, então, em um tal estado de ira que ela não sabia como acalmá-lo. Talvez ela não quisesse acalmá-lo; talvez sua raiva a agradasse e ela a provocasse deliberadamente – tal é a curiosa obliquidade do temperamento moscovita.

Para continuar a história – patinando naquele dia mais longe do que de costume, alcançaram aquela parte do rio onde os navios tinham ancorado e haviam congelado no meio da correnteza. Entre eles estava o navio da embaixada moscovita, com a sua águia negra de duas cabeças esvoaçando no mastro principal, e ao longo do qual, por várias jardas, pendiam multicoloridos pingentes de gelo. Sasha havia deixado algumas de suas roupas a bordo, e, supondo que o navio estivesse vazio, subiram ao convés para buscá-las. Recordando certas passagens do seu próprio passado, Orlando não teria se espantado se alguns bons cidadãos tivessem buscado refúgio ali antes deles; e assim aconteceu. Não tinham ido muito longe quando um belo jovem levantou-se de repente de alguma coisa que estava fazendo atrás de um rolo de corda, e dizendo – ao que parecia, pois falava em russo – ser um membro da tripulação, e que ajudaria a princesa a encontrar o que queria, acendeu um toco de vela e desapareceu com ela nas partes inferiores do navio.

O tempo passava, e Orlando, envolto em seus próprios sonhos, pensava apenas nos prazeres da vida; na sua joia; na sua raridade; nos meios de torná-la irrevogável e indissolúvelmente sua. Havia obstáculos e dificuldades a superar. Ela estava determinada a viver na Rússia, onde havia rios gelados e cavalos selvagens e homens, ela dizia, que cortavam as gargantas uns dos outros. É verdade que uma paisagem de pinheiros e neve, hábitos de luxúria e massacre não o atraíam. Nem ele estava ansioso para interromper seus agradáveis hábitos rurais de esporte e plantio de árvores; renunciar ao seu cargo; arruinar sua carreira; caçar rena em vez de lebre; beber vodca em vez de vinho das Canárias e andar com uma faca na manga – nem sabia para quê. Mesmo assim, tudo isso e mais do que isso ele faria por ela. Quanto ao seu casamento com Lady Margaret, embora marcado para dali a uma semana, era uma coisa tão claramente absurda que nem quis pensar nisso. Os parentes dela o insultariam por abandonar uma grande dama; seus amigos zombariam dele por arruinar a melhor carreira do mundo por uma mulher cossaca e uma vastidão de neve – tudo isso não valia nada, comparado com Sasha. Fugiriam na primeira noite escura. Tomariam um navio para a Rússia. Assim ele

ponderava, assim ele tramava, caminhando de um lado para outro no convés.

Foi chamado de volta à realidade ao virar-se para oeste, pela visão do sol, suspenso como uma laranja sobre a cruz da catedral de St. Paul. Era de um vermelho vivo, e descambava rapidamente. Devia ser quase noite. Sasha havia descido há mais de uma hora. Imediatamente tomado por esses pressentimentos sombrios que toldavam até mesmo os seus pensamentos mais confiantes a respeito dela, enveredou pelo caminho que os vira seguir para o porão do navio; e, depois de tropeçar em arcas e barris na escuridão, percebeu, por uma claridade pálida em um canto, que eles estavam ali sentados. Num segundo, teve uma visão dos dois; viu Sasha sentada no colo do marinheiro; viu-a inclinar-se para ele; viu que se abraçavam antes que a sua cólera transformasse a luz em uma nuvem rubra. Lançou tal grito de angústia que o navio inteiro retumbou. Sasha atirou-se entre eles, ou o marinheiro teria sido asfixiado antes que pudesse puxar do sabre. Então um violento desfalecimento abateu-se sobre Orlando, e tiveram que deitá-lo no chão e fazê-lo beber conhaque para que voltasse a si. E depois, quando se recuperou e estava sentado sobre um monte de sacos no convés, Sasha inclinou-se sobre ele, passando diante de seus olhos estonteados, suavemente, sinuosamente, como a raposa que o mordera, ora bajulando-o, ora censurando-o, de modo que ele chegou a duvidar do que tinha visto. Não teria a vela pingado? Não teriam se movido as sombras? A caixa era pesada, disse ela; o homem a estava ajudando a removê-la. Orlando acreditava por um momento – pois quem garantia que não fora a raiva que pintara o quadro que ele mais temia encontrar? – mas no momento seguinte sentia-se furioso com a falsidade dela. Então, a própria Sasha tornou-se pálida; bateu com o pé no chão; disse que partiria naquela noite, e conclamou seus deuses a destruí-la, se ela, uma Romanovitch, tivesse caído nos braços de um marinheiro vulgar. Realmente, vendo-os juntos (o que ele mal se animava a fazer), Orlando se indignava com a infâmia da sua própria imaginação, capaz de retratar uma criatura tão delicada nas garras daquele peludo animal marinho. O homem era enorme; tinha mais de seis pés de estatura, usava argolas comuns de arame nas orelhas; e se parecia com um cavalo de carroça, sobre o qual se empoleirara alguma carriça ou pintarroxo. Então ele cedeu, acreditou nela, e pediu-lhe perdão. Mesmo assim, ao descerem do navio, de novo afetuosos, Sasha parou com a mão na escada, e endereçou a esse monstro tostado de cara larga uma torrente de saudações, gracejos ou ternuras em russo, de que Orlando não conseguiu entender uma só palavra. Mas havia alguma coisa em seu tom (podia ser culpa das consoantes russas) que trazia a Orlando a lembrança de uma cena ocorrida algumas noites antes, quando a vira em segredo em um canto, roendo um toco de vela que havia apanhado do chão. É verdade que era cor-de-rosa; era dourado; e era da mesa do rei; mas era sebo, e ela o roía. Não haveria nela, ele pensava, conduzindo-a pelo gelo, alguma coisa grosseira, algum tempero rústico, alguma coisa de camponesa? E ele a imaginava aos quarenta anos, volumosa, embora agora fosse esbelta como um junco, e apática, embora agora fosse alegre como uma cotovia. Mas de novo, enquanto patinavam para Londres, tais suspeitas se dissolveram em seu peito, e sentiu como se tivesse sido fisgado pelo nariz por um peixe grande, e se lançado nas águas contra a sua vontade, mas com o seu consentimento.

Era um entardecer de incrível beleza. À medida que o sol morria, todas as cúpulas, agulhas, torres e pináculos de Londres erguiam-se com um negrume de tinta contra as nuvens rubras e tempestuosas do ocaso. Aqui, era a cruz corroída de Charing Cross; ali, a cúpula de St. Paul; lá, a massa quadrada dos edifícios da Torre de Londres; mais além, como um bosque de árvores despidas de todas as folhas, exceto uma bolota na ponta, estavam as cabeças nas varas de Temple Bar. Agora, as janelas da Abadia de Westminster estavam acesas e brilhavam como um escudo celestial e multicolorido (na imaginação de Orlando); ora, todo o poente parecia uma janela dourada com tropas de anjos (ainda na imaginação de Orlando) subindo e descendo perpetuamente pelas escadarias celestiais. Todo o tempo eles pareciam estar patinando nas profundezas insondáveis do ar, tão azul tinha se tornado o gelo; e era tão cristalino e macio que eles deslizavam cada vez mais depressa na direção da cidade, com as gaivotas brancas voando em círculos sobre eles, e cortando no ar com suas asas as mesmas curvas que eles cortavam no gelo com seus patins.

Sasha, como se quisesse tranquilizá-lo, estava mais terna do que o normal, e ainda mais encantadora. Ela raramente tinha falado sobre seu passado, mas agora lhe contava como, no inverno, na Rússia, escutava os lobos uivando pelas estepes, e, para mostrar-lhe, três vezes ela uivou como um lobo. Diante disso, ele lhe contou dos veados na neve, em sua casa, e de como vagavam pelo grande vestíbulo para se aquecer e para serem alimentados por um velho criado, com mingau de aveia de um balde. E ela então o elogiou: por seu amor pelos animais, por sua galanteria, por suas pernas. Encantado com os elogios, e envergonhado ao pensar em como a caluniara, ao imaginá-la no colo de um marinheiro vulgar, e volumosa e apática aos quarenta anos, disse-lhe que não encontrava palavras para elogiá-la; mas, imediatamente, se lembrou de que ela era como a primavera e a relva verde e as águas que fluíam, e, apertando-a nos braços com mais força do que nunca, girou com ela pelo meio do rio, de forma que as gaivotas e os cormorões giraram também. E parando, afinal, sem fôlego, ela disse, ligeiramente ofegante, que ele era como uma árvore de Natal com um milhão de luzinhas (como havia na Rússia), com bolas amarelas penduradas; incandescente; suficiente para iluminar uma rua inteira (ou assim se poderia traduzir); pois, com as faces coradas, os cachos escuros, a capa negra e carmim, ele parecia arder com seu próprio brilho, vindo de uma lâmpada acesa dentro de si.

Toda a cor, exceto o vermelho das faces de Orlando, logo se extinguiu. A noite chegara. À medida que a luz alaranjada do poente desaparecia, era sucedida por um impressionante clarão branco vindo das tochas, fogueiras, archotes e outros dispositivos que iluminavam o rio, e aconteceu a mais estranha transformação. Várias igrejas e palácios nobres, cujas fachadas eram de pedra branca, mostravam-se em listras e manchas, como se flutuassem no ar. De St. Paul, em particular, nada restara senão uma cruz dourada. A Abadia se apresentava como o cinzento esqueleto de uma folha. Tudo definhava e transformava-se. Ao se aproximarem do carnaval, ouviram uma nota aguda, como aquela produzida por um diapasão, que foise tornando cada vez mais alta, até se transformar em um alvoroço. De vez em quando, um grande grito seguia um foguete no ar. Aos poucos, puderam discernir pequenas figuras que se destacavam da vasta

multidão, e giravam para cá e para lá como insetos na superfície de um rio. Acima e ao redor desse círculo brilhante, como um vaso de escuridão, pesava o negrume profundo de uma noite de inverno. E então, nessa escuridão começaram a subir, a intervalos que mantinham atenta a expectativa e as bocas abertas, foguetes formando buquês de flores, meias-luas, serpentes, uma coroa. Em dado momento, os bosques e as colinas distantes mostravam-se verdes, como em um dia de verão; no momento seguinte, tudo eram inverno e negrume outra vez.

A essa altura, Orlando e a princesa já estavam perto do recinto real, e encontraram o caminho barrado por uma grande multidão de populares, que se apertava o mais que podia contra a corda de seda. Negando-se a interromper sua privacidade e encontrar os olhos agudos que os vigiavam, vagaram por ali, acotovelando-se entre aprendizes, alfaiates, peixeiras, comerciantes de cavalos, caçadores de coelhos, estudantes famintos, criadas com seus aventais, vendedoras de laranjas, cavaleiros, cidadãos tranquilos, taverneiros obscenos e uma corja de pequenos malandros, do tipo que sempre frequenta os arredores de uma multidão, gritando e enfiando-se por entre os pés do povo – todo o refúgio das ruas de Londres estava de fato ali, zombando e acotovelando-se, aqui lançando dados, ali lendo a sorte, dando encontrões, fazendo cócegas, beliscando; aqui barulhentos, ali carrancudos; alguns com a boca escancarada; outros tão irreverentes como corvos em um telhado; todos ataviados de modos tão diversos quanto sua bolsa ou posição lhes permitia; alguns em pele e lãs finas; outros em farrapos, com os pés protegidos do gelo apenas por um pano de cozinha amarrado ao redor. A maioria das pessoas parecia estar diante de uma barraca ou palco, algo parecido com o nosso Punch e Judy^[5], onde ocorria uma espécie de representação teatral. Um negro sacudia os braços e vociferava. Havia uma mulher de branco deitada em uma cama. Apesar da rusticidade do palco, dos atores correndo para cima e para baixo e tropeçando em uma escadaria, da multidão batendo com os pés e assobiando, ou, quando ficava entediada, atirando ao gelo um pedaço de casca de laranja que um cão vinha farejar – mesmo assim, a surpreendente e sinuosa melodia das palavras emocionou Orlando como se fosse música. Faladas com extrema rapidez e ousada agilidade, que o fazia lembrar-se dos marinheiros que cantavam nas cervejarias em Wapping, as palavras, mesmo sem sentido, eram como vinho para ele. Mas, de vez em quando, uma frase isolada o alcançava por sobre o gelo, como se tivesse sido arrancada das profundezas do seu coração. O frenesi do mouro lhe parecia o seu próprio frenesi, e quando o mouro estrangulou a mulher na cama, era Sasha que ele matava com suas próprias mãos.

Afinal, a peça terminou. Tudo se tornara escuro. Lágrimas escorriam-lhe pela face. Levantando o olhar para o céu, também nada viu além de escuridão. Ruína e morte, ele pensou, cobrem tudo. A vida do homem termina no túmulo. Vermes nos devoram.

“Creio que deveria haver agora um vasto eclipse
Do sol e da lua, e que o globo assustado
Deveria bocejar...”^[6]

Quando assim dizia, uma estrela um pouco pálida ergueu-se em sua memória. A noite era escura, negra como breu; mas era por uma noite assim que haviam esperado;

era em uma noite assim que tinham planejado fugir. Lembrou-se de tudo. A hora chegara. Num arroubo de paixão, atraiu Sasha para si e murmurou em seu ouvido "Jour de ma vie!" [7] Era a sua senha. À meia-noite deveriam se encontrar em uma hospedaria perto de Blackfriars. Havia cavalos esperando ali. Tudo estava pronto para a sua fuga. Assim, separaram-se, ela para sua tenda, ele para a dele. Faltava ainda uma hora.

Bem antes da meia-noite, Orlando já estava à espera. A noite era de um pretume de tinta, tão intenso que um homem podia atacar outro antes de ser percebido, o que era muito bom; mas era também de uma quietude solene, de modo que o casco de um cavalo ou o choro de uma criança podiam ser ouvidos a meia milha de distância. Por várias vezes, caminhando a passos lentos pelo pequeno pátio, Orlando sentiu o coração parar de bater ao som dos passos firmes de um cavalo nas pedras do pavimento, ou ao roçar de um vestido de mulher. Mas o transeunte era só algum mercador, voltando tarde para casa; ou alguma mulher das vizinhanças, cuja incumbência não era tão inocente. Passavam, e a rua ficava mais quieta que antes. Então, as luzes que ardião lá embaixo, nas moradias pequenas e atulhadas onde viviam os pobres da cidade, subiam para os quartos de dormir, e depois se apagavam, uma por uma. Os lampiões de rua eram muito poucos nesses cantos da cidade, e a negligência do guarda-noturno muitas vezes permitia que se extinguissem muito antes do amanhecer. A escuridão tornava-se, então, ainda mais profunda. Orlando olhou para o pavio da sua lanterna; verificou a cilha; preparou as pistolas; examinou os coldres; e fez todas essas coisas uma dúzia de vezes, pelo menos, até não encontrar mais nada que precisasse da sua atenção. Embora ainda faltassem uns vinte minutos para a meia-noite, ele não conseguia se decidir a entrar no salão da estalagem, onde a hospedeira ainda estava servindo vinho branco e o tipo mais barato de vinho das Canárias a alguns marinheiros, que se sentavam lá cantarolando suas cantigas e contando suas histórias de Drake, Hawkins e Grenville, até tombarem dos bancos e rolares adormecidos no chão arenoso. A escuridão era mais compassiva com seu dilatado e violento coração. Ele escutava cada passo; investigava cada som. Cada grito de bêbedo e cada lamúria de algum pobre infeliz deitado na palha ou em alguma outra angústia cortava seu coração de repente, como se anunciasse um mau presságio para a sua aventura. Mesmo assim, não temia por Sasha. A aventura não era nada para a sua coragem. Ela viria sozinha, vestindo capa, calças compridas e botas, como um homem. Leve como era, seu passo quase não seria ouvido, mesmo naquele silêncio.

Assim, esperou na escuridão. De repente, sentiu uma pancada macia, embora pesada, em uma das faces. Estava tão tenso com a expectativa, que deu um salto e levou a mão à espada. A pancada foi repetida uma dúzia de vezes, na testa e na face. A geada tinha durado tanto, que ele levou um minuto para perceber que eram pingos de chuva caindo; as pancadas eram pancadas de chuva. A princípio, as gotas caíam lentamente, deliberadamente, uma por uma. Mas logo seis gotas se transformaram em sessenta; depois seiscentas; depois corriam todas juntas em um forte jorro de água. Era como se o céu firme e sólido se derramasse em uma profusa catarata. Em cinco minutos, Orlando estava encharcado até os ossos.

Abrigando apressadamente os cavalos, buscou refúgio sob o dintel da porta, de onde ainda podia observar o pátio. O ar agora estava mais espesso do que nunca, e do

aguaceiro se elevavam um vapor e um zumbido tais que não se podia ouvir o som de qualquer passo, de gente ou animal. As estradas, mesmo cobertas de grandes buracos, estariam inundadas e talvez intransitáveis. Mas ele mal pensava no efeito que isso poderia ter sobre a sua fuga. Todos os seus sentidos estavam aplicados em perscrutar – ao longo do caminho pavimentado que brilhava à luz da lanterna – a chegada de Sasha. Às vezes, na escuridão, parecia vê-la, envolta em gotas de chuva. Mas o fantasma desaparecia. De repente, com um som terrível e agourento, um som cheio de horror e apreensão, que arrepiou cada pelo de angústia na alma de Orlando, bateu em St. Paul a primeira badalada da meia-noite. Sem piedade, bateu mais quatro vezes. Com a superstição de um amante, Orlando tinha determinado que ela surgiria ao soar a sexta badalada. Mas o som da sexta badalada se desvaneceu, e vieram a sétima e a oitava, e à sua mente apreensiva elas pareceram notas, primeiro anunciando e depois proclamando, morte e desgraça. Quando soou a décima segunda, soube que sua sorte estava selada. Era inútil que sua parte racional argumentasse; ela podia estar atrasada; podia ter sido impedida; podia ter errado o caminho. O apaixonado e sensível coração de Orlando sabia a verdade. Outros relógios soaram, estridentes, um depois do outro. O mundo inteiro parecia repicar com a notícia da falsidade dela e da sua humilhação. As velhas suspeitas, trabalhando de modo subterrâneo dentro dele, precipitaram-se do seu esconderijo, abertamente. Fora picado por uma multidão de cobras, uma mais venenosa que a outra. Ficou no umbral da porta, imóvel, sob a chuva tremenda. À medida que os minutos passavam, seus joelhos perderam um pouco a firmeza. O aguaceiro continuava a cair. No meio dele, canhões pareciam retumbar. Grandes barulhos, como o cortar e arrancar de carvalhos, podiam ser ouvidos. Também havia gritos selvagens, e terríveis gemidos desumanos. Mas Orlando ficou ali imóvel, até que o relógio de St. Paul batesse duas horas, e então, gritando alto com terrível ironia, com todos os dentes à mostra, "Jour de ma vie!", atirou a lanterna ao chão, montou a cavalo e galopou sem saber para onde.

Algun instinto cego, pois ele estava além da razão, deve tê-lo dirigido para a margem do rio, na direção do mar. Pois quando rompeu o dia, o que aconteceu com rapidez incomum, com o céu tornando-se amarelo pálido e a chuva cessando quase por completo, ele se viu na margem do Tâmis, para além de Wapping. Então, o mais extraordinário dos espetáculos surgiu diante de seus olhos. Aquilo que, durante mais de três meses, fora gelo sólido, de tal espessura que parecia permanente como pedra, e sobre o qual uma alegre cidade tinha sido erigida, era agora uma torrente de turbulentas águas amarelas. O rio ganhara sua liberdade durante a noite. Era como se uma fonte de enxofre (visão a que muitos filósofos se inclinam) tivesse subido das regiões vulcânicas subterrâneas e rompido o gelo em pedaços, com tal veemência que varria e separava furiosamente os fragmentos enormes e compactos. A mera visão da água era suficiente para deixar alguém tonto. Tudo eram tumulto e confusão. O rio estava coberto de blocos de gelo. Alguns eram tão largos quanto um campo de críquete, e tão altos quanto uma casa; outros não eram maiores que o chapéu de um homem, mas torcidos do modo mais fantástico. Ora descia um comboio inteiro de blocos de gelo, afundando tudo o que encontrava em seu caminho. Ora, girando e rodando como uma serpente torturada, o rio

parecia arremessar-se entre os fragmentos, empurrando-os de margem à margem, de forma que se podia ouvi-los esfacelar-se contra colunas e pilastras. Mas o mais terrível, e que inspirava mais horror, era o espetáculo das criaturas humanas que haviam sido apanhadas de surpresa durante a noite, e agora caminhavam pelas tortuosas e precárias ilhas, na mais extrema agonia de espírito. Quer pulassem na corrente ou ficassem sobre o gelo, sua desgraça era certa. Às vezes, um bando enorme dessas pobres criaturas descia junto, umas de joelhos, outras amamentando seus bebês. Um velho parecia estar lendo em voz alta um livro sagrado. Outras vezes, e esse talvez fosse o destino mais terrível, um infeliz caminhava pela sua estreita moradia solitária. Ao serem arrastados para o mar, podiam-se ouvir alguns gritando em vão por ajuda, fazendo loucas promessas de emendar-se, confessar seus pecados, e jurando doar altares e riquezas, se Deus ouvisse suas preces. Outros estavam tão estupefatos de terror que se sentavam imóveis e silenciosos, olhando firme para frente. Um bando de jovens barqueiros ou mensageiros, a julgar por suas librés, rugindo e berrando as mais lascivas cantigas de taberna, como em desafio, foi arremessado contra uma árvore, e afundou proferindo blasfêmias. Um velho nobre – pois assim o declaravam seu traje de peles e sua corrente de ouro – afundou não muito longe de onde estava Orlando, pedindo vingança contra os rebeldes irlandeses que, gritou em seu último alento, haviam tramado esse ato diabólico. Muitos morriam apertando contra o peito algum pote de prata ou qualquer outro tesouro; e pelo menos uma vintena de pobres infelizes afogou-se por sua própria cobiça, lançando-se da margem para a corrente a fim de não deixar escapar algum cálice de ouro, ou ver desaparecer diante de seus olhos alguma roupa de peles. Pois móveis, valores, objetos de todo tipo eram arrastados para longe pelos blocos de gelo. Entre outras visões estranhas, via-se uma gata amamentando sua cria; uma mesa posta suntuosamente para uma ceia de vinte pessoas; um casal na cama; além de um número extraordinário de utensílios de cozinha.

Assombrado e perplexo, Orlando não pode fazer nada durante algum tempo, além de observar a corrida apavorante das águas que se arremessavam diante dele. Afinal, parecendo recompor-se, esporeou o cavalo e galopou firme ao longo da margem do rio, em direção ao mar. Contornando uma curva do rio, chegou diante do lugar onde, não fazia dois dias, os navios dos embaixadores pareciam imobilizados no gelo. Contou-os todos, apressadamente: o francês, o espanhol, o austríaco, o turco. Todos flutuavam ainda, embora o francês tivesse perdido a ancoragem, e o vaso turco tivesse sofrido um grande rasgo no costado, enchendo-se rapidamente de água. Mas o navio russo não era visto em parte alguma. Por um momento, Orlando pensou que tivesse afundado; mas, erguendo-se no estribo e sombreando os olhos, que tinham uma visão de águia, pode avistar apenas a forma de um navio no horizonte. As águias negras flutuavam no mastro principal. O navio da embaixada moscovita fazia-se ao mar.

Atirou-se do cavalo, como se, na sua raiva, quisesse enfrentar a correnteza. Mergulhado na água até os joelhos, lançou à mulher infiel todos os insultos que sempre foram o apanágio do seu sexo. Falsa, leviana, volúvel, chamou-a; demônio, adúltera, impostora; e as águas turbulentas receberam suas palavras, e lançaram aos seus pés uma vasilha quebrada e um caniço.

O biógrafo depara-se, agora, com uma dificuldade que é melhor talvez confessar do que evitar. Até este ponto da narrativa da vida de Orlando, documentos, privados e históricos, tornaram possível cumprir o primeiro dever de um biógrafo, que é seguir penosamente, sem olhar para a direita ou para a esquerda, sobre os rastros indeléveis da verdade; sem se deixar atrair por flores; sem se importar com a sombra; seguindo sem parar, metodicamente, até que venha a cair de chofre na sepultura, e a escrever "finis" na lápide sobre as nossas cabeças. Mas agora chegamos a um episódio que jaz bem no meio do nosso caminho, de forma que não há como ignorá-lo. Ainda que seja obscuro, misterioso e não documentado, de forma que não há como explicá-lo. Volumes inteiros poderiam ser escritos para interpretá-lo; sistemas religiosos inteiros poderiam ser fundamentados sobre o seu significado. Nosso simples dever é informar os fatos até onde são conhecidos, e depois deixar que o leitor faça com eles o que puder.

No verão daquele desastroso inverno que viu a geada, a inundação, a morte de milhares e milhares, e a completa ruína das esperanças de Orlando – pois ele foi exilado da corte; caiu em profunda desgraça com os nobres mais poderosos de seu tempo; a casa irlandesa de Desmond estava, com justa razão, enfurecida; e o rei já tinha problemas demais com os irlandeses para não apreciar mais esse acréscimo – naquele verão, Orlando retirou-se para sua grande casa no campo, e ali viveu em completa solidão. Certa manhã de junho – era um sábado, dia 18 – ele não se levantou à hora habitual, e, quando seu camareiro foi chamá-lo, encontrou-o profundamente adormecido. Nem podia ser despertado. Jazia em uma espécie de transe, sem respiração perceptível; e embora colocassem cães para latir debaixo da sua janela; tocassem perpetuamente címbalos, tambores e castanholas em seu quarto; colocassem um ramo de tojo sob seu travesseiro; e aplicassem compressas de mostarda em seus pés, mesmo assim ele não despertou, não se alimentou, nem deu qualquer sinal de vida durante sete dias inteiros. No sétimo dia, despertou no horário habitual (às oito menos um quarto, precisamente) e expulsou do seu quarto todo o destacamento de mulheres chorosas e profetas de aldeia, o que era bastante natural; mas o estranho foi que não demonstrou a menor consciência de ter tido qualquer transe, apenas vestiu-se e pediu seu cavalo, como se tivesse acordado após uma simples noite de sono. Suspeitava-se, no entanto, que alguma mudança havia ocorrido dentro da sua mente, pois embora fosse perfeitamente racional, e parecesse mais grave e tranquilo em seus modos que antes, parecia ter uma lembrança imperfeita da sua vida passada. Escutava quando as pessoas falavam da grande geada, ou da patinação, ou do carnaval, mas nunca dava qualquer sinal, exceto passando a mão pela testa como para afastar alguma nuvem, de tê-los presenciado. Quando se discutiam os acontecimentos dos últimos seis meses, ele parecia menos aflito do que surpreso, como se fosse perturbado por lembranças confusas de um tempo há muito passado, ou estivesse tentando recordar histórias contadas por outra pessoa. Observou-se que se houvesse menção à Rússia, ou a princesas, ou a navios, ele caía em uma melancolia inquieta, e levantava-se e olhava pela janela, ou chamava um dos seus cães, ou pegava uma faca e entalhava um pedaço de madeira de cedro. Mas os médicos não eram então

mais sábios do que são agora, e, depois de prescreverem repouso e exercício, jejum e superalimentação, companhia e solidão, que ele ficasse de cama o dia todo e cavalgasse quarenta milhas entre o almoço e o jantar, junto com os habituais sedativos e estimulantes, diversificados, segundo sua fantasia, com coalhada de baba de salamandra, ao acordar, e goles de bile de pavão, ao deitar – abandonaram-no à própria sorte, e foram de opinião que ele tinha dormido uma semana.

Mas se foi sono – não podemos deixar de nos perguntar – de que natureza são os sonos como aquele? Seriam medidas curativas – transe em que as lembranças mais amargas, os eventos que parecem inutilizar a vida para sempre são roçados por uma asa sombria que lustra sua aspereza e os doura, mesmo os mais feios e mais vis, com brilho e incandescência? Teria o dedo da morte de ser posto de vez em quando sobre o tumulto da vida para que ele não nos parta em pedaços? Seríamos feitos de tal modo que devamos receber a morte, diariamente, em pequenas doses, sob pena de não podermos prosseguir na empresa da vida? E então, que poderes estranhos serão esses que penetram em nossos caminhos mais secretos e mudam nossos mais preciosos bens, não importa a nossa vontade?

Teria Orlando – destruído pelo seu extremo sofrimento – morrido por uma semana e então voltado à vida? E se assim foi, qual é a natureza da morte, e qual é a natureza da vida? Tendo esperado mais de meia hora por uma resposta a essas perguntas, sem obter nenhuma, prosseguiremos com a história.

Orlando dedicava-se agora a uma vida de extrema solidão. Sua desgraça na corte e a violência do seu sofrimento eram, em parte, a razão disso, mas como ele não fez qualquer esforço para se defender, e raramente convidava alguém para visitá-lo (embora tivesse muitos amigos que o teriam feito de boa vontade), parecia que estar sozinho na grande casa de seus pais era algo que agradava ao seu temperamento. A solidão era escolha sua. Ninguém sabia ao certo como ele passava o tempo. Os criados, dos quais ele mantinha um séquito, embora muitas das suas tarefas fossem espanar quartos vazios e alisar as colchas de camas nas quais ninguém jamais dormia, observavam, na escuridão da noite, quando comiam seus bolos com cerveja, uma luz passando ao longo dos corredores, atravessando as salas de banquete, subindo a escadaria, entrando nos quartos, e sabiam que seu amo estava perambulando sozinho pela casa. Ninguém ousava segui-lo, pois a casa era assombrada por uma grande variedade de fantasmas, e, devido à sua extensão, era fácil alguém errar o caminho e cair de alguma escada secreta, ou abrir uma porta que, se o vento soprasse, encerraria essa pessoa para sempre – acidentes nada incomuns, como provava a frequente descoberta de esqueletos de homens e animais, em atitude de grande agonia. Então a luz desaparecia completamente, e Mrs. Grimsditch, a governanta, dizia a Mr. Dupper, o capelão, que esperava que Sua Senhoria não tivesse sofrido algum acidente. Mr. Dupper opinava que Sua Senhoria estava, sem dúvida, ajoelhado entre as tumbas de seus antepassados, na capela que ficava no pátio da Mesa de Bilhar, meia milha adiante para o sul. Pois ele tinha pecados na consciência, temia Mr. Dupper; ao que Mrs. Grimsditch replicava, de modo um tanto seco, que assim acontecia com a maioria de nós; e Mrs. Stewkley e Mrs. Field e Carpenter, a velha ama, logo levantavam suas vozes em louvor a Sua Senhoria; e

os cavaleiros e os mordomos juravam que era lamentável ver um nobre tão gentil vagando sem destino pela casa, quando podia estar caçando a raposa ou perseguindo cervos; e até as criadinhas da rouparia e as copeiras, as Judys e as Faiths, que serviam as canecas de cerveja e os bolos, davam seu testemunho sobre a cortesia de Sua Senhoria; pois nunca houve cavalheiro mais amável, ou mais liberal com essas pequenas pecinhas de prata que servem para comprar um laço de fita ou para pôr um ramalhete no cabelo; até mesmo a negra moura, a quem chamavam Grace Robinson como maneira de fazer dela uma cristã, compreendia do que falavam, e concordava que Sua Senhoria era um cavalheiro querido, bonito, agradável, do único modo que podia, isto é, mostrando todos os dentes em um largo sorriso. Em suma, todos os seus criados, homens e mulheres, tinham-lhe profundo apreço e amaldiçoavam a princesa estrangeira (mas a tratavam por um nome mais grosseiro do que esse) que o tinha levado a essa situação.

Mas, embora fosse provavelmente a covardia ou o amor pela cerveja quente, o que levasse Mr. Dupper a imaginar que Sua Senhoria estivesse a salvo entre as tumbas, de modo que não precisasse sair à sua procura, é bem possível que Mr. Dupper tivesse razão. Orlando agora tinha um estranho deleite com pensamentos de morte e ruína, e, depois de andar pelos longos corredores e salões de baile, com uma vela na mão, olhando um quadro atrás do outro como à procura de semelhança com alguém que não podia encontrar, subia no compartimento reservado da capela e sentava-se ali por horas, observando as bandeiras balançarem e a oscilação do luar, apenas com um morcego ou uma mariposa-bruxa a lhe fazer companhia. Mas nem isso lhe bastava, e tinha que descer à cripta onde jaziam seus antepassados, caixão sobre caixão, dez gerações juntas. O lugar era tão raramente visitado que os ratos tiveram inteira liberdade para acabar com o chumbo, e agora uma tíbia agarrava sua capa quando ele passava, ou quebrava o crânio de algum velho Sir Malise que rolava para baixo dos seus pés. Era um sepulcro horripilante, cavado profundamente em baixo das fundações da casa, como se o primeiro lorde da família, que viera da França com o Conquistador, tivesse desejado provar que toda pompa está na base da corrupção; que o esqueleto jaz por baixo da carne; que nós, os que dançamos e cantamos em cima, teremos que descansar embaixo; que o veludo carmesim se transforma em pó; que o anel (aqui Orlando, inclinando a lanterna, apanhava um círculo de ouro em que faltava uma pedra, que tinha rolado para um canto) perde seu rubi, e que o olho, antes tão reluzente, deixa de brilhar. "Nada resta de todos esses príncipes", dizia Orlando, permitindo-se um pouco de perdoável exagero quanto à sua posição social, "senão um dedo", e pegava a mão de um esqueleto, e dobrava as juntas para um lado e para outro. "De quem era essa mão?" continuava a perguntar. "A direita ou a esquerda? Mão de homem ou de mulher? Idosa ou jovem? Tinha incitado um cavalo de batalha ou manejado uma agulha? Tinha apanhado rosas ou empunhado o aço frio? Tinha..." mas aqui, ou sua imaginação o abandonava, ou, o que é mais provável, proporcionava-lhe tantos exemplos do que uma mão podia fazer, que ele recuava, como era seu costume, do trabalho principal de composição, que é a exclusão, e colocava-a junto com os outros ossos, pensando que havia um escritor chamado Thomas Browne, um doutor de Norwich, cujos escritos sobre esse tema encantavam sua imaginação.

Assim, pegando a lanterna e vendo que os ossos estavam em ordem – pois, apesar

de romântico, ele era singularmente metódico, e se detestava tanto um novelo no chão, quanto mais o crânio de um antepassado – voltou àquele caminhar curioso e melancólico pelas galerias, procurando algo entre os quadros, interrompido, afinal, por uma verdadeira crise de soluços, à vista de uma cena de neve holandesa pintada por um artista desconhecido. Parecia-lhe, então, que a vida não valia mais a pena ser vivida. Esquecendo-se dos ossos de seus antepassados, e de como a vida se funda em uma sepultura, ficou ali soluçando, tudo pelo desejo de uma mulher de calças russas, com olhos oblíquos, uma boca amuada e pérolas no pescoço. Ela se fora. Ela o deixara. Nunca mais voltaria a vê-la. E por isso ele soluçava. E assim encontrou o caminho de volta para o seu quarto; e Mrs. Grimsditch, vendo a luz na janela, afastou a caneca dos lábios e deu graças a Deus, pois Sua Senhoria estava novamente a salvo em seu quarto; pois todo esse tempo estivera pensando que ele havia sido brutalmente assassinado.

Orlando então aproximou a cadeira da mesa, abriu as obras de Sir Thomas Browne e dedicou-se a investigar a delicada articulação de uma das reflexões mais longas e maravilhosamente intrincadas do doutor.

Pois, embora estes não sejam assuntos nos quais um biógrafo possa estender-se com algum proveito, está claro o bastante para aqueles que estão no lugar do leitor que podem traçar com vagas sugestões aqui e ali os limites e o contorno inteiro da personagem viva; que podem ouvir uma voz vívida naquilo que é apenas sussurrado; que podem ver, muitas vezes sem dizermos nada sobre isto, qual é a sua aparência precisa; e sabem, sem uma palavra para guiá-los, exatamente o que ele pensava – e é para leitores assim que escrevemos – para esse leitor já está claro que Orlando era uma estranha mistura de muitos humores – melancolia, indolência, paixão, amor pela solidão, sem falar em todas aquelas sinuosidades e sutilezas de temperamento que foram indicadas na primeira página, quando ele golpeava a cabeça de um negro morto; derrubava-a; de novo a pendurava cavalheirescamente fora de seu alcance, e então se dirigia ao banco junto à janela com um livro. O gosto por livros começara muito cedo. Em criança, fora encontrado às vezes à meia-noite, ainda lendo uma página. Tomavam-lhe a vela, e ele criava vagalumes para servir ao seu propósito. Tomavam-lhe os vagalumes, e ele quase queimava a casa inteira com uma mecha acesa. Para abreviar, cabendo ao novelista alisar a seda enrugada e todas as suas implicações, ele era um nobre afligido pelo amor à literatura. Muitas pessoas de seu tempo, mais ainda da sua posição, escapavam dessa infecção, e assim ficavam livres para correr, cavalgar, ou fazer amor a seu bel-prazer. Mas alguns eram precocemente infectados por um germe que se dizia nutrido pelo pólen do asfódelo soprado da Grécia e da Itália, e que era de natureza tão mortal que fazia tremer a mão pronta a golpear, anuviava o olho que procurava a presa, e fazia gaguejar a língua que declarava seu amor. Era da fatal natureza dessa doença substituir a realidade por um fantasma, de modo que Orlando, a quem a fortuna concedera todos os dons – prataria, enxovais de linho, casas, criados, tapetes, leitos em profusão – só tinha que abrir um livro para que toda essa vasta acumulação de bens virasse fumaça. Os nove acres de pedra que constituíam a sua casa desapareciam; cento e cinquenta criados domésticos sumiam; seus oitenta cavalos de sela tornavam-se invisíveis; levaria muito tempo para contar os tapetes, sofás, ornamentos, porcelanas,

prataria, galhetas, pratos de aquecer e outros utensílios, até de ouro batido, que se evaporavam, como a névoa do mar sob o miasma. Mas assim era, e Orlando ficava sozinho consigo mesmo, lendo, um homem nu.

A doença tomou conta dele rapidamente, em sua solidão. Com frequência, lia durante seis horas noite adentro; e quando o procuravam para pedir ordens sobre o abate do gado ou a colheita do trigo, afastava o in-fólio e olhava como se não entendesse o que lhe fora dito. Isso era péssimo, e oprimia o coração de Hall, o falcoeiro, de Giles, o cavaliço, de Mrs. Grimsditch, a governanta, e de Mr. Dupper, o capelão. Um cavalheiro fino como ele, diziam, não tinha necessidade de livros. Que ele deixasse os livros para os paralíticos ou os moribundos, diziam. Mas o pior ainda estava por vir. Pois a doença da leitura, uma vez que ataca o organismo, debilita-o de tal forma que se torna presa fácil desse outro flagelo que reside no tinteiro e supura na pena. O infeliz passa a escrever. E se isso já é ruim o bastante em um homem pobre, cuja única propriedade é uma cadeira e uma mesa sob um teto esburacado – pois não tem muito mais a perder, afinal de contas – a situação de um homem rico, que possui casas e gado, criadas, mulas e enxovais de linho, e ainda assim escreve livros, é lastimável ao extremo. Perde o gosto de tudo; é atravessado por ferros em brasa; roído por vermes. Daria o último centavo que tivesse (tal é a malignidade do germe) para escrever um pequeno livro e tornar-se famoso; mesmo assim, nem todo o ouro do Peru poderia pagar o tesouro de uma frase bem elaborada. Então, mortifica-se e adocece, seus miolos estouram, vira o rosto para a parede. Não importa a atitude em que o encontrem. Atravessou os portões da Morte e conheceu as chamas do Inferno. Felizmente, Orlando era de constituição robusta e a doença (pelas razões que agora serão apresentadas) nunca o abateu como o fez com muitos de seus pares. Mas ele foi profundamente afetado, como se verá a seguir. Pois, depois de ler Sir Thomas Browne por bem mais de uma hora, e quando o bramido do veado e o chamado do vigia noturno indicavam que era noite alta e que tudo dormia em paz, ele atravessou o quarto, pegou do bolso uma chave de prata e destrancou as portas de uma grande escrivaninha marchetada que ficava a um canto. Dentro, havia umas cinquenta gavetas de cedro, cada uma com uma etiqueta escrita na caligrafia impecável de Orlando. Ele parou, como se hesitasse sobre qual abrir. Numa estava escrito "A Morte de Ajax", noutra, "O Nascimento de Príamo", noutra, "Ifigênia em Áulide", noutra, "A Morte de Hipólito", noutra, "Meleagro", noutra, "O Retorno de Ulisses" – na verdade, mal devia haver uma gaveta sem o nome de algum personagem mitológico em um momento crítico de sua carreira. Em cada gaveta estava um documento de tamanho considerável, todo escrito à mão por Orlando. A verdade é que Orlando sofrera assim durante muitos anos. Nunca nenhum rapaz havia implorado por maçãs como Orlando implorava por papel; nenhum implorara por doces como ele havia implorado por tinta. Escapando furtivamente de conversas e jogos, escondia-se atrás de cortinas, nos oratórios, ou no armário atrás do quarto de sua mãe – que tinha um grande buraco no chão e cheirava horrivelmente a esterco de passarinho – com um tinteiro de chifre em uma das mãos, uma pena na outra, e um rolo de papel sobre os joelhos. Assim tinham sido escritas, antes dos seus vinte e cinco anos, umas quarenta e sete peças, histórias, romances, poemas; uns em prosa, outros em verso; uns em francês, outros em italiano; todos

românticos e todos longos. Havia mandado imprimir um por John Ball, da "Plumagem e Coroa", que ficava em frente à cruz de St. Paul, no Cheapside; mas embora a vista dele lhe causasse extremo deleite, nunca ousara mostrá-lo nem mesmo à mãe, pois escrever, e ainda mais publicar, ele sabia, era uma desgraça imperdoável para um nobre.

Agora, porém, que era noite alta e estava sozinho, tirou desse depósito um grosso documento denominado "Xenófila, uma Tragédia", ou coisa do tipo, e um mais fino, chamado apenas "O Carvalho" (era o único título de uma só palavra em todo o lote), e então aproximou o tinteiro de chifre, empunhou a pena, e fez outros gestos com os quais as pessoas dedicadas a esse vício começam seus rituais. Mas parou.

Como esta pausa é de extremo significado em sua história, mais ainda, na verdade, que muitas ações que fazem os homens caírem de joelhos e os rios correrem com sangue, convém nos perguntarmos por que ele parou; e respondermos, depois da devida reflexão, que foi por uma razão como esta. A natureza, que nos prega tantas peças estranhas, nos moldando de modo tão desigual de argila e de diamantes, de arco-íris e de granito, e encerrando tudo isso em um estojo dos mais impróprios, pois muitas vezes o poeta tem cara de açougueiro e o açougueiro cara de poeta; a natureza, que se deleita com a confusão e o mistério, de modo que mesmo hoje (1º de novembro de 1927) não sabemos por que subimos para o andar de cima, ou por que descemos de novo, e os nossos mais cotidianos movimentos são como a passagem de um navio por um mar desconhecido, e os marinheiros no mastro principal perguntam, apontando suas lunetas para o horizonte, "Aquilo lá é terra ou não é?", ao que, se formos profetas, respondemos, "Sim"; se formos sinceros, dizemos, "Não"; a natureza, que tem muito mais por que responder, além, talvez, do incômodo comprimento desta frase, complicou ainda mais a sua tarefa e aumentou a nossa confusão, ao nos prover, interiormente, não apenas de um perfeito saco de retalhos e quinquilharias – um pedaço das calças de um policial ao lado do véu de noiva da rainha Alexandra – mas também planejou para que todo esse sortimento de coisas seja costurado junto por um único fio. A memória é a costureira, e costureira caprichosa. A memória enfia a agulha para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que virá em seguida, nem o que virá depois. Assim, o ato mais simples do mundo, como o de sentar-se a uma mesa e puxar o tinteiro para si, pode agitar mil fragmentos estranhos, desconectados, ora luminosos, ora sombrios, pendentes e oscilantes, balançando-se e flutuando, como a roupa branca de uma família de quatorze pessoas em um varal durante uma ventania. Em vez de uma única obra correta e simples, da qual homem nenhum precisaria envergonhar-se, nossas ações mais comuns são iniciadas com um agitar e bater de asas, um acender e apagar de luzes. Assim foi que Orlando, ao mergulhar a pena na tinta, viu a face zombeteira da perdida princesa, e instantaneamente se fez um milhão de perguntas, que eram como setas embebidas em fel. Onde ela estava, e por que o havia deixado? O embaixador seria seu tio ou seu amante? Estariam de conluio? Ela teria sido forçada? Seria casada? Estaria morta? Tudo isso o envenenou tanto que, para desafogar sua agonia em algum lugar, mergulhou a pena tão fundo no tinteiro de chifre que a tinta espirrou sobre a mesa – e esse ato, seja qual a explicação que possamos lhe dar (e talvez nenhuma explicação seja possível: a memória é inexplicável), imediatamente substituiu o rosto da princesa por

outro muito diferente. Mas de quem era esse rosto? ele se perguntava. E teve que esperar, meio minuto talvez, olhando para o novo quadro que se sobrepunha ao antigo, como, em uma lanterna mágica, uma vista aparece em parte na que vem a seguir, antes de poder dizer a si mesmo, "Este é o rosto daquele homem bastante gordo e esfarrapado, que estava sentado na sala de Twitchett tantos anos atrás, quando a velha rainha Bess veio jantar aqui; e eu o vi", continuou Orlando, agarrando outro daqueles pequenos trapos coloridos, "sentado à mesa, quando espiei, ao descer a escada, e ele tinha os olhos mais surpreendentes", dizia Orlando, "que já existiram, mas quem diabos era ele?" perguntava-se Orlando, pois aqui a memória acrescentava à testa e aos olhos, primeiro, uma gola franzida grosseira e suja de graxa, depois um gibão pardo, e finalmente um par de botas grossas, como usam os cidadãos em Cheapside. "Não era um nobre; não era um de nós", disse Orlando (coisa que não diria em voz alta, pois era o mais cortês dos cavalheiros; mas isso mostra o efeito que tem um nascimento nobre sobre a mente, e, incidentemente, como é difícil para um nobre ser um escritor), "um poeta, eu diria." De acordo com todas as suas leis, a memória, depois de perturbá-lo o suficiente, devia agora apagar tudo por completo, ou trazer-lhe algo tão idiota e fora de contexto – como um cão perseguindo um gato, ou uma velha a assoar o nariz em um lenço vermelho de algodão – que, desesperado para acompanhar o passo dos seus caprichos, Orlando bateria a pena com energia contra o papel. (Pois podemos, se tomarmos essa decisão, expulsar da casa a moça atrevida, a memória e toda a sua corja alucinada.) Mas Orlando parou. A memória ainda mantinha diante dele a imagem de um homem esfarrapado, com olhos grandes e luminosos. Mais uma vez ele olhou, mais uma vez parou. Essas pausas é que é a nossa ruína. É nessas horas que a sedição entra na fortaleza, e nossas tropas se insurgem. Já havia parado uma vez, e o amor, com sua desordem horrenda, suas flautas, seus címbalos, e suas cabeças decapitadas de cachos ensanguentados, havia irrompido em seu coração. Por amor, tinha sofrido as torturas dos malditos. Agora, outra vez ele parava, e pela brecha assim surgida saltou a Ambição, essa bruxa, e a Poesia, essa feiticeira, e a Ânsia de Fama, essa prostituta; todas davam-se as mãos, e faziam de seu coração o terreiro de sua dança. De pé, na solidão de seu quarto, Orlando jurou que seria o primeiro poeta de sua estirpe e traria glória imortal ao seu nome. Disse (recitando os nomes e as façanhas de seus antepassados) que Sir Boris havia combatido e matado o infiel; Sir Gawain, o turco; Sir Miles, o polaco; Sir Andrew, o franco; Sir Richard, o austríaco; Sir Jordan, o francês; e Sir Herbert, o espanhol. Mas de todo esse matar e acampar, beber e amar, e gastar, e caçar, e cavalgar e comer, o que restara? Um crânio; um dedo. Enquanto, disse, voltando à página de Sir Thomas Browne, que estava aberta sobre a mesa – e novamente parou. Como um encantamento subindo de todas as partes do quarto, do vento noturno e do luar, rolava a divina melodia daquelas palavras que, para que não subjuguem esta página, deixaremos onde jazem enterradas, não mortas, embalsamadas talvez, tão fresca é a sua cor, tão vívido o seu alento – e Orlando, comparando esse feito com os de seus antepassados, gritou que eles e suas façanhas eram pó e cinzas, mas este homem e suas palavras eram imortais.

Ele logo percebeu, porém, que as batalhas que Sir Miles e que os outros tinham travado contra cavaleiros armados para conquistar um reino, não eram nem a metade

tão árduas quanto estas que ele agora empreendia, para ganhar a imortalidade, contra o idioma inglês. Qualquer pessoa moderadamente familiarizada com os rigores da composição não precisará saber a história em detalhes; de como ele escreveu e pareceu-lhe bom; leu e pareceu-lhe medonho; corrigiu e rasgou; cortou; acrescentou; extasiou-se; desesperou-se; teve noites boas e manhãs ruins; agarrou ideias e perdeu-as; viu seu livro claro diante de si e ele desapareceu; representou os papéis de seus personagens enquanto comia; recitou suas falas enquanto andava; ora chorava; ora ria; hesitava entre este e aquele estilo; ora preferia o heroico e pomposo; ora o simples e claro; agora os vales de Tempe; depois os campos de Kent ou da Cornualha; e não podia decidir se era o mais divino dos gênios ou o maior tolo do mundo.

Foi para esclarecer essa última questão que ele decidiu, depois de muitos meses de tão febril trabalho, quebrar uma solidão de anos, e comunicar-se com o mundo exterior. Tinha um amigo em Londres, um tal Giles Isham, de Norfolk, que, embora nobre de nascimento, era relacionado com escritores e podia, sem dúvida, pô-lo em contato com algum membro dessa bendita, na verdade sagrada, fraternidade. Pois, para Orlando, no estado em que agora se encontrava, havia uma glória no homem que escrevera um livro e o fizera imprimir que sobrepujava em brilho todas as glórias de sangue e posição. Na sua imaginação, até os corpos daqueles que possuísem tão divinos pensamentos deviam passar por uma transfiguração. Deviam ter auréolas em vez de cabelos, incenso como alento, e deviam brotar rosas entre seus lábios – o que certamente não acontecia nem com ele nem com Mr. Dupper. Não podia imaginar felicidade maior que ter a permissão de sentar-se atrás de uma cortina e ouvi-los conversar. Só a ideia daquele variado e ousado discurso, fazia a lembrança das coisas sobre as quais ele costumava conversar com seus amigos cortesãos – um cão, um cavalo, uma mulher, um jogo de cartas – parecer grosseira ao extremo. Refletiu com orgulho que sempre fora chamado de estudioso, e que zombavam dele por seu amor à solidão e aos livros. Nunca tivera aptidão para frases bonitas. Ficava parado, silencioso e imóvel, corava, marchava como um granadeiro na sala de visitas de uma dama. Por completa distração, tinha caído de seu cavalo duas vezes. Quebrara o leque de Lady Winchilsea, uma vez, ao fazer uma rima. Recordando avidamente esses e outros exemplos de sua incapacidade para a vida social, sentiu-se possuído pela inefável esperança de que toda a turbulência da sua juventude, sua falta de jeito, seus rubores, seus longos passeios e seu amor pelo campo, provassem que ele pertencia à estirpe sagrada, mais do que à nobreza – era um escritor de nascença, mais do que um aristocrata. Pela primeira vez, desde a noite da grande inundação, sentiu-se feliz.

Encarregou então Mr. Isham de Norfolk de entregar a Mr. Nicholas Greene, de Clifford's Inn, um documento que comunicava a admiração de Orlando por sua obra (pois Nick Greene era um escritor muito famoso, naquela época) e seu desejo de conhecê-lo; que ele mal ousava explicitar; pois nada tinha a oferecer em troca; mas, se Mr. Nicholas Greene condescendesse em visitá-lo, uma carruagem de quatro cavalos estaria na esquina de Fetter Lane, a qualquer hora que Mr. Greene achasse por bem designar, e o conduziria com segurança à casa de Orlando. Podem-se imaginar as frases que se seguiram; e calcular o deleite de Orlando quando, pouco tempo depois, Mr. Greene

aceitou o convite do nobre senhor, tomou seu lugar na carruagem e era deixado no salão ao sul do edifício principal, pontualmente às sete horas da segunda-feira, 21 de abril.

Muitos reis, rainhas e embaixadores tinham sido recebidos ali. Juízes tinham estado ali, em suas togas de arminho. As mais adoráveis damas da terra ali tinham vindo, e os mais bravos guerreiros. Ali pendiam bandeiras que tinham estado em Flodden e Agincourt. Ali estavam expostos os brasões de armas pintados, com seus leões, seus leopardos e suas coroas. Ali se encontravam as longas mesas com baixelas de ouro e de prata; e as vastas lareiras de mármore italiano lavrado, onde todas as noites um carvalho inteiro, com seus milhões de folhas e seus ninhos de gralha e carriça, era queimado até virar cinzas. Nicholas Greene, o poeta, estava de pé ali agora, modestamente vestido, de chapéu desabado e gibão preto, com uma pequena sacola na mão.

Era inevitável que Orlando, apressando-se a cumprimentá-lo, ficasse ligeiramente desapontado. O poeta era de altura mediana, apenas; tinha uma aparência pobre; era magro e um pouco curvado, e ao entrar tropeçou em um mastim, que o mordeu. Além disso, Orlando, com todo o seu conhecimento do gênero humano, estava confuso sobre em que classe colocá-lo. Havia algo nele que não era nem de criado, nem de cavaleiro, nem de nobre. A cabeça, com a testa arredondada e o nariz bicudo, era bonita, mas o queixo estragava o efeito. Os olhos eram brilhantes, mas os lábios pendiam da boca e babavam. A expressão do rosto como um todo, porém, é que era inquietante. Não tinha nada daquela compostura imponente que torna os rostos dos nobres tão agradáveis de olhar; nem tinha nada do digno servilismo de um rosto de criado bem-educado; era um rosto marcado por linhas, enrugado e contraído. Embora fosse um poeta, parecia mais acostumado a repreender do que a lisonjear; a discutir do que a arrulhar; a arrastar-se do que a montar; a lutar do que a descansar; a odiar do que a amar. Isso também era indicado pela vivacidade dos seus movimentos, e por algo ardente e desconfiado no olhar. Orlando estava um pouco perplexo. Mas foram jantar.

Aqui, Orlando, que de modo habitual estava familiarizado com essas coisas, ficou, pela primeira vez, inexplicavelmente envergonhado do número de seus criados e do esplendor de sua mesa. Mais estranho ainda, lembrou com orgulho – pois a ideia era em geral desagradável – aquela bisavó Moll que tinha ordenhado vacas. Estava a ponto de aludir de algum modo a essa mulher humilde e a seus baldes de leite, quando o poeta antecipou-se a ele, dizendo que era estranho, visto que o nome Greene era tão comum, que a família tivesse vindo com o Conquistador e houvesse pertencido à mais alta nobreza da França. Infelizmente, haviam decaído, e tinham feito pouco mais que deixar seu nome ao burgo real de Greenwich. Outras conversas do mesmo tipo, sobre castelos perdidos, brasões, primos que eram baronetes no norte, casamentos consanguíneos com famílias nobres do oeste, como alguns Green escreviam o nome com um “e” no fim e outros sem, duraram até que fosse servida a carne de cervo. Então Orlando conseguiu dizer algo sobre a bisavó Moll e suas vacas, e tinha aliviado um pouco o coração do seu fardo, quando a ave selvagem foi colocada diante deles. Mas só quando o vinho madeira estava correndo livremente é que Orlando ousou mencionar aquilo que não podia deixar de considerar mais importante que os Green ou as vacas; isto é, o sagrado tema da poesia. À primeira menção da palavra, os olhos do poeta resplandeceram; despiu os finos

ares de cavalheiro que havia envergado; bateu com o copo na mesa, e desatou a contar uma das mais longas, mais complicadas, mais apaixonadas e mais amargas histórias que Orlando já ouvira, salvo dos lábios de alguma mulher rejeitada sobre uma peça sua, de outro poeta e de um crítico. Sobre a natureza da poesia em si, Orlando só descobriu que era mais difícil de vender que a prosa, e embora os versos fossem mais curtos, levavam mais tempo para serem escritos. Assim, a conversa entrou em ramificações intermináveis, até que Orlando se aventurou a insinuar que ele mesmo havia cometido a imprudência de escrever – mas aí o poeta deu um salto da cadeira. Um rato havia guinchado atrás do lambri, disse ele. A verdade, explicou, é que seus nervos estavam em tal estado que o guincho de um rato os transtornava por uma quinzena. A casa, sem dúvida, estava cheia de bichos daninhos, mas Orlando não os ouvia. O poeta então presenteou Orlando com a história completa da sua saúde nos últimos dez anos, ou algo assim. Tinha estado tão mal, que só podia ser considerado um milagre que ainda estivesse vivo. Tivera paralisia, gota, tremedeira, hidropisia, e os três tipos de febre em sequência; juntava-se a isso um coração dilatado, um baço aumentado e um fígado doente. Mas, acima de tudo, contou a Orlando, tinha sensações na espinha que desafiavam qualquer descrição. Tinha um calombo na altura da terceira vértebra, de cima para baixo, que queimava como fogo; e outro na segunda vértebra, de baixo para cima, que era frio como gelo. Às vezes, acordava com a cabeça pesada como chumbo; outras, era como se mil velas de cera estivessem acesas, e as pessoas soltassem fogos de artifício dentro dele. Podia sentir uma pétala de rosa através do colchão, dizia; e conhecia as ruas de Londres só de sentir as pedras do calçamento. No total, ele era uma maquinaria tão finamente construída e tão curiosamente montada (e aqui levantou a mão como se de modo inconsciente, e de fato era da mais bela forma imaginável) que o espantava pensar que havia vendido apenas quinhentas cópias do seu poema, mas isso, é claro, se devia em grande parte à conspiração tramada contra ele. Tudo o que podia dizer, concluiu, dando uma pancada na mesa, é que a arte da poesia estava morta na Inglaterra.

Como isso podia acontecer, com Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne, todos escrevendo agora, ou tendo escrito recentemente, era coisa que Orlando, desfiando os nomes dos seus heróis favoritos, não podia conceber.

Greene riu sardonicamente. Shakespeare, admitiu, havia escrito algumas cenas bastante boas; mas tomara-as principalmente de Marlowe. Marlowe era um rapaz promissor, mas o que se podia dizer de um jovem que morrera antes dos trinta anos? Quanto a Browne, ele dera para escrever poesia em prosa, e as pessoas logo se cansavam dessas vaidades. Donne era um charlatão, que embrulhava sua falta de conteúdo em palavras difíceis. Os ingênuos eram enganados; mas seu estilo estaria fora de moda dentro de um ano. Quanto a Ben Jonson – Ben Jonson era seu amigo, e ele nunca falava mal dos seus amigos.

Não, concluiu, a grande época da literatura passara; a grande época da literatura era a grega; a época elisabetana era inferior à grega, em todos os aspectos. Nessas épocas os homens cultivavam uma divina ambição que ele chamava “La Gloire”^[8] (ele pronunciava “Glor”, de modo que, a princípio, Orlando não entendeu o significado).

Agora, todos os jovens escritores estavam a soldo dos livreiros, e despejavam qualquer lixo que se pudesse vender. Shakespeare era o principal culpado disso, e Shakespeare já estava sendo castigado. Sua própria época, dizia, era marcada por vaidades preciosas e experiências delirantes – nenhuma das quais os gregos teriam tolerado por um só momento. Embora lhe doesse muito dizê-lo – pois amava a literatura tanto quanto a sua própria vida – não podia ver nada de bom no presente, e não tinha esperanças quanto ao futuro. Aqui, serviu-se de outra taça de vinho.

Orlando estava chocado com essas doutrinas; ainda assim, não podia deixar de observar que o próprio crítico não parecia nem um pouco abatido. Ao contrário, quanto mais denunciava seu próprio tempo, mais complacente ficava. Podia lembrar-se, dizia, de uma noite na Taverna do Galo, em Fleet Street, quando lá estavam Kit Marlowe e alguns outros. Kit estava de bom humor, um tanto bêbado, o que facilmente acontecia, e disposto a dizer tolices. Podia vê-lo agora, brandindo o copo para os companheiros e gaguejando, “Diabos, Bill” (falando com Shakespeare), “há uma grande onda chegando, e você está bem no topo”, querendo dizer, explicava Greene, que estavam tremendo à beira de uma grande época da literatura inglesa, e que Shakespeare seria um poeta de alguma importância. Felizmente para ele, foi assassinado duas noites depois, em uma briga de bêbados, e assim não viveu para ver o que foi feito da sua profecia. “Pobre tolo”, disse Greene, “dizer uma coisa dessas. Uma grande época, imagine... uma grande época, a elisabetana!”

“Portanto, meu caro senhor”, continuou, acomodando-se confortavelmente na cadeira e rolando a taça de vinho entre os dedos, “temos que fazer o melhor que pudermos, cultivar o passado e honrar aqueles escritores – ainda existem alguns – que tomam a antiguidade por modelo e escrevem, não por dinheiro, mas pela Glor.” (Orlando desejava que ele tivesse uma pronúncia melhor.) “A Glor”, disse Greene, “é o estímulo das mentes nobres. Tivesse eu uma pensão de trezentas libras por ano, paga trimestralmente, viveria só para a Glor. Ficaria na cama todas as manhãs lendo Cícero. Imitaria seu estilo, de modo que não se pudesse dizer a diferença entre um e outro. Isso é o que eu chamo de uma bela escrita”, disse Greene; “isso é o que eu chamo de Glor. Mas é preciso ter uma renda, para poder fazer isso.”

A essa altura, Orlando já tinha abandonado qualquer esperança de discutir sua própria obra com o poeta; mas isso era o que menos importava, pois a conversa girava agora sobre a vida e o caráter de Shakespeare, Ben Jonson, e os outros, todos os quais Greene conhecera intimamente, e sobre quem tinha mil anedotas das mais divertidas para contar. Orlando nunca tinha rido tanto em sua vida. Então, eram esses os seus deuses! Metade bebia, e todos eram mulherengos. A maioria brigava com as esposas; nenhum era incapaz de uma mentira, ou de uma intriga do tipo mais baixo. Sua poesia era rabiscada nas costas de um rol de roupa, apoiado na cabeça de um dos diabos da gráfica, na porta da rua. Assim Hamlet fora para o prelo; assim Rei Lear; assim Otelo. Não é de se espantar, como dizia Greene, que essas peças tivessem os erros que têm. O resto do tempo era desperdiçado em bebedeiras e festejos nas tabernas e cervejarias, quando então se diziam coisas que passavam por inteligentes, e se faziam coisas que as maiores extravagâncias da corte pareciam pálidas em comparação. Tudo isso Greene

contava com um espírito que proporcionava a Orlando grande deleite. Tinha um poder de imitação que ressuscitava os mortos, e podia dizer as melhores coisas a respeito de um livro, desde que tivesse sido escrito há trezentos anos.

Assim o tempo passava, e Orlando sentia por seu hóspede uma estranha mistura de simpatia e desprezo, de admiração e pena, como também algo muito indefinido para ser chamado por qualquer nome, mas que tinha alguma coisa de medo e de fascínio. O hóspede falava sem parar sobre si mesmo, mas era uma companhia tão agradável que se podia ficar escutando a história da sua febre para sempre. E depois, era tão espirituoso; e tão irreverente; e tomava tanta liberdade com os nomes de Deus e da Mulher; e era tão cheio de artimanhas misteriosas, e possuía tantos conhecimentos estranhos na cabeça; podia preparar salada de trezentas maneiras diferentes; sabia tudo o que se pode saber sobre a mistura de vinhos; tocava meia dúzia de instrumentos, e foi a primeira pessoa, e talvez a última, a assar queijo na grande lareira italiana. Que ele não soubesse distinguir um gerânio de um cravo, um carvalho de uma bétula, um mastim de um galgo, um carneiro de uma ovelha, o trigo da cevada, a terra arada da terra não cultivada; que ignorasse a rotação das colheitas; achasse que as laranjas cresciam debaixo da terra e os nabos nas árvores; que preferisse qualquer vista da cidade a qualquer vista do campo – tudo isso e muito mais impressionava Orlando, que nunca havia conhecido ninguém como ele. Mesmo as criadas, que o desprezavam, sorriam das suas piadas, e os criados, que o detestavam, andavam à volta para ouvir suas histórias. Na verdade, a casa nunca tinha estado tão animada como agora, com a sua presença – tudo isso dava a Orlando muito que pensar, e o fazia comparar este modo de vida com o antigo. Recordou o tipo de conversa a que estava acostumado, sobre a apoplexia do rei da Espanha ou o cruzamento de uma cadela; lembrou-se de como o dia passava entre os estábulos e o toucador; lembrou como os lordes roncavam sobre suas taças de vinho e detestavam qualquer um que os acordasse. Pensou em como seus corpos eram ativos e capazes, e seus espíritos indolentes e tímidos. Preocupado com esses pensamentos e incapaz de encontrar o justo equilíbrio, chegou à conclusão que havia admitido em sua casa um importuno espírito de intranquilidade que nunca mais lhe permitiria dormir em paz.

No mesmo instante, Nick Greene chegava à conclusão exatamente oposta. Descansando na cama de manhã, entre os travesseiros mais macios e os lençóis mais finos, e olhando pela janela de balcão envidraçada para a relva, que durante séculos não soubera o que fosse um dente-de-leão ou uma erva daninha, pensou que, a menos que conseguisse escapar de alguma maneira, seria sufocado vivo. Levantando-se enquanto ouvia o arrulhar dos pombos, vestindo-se enquanto ouvia as fontes jorrando, pensou que, a menos que pudesse ouvir o barulho das carroças sobre as pedras de Fleet Street, nunca mais escreveria uma linha. “Se isso continuar por muito tempo”, pensou, ouvindo o criado alimentar o fogo e pôr a mesa com a baixela de prata na peça ao lado, “acabarei pegando no sono” (aqui, deu um imenso bocejo) “e morrerei dormindo.”

Assim, procurou Orlando em seu quarto, e explicou-lhe que não tinha pregado olho a noite inteira, por causa do silêncio. (De fato, a casa era rodeada por um parque de quinze milhas de circunferência, e um muro de dez pés de altura.) O silêncio, disse, era o

que havia de mais opressivo para os seus nervos. Terminaria sua visita, com a permissão de Orlando, nessa mesma manhã. Orlando sentiu certo alívio, mas ao mesmo tempo uma grande relutância em deixá-lo partir. A casa, pensava, ficaria muito sombria sem ele. Ao despedir-se (pois antes ele nunca tivera coragem de mencionar o assunto), teve a temeridade de empurrar para o poeta sua peça *A Morte de Hercules*, e pedir sua opinião. O poeta a pegou; murmurou algo sobre a *Glor* e *Cicero*, que Orlando interrompeu bruscamente prometendo pagar-lhe a pensão trimestralmente; ao que Greene, com muitos protestos de afeição, pulou para dentro da carruagem e se foi.

O grande salão nunca parecera tão grande, tão esplêndido, ou tão vazio como quando a carruagem partiu. Orlando soube que nunca mais teria ânimo para fazer queijo assado na lareira italiana. Nunca mais teria a perspicácia de fazer comentários irônicos sobre quadros italianos; nunca mais teria a habilidade para misturar os ponches como se devia; mil chistes e gracejos bons estariam perdidos para ele. Mas que alívio estar livre do som daquela voz lamuriosa, que luxo estar sozinho outra vez, não podia deixar de refletir, enquanto soltava o mastim que ficara preso durante aquelas seis semanas, porque nunca podia ver o poeta sem mordê-lo.

Nick Greene foi deixado na esquina de Fetter Lane nessa mesma tarde, e encontrou as coisas do mesmo modo que as tinha deixado. Isto é, Mrs. Greene estava dando à luz uma criança em um quarto; em outro, Tom Fletcher bebia gim. Livros estavam esparramados pelo chão; o jantar – ou coisa parecida – estava servido em um toucador onde as crianças tinham estado fazendo tortas de lama. Mas esta, sentia Greene, era a atmosfera certa para se escrever; aqui sim ele poderia escrever, e foi o que fez. O tema fora feito para ele. Um nobre senhor em sua casa. Visita a um nobre no campo – seu novo poema devia ter algum título como esse. Pegando a pena com a qual seu filhinho estava fazendo cócegas nas orelhas do gato, e mergulhando-a no suporte para ovo quente que servia de tinteiro, Greene compôs em um instante uma sátira muito espirituosa. Foi composta de tal modo, que ninguém podia ter dúvidas de que o jovem nobre ali ridicularizado fosse Orlando; seus ditos e atos mais íntimos, seus entusiasmos e suas maluquices, até a própria cor do seu cabelo e o modo estrangeiro com que pronunciava os erres ali estavam, fiéis ao original. E se tivesse havido alguma dúvida, Greene liquidou-a introduzindo, quase sem nenhum disfarce, passagens daquela aristocrática tragédia, *A Morte de Hercules*, que, como ele esperava, achou extremamente prolixa e bombástica.

O panfleto, que imediatamente teve várias edições e pagou as despesas do décimo parto de Mrs. Greene, logo foi enviado ao próprio Orlando, por amigos que se encarregam dessas coisas. Depois que ele o leu, o que fez com perfeita compostura do início ao fim, tocou a sineta chamando o criado; entregou-lhe o documento na ponta de um par de pinças; e ordenou-lhe que o atirasse no ponto mais imundo do mais asqueroso monte de lixo que houvesse na propriedade. Então, quando o homem já ia saindo, deteve-o, "Pegue o cavalo mais rápido do estábulo", disse, "e corra até Harwich como se sua vida dependesse disso. Lá, embarque em um navio que encontrará pronto a partir rumo à Noruega. Compre-me, dos próprios canis do rei, os melhores cães de caça noruegueses da matilha real, macho e fêmea. Traga-os para mim sem demora. Pois", murmurou, mal

podendo respirar enquanto voltava-se para seus livros, "desisti dos homens."

O criado, que era perfeitamente treinado nos seus deveres, inclinou-se e desapareceu. Cumpriu sua tarefa de modo tão eficaz que dali a três semanas estava de volta, conduzindo pela mão uma coleira com os melhores cães de caça noruegueses, um dos quais, a fêmea, deu à luz naquela mesma noite, debaixo da mesa de jantar, a uma ninhada de oito belos filhotinhos. Orlando mandou levá-los para o seu quarto.

"Pois", disse ele, "desisti dos homens."

Não obstante, pagou a pensão trimestralmente.

Assim, aos trinta anos de idade, ou perto disso, este jovem nobre não só tinha passado por todas as experiências que a vida tem a oferecer, mas verificara a inutilidade de todas elas. Amor e ambição, mulheres e poetas, eram todos igualmente vãos. A literatura era uma farsa. Na noite seguinte à leitura da *Visita a um Nobre no Campo*, de Greene, ele queimou em uma enorme fogueira cinquenta e sete obras poéticas, mantendo apenas "O Carvalho", que era o seu sonho de adolescente, e muito curto. Só duas coisas lhe restavam agora, nas quais depositava alguma confiança: os cães e a natureza; um cão de caça e uma roseira. O mundo, em toda sua variedade, a vida, em toda sua complexidade, haviam sido reduzidos a isso. Os cães e um arbusto eram todo o seu mundo. Assim, sentindo-se livre de uma vasta montanha de ilusão, e por conseguinte, inteiramente nu, chamou seus cães de caça e saiu a passos largos pelo parque.

Tanto tempo estivera retirado, lendo e escrevendo, que tinha quase esquecido das amenidades da natureza, que em junho podiam ser grandes. Quando alcançou aquela alta colina de onde, nos dias claros, podia-se ver metade da Inglaterra e mais uma fatia do País de Gales e da Escócia, atirou-se sob seu carvalho predileto e sentiu que, se nunca mais precisasse falar com um homem ou uma mulher enquanto vivesse; se os seus cães não viessem a desenvolver a faculdade da fala; se nunca mais encontrasse um poeta ou uma princesa, poderia viver os anos que lhe restassem em razoável felicidade.

E então voltou ali, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano. Viu as faias se tornarem douradas e os brotos das samambaias se abrirem; viu a lua em forma de foice, e depois redonda; viu – mas o leitor provavelmente pode imaginar o que se segue, e como cada árvore e planta dos arredores é descrita, primeiro como verde, depois dourada; como as luas surgem e os sóis se põem; como a primavera sucede ao inverno e o outono ao verão; como a noite sucede ao dia e o dia à noite; como vem primeiro a tempestade, depois o bom tempo; como as coisas permanecem como são durante dois ou três séculos, ou algo assim, apenas com um pouco de pó e algumas teias de aranha, que uma velha pode espanar em meia hora; uma conclusão a que, não se pode deixar de notar, se poderia ter chegado mais depressa dizendo simplesmente "O tempo passou" (e a quantia exata poderia ser indicada entre parênteses) "e nada aconteceu."

Mas o tempo, infelizmente, embora faça animais e legumes florescerem e murcharem com espantosa pontualidade, não tem um efeito assim tão simples sobre a mente humana. A mente humana, ademais, atua com igual estranheza sobre o corpo do tempo. Uma hora, uma vez instalada no estranho elemento do espírito humano, pode ser

esticada até cinquenta ou cem vezes mais do que a sua medida no relógio; por outro lado, uma hora pode ser precisamente representada no cronômetro da mente por um segundo. Esta discrepância extraordinária entre o tempo do relógio e o tempo da mente é menos conhecida do que devia, e merece ser investigada mais a fundo. Mas o biógrafo, cujos interesses, como já dissemos, são muito restritos, deve limitar-se a uma simples declaração: quando um homem chega à idade de trinta anos, como Orlando, o tempo em que ele está pensando torna-se estranhamente longo, e o tempo em que está agindo estranhamente curto. Desse modo, Orlando dava suas ordens e resolvia os negócios das suas vastas propriedades em um relâmpago; mas logo que se encontrava sozinho na colina, debaixo do carvalho, os segundos começavam a rodar e a inflar-se, como se nunca fossem cair. Além disso, enchiam-se com a mais surpreendente variedade de objetos. Pois não só via-se confrontado com problemas que têm confundido os maiores sábios, como: O que é o amor? O que é a amizade? O que é a verdade? mas, logo que começava a pensar nisso, seu passado inteiro, que lhe parecia extremamente longo e variado, precipitava-se para aquele segundo cadente, inflava-o até cerca de doze vezes seu tamanho normal, coloria-o com mil matizes, e enchia-o com todas as bugigangas do universo.

Com tal pensamento (seja qual for o nome que se dê) ele gastou meses e anos da sua vida. Não seria exagero dizer que saía depois do desjejum como um homem de trinta anos, e voltava para o jantar como um homem de pelo menos cinquenta e cinco. Algumas semanas acrescentavam séculos à sua idade, outras não mais que três segundos. No total, a tarefa de calcular a extensão da vida humana (sobre os animais nos permitimos não falar) está além da nossa capacidade, pois assim que dizemos que leva eras, somos lembrados de que é mais breve que o cair de uma pétala de rosa. Das duas forças que, alternadamente, e o que é mais confuso ainda, ao mesmo tempo, dominam nosso infeliz tolo – brevidade e diuturnidade – Orlando estava às vezes sob a influência de uma divindade de pés de elefante, outras vezes de uma mosca alada. A vida lhe parecia de uma extensão prodigiosa. Mesmo assim, passava como um raio. Mas mesmo quando esticava-se por muito tempo e os momentos inflavam-se, e ele parecia vagar sozinho por desertos de vasta eternidade, não havia tempo para alisar e decifrar esses pergaminhos gravados, que trinta anos entre homens e mulheres haviam enrolado bem apertado em seu coração e sua mente. Muito antes que Orlando tivesse deixado de pensar no Amor (e durante esse processo as folhas do carvalho haviam crescido e caído ao chão uma dúzia de vezes) a Ambição o tinha empurrado para fora, substituindo-o pela Amizade ou a Literatura. E como a primeira pergunta não tinha sido respondida – O que é o Amor? – voltaria à menor provocação ou a nenhuma, e empurraria para a margem os livros ou as metáforas sobre por que vivemos, para lá esperarem até que vissem surgir a sua chance de voltar a campo. O que tornava o processo ainda mais longo é que era profusamente ilustrado, não apenas por quadros, como o da velha rainha Elizabeth, deitada no seu canapé atapetado em brocado rosa com uma caixa de rapé de marfim na mão e uma espada de cabo dourado ao lado, mas com cheiros – ela era muito perfumada – e com sons; os cervos estavam bramindo no parque de Richmond naquele dia de inverno. E assim, a ideia do amor seria toda amarelecida pela neve e o inverno; com

toras queimando; com mulheres russas, espadas de ouro e o bramido dos cervos; com o velho rei James babando, e fogos de artifício, e sacos de tesouro guardados em navios elisabetanos. Cada uma dessas coisas, sempre que ele tentava desalojá-la do lugar que ocupava em sua mente, encontrava-a obstruída por outra matéria, como um bloco de gelo depois de um ano no fundo do mar, onde crescia entre ossos e libélulas, e moedas e cachos de mulheres afogadas.

“Outra metáfora de Júpiter!” exclamava então (o que ilustra o modo desordenado e tortuoso em que funcionava sua mente, e explica por que o carvalho floresceu e murchou tantas vezes, antes que ele chegasse a qualquer conclusão sobre o Amor). “E qual é a conclusão disso?” perguntava-se. Por que não dizer simplesmente em algumas palavras – e então ele tentaria pensar por meia hora... ou seriam dois anos e meio? – dizer em algumas palavras o que é o amor? “Uma imagem assim é notoriamente falsa”, argumentava, “pois nenhuma libélula, exceto em circunstâncias muito excepcionais, poderia viver no fundo do mar. E se literatura não é a Noiva e Companheira da Verdade, o que é então? Diabos!”, exclamava, “por que dizer Companheira, quando já se disse Noiva? Por que não dizer simplesmente aquilo que se quer e deixar isso de lado?”

E então ele tentou, declarando que a grama é verde e o céu é azul, para assim aplacar o espírito severo da poesia, que, embora a uma grande distância, ele ainda não podia deixar de reverenciar. “O céu é azul”, dizia, “e a grama é verde.” Olhando para o alto, via que, ao contrário, o céu era como os véus que mil madonas houvessem deixado cair dos seus cabelos; e que a grama movia-se rapidamente e escurecia, como um bando de meninas fugindo dos abraços de sátiros peludos vindos de bosques encantados. “Palavra de honra!”, dizia (pois tinha adquirido o mau hábito de falar em voz alta), “não acho que um seja mais verdadeiro que o outro. Ambos são totalmente falsos.” E ele perdia as esperanças de vir a ser capaz de resolver o problema do que era a poesia, e do que era a verdade, e caía em profunda prostração.

E aqui podemos desfrutar de uma pausa no seu solilóquio para refletir no quanto era estranho ver Orlando estirado no chão, apoiado no cotovelo, em um dia de junho, e para refletir como este belo rapaz, em perfeito domínio de todas as suas faculdades e com um corpo saudável, como atestavam suas faces e membros – um homem que nunca hesitara por um segundo em conduzir um ataque ou bater-se em duelo – estivesse assim tão sujeito à letargia do pensamento, e por isso se tornasse tão suscetível que, tratando-se de poesia, ou de sua competência no assunto, ficasse tão tímido quanto uma menininha escondendo-se atrás da porta da cabana de sua mãe. Em nossa opinião, Greene, ao ridicularizar sua tragédia, ferira-o tanto quanto a princesa ao ridicularizar seu amor. Mas, voltando:

Orlando continuou a pensar. Continuou olhando para a grama e o céu, e tentando imaginar o que diria sobre eles um verdadeiro poeta, que tivesse seus versos publicados em Londres. Enquanto isso, a memória (cujos hábitos já foram descritos) mantinha firme diante de seus olhos o rosto de Nicholas Greene, como se aquele debochado de lábios caídos, que dera provas do quanto era traiçoeiro, fosse a própria musa, e fosse a ele que Orlando devesse render homenagem. Assim, Orlando, nessa manhã de verão, ofereceu-lhe uma variedade de frases, umas simples, outras figuradas, e Nick Greene continuava a

sacudir a cabeça e a zombar e a murmurar algo sobre a Glor e Cicero e sobre a morte da poesia na época atual. Afinal, pondo-se de pé (já era inverno e fazia muito frio), Orlando proferiu um dos mais importantes juramentos de sua vida, porque o amarrou à mais rígida das servidões. "Que eu seja amaldiçoado", disse ele, "se algum dia escrever outra palavra, ou tentar escrever outra palavra, para agradar a Nick Greene ou à musa. Bom, mau ou medíocre, a partir de hoje escreverei apenas para agradar a mim mesmo"; e aqui fez como se estivesse rasgando uma pilha inteira de papéis, e atirando-a na cara daquele debochado de lábios caídos. Diante disso, como um vira-lata se abaixa, se alguém ameaça atirar-lhe uma pedra, assim a memória abaixou a efígie de Nick Greene; e substituiu-a por... nada mais.

Mas Orlando, mesmo assim, continuou pensando. Ele tinha, na verdade, muito em que pensar. Pois, quando rasgara o pergaminho, rasgara, em um puxão, o rolo de papel enfeitado que havia redigido em favor de si próprio na solidão do seu quarto, designando a si mesmo, como o rei designa embaixadores, o primeiro poeta da sua estirpe, o primeiro escritor da sua época, conferindo imortalidade eterna à sua alma, e outorgando ao seu corpo, perpetuamente, uma sepultura entre loureiros e as bandeiras intangíveis da reverência pública. Por mais eloquente que fosse tudo isso, ele agora rasgava-o e atirava-o na lixeira. "A fama", disse, "é como" (e já que não havia mais nenhum Nick Greene para impedi-lo, continuou a divertir-se com imagens das quais escolheremos só uma ou duas das mais tranquilas) "um casaco trançado que tolhe os membros; um invólucro de prata que restringe o coração; um escudo pintado que cobre um espantalho", etc. etc. O que estava no fundo de suas frases era que, enquanto a fama tolhe e constrange, a obscuridade envolve um homem como uma névoa; a obscuridade é escura, ampla e livre; a obscuridade permite que a mente tome o seu rumo, desimpedida. Sobre o homem obscuro derrama-se a cobertura misericordiosa da escuridão. Ninguém sabe aonde ele vai ou de onde vem. Ele pode procurar a verdade e dizê-lo; só ele é livre; só ele é verdadeiro; só ele está em paz. E assim mergulhou em um humor tranquilo, debaixo do carvalho, cujas raízes duras, expostas sobre o chão, pareciam-lhe até confortáveis.

Mergulhado por muito tempo em profundos pensamentos sobre o valor da obscuridade e a delícia de não ter um nome, mas ser como a onda que volta ao corpo profundo do mar; pensando em como a obscuridade liberta a mente dos aborrecimentos da inveja e do despeito; como faz correr pelas veias as águas livres da generosidade e da magnanimidade; como permite dar e receber, sem oferecer agradecimentos ou louvores; o que devia ter acontecido com todos os grandes poetas, supunha (embora seu conhecimento de grego não fosse suficiente para confirmá-lo), pois, pensava, Shakespeare devia ter escrito assim, e os construtores de igrejas construído assim, anonimamente, sem precisar de agradecimentos ou de nome, mas tendo só o seu trabalho, durante o dia, e à noite, talvez, um pouco de cerveja – "Que vida admirável seria essa!", pensava, espreguiçando-se sob o carvalho. "E por que não desfrutá-la desde agora?" O pensamento atingiu-o como uma bala. A ambição caiu como um fio de prumo. Livre do desgosto de um amor desprezado, e da vaidade reprovável, e de todos os outros aguilhões e ferrões com que a cama de urtigas da vida o tinha queimado quando

ambicionava fama, mas que não podiam mais castigar alguém desinteressado pela glória, abriu os olhos, que tinham estado bem abertos todo esse tempo, mas visto apenas pensamentos, e viu, estendida na depressão a seus pés, a sua casa.

Lá estava ela, ao primeiro sol da primavera. Parecia mais uma cidade do que uma casa, mas não uma cidade construída para cá e para lá, conforme o desejo deste ou daquele homem, mas de modo ponderado, por um único arquiteto, com uma só ideia na cabeça. Pátios e edifícios, cinzentos, vermelhos, cor de ameixa, dispunham-se de modo ordenado e simétrico; havia alguns pátios oblongos, outros quadrados; neste, havia uma fonte; naquele, uma estátua; alguns edifícios eram baixos, outros pontiagudos; aqui, havia uma capela, ali, um campanário; e, entre eles, espaços da grama mais verde, grupos de cedros e canteiros de flores resplandecentes; tudo era delimitado – embora tão bem disposto, que parecia haver espaço para que todas as partes se esparramassem – pela curva de um sólido muro; e a fumaça de inumeráveis chaminés enrolava-se perpetuamente no ar. Esse vasto, embora ordenado edifício, que poderia abrigar mil homens e talvez dois mil cavalos, fora construído, pensava Orlando, por trabalhadores cujos nomes são ignorados. “Aqui viveram, por mais séculos do que posso contar, as obscuras gerações da minha própria obscura família. Nenhum desses Richards, Johns, Annes, Elizabeths, deixou atrás de si uma marca, embora todos, trabalhando juntos, com suas pás e suas agulhas, seus amores e seus partos, tenham deixado isto.”

A casa nunca parecera mais nobre e mais humana.

Por que, então, havia desejado elevar-se acima deles? Pois parecia extremamente fútil e arrogante tentar melhorar aquele trabalho anônimo de criação; o trabalho dessas mãos desaparecidas. Melhor seria partir desconhecido, e deixar atrás de si um arco, uma despensa, um muro onde amadureçam pêssegos, do que arder como um meteoro e não deixar cinzas. Pois, afinal de contas, dizia ele, entusiasmando-se ao olhar a grande casa no gramado lá embaixo, os senhores e damas desconhecidos que viveram ali nunca se esqueceram de pôr de lado alguma coisa, para aqueles que viessem depois; para o telhado que pode vir a ter goteiras; para a árvore que pode um dia cair. Havia sempre na cozinha um canto quentinho para o velho pastor; sempre havia comida para o faminto; seus cálices sempre eram polidos, mesmo que estivessem doentes, e suas janelas estavam sempre iluminadas, ainda que estivessem morrendo. Mesmo sendo senhores, ficavam contentes de descer à mesma obscuridade do caçador de toupeiras e do alvanel. Obscuros nobres, esquecidos construtores – assim ele os apostrofava, com um fervor que contradizia inteiramente os críticos que o chamavam de frio, indiferente, indolente (pois a verdade é que uma qualidade muitas vezes está no lado oposto àquele onde a procuramos) – assim apostrofava sua casa e sua estirpe, em termos da mais comovente eloquência; mas quando chegou à peroração – e o que é a eloquência sem a peroração? – atrapalhou-se. Teria gostado de terminar com um floreio, indicando que seguiria seus passos e acrescentaria mais uma pedra à sua edificação. Mas, visto que o edifício já cobria nove acres, acrescentar, mesmo uma única pedra, parecia supérfluo. Podia-se mencionar a mobília em uma peroração? Podia-se falar de cadeiras e mesas e tapetes para estender ao lado das camas? Pois, fosse o que fosse que faltasse à peroração, era isso que faltava na casa. Deixando, no momento, o discurso inacabado, desceu a passos

largos a colina, resolvido a dedicar-se dali em diante a mobiliar a sua mansão. A notícia – de que devia procurá-lo imediatamente – trouxe lágrimas aos olhos da velha e boa Mrs. Grimsditch, já um tanto envelhecida. Juntos, percorreram a casa.

Ao toalheiro do quarto do rei (“e esse foi o rei Jaime, meu senhor”, disse ela, insinuando que fazia muito tempo que não dormia um rei sob o seu teto; mas os odiosos dias do Parlamento tinham passado, e agora havia de novo uma coroa na Inglaterra) faltava um pé; não havia suporte para os jarros no pequeno armário da sala de espera do pajem da Duquesa; Mr. Greene tinha feito uma mancha no tapete com seu sórdido cachimbo, que ela e Judy, por mais que esfregassem, nunca tinham conseguido limpar. Na verdade, quando Orlando fez os cálculos para mobiliar com cadeiras de pau-rosa, gabinetes de cedro, bacias de prata, tigelas de porcelana e tapetes persas cada um dos trezentos e sessenta e cinco quartos da casa, viu que a despesa não seria pequena; e se ainda sobrassem alguns milhares de libras da sua fortuna, dariam para pouco mais que pendurar algumas tapeçarias nos corredores, guarnecer a sala de jantar com finas cadeiras esculpidas, e prover de espelhos de prata maciça e cadeiras do mesmo metal (pelas quais ele tinha verdadeira paixão) os dormitórios reais.

Ele então passou a trabalhar com afinco, como se pode provar sem margem de dúvida ao verificarmos os seus livros. Vamos ver um inventário do que ele comprou nessa época, com as despesas anotadas na margem – as quais omitiremos.

“Cinquenta pares de mantas espanholas, idem de cortinas de tafetá branco e carmim; com sanefas de cetim branco bordado de seda branca e carmim...

“Setenta cadeiras de cetim amarelo e sessenta tamboretas, combinando, todos com os respectivos assentos de entretela...

“Sessenta e sete mesas de noqueira...

“Dezessete dúzias de caixas, contendo cada uma cinco dúzias de cristais de Veneza...

“Cento e dois tapetes, cada um com trinta jardas de comprimento...

“Noventa e sete almofadas de damasco carmesim, enfeitadas com renda prateada, e escabelos de tecido e cadeiras combinando...

“Cinquenta braços de candelabros, para uma dúzia de luzes cada...”

Já estamos – e esse é um dos efeitos que as listas têm sobre nós – começando a bocejar. Mas se pararmos, é só porque o catálogo é maçante, não porque tenha acabado. Há mais noventa e nove páginas, e a soma total desembolsada chega a muitos milhares – o que quer dizer milhões, na nossa moeda. E, se o seu dia era passado assim, à noite, outra vez lorde Orlando podia ser encontrado calculando o quanto custaria nivelar um milhão de montículos feitos pelas toupeiras, se os homens eram pagos a dez pence por hora; e, de novo, quantas centenas de quilos de pregos, a cinco pence e meio o quartilho, eram necessárias para consertar a cerca ao redor do parque, que tinha quinze milhas de circunferência. E assim por diante, sem cessar.

A história, repetimos, é tediosa, pois um armário é muito parecido com outro, e um montículo de toupeira não é muito diferente de um milhão. Proporcionou a Orlando algumas viagens agradáveis, e algumas belas aventuras. Como, por exemplo, quando arranhou uma cidade inteira de mulheres cegas, perto de Bruges, para costurar as

presilhas das cortinas de um leito de dossel de prata; e a história de sua aventura com um mouro em Veneza, de quem comprou (mas só a ponta de espada) a escrivanhinha envernizada, mereceria ser contada, fosse outro o biógrafo. Nem faltava variedade ao trabalho; pois ali chegavam, puxadas por juntas desde Sussex, grandes árvores, para serem serradas e estendidas ao longo dos corredores para servir de soalho; e depois uma arca da Pérsia, recheada com lã e serragem. Da qual, finalmente, ele tiraria um único prato ou um anel de topázio.

Com o tempo, porém, não havia mais espaço nos corredores para outra mesa; nem espaço nas mesas para outro escrínio; nem espaço no escrínio para outro vaso; nem espaço no vaso para outro punhado de flores secas; não havia mais espaço para coisa alguma em lugar nenhum; em suma, a casa estava mobiliada. No jardim, campânulas brancas, açafrões, jacintos, magnólias, rosas, lírios, ásteres, todas as variedades de dália, pereiras e macieiras e cerejeiras e amoreiras, com uma enorme quantidade de arbustos raros e fluorescentes, de árvores perenes e sempre-vivas, cresciam de modo compacto, com as raízes tão juntas uma da outra, que não havia nem um palmo de terra sem sua flor e nem um pedaço de relva sem sua sombra. Além disso, ele tinha importado aves selvagens de alegres plumagens; e dois ursos malaios, cujos modos impertinentes escondiam, ele sabia, um coração fiel.

Tudo agora estava pronto; e quando anoiteceu, e se acenderam os incontáveis candelabros de prata, e a leve aragem que percorria eternamente os corredores agitou a tapeçaria de arrás azul e verde, de modo a parecer que os caçadores cavalgavam e Daphne fugia; quando a prata cintilou e a laca brilhou e a madeira flamejou; quando as cadeiras esculpidas estenderam seus braços e os golfinhos nadaram nas paredes com sereias às costas; quando tudo isso e muito mais estava pronto e ao seu gosto, Orlando caminhou pela casa com os cães a segui-lo, e sentiu-se feliz. Agora, pensou, tinha assunto para concluir sua peroração. Talvez fosse bom começar todo o discurso de novo. No entanto, enquanto desfilava pelos corredores, sentiu que ainda estava faltando alguma coisa. Mesas e cadeiras, embora ricamente douradas e esculpidas, sofás, apoiados em patas de leões e em colos curvados de cisnes, leitos, mesmo da mais macia plumagem, não bastavam por si mesmos. Pessoas sentadas neles, pessoas estendidas sobre eles, os melhorariam admiravelmente. Nesse sentido, Orlando começou então uma série de esplêndidas festas para a nobreza e os fidalgos da vizinhança. Certa vez, os trezentos e sessenta e cinco quartos ficaram cheios durante um mês. Hóspedes se acotovelavam nas cinquenta e duas escadarias. Trezentos criados se alvoroçavam nas despensas. Havia banquetes acontecendo quase todas as noites. Assim, em muito poucos anos, Orlando tinha gasto seus estofados de veludo e consumido metade da sua fortuna; mas ganhara o apreço dos vizinhos, tinha uns vinte cargos no município, e era presenteado todos os anos com cerca de uma dúzia de volumes dedicados a Sua Senhoria, em termos bastante melosos, por poetas agradecidos. Pois, embora tivesse então o cuidado de não se associar a escritores, e de manter-se sempre afastado de damas de sangue estrangeiro, ainda assim era excessivamente generoso com ambos, mulheres e poetas, e ambos o adoravam.

Mas, quando a festa estava no auge e os convidados se divertiam intensamente,

ele era capaz de retirar-se sozinho para o seu quarto. Lá, quando a porta se fechava e ele tinha certeza da privacidade, pegava um velho caderno, costurado com seda roubada da caixa de costura da mãe, e rotulado em uma letra redonda de colegial, "O Carvalho, Poema". Nele escrevia até que batesse meia-noite, e por muito tempo depois. Mas como apagava tantas linhas quantas escrevia, ao término do ano sua soma muitas vezes era bem menor que no princípio, e era como se, no processo de escrever o poema, acabasse por deixá-lo inteiramente por escrever. Pois deve ser observado, pelo historiador da literatura, que ele tinha mudado de estilo espantosamente. Seu estilo florido fora depurado; sua abundância contida; a era da prosa estava congelando aquelas fontes tépidas. A própria paisagem lá fora estava menos enfeitada de guirlandas, e as próprias roseiras selvagens eram menos espinhosas e emaranhadas. Talvez os sentidos estivessem um pouco mais entorpecidos, e o mel e o creme fossem menos sedutores ao paladar. Também o melhor escoamento das ruas e a melhor iluminação das casas devem ter produzido seus efeitos sobre o estilo, não há a menor dúvida.

Um dia, Orlando estava acrescentando, com enorme esforço, um ou dois versos a "O Carvalho, Poema", quando avistou com o rabo do olho uma sombra. Não era nenhuma sombra, ele logo viu, mas a figura de uma dama muito alta, de manto e capuz de montaria, atravessando o quadrângulo para onde dava o seu quarto. Como aquele era o mais privado dos pátios, e a dama lhe era estranha, Orlando admirou-se de como ela podia ter entrado ali. Três dias depois, a mesma aparição surgiu outra vez; e na quarta-feira ao meio-dia, apareceu de novo. Desta vez, Orlando estava determinado a segui-la; mas ela não parecia ter medo de ser abordada, pois diminuiu o passo quando ele se aproximou, e olhou-o em cheio no rosto. Qualquer outra mulher, assim surpreendida nas dependências privadas de um lorde, teria tido medo; qualquer outra mulher, com aquele rosto, penteado e aspecto, teria se coberto com a mantilha para escondê-los. Pois esta dama se assemelhava mais a uma lebre que a qualquer outra coisa; uma lebre assustada, mas obstinada; uma lebre cuja timidez é superada por uma imensa e tola audácia; uma lebre que se senta ereta e olha duro para o seu perseguidor, com grandes olhos salientes; com as orelhas erguidas, mas vibrantes, com o nariz pontiagudo, mas contraído. Além disso, esta lebre tinha seis pés de altura e, de quebra, usava um penteado de estilo antiquado que a fazia parecer ainda mais alta. Assim confrontada, encarou Orlando com um olhar em que a timidez e a audácia estranhamente se misturavam.

Primeiro, ela pediu-lhe com uma reverência adequada, mas um pouco desajeitada, que a perdoasse pela intromissão. Depois, erguendo-se novamente à plena altura, que devia ser de uns seis pés e duas polegadas, prosseguiu dizendo – mas com tantas risadinhas nervosas, tantas interjeições e risinhos, que Orlando pensou que ela devia ter escapado de um manicômio – que era a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom no território romeno. Desejava conhecê-lo, acima de qualquer coisa, disse. Havia se instalado em cima de uma padaria, em Park Gates. Tinha visto seu retrato, e era a própria imagem de uma irmã sua, que estava – aqui ela deu uma gargalhada – morta há muito tempo. Estava visitando a corte inglesa. A rainha era sua prima. O rei era uma ótima pessoa, mas raramente ia para a cama sóbrio. Aqui voltou às

interjeições e risinhos nervosos. Em suma, não havia nada a fazer além de convidá-la a entrar e servir-lhe uma taça de vinho.

Dentro de casa, suas maneiras recuperaram a arrogância própria de uma arquiduquesa da Romênia; e, se não tivesse demonstrado um conhecimento de vinhos raro em uma dama, e feito algumas observações bastante sensatas sobre armas de fogo e os costumes dos esportistas em seu país, teria faltado espontaneidade à conversa. Afinal, pondo-se de pé, anunciou que faria nova visita no dia seguinte, fez outra prodigiosa reverência e partiu. No dia seguinte, Orlando foi cavalgar. No outro, virou-lhe as costas; no terceiro, fechou as cortinas. No quarto, choveu, e como ele não podia deixar uma dama na chuva, nem era totalmente averso a ter companhia, convidou-a para entrar e pediu sua opinião sobre uma armadura, que pertencia a um antepassado seu, e que era obra de Jacobi ou de Topp. Ele inclinava-se por Topp. Ela tinha outra opinião – não importa muito qual. Mas é de alguma importância para o curso da nossa história que, ilustrando o seu argumento, relacionado ao funcionamento de peças de encaixe, a arquiduquesa Harriet pegou a tornozeleira dourada e ajustou-a à perna de Orlando.

Já foi dito que Orlando possuía as mais belas pernas que jamais haviam sustentado um jovem nobre.

Talvez alguma coisa na sua maneira de fechar a fivela do tornozelo; ou a sua postura inclinada; ou o longo isolamento de Orlando; ou a simpatia natural que existe entre os sexos; ou o vinho de Borgonha; ou o fogo – qualquer dessas causas pode ter tido a culpa; pois certamente existe culpa de um lado ou de outro, quando um nobre com a criação de Orlando, recebendo uma dama em sua casa, e sendo ela muitos anos mais velha, com um rosto de uma jarda de comprimento e olhos saltados, além de vestida de modo um tanto ridículo, com um manto e um capuz, apesar da estação quente – existe culpa quando esse nobre é acometido de modo tão repentino e violento por uma espécie de paixão, a ponto de ter que deixar o quarto.

Mas que espécie de paixão seria essa? pode-se perguntar. E a resposta tem duas caras, como o próprio amor. Pois o amor... mas deixando o amor de lado por um momento, o fato real era o seguinte:

Quando a arquiduquesa Harriet Griselda se inclinou para apertar a fivela, Orlando ouviu, súbita e inexplicavelmente, o distante bater de asas do amor. O longínquo movimento dessa macia plumagem despertou nele mil lembranças de águas correntes, de encanto na neve e perfídia na inundação; e o som tornou-se mais próximo; e ele corou e estremeceu; e comoveu-se como nunca tinha pensado em comover-se outra vez; e estava pronto a erguer as mãos e deixar que o pássaro da beleza pousasse em seus ombros, quando – horror! – um chiado, como o que fazem os corvos ao cair sobre as árvores, começou a ecoar; o ar pareceu escurecer com grosseiras asas negras; vozes grasnaram; pedaços de palha, ramos e penas caíram; e pousou sobre seus ombros a mais pesada e repugnante das aves, que é o abutre. Então, Orlando correu para fora do quarto, e mandou o laçao acompanhar a arquiduquesa Harriet até sua carruagem.

Pois o amor, ao qual podemos agora voltar, tem duas faces: uma branca, outra negra; dois corpos: um liso, outro peludo. Tem duas mãos, dois pés, duas garras, dois, na verdade, de cada membro, e cada um é o exato oposto do outro. No entanto, estão

unidos de modo tão estreito que não se pode separá-los. Neste caso, o amor de Orlando começou seu voo em direção a ele com a face branca descoberta, e o corpo liso e adorável à mostra. Foi se aproximando cada vez mais, com seu aspecto de puro deleite. De repente (à vista da arquiduquesa, provavelmente) esvoaçou ao redor, virou o outro lado; mostrou-se negro, peludo, brutal; e foi a Luxúria, o abutre, e não o Amor, a Ave-do-paráiso, que caiu de modo infame e repugnante sobre seus ombros. Por isso fugiu; por isso foi buscar o laçao.

Mas a harpia não é expulsa com tanta facilidade assim. Não só a arquiduquesa continuou hospedada na casa do padeiro, como Orlando foi assombrado dia e noite por fantasmas do tipo mais asqueroso. Fora em vão que ele tinha mobiliado sua casa com prata, e coberto as paredes de tapeçarias, se a qualquer momento uma ave molhada de esterco podia instalar-se em sua escrivaninha. Lá estava ela, esvoaçando entre as cadeiras; ele a via gingando, de modo desajeitado, pelas galerias. Agora se empoleirava, pesada, sobre o guarda-fogo. Quando ele a enxotava, voltava e bicava a vidraça até quebrá-la.

Assim, percebendo que sua casa era inabitável, e que devia tomar medidas para acabar com aquilo imediatamente, ele fez o que qualquer outro jovem teria feito em seu lugar, e pediu ao rei Charles que o enviasse como embaixador extraordinário para Constantinopla. O rei estava passeando em Whitehall, de braços dados com Nell Gwyn. Ela atirava-lhe avelãs. Era uma pena, suspirava a amorosa dama, que um par de pernas como aquele tivesse que deixar o país.

As Parcas, porém, eram impiedosas; não pôde fazer mais do que atirar-lhe um beijo por cima do ombro, antes que Orlando partisse.

É realmente um grande infortúnio, digno de ser bastante lamentado, que tenhamos menos informação sobre esta fase da carreira de Orlando, quando ele desempenhou um papel muito importante na vida pública de seu país. Sabemos que cumpriu com seus deveres de modo admirável – como provam sua Ordem do Banho e seu ducado. Sabemos que teve um dedo seu em algumas das negociações mais delicadas entre o rei Charles e os turcos – há tratados nos porões do Arquivo de Registros que atestam isso. Mas a revolução que começou durante o seu período no cargo e o fogo que se seguiu danificaram tanto, ou destruíram, todos aqueles documentos nos quais se poderia obter algum registro confiável, que o que podemos apresentar está lamentavelmente incompleto. Muitas vezes, o papel estava chamuscado bem no meio da frase mais importante. Justo quando pensávamos elucidar um segredo que confundiu historiadores por cem anos, havia um buraco no manuscrito, grande o bastante para passar um dedo por ele. Fizemos o melhor possível para organizar um magro sumário dos fragmentos carbonizados que restam; mas muitas vezes foi necessário especular, supor, e até mesmo usar a imaginação.

O dia de Orlando, ao que parece, passava-se mais ou menos deste modo. Em torno das sete horas, levantava-se, envolvia-se em um longo capote turco, acendia um charuto e apoiava os cotovelos no parapeito. Assim ficava, contemplando a cidade aos seus pés, aparentemente encantado. A essa hora, a névoa era tão espessa que as cúpulas de Santa Sofia, e de todo o resto, pareciam flutuar; aos poucos, a névoa os descobria; via-se que estas bolhas estavam firmemente assentadas; ali estava o rio; ali, a Ponte de Gálata; ali, os peregrinos de turbantes verdes, sem olhos ou narizes, pedindo esmolas; ali, os cães párias, catando restos; ali, mulheres de xale; ali, os inúmeros burros; ali, homens a cavalo carregando longos bastões. Logo, a cidade inteira estaria ativa com o estalar de chicotes, o bater de gongos, as exortações para a oração, o açoitar de mulas e o chocalhar das rodas com ressaltos de bronze, enquanto odores acres, de pão fermentado e incenso e especiarias, subiriam até às alturas de Pera, parecendo a própria respiração da estridente, multicolorida e bárbara população.

Nada, refletia ele, olhando para a paisagem que agora brilhava ao sol, podia se parecer menos com os condados de Surrey e Kent, ou com as cidades de Londres e Tunbridge Wells. À direita e à esquerda, erguiam-se, em uma proeminência escavada e pedregosa, as inóspitas montanhas da Ásia, nas quais se penduravam um ou dois áridos castelos de chefes de bando; mas não havia nenhum presbitério, nem solar, nem cabana, nem carvalho, olmo, violeta, hera ou rosa silvestre. Não havia sebes onde crescessem fetos, nem campos onde pastassem ovelhas. As casas eram brancas como cascas de ovos, e igualmente nuas. Que ele – inglês de raiz e fibra – exultasse do fundo do coração com esse panorama selvagem, e olhasse sem parar essas passagens e alturas distantes, planejando passeios a pé por lugares onde só as cabras e os pastores tinham andado antes; sentisse uma paixão afetuosa pelas flores brilhantes e extemporâneas, amasse os cães sem dono mais até do que os seus próprios cães de caça, e inalasse com avidez o cheiro acre e penetrante das ruas, foi algo que o pegou de surpresa. Perguntava a si

mesmo se, na época das Cruzadas, um dos seus antepassados não teria se envolvido com alguma camponesa circassiana; achou que era possível; imaginou certo tom moreno em sua tez; então, voltando para dentro, retirava-se para o banho.

Uma hora depois, devidamente perfumado, cacheado e ungido, recebia a visita de secretários e outros altos funcionários, carregando, um após o outro, cofres vermelhos que só se abriam com a sua própria chave de ouro. Dentro, havia documentos da mais alta importância, dos quais agora só restam fragmentos – aqui um rabisco, ali um selo firmemente preso a um pedaço de seda queimada. Do seu conteúdo, nada podemos dizer, mas podemos atestar que Orlando se mantinha ocupado, com lacre e selos, com várias fitas coloridas que tinham que ser amarradas de modos distintos, passando a limpo títulos e fazendo floreios nas letras maiúsculas, até que chegasse o almoço – uma refeição esplêndida de trinta pratos talvez.

Depois do almoço, os lacaios anunciavam que sua carruagem de seis cavalos estava à porta; e ele partia, precedido por janízaros vestidos em púrpura que corriam abanando grandes leques de plumas de avestruz em cima da cabeça, para visitar outros embaixadores e dignitários de estado. A cerimônia era sempre a mesma. Chegando ao pátio, os janízaros batiam com seus leques na porta principal, que imediatamente se abria, revelando uma grande sala, esplendidamente mobiliada. Aqui estavam sentadas duas figuras, geralmente de sexos opostos. Trocavam-se profundas reverências e cortesias. Na primeira sala, só era permitido falar do tempo. Depois de dizer que o tempo estava bom ou úmido, quente ou frio, o embaixador passava então para a próxima sala, onde outra vez duas figuras se levantavam para cumprimentá-lo. Aqui, só era permitido comparar Constantinopla à Londres, como lugar de residência; e o embaixador, naturalmente, dizia que preferia Constantinopla, e seus anfitriões, naturalmente, diziam que preferiam Londres, embora nunca a tivessem visto. Na próxima sala, a saúde do rei Charles e a do Sultão tinham que ser discutidas durante certo tempo. Na próxima, discutia-se a saúde do embaixador e a da esposa do anfitrião, embora com mais brevidade. Na seguinte, o embaixador cumprimentava o anfitrião pela sua mobília, e o anfitrião cumprimentava o embaixador pelo seu traje. Na seguinte, serviam-se doces, o anfitrião deplorando sua deficiência, o embaixador enaltecendo sua excelência. A cerimônia terminava, afinal, fumando-se um narguilé e bebendo-se uma taça de café; mas, embora os atos de fumar e beber fossem executados meticulosamente, não havia tabaco no cachimbo nem café na taça, porque, caso houvesse fumo ou bebida de verdade, o corpo humano teria sucumbido à abundância. Pois, nem bem o embaixador terminava uma visita desse tipo, já empreendia outra. As mesmas cerimônias se repetiam precisamente na mesma ordem seis ou sete vezes seguidas, na casa dos outros altos funcionários, de modo que, muitas vezes, o embaixador só chegava em casa tarde da noite. Embora Orlando executasse essas tarefas de modo admirável, e jamais negasse que eram talvez a parte mais importante dos deveres de um diplomata, estava sem dúvida cansado delas, e muitas vezes sentia-se de tal modo deprimido que preferia jantar sozinho com seus cães. Com eles, de fato, podia ser ouvido falando em sua própria língua. E às vezes, diziam, passava pelos seus próprios portões tarde da noite, tão bem disfarçado que nem as sentinelas o reconheciam. Misturava-se, então, ao povo na Ponte

de Gálata; ou passeava pelos bazares; ou, descalçando os sapatos, juntava-se aos adoradores nas mesquitas. Certa vez, tendo se divulgado que ele estava com febre, alguns pastores, que traziam suas cabras para o mercado, contaram ter encontrado um lorde inglês no alto da montanha, e que o ouviram rezando ao seu Deus. Acreditou-se que fosse o próprio Orlando, e que sua oração era, sem dúvida, um poema dito em voz alta, pois era sabido que ainda carregava consigo, na parte interna da capa, um manuscrito bastante rabiscado; e os criados, escutando à porta, ouviam o embaixador, quando estava sozinho, recitando algo em uma voz estranha e cadenciada.

É com fragmentos assim que devemos fazer o melhor possível para compor um quadro da vida e do caráter de Orlando por essa época. Até hoje existem rumores, lendas, anedotas de um tipo vago e sem confirmação a respeito da vida de Orlando em Constantinopla (citamos apenas algumas), que provam que ele possuía, agora que estava na flor da idade, o poder de mexer com a imaginação e prender o olhar, capaz de manter uma lembrança viva, muito tempo depois que tudo o que qualidades mais duráveis podem fazer para preservá-la já está esquecido. Esse poder é misterioso, composto de beleza, nascimento, e certo dom mais raro, que, para encerrar a questão, chamaremos de fascínio. "Um milhão de luzes", como dissera Sasha, ardiam nele, sem que se desse ao trabalho de acender nenhuma. Movia-se como um cervo, sem que fosse preciso pensar em suas pernas. Falava com sua voz normal, e o eco soava como um gongo de prata. Por isso, cresciam rumores em torno dele. Tornou-se o objeto de adoração de muitas mulheres e de alguns homens; não era necessário que lhe tivessem falado, ou mesmo que o tivessem visto; invocavam diante de si, especialmente quando o cenário era romântico, ou o sol estava se pondo, a figura de um nobre cavaleiro de meias de seda. Tinha sobre os pobres e incultos o mesmo poder que tinha sobre os ricos. Pastores, ciganos, condutores de burros, ainda cantam canções sobre o lorde inglês "que atirou suas esmeraldas no poço", referindo-se sem dúvida a Orlando, que uma vez, ao que parece, arrancou suas joias do corpo, em um momento de raiva ou embriaguez, e lançou-as em uma fonte, de onde foram pescadas por um pajem. Mas esse poder romântico, como se sabe, é com frequência associado a uma natureza de extrema reserva. Orlando parece não ter feito amigos. Até onde se sabe, não se ligou a ninguém. Uma certa grande dama viajou desde a Inglaterra só para ficar perto dele, e importunou-o com as suas atenções, mas ele continuou a desempenhar seus deveres tão incansavelmente que, antes que fizesse dois anos e meio como embaixador do império turco, o rei Charles deixou clara sua intenção de elevá-lo ao mais alto grau do pariatato. Os invejosos disseram que esse era o tributo de Nell Gwyn à recordação de uma perna. Mas, como ela só o tinha visto uma vez, e estava então diligentemente ocupada em atirar avelãs para sua majestade real, é provável que tenham sido seus méritos, e não suas panturrilhas, que lhe conquistaram o ducado.

Aqui devemos fazer uma pausa, pois atingimos um momento de grande significado na carreira de Orlando. Pois a concessão do ducado foi motivo de um incidente muito famoso, e na verdade muito discutido, que agora passamos a descrever, abrindo caminho o melhor que pudermos por entre documentos queimados e pequenos pedaços de selos. Foi ao término do grande jejum do ramadã que a Ordem do Banho e a patente de

nobreza chegaram em uma fragata comandada por Sir Adrian Scrope; e Orlando fez dessa ocasião motivo para a festa mais esplêndida que qualquer outra que se tenha visto até então ou se viu depois em Constantinopla. A noite era linda; a multidão, imensa, e as janelas da embaixada estavam brilhantemente iluminadas. De novo nos faltam detalhes, pois o fogo tomou conta de todos esses registros, restando apenas torturantes fragmentos que deixam na obscuridade os pontos mais importantes. Do diário de John Fenner Brigge, porém, um oficial da marinha inglesa que estava entre os convidados, depreende-se que pessoas de todas as nacionalidades "estavam amontoadas como arenques em um barril" no pátio da embaixada. A multidão se apertava tanto que Brigge logo subiu em uma olaeira, para melhor observar os acontecimentos. Circulava entre os nativos um rumor (e esta é mais uma prova do misterioso poder de Orlando sobre a imaginação) de que algum tipo de milagre ia se realizar. "Assim", escreve Brigge (mas seu manuscrito está queimado e cheio de buracos, e algumas frases são completamente ilegíveis), "quando os foguetes começaram a subir no ar, houve considerável apreensão entre nós de que a população nativa se deixasse entusiasmar... repleto de consequências desagradáveis para todos... damas inglesas entre os convidados, por isso levei minha mão ao sabre. Felizmente", continua ele, em seu estilo um pouco enfadonho, "esses temores pareciam, no momento, infundados, e, observando o comportamento dos nativos... cheguei à conclusão de que essa demonstração da nossa habilidade na arte da pirotecnia era valiosa, quando menos porque imprimiu neles... a superioridade dos britânicos... de fato, o espetáculo era de indescritível magnificência. Vi-me, alternadamente, agradecendo a Deus por ter permitido... e desejando que minha pobre e querida mãe... Por ordem do embaixador, as longas janelas, que são uma característica tão imponente da arquitetura oriental, embora ignorante em muitos sentidos... foram abertas de par em par; e lá dentro, podíamos ver um quadro vivo, ou representação teatral, na qual damas e cavalheiros ingleses... representavam uma peça, obra de um... As palavras eram inaudíveis, mas a visão de tantos de nossos compatriotas, homens e mulheres, vestidos com a maior elegância e distinção... despertou-me emoções das quais não me sinto certamente envergonhado, embora incapaz... Dedicava-me a observar a espantosa conduta de Lady X, que era de natureza a captar todos os olhares e a trazer descrédito ao seu sexo e ao seu país, quando..." Infelizmente, um ramo da olaeira quebrou-se, o tenente Brigge caiu, e o resto do relato registra apenas sua gratidão à Providência (que desempenha um enorme papel no diário) e a natureza exata de seus ferimentos.

Felizmente, Miss Penélope Hartopp, filha do general do mesmo nome, viu a cena de dentro, e continua o relato em uma carta, também muito deteriorada, que no fim das contas chegou a uma amiga em Tunbridge Wells. Miss Penélope não era menos pródiga em seu entusiasmo que o galante oficial. "Arrebatador", exclama ela, dez vezes em uma única página, "maravilhoso... além de qualquer descrição... baixela de ouro... candelabros... negros em calças de pelúcia... pirâmides de gelo... fontes de grogues... geleias representando os navios de Sua Majestade... cisnes representando nenúfares... pássaros em gaiolas douradas... cavalheiros em cortes de veludo carmesim... penteados das damas com pelo menos seis pés de altura... caixas de música... Mr. Peregrine disse

que eu estava absolutamente adorável, o que só repito a você, minha querida, porque sei... Oh! como senti saudades de todos vocês!... ultrapassando qualquer coisa que vimos no Pantiles... oceanos de bebidas... alguns cavalheiros superavam... Lady Betty, encantadora... A pobre Lady Bonham cometeu o infeliz engano de sentar-se sem que houvesse uma cadeira embaixo... Os cavalheiros todos muito galantes... ansiei mil vezes por você e pela querida Betsy... Mas o espetáculo principal, o centro de atração de todos os olhares... reconhecido por todos, pois ninguém seria tão vil a ponto de negar isso, era o próprio embaixador. Que pernas! Que rosto!! Que maneiras aristocráticas!!! Oh, vê-lo entrar no salão! Vê-lo sair outra vez! E algo tão interessante na expressão, que faz a gente sentir, embora dificilmente se saiba por que, que ele sofreu! Dizem que a causa foi uma dama. Monstro insensível!!! Como pode uma pessoa do nosso chamado sexo frágil ter tido esse atrevimento!!! Ele é solteiro, e metade das damas aqui estão loucas de amor por ele... Milhares e milhares de beijos para Tom, Gerry, Peter e o querido Miado” (provavelmente seu gato).

Da Gazeta da época, inferimos que “quando o relógio bateu meia-noite, o embaixador apareceu na sacada central, forrada com tapetes de valor inestimável. Seis turcos da Guarda Imperial, cada um com mais de seis pés de altura, seguravam tochas a direita e a esquerda. Foguetes subiram no ar quando ele surgiu, e da multidão elevou-se um grande clamor, que o embaixador retribuiu, curvando-se profundamente e dizendo algumas palavras de agradecimento no idioma turco, sendo que um dos seus talentos é falá-lo com fluência. Em seguida, Sir Adrian Scrope, no traje a rigor de almirante britânico, adiantou-se; o embaixador dobrou um dos joelhos; o almirante colocou em seu pescoço o colar da Nobilíssima Ordem do Banho, e após pregou-lhe a estrela no peito; depois disso, outro cavalheiro do corpo diplomático avançou de modo solene e colocou-lhe nos ombros o manto ducal, e, em uma almofada carmesim, entregou-lhe a coroa ducal.”

Por fim, com um gesto de extraordinária majestade e graça, primeiro curvando-se profundamente, depois erguendo-se de modo altivo, Orlando tomou o pequeno círculo dourado de folhas de morango e colocou-o na frente, com um gesto que ninguém que o tenha visto jamais esquecerá. Foi nesse momento que começou o primeiro distúrbio. Ou o povo esperava um milagre – alguns diziam ter sido profetizado que uma chuva de ouro cairia dos céus – que não aconteceu, ou esse era o sinal combinado para começar o ataque; ninguém parece saber; mas, quando a coroa ajustou-se na frente de Orlando, elevou-se um grande fragor. Os sinos começaram a tocar; ouviam-se os gritos rudes dos profetas, acima dos gritos da multidão; muitos turcos atiraram-se ao chão, tocando a terra com a testa. Uma porta foi aberta à força. Os nativos precipitaram-se para as salas de banquete. Mulheres gritavam. Certa dama, que diziam estar morrendo de amor por Orlando, agarrou um candelabro e atirou-o ao chão. O que teria acontecido, se não fosse pela presença de Sir Adrian Scrope e de uma esquadra de marinheiros ingleses, ninguém pode dizer. Mas o almirante ordenou que tocassem as cornetas; uma centena de marinheiros colocou-se imediatamente de prontidão; a desordem foi abafada, e a paz, pelo menos por enquanto, baixou sobre a cena.

Até aqui nos mantivemos no terreno firme, embora um tanto estreito, da verdade

confirmada. Mas ninguém chegou a saber exatamente o que aconteceu mais tarde naquela noite. O testemunho das sentinelas e de outros parece, porém, provar que os convidados se retiraram e a embaixada foi fechada para a noite, do modo habitual, em torno das duas da manhã. O embaixador, ainda usando as insígnias do seu posto, foi visto entrando no seu quarto e fechando a porta. Alguns dizem que ele a chaveou, o que era contra o seu costume. Outros sustentam que ouviram música rústica, do tipo que os pastores tocam, mais tarde na mesma noite, no pátio abaixo da janela do embaixador. Uma lavadeira, que ficara acordada por conta de uma dor de dente, disse que viu a figura de um homem, envolto em uma capa ou roupão, sair para a sacada. Depois, disse ela, uma mulher encapuzada, mas que parecia pertencer à classe camponesa, subiu por uma corda que o homem deixara para ela na sacada. Então, disse a arrumadeira, abraçaram-se com paixão, "como amantes", e entraram juntos no quarto, puxando as cortinas, de modo que não se pôde ver mais nada.

Na manhã seguinte, o duque, como agora devemos chamá-lo, foi encontrado por seus secretários em sono profundo, com as roupas de cama em completo desalinho. Havia no quarto certa desordem, sua coroa rolara para o chão, e o manto e a liga amontoavam-se em uma cadeira. A mesa estava atulhada de papéis. A princípio, não houve qualquer suspeita, pois as fadigas da noite tinham sido grandes. Mas quando veio a tarde e ele ainda dormia, chamaram um médico. Ele aplicou remédios que já havia usado em ocasiões anteriores, emplastos, urtigas, vomitórios, etc., mas sem sucesso. Orlando continuava dormindo. Os secretários pensaram então que era seu dever examinar os documentos sobre a mesa. Muitos estavam rabiscados com poesia, na qual com frequência se fazia menção a um carvalho. Havia também vários documentos de estado, e outros de natureza privada referentes à administração das suas propriedades na Inglaterra. Mas, afinal, encontraram um documento de enorme importância. Não era nada menos, de fato, que um contrato de casamento, redigido, assinado e atestado, entre Sua Senhoria, Orlando, Cavaleiro da Ordem da Jarreteira, etc., etc., etc., e Rosina Pepita, dançarina, de pai desconhecido, mas tido como cigano, mãe também desconhecida, mas tida como vendedora de ferro velho na praça do mercado em frente à ponte de Gálata. Os secretários olharam horrorizados um para o outro. E Orlando continuava dormindo. Velaram-no dia e noite, mas, a não ser por sua respiração regular e pela cor rosada habitual de suas faces, não dava nenhum sinal de vida. O que a ciência ou a credence podiam fazer para acordá-lo, eles fizeram. Mas Orlando continuava dormindo.

No sétimo dia do seu transe (quinta-feira, 10 de maio), foi disparado o primeiro tiro daquela terrível e sangrenta insurreição, da qual o tenente Brigge descobrira os primeiros sinais. Os turcos se revoltaram contra o sultão, atearam fogo à cidade, e passaram todo estrangeiro que puderam encontrar ou pelo fio da espada ou pelo bastão. Alguns ingleses conseguiram escapar; mas, como seria de se esperar, os cavalheiros da embaixada britânica preferiram morrer em defesa dos seus cofres vermelhos, ou, em casos extremos, engolir molhos de chaves a deixá-las cair nas mãos do infiel. Os rebeldes arrombaram o quarto de Orlando, mas, vendo-o esticado com toda a aparência de um morto, não o tocaram, e apenas lhe roubaram a coroa e o traje da Jarreteira.

E agora desce outra vez a obscuridade, e quem dera, na verdade, fosse até mais profunda! Quem dera, quase podemos exclamar do fundo do coração, não pudéssemos ver coisa nenhuma através da sua opacidade! Quem dera pudéssemos aqui levantar a pena e escrever Finis em nossa obra! Quem dera pudéssemos poupar o leitor do que está por vir e dizer-lhe em poucas palavras: Orlando morreu e foi enterrado. Mas aqui, ai de nós!, a Verdade, a Lisura e a Honestidade, austeras deusas que montam guarda e protegem o tinteiro do biógrafo, gritam: Não! Levando aos lábios suas trombetas de prata, exigem em um só toque: Verdade! E gritam de novo: Verdade! E ressoam ainda uma terceira vez, em harmonia: A Verdade e nada mais que a Verdade!

Diante disso – que o céu seja louvado! pois assim temos tempo para respirar – as portas se abrem suavemente, como se apartadas pelo sopro do mais doce e sagrado dos zéfiros, e três figuras entram. Primeiro, vem Nossa Senhora da Pureza, cuja fronte é emoldurada por filetes de lã do mais alvo cordeiro; cujo cabelo é como uma avalanche de neve deslizante; e em cujas mãos repousa a pena branca de uma gansa virgem. A seguir, mas com um passo mais majestoso, vem Nossa Senhora da Castidade; ostentando na fronte, como uma torre de fogo vivo mas perene, um diadema de pingentes de gelo; seus olhos são puras estrelas, e seus dedos, se nos tocam, gelam-nos até os ossos. Logo atrás dela, na verdade abrigada na sombra de suas irmãs mais imponentes, vem Nossa Senhora da Modéstia, a mais delicada e mais linda das três; cuja face mal se mostra, assim como a lua crescente, quando fina e em forma de foice, fica meio oculta entre as nuvens. Cada uma avança para o centro do quarto onde Orlando ainda jaz adormecido; e, com gestos ao mesmo tempo suplicantes e imperiosos, Nossa Senhora da Pureza fala em primeiro lugar:

“Sou a guardiã do pequeno cervo adormecido; a neve me agrada; e a lua que surge; e o mar prateado. Com meu manto cubro os ovos das galinhas pintalgadas e as conchas do mar listradas; cubro o vício e a pobreza. Sobre todas as coisas frágeis ou sombrias ou duvidosas, desce o meu véu. Por isso, nada diga, nada revele. Misericórdia, oh, misericórdia!”

Aqui, as trombetas ressoam.

“Pureza, vá embora! Saia, Pureza!”

Então, Nossa Senhora da Castidade fala:

“Eu sou aquela cujo toque gela, e cujo olhar transforma em pedra. Suspendi a estrela em sua dança, e a onda em sua queda. As alturas dos Alpes são a minha moradia; e quando ando, os relâmpagos flamejam em meus cabelos; onde meus olhos caem, eles matam. Em vez de deixar Orlando acordar, eu o gelarei até os ossos. Misericórdia, oh, misericórdia!”

Aqui, as trombetas ressoam.

“Castidade, vá embora! Saia, Castidade!”

Então Nossa Senhora da Modéstia fala, tão baixo que mal se pode ouvir:

“Sou aquela a quem os homens chamam Modéstia. Virgem sou, e sempre serei. Não são para mim os campos fecundos e os férteis vinhedos. O crescimento me é odioso; e, quando as maçãs germinam ou os rebanhos procriam, eu fujo, fujo; deixo meu manto cair. Meus cabelos cobrem meus olhos. Não vejo. Misericórdia, oh, misericórdia!”

De novo as trombetas ressoam:

“Modéstia, vá embora! Saia, Modéstia!”

Com gestos de aflição e lamento, as três irmãs agora juntam as mãos e dançam lentamente, sacudindo os véus e cantando enquanto prosseguem:

“Verdade, não saia da tua horrenda caverna. Esconde-te mais fundo, medonha Verdade. Pois tu ostentas sob o olhar brutal do sol coisas que seria melhor se não fossem conhecidas nem realizadas; tu desvelas o vergonhoso; tornas claro o que é obscuro. Esconde-te! Esconde-te! Esconde-te!”

Aqui, fazem um gesto como se cobrissem Orlando com seus véus. Enquanto isso, as trombetas estrondeiam.

“A Verdade e nada mais que a Verdade.”

Diante disso, as irmãs tentam lançar seus véus sobre as trombetas para silenciá-las, mas em vão, pois agora todas as trombetas ressoam juntas:

“Horríveis irmãs, vão embora!”

As irmãs se perturbam e lamentam em uníssono, ainda girando e lançando os véus para cima e para baixo.

“Nem sempre foi assim! Mas os homens não precisam mais de nós; as mulheres nos detestam. Vamos embora; vamos embora. Eu (diz a Pureza), para o poleiro das galinhas. Eu (diz a Castidade), para as ermas alturas de Surrey. Eu (diz a Modéstia), para qualquer recanto aconchegante onde haja hera e cortinas em abundância.”

“Pois lá, e não aqui (todas falam juntas, unindo as mãos e fazendo gestos de adeus e desespero, na direção da cama onde Orlando jaz adormecido) moram ainda em abrigos e boudoirs, escritórios e cortes de justiça, aqueles que nos amam; aqueles que nos honram, virgens e homens da cidade; advogados e doutores; aqueles que proíbem; aqueles que negam; aqueles que reverenciam sem saber por quê; aqueles que louvam sem compreender; a tribo ainda muito numerosa (louvado seja Deus!) dos respeitáveis; que preferem não ver; desejam não saber; amam a escuridão; os que ainda nos adoram, e com razão; porque nós lhes demos riqueza, prosperidade, conforto, bem-estar. Para eles nós vamos, e a ti deixamos. Vamos, irmãs, vamos! Aqui não é lugar para nós.”

Retiram-se às pressas, sacudindo os véus sobre a cabeça, como para afastar algo que não ousam olhar, e fecham a porta atrás de si.

Portanto, estamos agora inteiramente sós no quarto com o adormecido Orlando e as trombetas. Os trompetistas, enfileirando-se lado a lado, em ordem, sopram um único e terrível toque:

“A Verdade!”

e diante disso Orlando despertou.

Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé, completamente nu diante de nós. E enquanto as trombetas estrondeavam “Verdade! Verdade! Verdade!”, não nos resta outra escolha senão confessar: era uma mulher.

***

O som das trombetas se extinguiu e Orlando continuou totalmente nu. Nenhuma

criatura humana, desde que o mundo é mundo, jamais pareceu tão arrebatadora. Sua forma reunia, em um só corpo, a força do homem e a graça da mulher. Enquanto permanecia ali parado, as trombetas de prata prolongavam seu toque, como se relutassem em abandonar a adorável visão que o seu toque havia suscitado; e Castidade, Pureza e Modéstia, inspiradas sem dúvida pela Curiosidade, espiaram pela porta e atiraram à figura nua uma espécie de manto, que, infelizmente, caiu a algumas polegadas de distância. Orlando olhou-se de alto a baixo em um grande espelho, sem mostrar qualquer sinal de embaraço, e dirigiu-se, provavelmente, para o banho.

Podemos aproveitar esta pausa na narrativa para fazer certas declarações. Orlando havia se transformado em uma mulher – não se pode negar. Mas, em todos os outros aspectos, permanecia exatamente como tinha sido. A mudança de sexo, embora alterasse seu futuro, nada fez para alterar sua identidade. Seu rosto permanecia, como provam os retratos, praticamente o mesmo. A memória dele – daqui em diante, porém, a bem da convenção diremos “dela” em vez de “dele”, e “ela” em vez de “ele” – e a memória dela, então, podia voltar a todos os eventos da sua vida passada sem encontrar qualquer obstáculo. Alguma leve nebulosidade pode ter havido, como se umas poucas gotas escuras tivessem caído no claro poço da memória; certas coisas tornaram-se um pouco turvas; mas isso era tudo. A mudança parecia ter acontecido de forma indolor e completa, e de tal modo que a própria Orlando não mostrou qualquer surpresa. Muita gente, levando isso em conta, e sustentando que tal mudança de sexo é contra a natureza, fez enormes esforços para provar: (1) que Orlando sempre tinha sido mulher; (2) que Orlando é, neste momento, um homem. Deixemos que os biólogos e os psicólogos decidam. Para nós, basta declarar o simples fato; Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião tornou-se mulher, e assim permaneceu desde então.

Mas deixemos que outras penas tratem de sexo e sexualidade; abandonamos tais assuntos odiosos o mais depressa possível. Orlando agora havia se banhado, e vestira aquelas calças compridas e casacos turcos que podiam ser usados por ambos os sexos, indiferentemente; e foi forçada a refletir sobre a sua situação. Que era precária e embaraçosa ao extremo, deve ser o primeiro pensamento de todo leitor que tenha seguido sua história com simpatia. Jovem, nobre, bela, havia acordado para se encontrar em uma situação que não poderia ser mais delicada, para uma jovem dama da sua posição. Não poderíamos tê-la culpado se tivesse tocado a sineta, gritado ou desmaiado. Mas Orlando não mostrou tais sinais de perturbação. Todas as suas ações foram extremamente ponderadas, e de fato se poderia pensar que mostravam sinais de premeditação. Primeiro, examinou com todo cuidado os papéis que estavam sobre a mesa; pegou um que parecia ser escrito em versos e escondeu-o no peito; em seguida, chamou seu cão de caça, que não abandonara sua cama durante todos esses dias, apesar de meio morto de fome, alimentou-o e penteou-o; depois, colocou um par de pistolas no cinto; por fim, enrolou-se em vários cordões de esmeraldas e pérolas do mais fino oriente, que tinham feito parte do seu guarda-roupa de embaixador. Feito isto, inclinou-se na janela, deu um assobio baixo, e desceu a escadaria quebrada e manchada de sangue, agora coberta com os restos de cestas de papéis, tratados, despachos, selos, lacres, etc., e assim entrou no pátio. Ali, à sombra de uma gigantesca figueira, esperava-

a um velho cigano montado em um burro. Levava outro pela rédea. Orlando ergueu a perna e montou; e assim, escoltado por um cão magro, montado em um burro, na companhia de um cigano, o embaixador da Grã-Bretanha junto à corte do sultão deixou Constantinopla.

Cavalgaram por dias e noites, e se depararam com diversas aventuras, algumas pelas mãos dos homens, outras pelas mãos da natureza, e de todas Orlando desembarçou-se com coragem. Em uma semana, alcançaram as terras altas além de Brussa, que era então o principal acampamento da tribo cigana à qual Orlando havia se aliado. Muitas vezes, da sua sacada na embaixada, tinha olhado para essas montanhas; muitas vezes tinha desejado estar ali; e encontrar-se uma pessoa onde sempre desejou estar, para uma mente reflexiva, é um incentivo à meditação. Por algum tempo, porém, esteve satisfeita demais com a mudança para estragá-la com pensamentos. O prazer de não ter nenhum documento para selar ou assinar, nenhum floreio para fazer, nenhuma visita para retribuir, já era o bastante. Os ciganos seguiam a relva; quando acabava, mudavam-se outra vez. Ela banhava-se em regatos, se é que se banhava; nenhum cofre, vermelho, azul ou verde, lhe era apresentado; não havia chave alguma, muito menos uma chave de ouro, no acampamento inteiro; quanto a "visitar", a palavra era desconhecida. Ordenhava as cabras; recolhia gravetos; roubava um ovo de galinha de vez em quando, mas sempre deixava uma moeda ou uma pérola em seu lugar; arrebanhava o gado; podava as vinhas; pisoteava a uva; enchia o odre e bebia dali; e quando se lembrava de como, àquela hora do dia, tinha estado fazendo os movimentos de beber e fumar em uma xícara de café vazia e em um cachimbo sem tabaco, ria alto, cortava outra fatia de pão e implorava por uma tragada do velho cachimbo de Rustum, embora estivesse cheio de esterco de vaca.

Os ciganos, com quem é óbvio que ela devia ter estado em secreta comunicação antes da revolta, pareciam vê-la como um dos seus (que é sempre a mais alta homenagem que um povo pode prestar); e seu cabelo escuro e sua tez morena confirmavam a crença de que ela era, por nascimento, um deles, e que tinha sido arrebatada de uma noqueira por um duque inglês, quando era um bebê, e levada para aquela terra bárbara onde as pessoas moram em casas, porque são muito fracas e doentes para suportarem viver ao ar livre. Assim, embora ela fosse inferior a eles de muitas maneiras, estavam dispostos a ajudá-la a tornar-se mais parecida com eles; ensinavam-lhe sua arte de fazer queijos e tecer cestos, sua ciência de roubar e capturar pássaros, e estavam até preparados para permitir que se casasse com um dos seus.

Mas Orlando tinha contraído na Inglaterra alguns dos costumes ou doenças (como se queira considerar) que não podem, ao que parece, ser eliminados. Certa tarde, quando todos estavam sentados ao redor do fogo e o sol brilhava sobre as montanhas da Tessália, Orlando exclamou:

"Que bom para comer!"

(Os ciganos não têm nenhuma palavra para "bonito." Essa é a mais aproximada.)

Todos os jovens, homens e mulheres, caíram na gargalhada. O céu, bom para comer, realmente! Os velhos, porém, que já tinham visto mais estrangeiros do que eles, ficaram desconfiados. Notaram que Orlando muitas vezes sentava-se por horas inteiras

sem fazer nada, a não ser olhar para aqui e para ali; deparavam com ela no topo de alguma colina, olhando direto para a frente, não importa se as cabras pastassem ou se desgarrassem. Começaram a suspeitar que ela tinha outras crenças que não as suas, e os homens e mulheres mais velhos acharam provável que tivesse caído sob o poder do mais vil e cruel de todos os deuses, que é a Natureza. Não estavam muito enganados. A doença inglesa, o amor à natureza, era inata nela, e aqui, onde a natureza era muito mais vasta e poderosa que na Inglaterra, Orlando caiu em suas mãos como nunca tinha feito antes. A enfermidade é demasiado conhecida, e tem sido, ai de mim!, descrita com muita frequência para não precisar ser descrita de novo, a não ser de modo breve. Havia montanhas; havia vales; havia riachos. Ela escalava as montanhas; vagueava pelos vales; sentava-se à margem dos riachos. Comparava as montanhas a plataformas, a peitos de pombas, a flancos de gado. Comparava as flores a esmalte e a relva a tapetes turcos desgastados. As árvores eram bruxas encarquilhadas, e as ovelhas pedras cinzentas. Tudo, na verdade, era alguma outra coisa. Encontrou o pequeno lago no topo da montanha, e quase se lançou lá dentro, para buscar a sabedoria que pensava estar escondida ali; e quando, do cume da montanha, avistou ao longe, através do Mar de Mármara, as planícies da Grécia, e distinguiu (seus olhos eram admiráveis) a Acrópole, com uma ou duas riscas brancas que, pensou, deviam ser o Partenon, sua alma se expandiu, como os seus olhos, e suplicou a graça de poder compartilhar da majestade das montanhas, de conhecer a serenidade das planícies, etc. etc., como fazem todos esses crentes. Depois, olhando para baixo, o jacinto vermelho, a íris purpúrea a levavam a gritar em êxtase diante da bondade, da beleza da natureza; voltando a erguer os olhos, via a águia planando, imaginava seu êxtase e fazia dele o seu próprio. Ao retornar para casa, saudava cada estrela, cada cume e cada fogueira, como se acenassem para ela apenas; e afinal, quando se deitava em sua esteira na tenda dos ciganos, não podia evitar exclamar outra vez, "Que bom para comer! Que bom para comer!" (Pois é um fato curioso que, embora os seres humanos tenham meios tão imperfeitos de comunicação, que só possam dizer "bom para comer" quando querem dizer "bonito", e vice-versa, ainda preferiram enfrentar o ridículo e o mal entendido a guardar alguma experiência só para si.) Todos os jovens ciganos riam-se. Mas Rustum el-Sadi, o velho que tirara Orlando de Constantinopla em seu burro, ficava calado. Seu nariz parecia uma cimitarra; suas faces eram enrugadas, como se pela queda imemorial de um granizo de ferro; era moreno e de olhar penetrante, e enquanto fumava seu cachimbo, observava Orlando detidamente. Alimentava uma suspeita profunda de que seu Deus fosse a Natureza. Um dia, encontrara-a em lágrimas. Interpretando isso como um castigo do seu Deus, disse-lhe que não estava surpreso. Mostrou-lhe os dedos de sua mão esquerda, queimados pela neve; mostrou-lhe seu pé direito, esmagado pela queda de uma pedra. Isso, disse, era o que o Deus dela fazia com os homens. E quando ela disse, "Mas é tão bonito", usando a palavra inglesa, ele sacudiu a cabeça; e quando ela repetiu a mesma coisa, ficou zangado. Viu que ela não acreditava no que ele acreditava, o que era bastante para enfurecê-lo, embora fosse velho e sábio.

Essa diferença de opinião perturbou Orlando, que até então tinha sido perfeitamente feliz. Começou a refletir se a natureza seria bela ou cruel; depois

perguntou-se que beleza era essa; se estava nas coisas em si, ou apenas nela mesma; e assim foi levada à questão da natureza da realidade, que a conduziu à verdade, que por sua vez a conduziu ao amor, à amizade, à poesia (como naqueles dias na colina, em sua terra); meditações que, já que não podiam ser compartilhadas, fizeram-na ansiar, como nunca tinha ansiado antes, por pena e tinta.

“Oh! se eu ao menos pudesse escrever!” exclamava (pois tinha a estranha fantasia dos escritores, de que palavras escritas são palavras compartilhadas). Não possuía tinta alguma; e só um pouco de papel. Mas fez tinta com cerejas e vinho; e, encontrando algumas margens e espaços em branco no manuscrito de “O Carvalho”, deu um jeito de escrever em uma espécie de taquigrafia, e compôs um longo poema em verso branco descrevendo a paisagem, e redigiu um conciso diálogo consigo mesma sobre a beleza e a verdade. Isso a manteve extremamente feliz por horas a fio. Mas os ciganos ficaram desconfiados. Primeiro, perceberam que ela já não era tão hábil como antes em ordenhar e fazer queijos; depois, que muitas vezes hesitava antes de responder; e uma vez um menino cigano que adormecera acordou aterrorizado, sentindo os olhos de Orlando sobre ele. Às vezes, esse constrangimento era sentido pela tribo inteira, que se compunha de algumas dúzias de homens e mulheres adultos. Provinha do sentido que eles tinham (e seus sentidos são muito aguçados e muito à frente do seu vocabulário) de que tudo o que estavam fazendo se desmanchava como cinzas entre seus dedos. Uma velha fazendo um cesto, um menino escorchando uma ovelha, cantavam ou suspiravam contentes com seu trabalho, quando Orlando entrava no acampamento, e se estendia junto ao fogo contemplando as chamas. Ela não precisava nem olhá-los, e mesmo assim sentiam: aqui está alguém que duvida; (fizemos uma tradução aproximada do idioma cigano) aqui está alguém que não faz uma coisa pelo simples prazer de fazer; nem olha apenas por olhar; aqui está alguém que não acredita nem em peles de ovelhas nem em cestos; mas que vê (então olhavam para a tenda com apreensão) alguma outra coisa. Nesse momento, um sentimento vago, mas muito desagradável, começava a agir sobre o menino e a velha. Quebravam a vara de vime; cortavam o dedo. Uma grande raiva os dominava. Desejavam que Orlando deixasse a tenda e nunca mais se aproximasse deles. No entanto, reconheciam que ela era alegre e cordata; e que uma só de suas pérolas bastava para comprar o melhor rebanho de cabras de Brussa.

Aos poucos, Orlando começou a sentir que havia alguma diferença entre ela e os ciganos, o que, às vezes, a fazia hesitar em casar-se e estabelecer-se entre eles para sempre. A princípio, tentou responder a isso dizendo que vinha de uma raça antiga e civilizada, enquanto esses ciganos eram um povo ignorante, pouco melhor que os selvagens. Uma noite, quando a questionavam sobre a Inglaterra, não pôde deixar de descrever, com certo orgulho, a casa onde nascera, de como tinha 365 quartos e estava na posse de sua família há quatrocentos ou quinhentos anos. Seus antepassados eram condes, ou mesmo duques, acrescentou. Então, voltou a notar que os ciganos estavam constrangidos, mas não zangados como antes, quando elogiara a beleza da natureza. Agora eram corteses, mas preocupados, como ficam as pessoas de fina criação quando um estranho vem a revelar seu baixo nascimento ou sua pobreza. Rustum seguiu-a sozinho para fora da tenda, e disse-lhe que não precisava se preocupar que seu pai fosse

um duque e possuísse todos os quartos e móveis que ela havia descrito. Ninguém pensaria mal dela por isso. Ela foi tomada, então, por uma vergonha que nunca havia sentido antes. Estava claro que Rustum e os outros ciganos consideravam uma ascendência de quatrocentos ou quinhentos anos a mais humilde possível. Suas próprias famílias remontavam a dois ou três mil anos, pelo menos. Para os ciganos, cujos ancestrais haviam construído as pirâmides, séculos antes do nascimento de Cristo, a genealogia dos Howards e Plantagenetas não era melhor nem pior que a dos Smith e dos Jones: ambas eram desprezíveis. Além disso, se o pastorzinho tinha uma linhagem de tal antiguidade, não havia nada de especialmente memorável ou desejável em um nascimento antigo; vagabundos e pedintes compartilham a mesma coisa. E assim, embora ele fosse muito cortês para falar abertamente, estava claro que o cigano pensava que não era mais que uma ambição vulgar possuir quartos às centenas (estavam no alto de uma colina enquanto conversavam; era noite; as montanhas erguiam-se ao redor) quando a terra inteira é nossa. Do ponto de vista cigano, um duque, entendeu Orlando, não era nada mais que um aproveitador ou ladrão, que arrebatava terra e dinheiro de pessoas que davam pouco valor a essas coisas, e que não podia pensar em nada melhor a fazer que construir trezentos e sessenta e cinco quartos, quando um era o bastante, e nenhum, ainda melhor. Ela não pôde negar que seus antepassados haviam acumulado campo sobre campo; casa sobre casa; honraria sobre honraria; embora nenhum tenha sido santo, ou herói, ou grande benfeitor da humanidade. Nem podia contestar o argumento (Rustum era cavalheiro demais para pressioná-la, mas ela entendeu) de que qualquer pessoa que fizesse agora o que seus antepassados haviam feito trezentos ou quatrocentos anos atrás, seria denunciada – e por sua própria família, principalmente – como um arrivista vulgar, um aventureiro, um nouveau-riche.

Buscava responder a tais argumentos pelo método familiar, embora oblíquo, de considerar a vida dos ciganos em si rude e bárbara; e assim, em pouco tempo, muita animosidade crescera entre eles. Na verdade, tais diferenças de opinião eram suficientes para causar matança e revolução. Cidades têm sido saqueadas por menos, e um milhão de mártires têm preferido sofrer suplícios na estaca a ceder um milímetro em qualquer dos pontos aqui debatidos. Não existe paixão mais forte, no peito humano, que o desejo de fazer os outros acreditarem naquilo que se acredita. Nada corta tanto a nossa felicidade pela raiz, ou nos enche mais de raiva, do que o sentimento de que outro desvaloriza o que temos em alta conta. Whigs e tories^[9], liberais e trabalhistas – pelo que batalham, senão por seu próprio prestígio? Não é o amor à verdade, mas o desejo de predominar, que dispõe região contra região, e faz uma paróquia desejar a queda de outra paróquia. Cada qual busca paz de espírito e submissão, em lugar do triunfo da verdade e a exaltação da virtude – mas essas moralidades pertencem, e devem ser deixadas, ao historiador, já que são muito maçantes.

“Quatrocentos e setenta e seis quartos não significam nada para eles”, suspirava Orlando.

“Ela prefere um pôr do sol a um rebanho de cabras”, diziam os ciganos.

Orlando não conseguia pensar no que poderia fazer. Deixar os ciganos e tornar-se outra vez embaixador lhe parecia intolerável. Mas era igualmente impossível permanecer

para sempre onde não havia nem tinta nem papel para escrever, nem reverência pelos Talbots nem respeito por uma porção de quartos. Assim ela pensava, em uma bela manhã nas encostas do Monte Atos, ao cuidar de suas cabras. E então a natureza, em quem ela confiava, ou pregou-lhe uma peça ou operou um milagre – de novo, as opiniões diferem muito para que se possa dizer qual dos dois. Orlando estava contemplando, um tanto desconsolada, a encosta íngreme à sua frente. Era agora o meio do verão, e se tivéssemos que comparar a paisagem a alguma coisa, teria sido a um osso seco; a um esqueleto de carneiro; a um crânio gigantesco depenado por mil abutres. O calor era intenso, e a pequena figueira sob a qual Orlando descansava só servia para imprimir desenhos de folhas de figueira no seu leve albornoz.

De repente, uma sombra, embora não houvesse nada que pudesse lançar uma sombra, apareceu na encosta nua em frente. Depressa se aprofundou, e logo uma cavidade verde surgiu onde antes tinha sido pedra árida. Enquanto olhava, a cavidade tornou-se mais profunda e mais larga, e um grande espaço, como um parque, abriu-se no flanco da montanha. Dentro, ela podia ver um gramado ondulante e coberto de relva; podia ver carvalhos salpicados aqui e ali; podia ver tordos saltando por entre os ramos. Podia ver o cervo pisando delicadamente, de uma sombra para outra sombra, e até ouvir o zumbido dos insetos e os suaves suspiros e tremores de um dia de verão na Inglaterra. Depois de ter contemplado encantada por algum tempo, a neve começou a cair; logo a paisagem inteira estava coberta e marcada por matizes cor de violeta, em lugar da luz amarela do sol. Agora, via carretas pesadas chegando pelas estradas, carregadas de troncos de árvores que, ela sabia, estavam sendo levados para serem serrados como lenha; e então surgiram os telhados e campanários e torres e pátios de sua própria casa. A neve caía pesadamente, e ela podia agora ouvir o ruído que faz ao deslizar pelo telhado e cair no chão. Subia fumaça de mil chaminés. Tudo era tão claro e preciso, que ela podia ver uma gralha catando minhocas na neve. Então, aos poucos, os matizes violeta escureceram e fecharam-se sobre as carretas e os gramados e a própria mansão. Tudo foi consumido. Nada restava agora da cavidade relvada, e em vez de gramados verdes havia só a encosta fulgurante que mil abutres pareciam ter posto a nu. Diante disso, Orlando rompeu em lágrimas, e, voltando a passos largos para o acampamento dos ciganos, disse-lhes que tinha que pegar um navio para a Inglaterra ainda no dia seguinte.

Foi bom para ela que tivesse feito isso. Já os jovens haviam tramado a sua morte. A honra, diziam, assim o exigia, pois ela não pensava como eles. Mas teriam tido pena de cortar sua garganta, e receberam bem a notícia da sua partida. Um navio mercante inglês, quis a sorte, estava de velas prontas no porto para voltar à Inglaterra; e Orlando, arrancando outra pérola do seu colar, não apenas pagou a passagem mas ainda ficou com algumas notas na carteira. Essas, ela teria gostado de oferecer aos ciganos. Mas sabia que eles desprezavam a riqueza; e teve que contentar-se com abraços, que da sua parte eram sinceros.

Com alguns dos guinéus que lhe restaram da venda da décima pérola do seu colar, Orlando comprou um enxoval completo, do tipo que as mulheres usavam então, e foi vestida como uma jovem inglesa de alta posição que se acomodou no convés do "Enamoured Lady." É um fato estranho, mas verdadeiro, que até esse momento ela mal tinha dedicado um único pensamento ao seu sexo. Talvez as calças turcas que tinha usado até ali tivessem contribuído para distrair seus pensamentos; e as mulheres ciganas, exceto em uma ou duas particularidades importantes, muito pouco diferiam dos homens ciganos. De qualquer modo, foi só quando sentiu as saias enrolando-se em suas pernas, e quando o capitão, com a maior cortesia, ofereceu-se para mandar instalar um toldo para ela no convés, que Orlando percebeu, com um sobressalto, as penas e os privilégios de sua posição. Mas esse sobressalto não era do tipo que seria de se esperar.

Quer dizer, não era causado única e simplesmente pela ideia de sua castidade e de como poderia preservá-la. Em circunstâncias normais, uma jovem adorável e sozinha não teria pensado em outra coisa; o edifício inteiro do controle feminino baseia-se nessa pedra fundamental; a castidade é a sua joia, seu ornamento principal, que elas enlouquecem para proteger, e morrem se lhes é arrebatada. Mas, quando se foi homem por aproximadamente trinta anos, e ainda mais um embaixador; quando se segurou uma rainha em pessoa nos braços, e uma ou duas outras damas, se os relatos são verdadeiros, de posição menos elevada; quando se foi casado com uma Rosina Pepita, e assim por diante, talvez não se fique tão sobressaltado com isso. O sobressalto de Orlando era de um tipo muito complicado, e não pode ser resumido em um instante. Ninguém, de fato, jamais a acusou de ser uma dessas mentes rápidas, que terminam as coisas em um minuto. Tomou-lhe a viagem inteira meditar sobre o sentido do seu sobressalto, e assim, no seu próprio ritmo, a seguiremos.

"Meu Deus", pensou, quando se recobrou do sobressalto, estendendo-se debaixo do seu toldo, "este é um modo de vida muito agradável e indolente, com certeza. Mas", pensou, dando um pontapé, "estas saias são coisas incômodas para se usar sobre os calcanhares. Embora o tecido (brocado florido) seja o mais adorável do mundo. Nunca vi minha pele (e aqui pôs a mão sobre o joelho) tão favorecida como agora. No entanto, eu poderia saltar no mar e nadar com esse tipo de roupa? Não! Teria que confiar na proteção de um marinheiro. Tenho alguma objeção a isso? Tenho?" perguntou-se, encontrando o primeiro nó na lisa meada do seu argumento.

A hora do jantar chegou antes que ela o tivesse desatado, e foi o próprio capitão – capitão Nicholas Benedict Bartolus, um capitão de marinha de aspecto distinto – quem o desatou por ela, ao servir-lhe uma fatia de carne em conserva.

"Um pouco da gordura, senhora?" perguntou. "Permita-me cortar-lhe só uma fatia bem fininha, do tamanho de sua unha." A essas palavras, um tremor delicioso percorreu-lhe o corpo. Pássaros cantaram; torrentes precipitaram-se. Recordou o sentimento de prazer indescritível que tivera ao ver Sasha pela primeira vez, centenas de anos atrás. Na ocasião, perseguira; agora, escapava. Qual é o êxtase maior? O do homem ou o da mulher? E não serão talvez o mesmo? Não, pensava ela, este é o mais delicioso

(agradecendo ao capitão, mas recusando), recusar e vê-lo franzir o cenho. Bem, se ele insistia, ela aceitaria um pedacinho bem pequenino, o menor possível. Isto era o mais delicioso de tudo, ceder e vê-lo sorrir. "Pois nada", pensava, voltando ao seu divã no convés e prosseguindo com o raciocínio, "é mais divino que resistir e ceder; ceder e resistir. Certamente, nenhuma outra coisa lança o espírito em tal êxtase. De modo que não tenho certeza", continuava, "de que não vou lançar-me ao mar, afinal, só pelo prazer de ser salva por um marinheiro."

(É preciso lembrar que ela era como uma criança que toma posse de um jardim de recreio ou de um armário de brinquedos; seus argumentos não seriam aceitáveis para mulheres maduras, que se ocuparam com isso durante toda a sua vida.)

"Mas de que chamaríamos nós, os jovens companheiros na cabine do 'Marie Rose', uma mulher que se lançasse ao mar pelo prazer de ser salva por um marinheiro?" perguntava. "Tínhamos um nome para isso... Ah! Já sei..." (Mas devemos omitir essa palavra, por ser desrespeitosa ao extremo, e imprópria aos lábios de uma dama.) "Meu Deus! Meu Deus!" exclamou de novo, ao concluir seus pensamentos, "devo então começar a respeitar a opinião do outro sexo, embora a considere monstruosa? Se eu uso saias, se não posso nadar, se tenho que ser salva por um marinheiro, meu Deus!" exclamou, "devo fazê-lo!" A isso, uma tristeza apossou-se dela. Sincera por natureza e avessa a qualquer tipo de dissimulação, contar mentiras a aborrecia. Parecia-lhe um modo artiloso de agir. Mas, refletiu, se o brocado florido, ou o prazer de ser salva por um marinheiro, só podiam ser obtidos por meio de artifícios, vamos aos artifícios, então. Lembrou-se de como, quando era rapaz, havia insistido em que as mulheres devem ser obedientes, castas, perfumadas, e primorosamente vestidas. "Agora, terei que pagar por esses desejos com minha própria pessoa", refletia; "pois as mulheres não são (a julgar por minha própria e breve experiência do sexo) obedientes, castas, perfumadas e primorosamente vestidas por natureza. Só podem conquistar essas graças – sem as quais não podem desfrutar nenhuma das delícias da vida – através da mais tediosa disciplina. Há o penteado", pensou, "que sozinho me tomará uma hora, todas as manhãs; olhar-se no espelho, outra hora; há as fitas do espartilho para atar; o banho; passar pó de arroz; mudar da seda para a renda e da renda para o brocado; há que manter-se casta, entra ano sai ano..." Aqui, sacudiu o pé com impaciência, mostrando uma ou duas polegadas da perna. Um marinheiro trepado no mastro, que por acaso olhou para baixo nesse momento, balançou de modo tão violento que perdeu o equilíbrio, e só se salvou por um triz. "Se a visão dos meus tornozelos significa a morte para um sujeito honesto, que sem dúvida tem uma esposa e filhos para sustentar, devo, por humanidade, mantê-los cobertos", pensou Orlando. Ainda que suas pernas fossem um dos seus principais encantos. E começou a pensar na situação estranha a que se chegou, quando toda beleza de uma mulher tem que ser mantida coberta, para que um marinheiro não caia do mastro principal. "Que se danem!" disse, percebendo pela primeira vez o que, em outras circunstâncias, teriam lhe ensinado desde criança, isto é, as sagradas responsabilidades de ser mulher.

"E essa é a última praga que jamais poderei rogar", pensou; "uma vez que ponha os pés em solo inglês. E nunca mais poderei quebrar a cabeça de um homem, ou dizer-

lhe na cara que está mentindo, ou puxar minha espada e atravessar-lhe o corpo, ou sentar entre os meus pares, ou usar uma coroa, ou caminhar em uma procissão, ou condenar um homem à morte, ou comandar um exército, ou andar por Whitehall pavoneando-me em um corcel, ou usar setenta e duas medalhas diferentes no peito. Tudo o que posso fazer, uma vez que ponha os pés em solo inglês, é servir chá e perguntar a meus senhores como o preferem. Com açúcar? Com creme?" E, escandindo as palavras, ficou horrorizada ao perceber a baixa opinião que estava formando sobre o outro sexo, o masculino, ao qual uma vez havia sentido orgulho de pertencer. "Cair de um mastro", pensava, "só por ter visto os tornozelos de uma mulher; vestir-se como um Guy Fawkes e desfilas pelas ruas para que as mulheres o admirem; negar instrução a uma mulher para que ela não o ridicularize; ser escravo da mais insignificante sirigaita de saias; e ainda assim andar por aí como se fosse o rei da criação... Céus!" pensava, "como nos fazem de tolas – como somos tolas!" E aqui pareceria, por certa ambiguidade nos seus termos, que estivesse censurando ambos os sexos igualmente, como se não pertencesse a nenhum; e, de fato, para o momento, parecia vacilar; era homem; era mulher; conhecia os segredos, compartilhava as fraquezas de cada um. Era um estado de espírito muito confuso e desconcertante. Os consolos da ignorância pareciam-lhe inteiramente negados. Era uma pluma ao vento. Assim, não é de se espantar que colocasse um sexo contra o outro, e achasse cada um, alternadamente, cheio das fraquezas mais deploráveis, e não soubesse, ao certo, a qual pertencia – não é de admirar que estivesse a ponto de gritar que voltaria à Turquia e se tornaria cigana outra vez, quando a âncora caiu com grande estrondo dentro do mar; as velas baixaram no convés, e ela percebeu (tão perdida estava em pensamentos que não vira nada, durante vários dias) que o navio havia ancorado ao largo da costa da Itália. O capitão imediatamente pediu-lhe a honra de sua companhia, para descer à praia com ele em sua lancha.

Quando retornou, na manhã seguinte, estendeu-se em seu divã sob o toldo e ajeitou, com o maior decoro, os drapeados do vestido sobre os tornozelos.

"Ignorantes e pobres como somos, comparadas com o outro sexo", pensava, continuando a sentença que deixara inacabada no outro dia, "armados até os dentes, como estão, impedindo-nos de conhecer até o alfabeto" (e por essas palavras francas, fica claro que alguma coisa tinha acontecido durante a noite para incliná-la na direção do sexo feminino, pois estava falando mais como uma mulher do que como um homem, e com uma espécie de satisfação, afinal), "ainda assim eles caem dos mastros." Aqui, deu um grande bocejo e adormeceu. Quando despertou, o navio velejava a uma brisa leve, tão próximo da costa que as cidades na beira dos penhascos pareciam impedidas de cair na água apenas pela interposição de alguma grande rocha, ou das raízes retorcidas de alguma antiga oliveira. O odor das laranjeiras, vindo de um milhão de árvores carregadas de frutos, alcançou-a no convés. Um cardume de golfinhos azuis, abanando a cauda, pulava alto no ar de vez em quando. Estendendo os braços (ela já havia aprendido que os braços não tinham um efeito tão fatal quanto as pernas), agradeceu aos céus por não estar andando por Whitehall pavoneando-se em um corcel, ou mesmo estar condenando algum homem à morte. "É melhor", pensou, "estar vestida de pobreza e ignorância, que

são as obscuras vestimentas do sexo feminino; melhor deixar o governo e a disciplina do mundo para outros; melhor abandonar a ambição marcial, o amor ao poder, e todos os outros desejos varonis, de modo que se possa desfrutar em toda a plenitude dos mais arrebatadores êxtases do espírito humano, que são”, disse em voz alta, como era seu costume, quando estava profundamente emocionada, “contemplação, solidão, amor.”

“Graças a Deus sou uma mulher!” exclamou, e estava a ponto de cair na extrema loucura – nada é mais angustiante, seja em uma mulher ou em um homem – de sentir-se orgulhosa do próprio sexo, quando se deteve diante da singular palavra que, apesar dos nossos esforços para colocá-la em seu lugar, insinuou-se ao término da última sentença: amor. “Amor”, disse Orlando. Imediatamente – tal é a sua impetuosidade – o amor tomou forma humana – tal é o seu orgulho. Pois, onde outros pensamentos se contentam em permanecer abstratos, este não se satisfará até vestir-se de carne e sangue, mantilha e anáguas, calções e jaqueta. E como todos os amores de Orlando tinham sido mulheres, agora, devido à culpável lentidão do corpo humano em adaptar-se à convenção, embora ela mesma fosse mulher, era ainda uma mulher que ela amava; e se a consciência de ser do mesmo sexo chegasse a ter algum efeito, era o de exacerbar e aprofundar os sentimentos que ela tivera como homem. Pois agora tornavam-se claros mil insinuações e mistérios que até então lhe pareciam obscuros. Agora, a obscuridade que divide os sexos e deixa flutuar incontáveis impurezas em sua sombra, fora removida; e se existe algo no que o poeta diz sobre a verdade e a beleza, esta afeição ganhava em beleza o que perdia em falsidade. Finalmente, ela exclamou, conhecia Sasha tal como era, e, no ardor desta descoberta, e no enalço de todos esses tesouros que agora lhe eram revelados, estava tão extasiada e encantada que foi como se uma bala de canhão tivesse explodido em seus ouvidos, quando uma voz de homem lhe disse, “Permita-me, senhora”, a mão de um homem ajudou-a a levantar-se, e os dedos de um homem, com um veleiro de três mastros tatuado no dedo médio, apontaram para o horizonte.

“As falésias da Inglaterra, senhora”, disse o capitão, e ergueu em saudação a mão que havia apontado para o céu. Orlando teve então um segundo sobressalto, ainda mais violento que o primeiro.

“Jesus Cristo!” exclamou.

Felizmente, a visão de sua terra natal, depois de longa ausência, desculpava o sobressalto e a exclamação, ou ela teria dificuldade para explicar ao capitão Bartolus as emoções furiosas e contraditórias que agora ferviam dentro dela. Como contar-lhe que aquela que agora estremecia ao seu braço tinha sido um duque e um embaixador? Como explicar-lhe que aquela, envolta como um lírio em pregas de brocado, tinha cortado cabeças, e se deitado com mulheres perdidas entre sacos de tesouros nos porões de navios piratas, em noites de verão, quando as tulipas florescem e as abelhas zumbem em Wapping Old Stairs? Não podia explicar nem a si mesma o sobressalto gigantesco que tivera, quando a mão resoluta do capitão de marinha lhe indicara as falésias das ilhas britânicas.

“Recusar e ceder”, murmurava, “como é delicioso; perseguir e conquistar, como é nobre; compreender e raciocinar, como é sublime.” Nenhuma dessas palavras, assim emparelhadas, parecia-lhe errada; não obstante, à medida que as falésias calcárias se

tornavam mais próximas, sentiu-se culpada; desonrada; impura, o que era estranho, para alguém que nunca se preocupara com o assunto. Aproximaram-se cada vez mais, até que os apanhadores de funcho-marítimo, pendurados a meia altura nos penhascos, ficaram visíveis a olho nu. E ao observá-los, sentiu correr para cima e para baixo dentro de si, como um fantasma ridículo que a qualquer momento recolheria suas saias e desapareceria, Sasha, a perda, Sasha a lembrança, cuja realidade acabara de experimentar de modo tão surpreendente. Sasha, esfregando e ceifando, e fazendo todos os tipos de gestos desrespeitosos na direção dos penhascos e dos apanhadores de funcho-marítimo; e quando os marinheiros começaram a cantar, “Então, adeus e até mais ver, damas de Espanha”, as palavras ecoaram no coração triste de Orlando, e ela sentiu que, embora o desembarque significasse conforto, significasse opulência, significasse influência e posição (pois sem dúvida arranjaria algum nobre príncipe e reinaria, como sua consorte, sobre metade do Yorkshire), ainda assim, se significasse convencionalismo, significasse escravidão, significasse fraude, significasse renegar seu amor, acorrentar seus membros, cerrar seus lábios e conter sua língua, então preferia voltar com o navio, e levantar vela outra vez rumo aos ciganos.

Em meio à vertigem desses pensamentos, porém, alguma coisa se erguia agora, como uma cúpula de liso, branco mármore, alguma coisa que, fosse verdadeira ou imaginária, impressionava tanto sua imaginação febril que fixou-se nela como alguém que vê um enxame de libélulas vibrantes pousar, com aparente satisfação, sobre a cúpula de vidro que protege uma delicada planta. Sua forma, pelo acaso da fantasia, recordava-lhe aquela lembrança antiga e persistente – o homem de testa grande na sala de Twitchett, o homem sentado escrevendo, ou antes olhando, mas não para ela, certamente, pois nunca parecera tê-la visto parada ali, em toda sua elegância, como o rapaz adorável que devia ter sido, não podia negar – e sempre que pensava nele, o pensamento parecia espalhar-se em círculos, como a lua que surge sobre águas turbulentas, um lençol de calma prata. Agora, sua mão foi para o peito (a outra, ainda era segura pelo capitão), onde as páginas do seu poema estavam guardadas em segurança. Podia ser um talismã, o que mantinha ali. A distração do sexo que era o seu, e o que isso significava, acalmou-se; pensava agora apenas na glória da poesia, e os grandes versos de Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson, Milton começaram a retumbar e a reverberar, como se um badalo de ouro batesse em um sino de ouro, na torre de catedral que era a sua mente. A verdade é que a imagem da cúpula de mármore, que seus olhos haviam descoberto primeiro de modo tão tênue que lhe sugerira a testa de um poeta, despertando assim uma multidão de ideias irrelevantes, não era ficção, mas realidade; e, enquanto o navio descia pelo Tâmisia impulsionado por um vento favorável, a imagem, com todas as suas associações, deu lugar à realidade, e revelou-se como nada mais nada menos que a cúpula de uma vasta catedral, erguendo-se por entre uma grega de pináculos brancos.

“A Catedral de Saint Paul”, disse o capitão Bartolus, que continuava a seu lado. “A Torre de Londres”, prosseguiu. “O Hospital de Greenwich, erguido em memória da Rainha Mary pelo seu marido, sua falecida majestade, William III. A abadia de Westminster. O Parlamento.” À medida que ele falava, cada um desses famosos edifícios surgia à vista.

Era uma linda manhã de setembro. Uma miríade de pequenas embarcações navegava de uma margem para outra. Raramente um espetáculo mais alegre, ou mais interessante, apresentou-se diante de um viajante de regresso. Orlando debruçava-se na proa, absorta e encantada. Seus olhos tinham se acostumado por muito tempo aos selvagens e à natureza, para não se encantarem com essas glórias urbanas. Aquela, então, era a cúpula de St. Paul, que Mr. Wren havia construído durante a sua ausência. Próximo, uma massa de cabelos dourados brotava de um pilar; o capitão Bartolus estava a seu lado para informá-la de que aquele era o Monumento; que tinha havido um surto de peste e um incêndio durante a sua ausência, disse. Embora fizesse de tudo para contê-las, subiram lágrimas aos seus olhos, até que, lembrando-se de que o choro é apropriado em uma mulher, deixou-as correr. Aqui, pensou, tinha sido o grande carnaval. Aqui, onde as ondas batem vivamente, tinha estado o pavilhão real. Aqui, ela tinha conhecido Sasha. Por aqui (olhou para as águas cintilantes abaixo) costumava-se vir olhar a mulher congelada no barco, com as maçãs no colo. Todo esse esplendor e essa corrupção haviam passado. Também haviam passado a noite escura, o aguaceiro monstruoso, as violentas ondas da inundação. Aqui, onde blocos de gelo amarelos tinham corrido em círculos, com uma tripulação de infelizes aterrorizados em cima, boiava um bando de cisnes, orgulhosos, ondulantes, soberbos. A própria Londres tinha mudado completamente, desde que ela a vira pela última vez. Então, lembrava-se, era um amontoado de pequenas casas, negras e carrancudas. As cabeças dos rebeldes arreganhavam os dentes nas estacas em Temple Bar. As calçadas pavimentadas recendiam a lixo e excrementos. Agora, enquanto o navio passava por Wapping, via de relance ruas largas e ordenadas. Carruagens imponentes, puxadas por parelhas de cavalos bem nutridos, paravam à porta de casas que, com suas janelas de sacada, seus vidros espelhados, suas aldravas polidas, davam testemunho da riqueza e modesta dignidade dos seus ocupantes. Senhoras vestidas de seda floreada (ela levava aos olhos o binóculo do capitão) caminhavam por calçadas elevadas. Cidadãos de casacas bordadas cheiravam rapé nas esquinas das ruas, debaixo dos postes de iluminação. Avistou uma variedade de placas pintadas balançando-se à brisa, e pôde ter uma rápida noção do que estava pintado nelas sobre tabaco, panos, seda, ouro, pratarias, luvas, perfumes e mil outros artigos que eram vendidos lá dentro. E enquanto o navio se dirigia ao seu ancoradouro na ponte de Londres, não pôde fazer mais que olhar pelas janelas dos cafés, em cujas sacadas, graças ao bom tempo, sentava-se confortavelmente um bom número de cidadãos decentes, com taças de porcelana diante de si, e cachimbos de barro ao lado, enquanto algum deles lia um jornal, e era interrompido a todo momento pela risada ou os comentários dos outros. Aquelas seriam tavernas? Aqueles seriam os homens de saber? Seriam aqueles os poetas? perguntou ela ao capitão Bartolus, que amavelmente informou-a que naquele mesmo momento – se ela virasse a cabeça um pouco para a esquerda, e olhasse na direção do seu indicador – assim – estavam passando pelo Cocoa Tree, onde – sim, lá estava ele – podia-se ver Mr. Addison tomando seu café; os outros dois cavalheiros – “lá, senhora, um pouco à direita do poste de iluminação, um deles corcunda, o outro como a senhora ou eu” – eram Mr. Dryden e Mr. Pope.” “Pobres sujeitos”, disse o capitão, querendo dizer que eram papistas, “mas homens de talento,

nada menos”, acrescentou, correndo para a popa para supervisionar os procedimentos de desembarque. (O capitão deve ter se enganado, como se pode verificar consultando qualquer manual de literatura; mas seu engano era bem-intencionado, e por isso o manteremos.)

“Addison, Dryden, Pope”, repetia Orlando, como se fossem as palavras de um feitiço. Por um momento, viu as altas montanhas acima de Brussa, no momento seguinte, já tinha posto o pé na costa de sua terra natal.

***

Mas agora, Orlando teria que aprender o quanto valia pouco o mais tempestuoso tumulto de excitação diante da face férrea da lei; face esta mais dura que as pedras da ponte de Londres, e mais severa que a boca de um canhão. Nem bem tinha voltado à sua casa em Blackfriars, foi notificada, por uma série de mensageiros de Bow Street e outros graves emissários das cortes de justiça, de que era parte em três processos principais, movidos contra ela durante a sua ausência, assim como em inumeráveis litígios secundários, alguns decorrentes e outros dependentes destes. As principais acusações contra ela eram: (1) que estava morta, e portanto não podia manter nenhuma propriedade; (2) que era mulher, o que vinha a dar no mesmo; (3) que era um duque inglês, que havia desposado uma Rosina Pepita, dançarina, e tivera com ela três filhos, filhos esses que agora declaravam que seu pai morrera, e reivindicavam todas as suas propriedades por direito de sucessão. Acusações tão sérias como estas custam, é claro, tempo e dinheiro. Todas as suas propriedades foram embargadas pela Corte de Justiça, e seus títulos foram suspensos, enquanto os processos estivessem em fase de litígio. Assim, foi em uma condição extremamente ambígua, sem saber ao certo se estava viva ou morta, se era homem ou mulher, duque ou coisa nenhuma, que ela viajou para sua casa no campo, onde, aguardando a decisão legal, tinha permissão da lei para residir como incógnito ou incógnita, conforme se resolvesse o caso.

Era um lindo entardecer de dezembro, quando chegou, e a neve caía e as sombras violáceas se inclinavam, bem como ela tinha visto do alto da colina em Brussa. A grande casa se estendia na neve mais como uma cidade do que como uma casa, castanha e azul, rosa e púrpura, com todas as suas chaminés fumegando ativamente, como se tivessem vida própria. Não pôde conter um grito quando a viu ali, tranquila e maciça, estendida entre os prados. Quando o coche amarelo entrou no parque, rodando ao longo do passeio por entre as árvores, os veados levantaram a cabeça em expectativa, e observou-se que, em vez de demonstrar a timidez natural ao seu gênero, seguiram o coche e ficaram pelo pátio quando ele se aproximou. Alguns sacudiram os chifres, outros patearam o chão, quando o estribo foi abaixado e Orlando desceu. Dizem que um, na verdade, ajoelhou-se na neve diante dela. Orlando não teve tempo sequer de colocar a mão na aldrava, antes que ambas as folhas da grande porta se abrissem de par em par, e ali, com luzes e tochas erguidas sobre a cabeça, estavam Mrs. Grimsditch, Mr. Dupper e um séquito inteiro de criados para cumprimentá-la. Mas a ordeira procissão foi interrompida primeiro pela impetuosidade de Canute, o cão de caça, que se lançou com tal ardor sobre sua dona que quase a derrubou no chão; depois, pela agitação de Mrs.

Grimsditch que, ao fazer uma reverência, foi tomada pela emoção, e não podia senão gaguejar “Milord! Milady! Milady! Milord!”, até que Orlando confortou-a com um amável beijo em cada face. Depois disso, Mr. Dupper começou a ler um pergaminho, mas com os cães latindo, os caçadores soprando suas trompas, e os veados, que na confusão tinham entrado no pátio e ladravam para a lua, não se fez muito progresso, e o grupo se dispersou depois de se aglomerar em volta de sua patroa, testemunhando de todos os modos a grande alegria que sentiam pelo seu retorno.

Ninguém demonstrou a menor suspeita de que Orlando não fosse o Orlando que haviam conhecido. Se alguma dúvida houvesse na mente humana, a atitude dos veados e dos cães teria bastado para dissipá-la, pois as criaturas irracionais, como se sabe, são juízes muito melhores do que nós, tanto do caráter quanto da identidade de alguém. Além disso, disse Mrs. Grimsditch para Mr. Dupper naquela noite, diante de sua xícara de chá de porcelana, se Sua Senhoria agora era uma dama, ela nunca vira nenhuma mais adorável, nem valia um tostão escolher entre ambos; um era tão belo quanto a outra; eram tão parecidos como dois pêssegos em um mesmo ramo; e quanto a isso, disse Mrs. Grimsditch, em um tom confidencial, sempre tivera as suas suspeitas (aqui, balançou a cabeça de modo muito misterioso), e não lhe causava nenhuma surpresa (aqui, balançou a cabeça de modo muito astucioso), e, da sua parte, era um grande alívio; pois, com as toalhas precisando de remendo, e as cortinas da sala do capelão com as franjas roídas pelas traças, já estava na hora de terem uma senhora na casa.

“E alguns pequenos senhores e senhoras para sucedê-la”, acrescentou Mr. Dupper, que tinha o privilégio, em virtude do seu santo ofício, de expressar o que pensava em assuntos tão delicados como esse.

Assim, enquanto os velhos criados tagarelavam na sala da criadagem, Orlando pegou um castiçal de prata e vagou mais uma vez pelos salões, pelas galerias, pelos pátios, pelos dormitórios; viu aproximar-se de si outra vez o rosto sombrio deste lorde chanceler, daquele camareiro-mor, entre seus antepassados; sentou-se nesta cadeira cerimonial, reclinou-se naquele baldaquino delicioso; observou a tapeçaria de arrás, e como balançava; contemplou os caçadores montando e Daphne fugindo; banhou a mão, como adorava fazer quando criança, na poça de luz amarela que o luar formava ao atravessar o leopardo heráldico na janela; deslizou ao longo das pranchas polidas da galeria, que do outro lado eram de madeira áspera; tocou esta seda, aquele cetim; imaginou os golfinhos esculpidos nadando; escovou seu cabelo com a escova de prata do rei James; enterrou o rosto no pot-pourri, confeccionado como lhes ensinara o Conquistador, muitos séculos atrás, e com as mesmas rosas; olhou para o jardim e imaginou os açafões adormecidos, as dalias dormentes; viu as delicadas ninfas luzindo brancas na neve, e as grandes cercas vivas de teixos, grossas como casas, negras, por trás delas; viu as estufas e as nespereiras gigantes – tudo isso ela viu, e cada vista e cada som, mesmo do modo rude com que os descrevemos, enchia-lhe o coração de tal volúpia, de tal bálsamo de alegria que, afinal, cansada, entrou na capela e afundou na velha poltrona vermelha na qual seus ancestrais costumavam ouvir o ofício religioso. Então, acendeu um charuto (era um hábito que havia trazido do oriente) e abriu o livro de orações.

Era um livrinho encadernado em veludo, costurado com fio de ouro, que Mary, rainha da Escócia, havia segurado no cadafalso, e os olhos crentes podiam discernir uma mancha castanha, que diziam ter sido feita por uma gota do sangue real. Mas quem ousa dizer os pensamentos piedosos que isso despertou em Orlando, que paixões más adormeceu, visto que, de todas as comunhões, a comunhão com a deidade é a mais inescrutável? O romancista, o poeta, o historiador, todos hesitam com a mão nessa porta; nem o próprio crente nos ilumina, pois acaso estará ele mais preparado para morrer que os outros homens, ou mais ansioso para distribuir seus bens? Não mantem tantos empregados e parelhas de cavalos como o resto? E com tudo isso, ainda mantem uma fé que diz que os bens são vaidades e a morte desejável. No livro de orações da rainha, junto com a mancha de sangue, havia também um cacho de cabelos e uma migalha de bolo; Orlando agora acrescentava a essas lembranças uma lasca de tabaco, e assim, lendo e fumando, foi movida pela humana confusão de todos eles – o cabelo, a migalha, a mancha de sangue, o tabaco – a um tal humor contemplativo que lhe deu um ar reverente, apropriado às circunstâncias, embora ela não tivesse, segundo se dizia, nenhuma transação com o Deus habitual. Nada, porém, pode ser mais arrogante, embora nada seja mais comum, do que assumir que de deuses só existe um, e de religiões nenhuma senão a do interlocutor. Orlando, ao que parece, tinha sua própria fé. Com todo o ardor religioso do mundo, ela agora refletia sobre seus pecados e as imperfeições que avançavam lentamente pelo seu estado de espírito. A letra "s", refletia, é a serpente no Éden do poeta. Não importa o que fizesse, ainda havia muitos desses répteis pecaminosos nas primeiras estrofes de "O Carvalho." Mas o "s" não era nada, em sua opinião, comparado à terminação "ando." O participio presente é o próprio demônio, pensava, já que estamos no lugar para acreditar em demônios. Esquivar-se de tais tentações é o primeiro dever do poeta, concluía, pois, como o ouvido é a antecâmara da alma, a poesia pode corromper e destruir com mais segurança do que a luxúria ou a pólvora. O ofício do poeta, portanto, é o mais elevado de todos, continuava. Suas palavras alcançam onde outros não atingem. Uma tola canção de Shakespeare tem feito mais pelos pobres e pelos maus que todos os pregadores e filantropos do mundo. Portanto, nenhum tempo ou dedicação podem ser grandes demais, se tornam o veículo da nossa mensagem menos distorcido. Devemos moldar nossas palavras até que se tornem o mais fino envoltório dos nossos pensamentos. Os pensamentos são divinos, etc. Assim, é óbvio que ela estava de volta aos limites da sua própria religião, que o tempo só tinha fortalecido na sua ausência, e estava rapidamente adquirindo a intolerância da convicção.

"Estou crescendo", pensou, pegando, por fim, o castiçal. "Estou perdendo algumas ilusões", disse, fechando o livro da rainha Mary, "talvez para adquirir outras", e desceu por entre as tumbas onde jaziam os ossos de seus antepassados.

Mas até os ossos de seus ancestrais, Sir Miles, Sir Gervase, e o resto, tinham perdido algo de sua santidade desde que Rustum el-Sadi acenara com a mão, naquela noite, nas montanhas da Ásia. De algum modo, encheu-a de remorso o fato de que há apenas trezentos ou quatrocentos anos esses esqueletos tivessem sido homens, ainda por abrir seu caminho no mundo como qualquer novo-rico de hoje, e que o tinham feito

adquirindo casas e cargos, jarreteiras e comendas, como qualquer outro novo-rico, enquanto poetas, talvez, e homens de grande talento e educação tinham preferido a quietude do campo, cuja escolha pagavam com a pena de uma pobreza extrema, e agora apregoavam cartazes na Strand, ou pastoreavam ovelhas nos campos. Pensou nas pirâmides do Egito, e nos ossos que jazem debaixo delas, enquanto permanecia na cripta; e as vastas e desertas colinas que se elevam acima do mar de Mármara pareceram, no momento, uma habitação mais bela que esta mansão de muitos quartos, na qual não faltava a nenhuma cama a sua colcha, nem a nenhuma travessa de prata a sua tampa de prata.

“Estou crescendo”, pensou, pegando a sua vela. “Estou perdendo as minhas ilusões, talvez para adquirir outras novas”, e foi descendo pela longa galeria, em direção ao seu quarto. Era um processo desagradável e incômodo. Mas era interessante, assombroso, pensou, estendendo as pernas para o fogo de lenha (pois não havia nenhum marinheiro presente), e ela reviu, como se fosse uma avenida de grandes edifícios, o progresso do seu próprio ser ao longo do seu próprio passado.

Como tinha amado os sons quando era um rapaz, e como achara que a torrente de sílabas tumultuosas saindo dos lábios fosse a mais bela poesia. Então – era o efeito de Sasha e da sua desilusão, talvez – alguma gota negra caíra neste seu grande frenesi, e transformara sua rapsódia em lentidão. Lentamente, havia se aberto dentro dela alguma coisa intrincada e de muitos compartimentos, que se precisa explorar com uma tocha, em prosa, não em verso; e lembrou-se de como estudara com paixão aquele doutor Browne, de Norwich, cujo livro estava ali à mão. Ela tinha criado aqui, em solidão, depois do seu caso com Greene – ou tentara criar, pois Deus sabe que esse tipo de criação demora uma eternidade – um espírito capaz de resistência. “Escreverei”, dissera, “aquilo que me der prazer escrever”; e assim tinha rabiscado vinte e seis volumes. Mesmo assim, apesar de todas as suas viagens e aventuras, e pensamentos profundos e reviravoltas para um lado e outro, ela estava apenas em processo de construção. O que o futuro podia trazer, só Deus sabia. A mudança era incessante, e talvez a mudança nunca terminasse. Altas ameias de pensamento, hábitos que tinham parecido duráveis como pedra, caíam como sombras ao toque de outra mente, deixando um céu desnudo com novas estrelas brilhando. Aqui, foi até a janela, e apesar do frio não pôde deixar de abri-la. Inclinou-se para o úmido ar da noite. Ouviu uma raposa ladrar nos bosques, e o rumor de um faisão rastejando pelos ramos. Ouviu a neve escorregar e cair do telhado para o chão. “Por minha vida”, exclamou, “isto é mil vezes melhor que a Turquia. Rustum”, exclamou, como se estivesse discutindo com o cigano (e, com este novo poder de manter em mente um argumento e sustentá-lo contra alguém que não estava lá para contradizê-la, mostrava de novo o desenvolvimento de sua alma), “você estava errado. Isto é melhor que a Turquia. Cabelo, migalha, tabaco – de quantas miudezas somos compostos”, disse (pensando no livro de orações da rainha Mary). “Que fantasmagoria é a mente, e que ponto de encontro de coisas dessemelhantes! Num momento, lamentamos nosso nascimento e posição e aspiramos a uma exaltação ascética; no momento seguinte, somos dominados pelo odor de alguma velha aleia de jardim e choramos por ouvir o canto dos tordos.” E assim, desnorçada como sempre pela infinitude de coisas que

exigem explicação e imprimem sua mensagem sem deixar qualquer indício do seu significado, jogou o charuto pela janela e foi para a cama.

Na manhã seguinte, prosseguindo com esses pensamentos, pegou pena e papel e recomeçou "O Carvalho", pois ter tinta e papel em abundância, quando se teve que recorrer a cerejas e margens, é uma delícia inconcebível. Assim estava ela, ora riscando uma frase, nas profundezas do desespero, ora escrevendo outra, nas alturas do êxtase, quando uma sombra escureceu a página. Escondeu apressadamente o manuscrito.

Como sua janela dava para o mais central dos pátios, como tinha dado ordens de que não queria ver ninguém, como não conhecia ninguém e ela mesma era legalmente desconhecida, ficou, a princípio, surpresa com a sombra, depois indignada, depois (quando olhou para cima e viu quem a causara) dominada pela alegria. Pois era uma sombra familiar, uma sombra grotesca, a sombra de ninguém menos que a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom no território romeno. Estava atravessando o pátio como antes, em seu velho traje negro de montaria e sua capa. Nem um cabelo de sua cabeça havia mudado. Esta, então, era a mulher que a tinha caçado desde a Inglaterra! Este era o ninho daquele abutre obscuro – e ela era a própria ave fatal! Ao pensar que havia fugido até a Turquia para evitar seus encantos (agora excessivamente insossos), Orlando riu em voz alta. Havia algo indizivelmente cômico em seu aspecto. Parecia-se mais do que nunca, como Orlando pensara antes, com uma lebre monstruosa. Tinha os olhos fixos, as bochechas flácidas, o topete alto daquele animal. Agora parara, exatamente como uma lebre senta-se ereta no trigo quando imagina que não é observada, e encarava Orlando, que a encarava de volta pela janela. Depois de terem se fitado desse modo por certo tempo, não havia nada a fazer senão convidá-la a entrar, e logo as duas senhoras estavam trocando cumprimentos, enquanto a arquiduquesa sacudia a neve da capa.

"Que praga são as mulheres!", disse Orlando para si mesma, enquanto se dirigia ao armário para pegar uma taça de vinho, "nunca nos deixam um momento em paz. Não existe gente mais bisbilhoteira, curiosa, intrometida do que essa. Foi para escapar desse mastro de fitas que deixei a Inglaterra, e agora" – aqui, virou-se para apresentar a bandeja à arquiduquesa – e viu em seu lugar um cavalheiro alto vestido de negro. Uma pilha de roupas jazia no guarda-fogo. Ela estava sozinha com um homem.

Chamada assim de repente à consciência do próprio sexo, que havia esquecido completamente, e a do dele, agora bastante remoto para ser igualmente desconcertante, Orlando sentiu-se desfalecer.

"Ai!", exclamou, pondo a mão na cintura, "como me assustou!"

"Gentil criatura", exclamou a arquiduquesa, dobrando um dos joelhos e, ao mesmo tempo, aproximando um cordial dos lábios de Orlando, "perdoe-me pelo engano a que a levei!"

Orlando tomou um gole do vinho, e o arquiduque ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

Em suma, representaram os papéis de homem e mulher por dez minutos, com grande vigor, e depois começaram uma conversa normal. A arquiduquesa (que daqui em diante deve ser conhecida como arquiduque) contou sua história – que era um homem e sempre havia sido; que tinha visto um retrato de Orlando e se apaixonara perdidamente

por ele; que, para atingir seus fins, havia se vestido de mulher e se hospedado na casa do padeiro; que ficara desolado quando ele fugira para a Turquia; que tinha ouvido falar de sua mudança e apressara-se a oferecer os seus serviços (aqui ele jogava e observava de modo intolerável). Pois para ele, disse o arquiduque Harry, ela era e sempre seria o primor, a pérola, a perfeição do seu sexo. O três p's teriam sido mais convincentes se não tivessem sido entremeados com vacilos e titubeios do tipo mais estranho. "Se isto é amor", disse Orlando para si mesma, olhando para o arquiduque do outro lado do guarda-fogo, agora do ponto de vista feminino, "há algo de extremamente ridículo no amor."

Caindo de joelhos, o arquiduque Harry fez a declaração mais apaixonada da sua coleção. Contou-lhe que tinha cerca de vinte milhões de ducados em uma caixa-forte, em seu castelo. Possuía mais acres que qualquer nobre da Inglaterra. A caça era excelente: podia prometer-lhe uma saca sortida de lagópodes e tetrazes, como nenhum pântano inglês ou escocês poderia igualar. É verdade que os faisões haviam sofrido de gosma na sua ausência, e as corças tinham perdido as crias, mas isso podia ser remediado, e o seria com a sua ajuda, quando vivessem juntos na Romênia.

Enquanto ele falava, lágrimas enormes formavam-se em seus olhos bastante proeminentes, e escorriam pelos sulcos amarelados de suas longas e flácidas bochechas.

Que os homens choravam com tanta frequência e tão sem razão quanto as mulheres, Orlando já sabia pela sua própria experiência como homem; mas estava começando a perceber que as mulheres se chocam quando os homens exibem emoções em sua presença, e estava chocada.

O arquiduque se desculpou. Controlou-se o suficiente para dizer-lhe que a deixaria agora, mas voltaria no dia seguinte para saber a sua resposta.

Era terça-feira. Ele veio na quarta-feira; veio na quinta-feira; veio na sexta-feira; e veio no sábado. É verdade que cada visita começava, continuava ou terminava com uma declaração de amor, mas nos intervalos havia muito lugar para o silêncio. Sentavam-se um de cada lado da lareira, e às vezes o arquiduque derrubava os ferros, e Orlando os apanhava de novo. Então o arquiduque recordava-lhe como havia caçado um alce na Suécia, e Orlando perguntava se era um alce muito grande, e o arquiduque dizia que não era tão grande quanto a rena que caçara na Noruega; e Orlando perguntava se ele alguma vez tinha caçado um tigre, e o arquiduque dizia que havia caçado um albatroz, e Orlando perguntava (meio escondendo um bocejo) se era um albatroz tão grande quanto um elefante, e o arquiduque dizia... alguma coisa muito sensata, sem dúvida, mas Orlando não ouvia, pois estava olhando para a sua escrivãzinha, ou para fora da janela, ou para a porta. E depois o arquiduque dizia, "Adoro-a", no momento exato em que Orlando dizia "Olhe, está começando a chover", e então ficavam ambos muito embaraçados, e muito ruborizados, e nenhum sabia o que dizer em seguida. Na verdade, Orlando não sabia mais sobre o que falar, e se não tivesse pensado em um jogo chamado "Jogo da Mosca", com o qual se pode perder grandes somas de dinheiro com muito pouco dispêndio de espírito, teria tido que casar com ele, supunha, pois não via outro modo de livrar-se do arquiduque. Mas, por meio desse artifício – aliás bastante simples, precisava apenas de três torrões de açúcar e uma quantidade suficiente de

moscas – superava-se o embaraço da conversação e evitava-se a necessidade do casamento. Pois agora o arquiduque apostaria quinhentas libras que uma mosca pousaria neste torrão e não naquele. Assim, teriam ocupação para uma manhã inteira, observando as moscas (que eram naturalmente lentas naquela estação, e muitas vezes levavam uma hora ou mais rodeando pelo teto) até que afinal alguma bela mosca varejeira fazia a sua escolha, e a partida estava ganha. Muitas centenas de libras passaram das mãos de um para o outro neste jogo, que o arquiduque, jogador de nascença, afirmava ser tão bom quanto as corridas de cavalos, e jurava que podia ficar jogando para sempre. Mas Orlando logo começou a entediá-lo.

“De que adianta ser uma bela mulher, na flor da idade”, perguntava ela, “se tenho que passar todas as minhas manhãs observando moscas varejeiras com um arquiduque?”

Começou a detestar a visão do açúcar; moscas a deixavam tonta. Devia haver algum modo de sair da dificuldade, supunha; mas ela ainda era pouco hábil nas artes do seu sexo, e como já não podia bater na cabeça de um homem, ou atravessar-lhe o corpo com um florete, não pôde pensar em nenhum método melhor do que este: agarrou uma varejeira, apertou-a suavemente até que morresse (ela já estava semimorta, do contrário sua bondade para com as criaturas irracionais não o teria permitido) e prendeu-a em um torrão de açúcar com uma gota de goma-arábica. Enquanto o arquiduque estava contemplando o teto, ela habilmente substituiu este torrão por aquele em que tinha apostado seu dinheiro, e gritando “Fim de jogo, fim de jogo!” declarava ter ganho a aposta. Seu cálculo era que o arquiduque, com todo o seu conhecimento de esportes e corridas de cavalos, descobriria a fraude, e como roubar no jogo da mosca é o mais odioso dos crimes e por causa disso os homens têm sido banidos para sempre da sociedade humana para a dos macacos nos trópicos, calculava que ele seria homem o bastante para se recusar a ter qualquer coisa a ver com ela dali em diante. Mas ela julgou mal a ingenuidade do amável nobre. Ele não era um bom juiz de moscas. Uma mosca morta lhe parecia exatamente igual a uma viva. Ela aplicou o truque vinte vezes, e ele pagou-lhe mais de 17,250 libras (o que representa em torno de 40,885 libras 6 xelins e 8 pence da nossa moeda atual), até que Orlando o enganou de modo tão grosseiro que nem mesmo ele podia ser enganado por mais tempo. Quando, afinal, percebeu a verdade, houve uma cena dolorosa. O arquiduque se levantou. Ficou escarlate. Lágrimas escorreram-lhe pelas faces, uma por uma. Que ela tivesse ganho uma fortuna às suas custas não era nada – aceitava de boa vontade que ela o fizesse; que ela o tivesse enganado era alguma coisa – magoava-o imaginá-la capaz disso; mas que tivesse trapaceado no jogo, isso era tudo. Amar uma mulher que trapaceasse no jogo era impossível, dizia ele. Aqui, ele sucumbiu inteiramente. Por sorte, dizia, recobrando-se ligeiramente, não houvera testemunhas. Afinal, ela era apenas uma mulher, disse. Em suma, ele estava pronto, na nobreza do seu coração, a perdoá-la, e tinha se inclinado para pedir-lhe perdão pela violência da sua linguagem quando ela encurtou o assunto, no instante em que ele inclinava a sua orgulhosa cabeça, derrubando-lhe um sapinho entre a pele e a camisa.

É justo dizer que ela teria preferido muito mais um florete. Os sapos são coisas viscosas para uma pessoa trazê-los escondidos uma manhã inteira. Mas, se os floretes

são proibidos, deve-se recorrer aos sapos. Além disso, sapos e risadas entre si às vezes conseguem o que não pode o aço frio. Ela riu-se. O arquiduque corou. Ela riu-se. O arquiduque praguejou. Ela riu-se. O arquiduque bateu a porta.

“Que o céu seja louvado!” exclamou Orlando, ainda rindo. Ouviu o som das rodas da carruagem rodando furiosamente pelo pátio. Ouviu seu ruído pela estrada. O som tornava-se cada vez mais fraco. Agora, desaparecia completamente.

“Estou só”, disse Orlando em voz alta, já que não havia ninguém para ouvir.

Que o silêncio é ainda mais profundo depois do ruído, ainda precisa de confirmação da ciência. Muitas mulheres, no entanto, seriam capazes de jurar que a solidão é mais evidente logo após termos sido amados. Quando o som das rodas da carruagem do arquiduque se extinguiu, Orlando sentiu afastar-se cada vez mais de si não só um arquiduque (não se importava com isso), uma fortuna (não se importava com isso), um título (não se importava com isso), a segurança e a formalidade da vida matrimonial (não se importava com isso), mas a vida que se afastava e um amor. “A vida e um amor”, murmurou; e dirigindo-se à escrivaninha, mergulhou a pena na tinta e escreveu:

“A vida e um amor” – um verso que não estava de acordo com a métrica, e não fazia qualquer sentido com o que vinha antes – alguma coisa sobre o modo apropriado de banhar ovelhas para evitar a sarna. Relendo-o, ela corou e repetiu:

“A vida e um amor.” Então, colocou a pena de lado, entrou em seu quarto, parou em frente ao espelho e ajeitou as pérolas do pescoço. Então, como as pérolas não combinam com um vestido matinal de algodão estampado, trocou por um de tafetá cinza-pombo; depois, por um cor de pêssego; depois, por um de brocado cor de vinho. Talvez fosse preciso um toque de pó de arroz, e se ajeitasse o cabelo – assim – por sobre a testa, podia assentar-lhe bem. Então, calçou chinelas pontudas, e enfiou um anel de esmeralda no dedo. “Agora,” disse, quando tudo estava pronto, depois de acender os castiçais de prata de cada lado do espelho. Que mulher não teria se inflamado para ver o que Orlando viu então ardendo na neve? – pois tudo em torno do espelho eram campos nevados, e ela era como um fogo, uma sarça ardente, e as chamas dos castiçais ao redor da sua cabeça eram folhas de prata; ou, ainda, o espelho era uma água verde, e ela uma sereia, coberta de pérolas, uma sereia em uma gruta, cantando de modo que os remadores se inclinassem dos seus barcos e caíssem, caíssem para abraçá-la; tão escura, tão brilhante, tão dura, tão macia ela era, tão maravilhosamente sedutora que era uma pena imensa que não houvesse ninguém ali para pôr isso em inglês claro, e dizer abertamente, “Maldição, senhora, sois a encarnação da beleza”, o que era verdade. Mesmo Orlando (que não tinha vaidade pessoal) sabia disso, pois sorriu com o sorriso involuntário com que as mulheres sorriem quando sua própria beleza, que não parece sua própria, toma forma como uma gota que cai ou uma fonte que sobe, e confronta-os todos de repente no espelho – este sorriso ela sorriu, e então escutou por um momento, e ouviu apenas as folhas soprando ao vento e os pardais gorjeando, e então suspirou, “A vida, um amor”, e girou nos calcanhares com extraordinária rapidez; arrancou as pérolas do pescoço, arrancou o cetim das costas, ficou ereta nos elegantes calções de seda negra de um nobre comum, e tocou a campainha. Quando o criado chegou, disse-lhe que preparasse imediatamente uma carruagem de seis cavalos. Negócios urgentes

chamavam-na a Londres. Uma hora depois da partida do arquiduque, ela já estava na estrada.

E, enquanto ela estava a caminho, podemos aproveitar a oportunidade, já que a paisagem era a simples paisagem inglesa que não necessita qualquer descrição, para chamar a atenção do leitor, de modo mais particular do que pudemos no momento, para uma ou duas observações que escaparam aqui e ali, no curso da narrativa. Por exemplo, pode ter sido observado que Orlando escondia seus manuscritos, quando interrompida. Depois, que ela se olhou longa e atentamente no espelho; e agora, enquanto viajava para Londres, podia se notar seu sobressalto e ouvi-la reprimir um grito, quando os cavalos galopavam mais depressa do que ela gostaria. Sua modéstia para com seus escritos, sua vaidade em relação à sua pessoa, seus temores pela sua segurança, tudo parece indicar que o que foi dito há pouco sobre não ter havido qualquer mudança entre Orlando homem e Orlando mulher, estava deixando de ser inteiramente verdadeiro. Ela estava ficando um pouco mais modesta, como as mulheres são, quanto à sua inteligência, e um pouco mais vaidosa, como as mulheres são, quanto à sua pessoa. Certas suscetibilidades se afirmavam, e outras diminuían. A mudança de roupas, diriam alguns filósofos, tinha muito a ver com isso. Embora pareçam apenas frivolidades, as roupas, dizem, tem funções mais importantes do que apenas nos manter aquecidos. Mudam nossa visão do mundo, e a visão que o mundo tem de nós. Por exemplo, assim que o capitão Bartolus viu a saia de Orlando, imediatamente mandou armar-lhe um toldo, insistiu para que aceitasse outra fatia de carne, e convidou-a a descer à terra com ele em sua lancha. Essas cortesias certamente não lhe teriam sido feitas se suas saias, em vez de ondularem, tivessem sido ajustadas às pernas, como se fossem calças. E quando nos fazem cortesias, devemos retribuir. Orlando fizera reverências; aceitara; lisonjeara o humor do bom homem como não o teria feito se os elegantes calções do capitão fossem as saias de uma mulher, e sua casaca guarnecida de galões um corpete feminino de cetim. Assim, há muito para apoiar a tese de que são as roupas que nos usam, e não nós a elas; podemos fazê-las tomar o molde do braço ou do peito, mas elas moldam nosso coração, nosso cérebro, nossa língua, à sua maneira. Assim, usando agora saias por um tempo considerável, era visível certa mudança em Orlando, que será revelada se o leitor olhar para cima, para o seu rosto. Se compararmos o retrato de Orlando homem com o de Orlando mulher, veremos que, embora ambos sejam indubitavelmente uma e a mesma pessoa, há certas mudanças. O homem tem a mão livre para agarrar a espada, a mulher tem que usar a sua para impedir que as sedas escorreguem dos seus ombros. O homem encara o mundo de frente, como se ele fosse feito para o seu uso e moldado a seu gosto. A mulher lança para o mundo um olhar oblíquo, cheio de sutileza, e até mesmo de suspeita. Se ambos usassem as mesmas roupas, é possível que o seu ponto de vista tivesse vindo a ser o mesmo.

Essa é a opinião de alguns filósofos e sábios, mas, no conjunto, nos inclinamos por outra. A diferença entre os sexos, felizmente, é algo mais profundo. As roupas são apenas um símbolo de alguma coisa profundamente oculta. Foi uma mudança no próprio Orlando que lhe ditou a escolha das roupas femininas e do sexo feminino. E nisso talvez ela só estivesse expressando um pouco mais abertamente do que o usual – a franqueza,

de fato, era a principal característica da sua natureza – algo que acontece a muitas pessoas sem que seja expresso com tanta clareza. Aqui, de novo, nos deparamos com um dilema. Apesar das suas diferenças, os sexos se misturam. Em cada ser humano, tem lugar uma vacilação entre um sexo e outro; e muitas vezes são apenas as roupas que mantêm a aparência masculina ou feminina, enquanto por dentro o sexo é o exato oposto do que é por fora. Todo mundo tem alguma experiência das complicações e confusões que resultam disso; mas deixemos de lado a questão geral, e observemos só o estranho efeito que teve no caso particular da própria Orlando.

Pois era essa sua mistura de homem e de mulher, onde ora predominava um, ora outro, que muitas vezes fazia a sua conduta dar uma volta inesperada. A curiosidade natural das mulheres poderia questionar, por exemplo: se Orlando era mulher, como nunca levava mais de dez minutos para vestir-se? E não eram suas roupas escolhidas ao acaso, e às vezes usadas até ficarem gastas? E diriam, ainda, que ela não tinha nada da formalidade masculina, nem o amor de um homem pelo poder. Era excessivamente terna. Não podia suportar ver alguém espancar um burro, ou afogar um gatinho. Embora observassem, ainda, que ela detestava assuntos domésticos, levantava-se ao amanhecer e, no verão, já estava nos campos antes do raiar do sol. Nenhum fazendeiro sabia mais sobre colheitas do que ela. Podia beber com os melhores, e gostava de jogos de azar. Montava bem, e dirigia seis cavalos a galope pela ponte de Londres. Embora se observasse, ainda, que apesar de corajosa e ativa como um homem, a visão de alguém em perigo lhe causava palpitações das mais femininas. Rompia em lágrimas à mais leve provocação. Era pouco versada em geografia, achava a matemática intolerável, e mantinha alguns caprichos mais comuns nas mulheres do que nos homens, como, por exemplo, que viajar para o sul é viajar encosta abaixo. Mas, se Orlando era mais homem do que mulher, é algo difícil de dizer, e não pode ser decidido agora. Porque sua carruagem agora rodava sobre o pavimento. Tinha chegado à sua casa na cidade. Já baixavam o estribo; abriam os portões de ferro. Estava entrando na casa de seu pai em Blackfriars, que, embora a moda estivesse abandonando depressa aquele canto da cidade, ainda era uma mansão agradável, espaçosa, com jardins descendo até o rio, e um agradável bosque de nogueiras para se passear.

Aqui ela se instalou, e começou de imediato a procurar em torno de si aquilo que viera buscar – isto é, vida e amor. Quanto à primeira, até podia haver alguma dúvida; o segundo ela achou sem a menor dificuldade, dois dias depois da sua chegada. Chegara à cidade em uma terça-feira. Na quinta, saiu para passear no Mall, como era então o hábito das pessoas da sociedade. Não tinha dado mais que uma ou duas voltas na avenida quando foi notada por um grupinho de pessoas do povo, que vai lá para espiar os que estão acima deles. Quando passou pelo grupo, uma mulher do povo com uma criança no colo adiantou-se, olhou de maneira familiar para o rosto de Orlando e gritou, “Olhem só, se não é Lady Orlando!” Seus companheiros se aglomeraram em volta, e Orlando logo se viu no meio de uma turba de homens pasmos e mulheres de comerciantes, todos ansiosos para olhar a heroína do famoso processo. Tal fora o interesse que o caso suscitara na mente das pessoas do povo. Ela poderia, realmente, ter se sentido bastante incomodada com o aperto da multidão – havia esquecido que as damas não devem

passar sozinho em lugares públicos – se um cavalheiro alto não tivesse se adiantado imediatamente, oferecendo-lhe a proteção do seu braço. Era o arquiduque. Orlando foi dominada pela aflição ao vê-lo, embora achasse um pouco divertido. Esse nobre magnânimo não apenas a tinha perdoado, mas, para mostrar que levava na brincadeira a sua leviandade com o sapo, adquirira uma joia com a forma desse réptil, que ele a obrigou a aceitar, repetindo seu pedido enquanto a conduzia à carruagem.

Fosse por causa da multidão, por causa do duque, ou por causa da joia, o fato é que ela voltou para casa no pior humor que se possa imaginar. Então era impossível sair para um passeio sem ser meio-sufocada, presenteada com um sapo engastado em esmeraldas, e pedida em casamento por um arquiduque? Passou a ver o caso com mais benevolência no dia seguinte, quando encontrou na mesa do café da manhã meia dúzia de bilhetes de algumas das mais importantes damas do país – Lady Suffolk, Lady Salisbury, Lady Chesterfield, Lady Tavistock e outras, que, da maneira mais polida, lembravam-na de antigas alianças entre as suas famílias e a de Orlando, e desejavam a honra de conhecê-la. No dia seguinte, que era um sábado, muitas dessas grandes damas visitaram-na pessoalmente. Na terça-feira, em torno do meio-dia, seus criados trouxeram cartões de convite para várias festas, jantares e reuniões nos próximos dias; de modo que Orlando foi lançada sem demora, e com algum estrondo e espuma, nas águas da sociedade londrina.

Fazer uma descrição confiável da sociedade londrina daquele tempo ou mesmo de qualquer outro está além do alcance do biógrafo ou do historiador. Só aqueles que têm pouca necessidade da verdade, e nenhum respeito por ela – poetas e romancistas – podem ser capazes de fazê-lo, pois este é um dos casos em que a verdade não existe. Nada existe. A coisa toda é uma emanção – uma miragem. Para simplificar – Orlando voltava para casa depois de uma dessas festas às três ou quatro da manhã, com as faces como uma árvore de Natal e os olhos como estrelas. Desatava um laço, andava pelo quarto várias vezes, desatava outro laço, parava, e andava pelo quarto de novo. Muitas vezes, o sol brilhava sobre as chaminés de Southwark antes que se decidisse a ir para a cama, e lá ficava atirada, agitando-se, rindo e suspirando, durante uma hora ou mais, até que afinal dormia. E qual a causa de toda essa agitação? A sociedade. E o que a sociedade tinha dito ou feito para lançar uma dama sensata em tal excitação? Falando claro, nada. Por mais que atormentasse sua memória de todo jeito, no dia seguinte Orlando não conseguia se lembrar de uma única palavra que pudesse designar alguma coisa. Lorde O. fora galante. Lorde A., cortês. O marquês de C., encantador. Mr. M, divertido. Mas quando tentava se lembrar em que consistia a sua galanteria, cortesia, encanto ou divertimento, era obrigada a considerar sua memória falha, pois não podia nomear nada. Era sempre a mesma coisa. Nada restava no dia seguinte, embora a excitação do momento fosse intensa. Assim, somos forçados a concluir que a sociedade é uma dessas bebidas misturadas, que as donas-de-casa habilidosas servem quentes na época do Natal, cujo sabor depende do próprio modo de misturar e mexer uma dúzia de ingredientes diferentes. Pegue um apenas, e sozinho é insípido. Tomando-se lorde O., lorde A., lorde C., ou Mr. M separadamente, cada um deles não é nada. Mexa-os todos juntos, porém, e eles se combinam para proporcionar o mais embriagante dos sabores, o

mais sedutor dos aromas. Ainda que essa embriaguez, essa sedução, escapem inteiramente à nossa análise. Por isso, a sociedade é, ao mesmo tempo, tudo e nada. A sociedade é a mais poderosa mistura do mundo e a sociedade nem sequer existe. Com tais monstros, apenas os poetas e romancistas podem lidar; com esse tudo-nada inflam suas obras até tamanhos prodigiosos; e para eles temos a satisfação de deixá-lo, com a maior boa vontade do mundo.

Seguindo o exemplo de nossos predecessores, portanto, diremos apenas que a sociedade no reinado da rainha Anne era de um brilho inigualável. Ingressar nela era o objetivo de toda pessoa bem-nascida. As dádivas eram supremas. Os pais instruíam seus filhos, as mães, suas filhas. Nenhuma educação era completa, para qualquer sexo, se não incluísse a ciência do comportamento, a arte de saudar e fazer uma reverência, o manejo da espada e do leque, o cuidado com os dentes, a conduta da perna, a flexibilidade do joelho, os meios apropriados de entrar e sair de uma sala, com mil etceteras, que imediatamente se apresentarão por si mesmos a qualquer pessoa que tenha estado em sociedade. Considerando que Orlando tinha recebido o elogio da rainha Elizabeth pelo modo como segurara uma tigela de água de rosas, quando menino, é de se supor que ela fosse suficientemente hábil para passar no teste. É verdade, porém, que sua distração às vezes a tornava desajeitada; estava pronta a pensar em poesia quando deveria pensar em tafetá; seu passo era um tanto largo demais para uma mulher, talvez, e seus gestos, abruptos, podiam pôr em risco, em alguns momentos, uma xícara de chá.

Ou essa leve inaptidão era suficiente para contrabalançar o esplendor do seu porte, ou ela tinha herdado uma gota a mais daquele negro humor que corria nas veias de toda a sua raça, o certo é que não participara da sociedade mais de uma vintena de vezes antes de perguntar a si mesma, embora não houvesse ninguém a não ser o seu cãozinho Pippin para ouvi-la, "Que diabos se passa comigo?" Era uma terça-feira, 16 de junho de 1712; ela acabara de voltar de um grande baile em Arlington House; a alvorada estava no céu, e ela descalçava as meias. "Não me importo se nunca mais encontrar uma alma enquanto viver", gritou Orlando, começando a chorar. Amores, tinha em abundância, mas a vida, que era o que afinal tinha alguma importância, escapava-lhe. "É isto", perguntava, mas não havia ninguém para responder, "é isto", terminava a sentença, mesmo assim, "o que as pessoas chamam de vida?" O cãozinho erguia a pata, em sinal de simpatia. O cãozinho lambia Orlando com a língua. Orlando acariciava o cãozinho com a mão. Orlando beijava o cãozinho com os lábios. Em suma, havia entre eles a mais verdadeira simpatia que pode haver entre um cão e sua dona, e mesmo assim não se pode negar que a irracionalidade dos animais é um grande empecilho aos requintes da comunicação. Eles abanam a cauda; dobram a parte dianteira do corpo e elevam a traseira; rolam, saltam, pateiam o chão, gemem, latem, babam, têm todo tipo de cerimônias e artifícios próprios, mas a coisa toda é inútil, já que não podem falar. Essa era a sua queixa contra as pessoas de Arlington House, pensou, pousando o cãozinho suavemente no chão. Eles, também, abanavam a cauda, erguiam-se, rolavam, saltavam, pateavam o chão e babavam, mas falar não podiam. "Todos esses meses em que estive na sociedade", disse Orlando, atirando uma das meias pelo quarto, "não ouvi nada senão o que Pippin poderia ter dito: Estou com frio. Estou contente. Tenho fome. Peguei um

rato. Enterrei um osso. Por favor, beije meu focinho.” E isso não era o bastante.

Só podemos tentar explicar como ela tinha passado do encantamento à repulsa em tão pouco tempo, supondo que essa composição misteriosa a que chamamos sociedade não é absolutamente boa ou má em si mesma, mas que possui um espírito volátil porém potente, que, ou embriaga quando a julgamos, como Orlando, encantadora, ou causa dor de cabeça quando a julgamos, como Orlando, repulsiva. De qualquer modo, pedimos licença para discordar que a faculdade da fala tenha muito a ver com isso. Muitas vezes, uma hora silenciosa é a mais encantadora de todas; e uma inteligência brilhante pode causar um tédio indescritível. Mas deixemos isso aos poetas, e continuemos com a nossa história.

Orlando atirou a segunda meia depois da primeira, e foi para cama em um humor bastante sombrio, decidida a renunciar à sociedade para sempre. Mas, de novo, como se verificou, fora muito precipitada em suas conclusões. Pois já na manhã seguinte, ao despertar, encontrou, entre os habituais cartões de convite em cima de sua mesa, o de certa grande dama, a condessa de R. Tendo decidido na noite anterior que nunca mais voltaria a frequentar a sociedade, só se pode explicar o comportamento de Orlando – ela enviou um mensageiro urgente à casa de Lady R. para dizer que aceitava o convite de Sua Senhoria com o maior prazer do mundo – pelo fato de ela ainda estar sob o efeito de três doces palavras derramadas em seu ouvido, no convés do “Enamoured Lady”, pelo capitão Nicholas Benedict Bartolus, quando desciam o Tâmis. Addison, Dryden, Pope, ele dissera, apontando para o Cocoa Tree, e Addison, Dryden e Pope soavam em sua mente, desde então, como um encantamento. Quem pode acreditar em tal loucura? Mas era assim. Toda a sua experiência com Nick Greene não lhe ensinada nada. Nomes assim ainda exerciam sobre ela o mais poderoso fascínio. Mas talvez seja preciso acreditar em alguma coisa, e como Orlando, conforme já dissemos, não acreditava em nenhuma das divindades comuns, concedia sua credulidade aos grandes homens – embora com uma diferença. Almirantes, soldados, estadistas, não a comoviam. Mas a simples ideia de um grande escritor levava-a a um tal grau de convicção que ela quase o acreditava invisível. Seu instinto era certo. Só se pode acreditar completamente, talvez, naquilo que não se pode ver. O rápido vislumbre que ela tivera desses grandes homens, do convés do navio, era da natureza de uma visão. Duvidava que a xícara fosse de porcelana, ou o jornal de papel. Quando lord O. uma vez disse que havia jantado com Dryden na noite anterior, ela não acreditou de jeito nenhum. Ora, a sala de recepção de Lady R. tinha a reputação de ser a antecâmara da sala de audiências do gênio; era o lugar onde homens e mulheres se reuniam para balançar incensários e cantar hinos ao busto do gênio, em um nicho na parede. Às vezes, o próprio deus concedia a graça de sua presença por um momento. Só o intelecto dava direito à admissão do suplicante, e (assim corria) nada era dito lá dentro que não fosse inteligente.

Assim, Orlando entrou no salão com grande temor. Encontrou os convidados já reunidos em um semicírculo junto ao fogo. Lady R., senhora idosa, de tez morena, com uma mantilha de renda negra na cabeça, estava sentada no centro, em uma grande poltrona. Desse modo, sendo um pouco surda, podia controlar a conversa de ambos os lados. De ambos os lados de Lady R. sentavam-se homens e mulheres da mais alta

distinção. Cada homem, dizia-se, tinha sido primeiro-ministro, e cada mulher, murmurava-se, tinha sido amante de um rei. O certo é que todos eram brilhantes, e todos eram famosos. Orlando tomou seu assento com uma profunda reverência, em silêncio... Depois de três horas, fez outra profunda reverência e saiu.

Mas, o leitor pode perguntar um tanto exasperado, o que aconteceu durante esse tempo? Em três horas, um grupo como esse deve ter dito as coisas mais inteligentes, mais profundas, mais interessantes do mundo. Assim pareceria, realmente. Mas o fato, ao que parece, é que eles não disseram nada. É uma característica curiosa, que eles compartilham com todas as sociedades mais brilhantes que o mundo tem visto. A velha madame du Deffand e seus amigos falaram durante cinquenta anos sem parar. E, de tudo isso, o que resta? Talvez três ditos espirituosos. De modo que temos a liberdade de supor, ou que nada foi dito, ou que nada de engenhoso foi dito, ou que essa fração de três ditos espirituosos durou dezoito mil duzentos e cinquenta noites, o que não deixa para nenhum deles uma liberal parcela de engenho.

A verdade – se ousássemos usar tal palavra em tal contexto – ao que parece, é que todos esses grupos jazem sob um encantamento. A anfitriã é a nossa moderna Sibila. É uma feiticeira que coloca seus convidados sob um feitiço. Nesta casa, eles se imaginam felizes; naquela, engenhosos; em uma terceira, profundos. É tudo uma ilusão (o que não é nenhum mal, pois as ilusões são as mais valiosas e necessárias de todas as coisas, e aquele que pode criar uma está entre os maiores benfeitores do mundo), mas, como é notório que as ilusões são destruídas ao se confrontarem com a realidade, nenhuma felicidade real, nenhum engenho real, nenhuma profundidade real é tolerada onde a ilusão prevalece. Isto serve para explicar por que madame du Deffand não disse mais que três coisas espirituosas no decurso de cinquenta anos. Se tivesse dito mais, seu círculo teria sido destruído. O dito espirituoso, ao deixar seus lábios, rolaria sobre a conversação corrente como uma bala de canhão abatendo violetas e margaridas. Quando proferiu seu famoso mot de St. Denis – dito de São Denis – a própria grama foi chamuscada. Seguiu-se a desilusão e a desolação. Nem uma palavra mais foi pronunciada. “Poupe-nos de outro dito como esse, pelo amor de Deus, madame!” exclamaram seus amigos a uma só voz. E ela obedeceu. Durante quase dezessete anos não disse nada memorável, e tudo correu bem. A bela colcha da ilusão permanecia intata sobre o seu círculo, como permanecia intata sobre o círculo de Lady R. Os convidados pensavam que eram felizes, pensavam que eram inteligentes, pensavam que eram profundos, e, como eles pensavam assim, outras pessoas pensavam o mesmo ainda mais fortemente; e assim espalhou-se que não havia nada mais encantador que uma das reuniões de Lady R.; todos invejavam aqueles que eram admitidos ali; os que eram admitidos invejavam a si mesmos, porque os outros os invejavam; e isso parecia não ter fim – exceto pelo que agora vamos relatar.

Na terceira vez em que Orlando foi lá, ocorreu certo incidente. Ela estava ainda sob a ilusão de estar ouvindo os epigramas mais brilhantes no mundo, embora, na realidade, o velho general C. estivesse apenas contando, com alguma minúcia, como a gota tinha deixado sua perna esquerda e passado para a direita, enquanto Mr. L. interrompia sempre que algum nome próprio era mencionado, “R.? Oh! Conheço Billy R. como a mim

mesmo. S.? O meu melhor amigo. T.? Fiquei com ele quinze dias no Yorkshire” – o que, tal é a força de ilusão, parecia a mais engenhosa das réplicas, o mais agudo comentário sobre a vida humana, e mantinha o grupo alvoroçado – quando a porta se abriu e entrou um cavalheiro baixinho, cujo nome Orlando não conseguiu perceber. Logo lhe veio uma sensação curiosamente desagradável. A julgar por suas caras, os outros também começavam a senti-la. Um cavalheiro disse que havia uma corrente de ar. A marquesa de C. temia que houvesse um gato debaixo do sofá. Era como se os seus olhos estivessem sendo abertos lentamente depois de um agradável sonho, e nada encontrassem senão um lavatório barato e uma colcha suja. Era como se os vapores de algum vinho delicioso os fossem abandonando lentamente. O general seguia falando, e Mr. L. seguia recordando. Mas ficava cada vez mais aparente a vermelhidão do pescoço do general, e a pronunciada calvície de Mr. L. Quando ao que diziam, não se pode imaginar nada mais tedioso e banal. Todos se inquietavam, e os que tinham leque bocejavam por detrás dele. Por fim, Lady R. bateu com o seu no braço da poltrona. Os dois cavalheiros pararam de falar.

Então, o cavalheiro baixinho disse...,

Depois disse...,

Finalmente disse... (esses ditos são por demais conhecidos para que precisem ser repetidos, e além disso podem todos ser encontrados em suas obras publicadas.),

Aqui, não se pode negar, havia verdadeira inteligência, verdadeira sabedoria, verdadeira profundidade. O grupo caiu em completo desânimo. Um só desses ditos já era ruim o bastante; mas três, um atrás do outro, na mesma noite! Nenhuma sociedade poderia sobreviver a isso.

“Mr. Pope”, disse a velha Lady R., com a voz trêmula de fúria sarcástica, “o senhor tem prazer em ser espirituoso!” Mr. Pope ficou vermelho. Ninguém disse uma palavra. Ficaram sentados em silêncio mortal por uns vinte minutos. Então, um por um, todos se levantaram e escaparam da sala. Era de se duvidar que algum dia voltassem, depois de uma experiência como essa. Podia-se ouvir os pajens portando archotes a chamar pelos coches por toda a South Audley Street. Batiam-se as portas e as carruagens partiam. Orlando encontrou-se na escada ao lado de Mr. Pope. Sua figura magra e disforme era sacudida por uma variedade de emoções. Seus olhos disparavam dardos de malícia, raiva, triunfo, inteligência e terror (ele tremia como vara verde). Parecia-se com algum réptil agachado, com um topázio ardente na testa. Ao mesmo tempo, a mais estranha tempestade de emoções apoderava-se agora da desafortunada Orlando. Uma desilusão tão completa como a que lhe fora infligida há menos de uma hora, deixa a mente balançando de um lado para outro. Tudo parecia dez vezes mais grave e despido do que antes. É um momento repleto do mais extremo perigo para a mente humana. É nesses momentos que as mulheres viram freiras e os homens padres. Em tais momentos, os homens ricos assinam a doação de sua riqueza, e os homens felizes cortam a garganta com o trinçante. Orlando teria feito tudo isso de boa vontade, mas havia uma coisa ainda mais imprudente que ela poderia fazer, e foi a que fez. Convidou Mr. Pope a acompanhá-la a casa.

Pois, se é imprudente entrar desarmado na cova de um leão, imprudente navegar

pelo Atlântico em um barco a remo, imprudente ficar em um pé só no alto da catedral de St. Paul, é ainda mais imprudente ir para casa sozinha com um poeta. Um poeta é o Atlântico e o leão em um só. Enquanto um nos afoga, o outro nos devora. Se sobrevivemos aos dentes, sucumbimos às ondas. Um homem que pode destruir ilusões é ao mesmo tempo fera e dilúvio. As ilusões são para a alma o que a atmosfera é para a terra. Retirai esse ar suave e a planta morre, a cor empalidece. A terra em que caminhamos é cinza queimada. É greda o que pisamos, e pedras ardentes queimam nossos pés. Somos desfeitos pela verdade. A vida é um sonho. É esse despertar que nos mata. É quem rouba os nossos sonhos, rouba a nossa vida... (e assim por seis páginas seguidas, se desejar, mas o estilo é maçante e pode muito bem ser abandonado).

Nesta visão, portanto, Orlando deveria ser um montão de cinzas quando a carruagem parou diante de sua casa em Blackfriars. Que ela ainda fosse de carne e osso, embora decididamente exausta, deve-se inteiramente a um fato para o qual já chamamos a atenção antes nesta narrativa. Quanto menos vemos, mais acreditamos. Ora, as ruas que ficam entre Mayfair e Blackfriars eram, naquele tempo, muito mal iluminadas. É verdade que a iluminação já melhorara muito desde a época elisabetana. Assim, o viajante surpreendido pela noite tinha que confiar nas estrelas ou na chama vermelha de algum guarda-noturno para salvar-se dos buracos pedregosos de Park Lane, ou dos bosques de carvalho na estrada de Tottenham Court, onde fuçavam os porcos. Mas, mesmo assim, carecia muito da nossa eficiência moderna. Havia postes com lâmparas a óleo a cada duzentas jardas, mais ou menos, mas entre eles estendia-se uma extensão considerável de escuridão. Assim, por dez minutos, Orlando e Mr. Pope ficavam na escuridão; depois, por cerca de meio minuto, outra vez na claridade. Um estado de espírito muito estranho produziu-se então em Orlando. Quando a luz enfraqueceu, começou a sentir-se banhada pelo mais delicioso bálsamo. "É de fato uma grande honra para uma moça estar viajando com Mr. Pope", começou a pensar, olhando para o perfil do seu nariz. "Sou a mais abençoada das mulheres. A meia polegada de mim – na verdade, sinto o nó das fitas de sua liga apertando a minha coxa – está a maior inteligência dos domínios de Sua Majestade. As épocas futuras pensarão em nós com curiosidade, e me invejarão com furor." Aqui, veio a luz do poste de novo. "Que tola infeliz eu sou!" pensava. "Não existem coisas como a fama e a glória. As épocas futuras nunca dedicarão um pensamento sequer a mim ou a Mr. Pope. O que é uma 'época', na verdade? O que somos 'nós'?" e seu progresso por Berkeley Square parecia o tatear de duas formigas cegas, momentaneamente reunidas, sem interesses ou relações em comum, através de um deserto enegrecido. Estremeceu. Mas aqui estava a escuridão outra vez. Sua ilusão renascia. "Como é nobre a sua frente", pensou (confundindo, na escuridão, uma corcova em uma almofada com a testa de Mr. Pope). "Que grande gênio vive ali! Que inteligência, sabedoria e verdade – quanta abundância de todas essas joias, de fato, pelas quais as pessoas estão prontas a dar a sua vida! Vossa é a única luz que arde para sempre. Se não fosse por vós, a peregrinação humana se faria em absoluta escuridão." (Aqui a carruagem deu um forte solavanco, ao cair em um buraco em Park Lane) "Sem o gênio, estaríamos transtornados e desfeitos. O mais augusto, o mais lúcido fulgor!" – assim Orlando apostrofava a corcova da almofada, quando passaram sob um

dos lampiões em Berkeley Square, e ela percebeu seu engano. Mr. Pope não tinha uma testa maior que a de qualquer homem. "Sujeito infeliz!", pensou, "como me enganou! Tomei essa corcova pela vossa testa. Quando o vemos bem, que ignóbil, que desprezível sois! Disforme e fraco, nada há para se venerar em vós, mas muito para lamentar e quase tudo para desprezar."

De novo estavam no escuro, e sua raiva cedeu instantaneamente, quando não podia ver mais que os joelhos do poeta.

"Mas sou eu a infeliz", refletiu, uma vez que estavam de novo em completa obscuridade, "pois por mais ignóbil que sejais, não sou ainda mais ignóbil? Sois vós que me alimentais e protegeis, que assustais a fera, amedrontais o selvagem, fazeis-me roupas com o fio da seda e tapetes com a lã dos carneiros. Se eu quiser adorar, não me proporcionastes a tua própria imagem e a colocastes no céu? Não há provas do vosso cuidado por toda parte? Então, como não hei de ser humilde, grata, dócil? Que seja toda a minha alegria servir-vos, honrar-vos e obedecer-vos."

Aqui, alcançaram o grande poste de iluminação na esquina do que é agora Piccadilly Circus. A luz brilhou em seus olhos, e ela viu, além de algumas criaturas degradadas do seu próprio sexo, dois miseráveis anões em uma terra deserta. Ambos estavam nus, solitários e indefesos. Um era impotente para ajudar o outro. Cada um já tinha bastante o que fazer cuidando de si mesmo. Olhando Mr. Pope de cheio no rosto, "é igualmente inútil", pensava ela; "para vós acreditar que podeis me proteger, ou para mim pensar que posso adorar-vos. A luz da verdade cai sobre nós sem uma sombra, e a luz da verdade é terrivelmente inapropriada para nós dois."

Todo esse tempo, é claro, continuavam conversando agradavelmente, como é costume entre as pessoas bem-nascidas e bem-educadas, sobre o mau temperamento da rainha e a gota do primeiro-ministro, enquanto a carruagem passava da luz à escuridão, descia por Haymarket, rodava ao longo da Strand, subia a Fleet Street e alcançava, afinal, sua casa em Blackfriars. Já há algum tempo, os espaços escuros entre os lampiões haviam se tornado mais claros, e os próprios lampiões menos luminosos – o que quer dizer que o sol estava nascendo, e foi sob a luz uniforme mas difusa de uma manhã de verão, na qual tudo se vê mas nada se vê distintamente, que eles desceram, Mr. Pope dando a mão a Orlando para descer da carruagem, e Orlando fazendo uma reverência para que Mr. Pope a precedesse ao entrar em sua mansão, com a mais escrupulosa observância dos ritos das Graças.

Da passagem precedente, porém, não se deve supor que o gênio (mas a doença está agora erradicada nas ilhas britânicas, e o falecido lorde Tennyson, dizem, foi sua última vítima) esteja permanentemente aceso, pois então poderíamos ver tudo claro, e talvez fossemos queimados até a morte no processo. Ele antes se assemelha, em seu funcionamento, ao farol, que envia um raio e depois nenhum outro durante certo tempo; exceto que o gênio é muito mais caprichoso em suas manifestações, e pode emitir seis ou sete raios em rápida sucessão (como fez Mr. Pope naquela noite), e depois cair na escuridão por um ano ou para sempre. Guiar-se pelos seus raios é, portanto, impossível, e quando são atacados pelo feitiço da escuridão, os homens de gênio, dizem, são muito parecidos com qualquer outra pessoa

Para Orlando, embora no início a desapontasse, foi bom que tivesse sido assim, pois ela agora começava a passar muito tempo na companhia de homens de gênio. Nem eram tão diferentes do resto de nós como se poderia supor. Addison, Pope, Swift, ela descobriu, adoravam chá. Gostavam de pérgolas. Colecionavam pedacinhos de vidro colorido. Adoravam grutas. A distinção não lhes desagradava. Elogios eram encantadores. Usavam roupas cor de ameixa em um dia e cinzentas no outro. Mr. Swift tinha uma linda bengala de ratã. Mr. Addison perfumava seus lenços. Mr. Pope sofria de dores de cabeça. Um pouco de mexerico não vinha mal. Nem deixavam de ter os seus ciúmes. (Estamos anotando algumas reflexões que ocorreram a Orlando de modo desordenado.) No início, ficava aborrecida consigo mesma por reparar em tais ninharias, e mantinha um caderno para anotar seus ditos memoráveis, mas a página permanecia em branco. De qualquer modo, seu espírito revigorou-se, e ela passou a rasgar os cartões de convite para as grandes festas; manteve suas noites livres; começou a esperar ansiosamente pela visita de Mr. Pope, de Mr. Addison, de Mr. Swift – e assim por diante. Se o leitor quiser recorrer aqui ao “Roubo da madeixa”, ao “Espectador”, ou a “Viagens de Gulliver”, entenderá precisamente o que essas palavras misteriosas significam. Na verdade, biógrafos e críticos poderiam poupar-se de todo o trabalho, se os leitores apenas seguissem este conselho. Pois quando lemos:

“Se a Ninfa quebrar a Lei de Diana,
Ou se houver alguma falha no frágil jarro de porcelana,
Se em sua honra, ou em seu brocado novo for manchada,
Se esquecer suas orações, ou faltar à Mascarada,
Ou perder seu coração, ou seu colar, em um Baile”.[\[10\]](#)

– sabemos, como se o ouvíssemos, como a língua de Mr. Pope tremulava igual a um lagarto, como seus olhos flamejavam, como sua mão estremecia, como ele amava, como mentia, como sofria. Em suma, cada segredo da alma de um escritor, cada experiência da sua vida, cada qualidade de seu espírito está largamente expressa em sua obra; ainda que precisemos de críticos que expliquem uma e biógrafos que exponham a outra. A única explicação para esse crescimento monstruoso é que as pessoas estão enfadadas.

Assim, agora que lemos uma ou duas páginas do “Roubo da madeixa”, sabemos exatamente por que Orlando estava tão alegre e tão amedrontada e tinha as faces tão coradas e os olhos tão brilhantes aquela tarde.

Mrs. Nelly bateu então à porta para dizer que Mr. Addison viera visitar Sua Senhoria. Diante disso, Mr. Pope levantou-se com um sorriso constrangido, pediu licença e saiu mancando. Entrou Mr. Addison. Enquanto ele se senta, vamos ler a seguinte passagem do “Espectador”:

“Considero a mulher um belo, romântico animal, que pode ser enfeitado com peles e plumas, pérolas e diamantes, metais e sedas. O lince lançará sua pele aos seus pés, para que faça uma capa; o pavão, o papagaio e o cisne pagarão o seu tributo para que faça um regalo; o mar será vasculhado por suas conchas, e as rochas por suas pedras preciosas, e cada parte da natureza fornecerá sua parcela para o embelezamento de uma

criatura que é a sua obra mais consumada. A tudo isso cederei, mas quanto à anáguas de que tenho falado, não posso e nem vou permiti-lo.”

Temos esse cavalheiro, de chapéu de bicos e tudo, na palma da nossa mão. Vamos olhá-lo uma vez mais com uma lente de cristal. Não se vê claramente até a ruga em suas meias? Não estão expostas diante de nós cada ondulação e cada curva da sua inteligência, e sua benignidade e sua timidez e sua urbanidade e o fato de que viria a se casar com uma condessa e morreria de modo muito respeitável? Tudo está claro. E quando Mr. Addison diz o que tem a dizer, há uma tremenda pancada na porta, e Mr. Swift, que tem esses modos arbitrários, entra sem ser anunciado. Um momento, onde estão as “Viagens de Gulliver”? Aqui estão! Vamos ler uma passagem da viagem a Houyhnhnms:

“Desfrutei de perfeita Saúde Física e Tranquilidade de Espírito; não conheci a Traição nem a Inconstância de um Amigo, nem os Insultos de um Inimigo, secreto ou declarado. Não tive qualquer ocasião de subornar, lisonjear ou alcovitar, ou de obter o Favor de qualquer grande Homem ou de seu Favorito. Não precisei de nenhuma Cerca contra a Fraude ou a Opressão; Aqui não houve Médico para destruir meu Corpo, nem Advogado para arruinar minha Fortuna; Nenhum Informante para vigiar minhas Palavras e Ações, ou forjar Acusações contra mim por Dinheiro. Aqui não houve Escarnecedores, Censores, Caluniadores, Batedores de Carteira, Salteadores, Arrombadores, Advogados, Alcoviteiros, Bufões, Jogadores, Políticos, Espertos, rabugentos e tediosos Faladores...”

Mas parai, parai com esse férreo jorro de palavras, para que não sejamos todos esfolados vivos, e vós também! Nada pode ser mais simples do que esse homem violento. Ele é tão grosseiro, e ainda assim tão limpo; tão brutal, e no entanto tão bondoso; despreza o mundo inteiro, mas faz mimos a uma menininha, e morrerá – será que se pode duvidar? – em um manicômio.

Assim, Orlando servia chá para todos; e às vezes, quando o tempo estava bom, levava-os para o campo consigo e fazia régias festas no Salão Redondo, no qual havia pendurado os retratos de todos eles em círculo, de modo que Mr. Pope não pudesse dizer que Mr. Addison vinha antes dele, ou vice-versa. Eles eram muito inteligentes, também (mas sua inteligência está toda em seus livros), e ensinaram-lhe a parte mais importante do estilo, que é a fluência natural da voz ao falar – qualidade que ninguém que não tenha ouvido pode imitar, nem mesmo Greene, com todo seu talento; pois isso nasce do ar, quebra-se como uma onda contra a mobília, rola e se dissipa, e nunca será recapturado, em especial por aqueles que o tentam, aguçando seus ouvidos meio século depois. Ensinaram-lhe isso apenas com a cadência das suas vozes ao conversar; de modo que seu estilo mudou um pouco, e ela escreveu alguns versos muito agradáveis e engenhosos, e alguns caracteres em prosa. E assim esbanjava seu vinho com eles, e, ao jantar, colocava sob seus pratos algumas notas, que eles recebiam muito amavelmente, e aceitava suas dedicatórias e sentia-se altamente honrada com a troca.

Assim o tempo passava, e muitas vezes se ouvia Orlando dizendo para si mesma, com uma ênfase que podia, talvez, deixar o ouvinte um pouco desconfiado, “Por minha alma, que vida é esta!” (Pois ela ainda estava à procura desse artigo.) Mas as circunstâncias logo a forçaram a considerar o assunto mais de perto.

Um dia ela estava servindo o chá para Mr. Pope, que, como qualquer um pode deduzir dos versos acima citados, sentava-se a observar, com os olhos muito brilhantes, todo esparramado em uma cadeira ao seu lado.

“Senhor,” pensou ela, enquanto levantava a pinça do açúcar, “como as mulheres dos tempos futuros me invejarão! Mesmo assim...” – ela fez uma pausa, pois Mr. Pope exigia sua atenção. Mesmo assim – vamos completar o pensamento por ela – quando alguém diz “Como as pessoas no futuro me invejarão”, é certo dizer que essa pessoa está extremamente desconfortável no presente. Seria essa vida tão excitante, tão lisonjeira, tão gloriosa como parece quando o memorialista termina seu trabalho? Em primeiro lugar, Orlando positivamente detestava chá; depois, o intelecto, por divino que seja, e todo respeitável, tem o hábito de alojar-se nas mais miseráveis carcaças, e com frequência, ai de nós!, age como canibal entre as outras faculdades, de modo que muitas vezes, onde a mente é maior, o coração, os sentidos, a magnanimidade, a caridade, a tolerância, a bondade e o resto mal têm espaço para respirar. Por isso, a alta opinião que os poetas têm de si mesmos; por isso, a baixa opinião que têm dos outros; por isso, as inimizades, injúrias, invejas e réplicas nas quais estão constantemente envolvidos; por isso, a volubilidade com que as concedem; por isso, a ganância com que exigem simpatia para si próprios; tudo isso, devemos sussurrar, para que os intelectuais não nos ouçam, torna o ato de servir o chá uma ocupação mais perigosa e, na verdade, mais árdua do que geralmente se admite. Acrescente-se a isso (de novo sussurramos, para que as mulheres não nos ouçam) um pequeno segredo que os homens compartilham; lorde Chesterfield sussurrou-o para seu filho, com recomendações rígidas de que mantivesse segredo, “As mulheres são apenas crianças grandes...Um homem de bom senso apenas se diverte com elas, brinca com elas, faz as suas vontades, lisonjeia-as”; e já que as crianças sempre escutam o que não devem e, às vezes, quando crescem podem até mesmo deixar escapar alguma coisa, toda a cerimônia de servir o chá é muito curiosa. Uma mulher sabe muito bem que, embora um homem inteligente lhe mande poemas, elogie seu bom senso, solicite sua crítica e beba seu chá, isso de modo algum significa que ele respeite suas opiniões, admire sua compreensão, ou recuse, já que o florete lhe é negado, transpassá-la com sua pena. Tudo isso, repetimos, por mais baixo que se sussurre, pode vir a público; de modo que, mesmo com a jarra de creme suspensa e as pinças de açúcar estendidas, as damas podem inquietar-se um pouco, olhar um pouco pela janela, bocejar um pouco, e então deixar cair o açúcar com um grande plop – como fazia agora Orlando – no chá de Mr. Pope. Nunca houve um mortal tão pronto a desconfiar de um insulto ou tão rápido para vingar-se de um como Mr. Pope. Virou-se para Orlando, e presenteou-a imediatamente com o esboço tosco de certo famoso verso de “Figuras de Mulheres”. Muito polimento foi acrescentado a ele depois, mas no original era bastante ofensivo. Orlando recebeu-o com uma reverência. Mr. Pope deixou-a com um aceno de cabeça. Orlando, para refrescar as faces, pois realmente sentia como se o homenzinho a tivesse golpeado, foi passear no bosque de nogueiras ao fundo do jardim. Logo a brisa fresca produzia seus efeitos. Para seu assombro, descobriu que estava imensamente aliviada por se encontrar sozinha. Observou as alegres barcaças que subiam o rio. Não há dúvida de que a visão recordou-lhe um ou dois incidentes da sua

vida passada. Sentou-se em profunda meditação debaixo de um belo salgueiro. Ficou ali até que surgissem estrelas no céu. Então levantou-se, voltou e entrou em casa, onde foi para o seu quarto e trancou a porta. Agora abria um armário onde ainda estavam penduradas muitas das roupas que usara como um jovem elegante, e dentre elas escolheu um traje de veludo negro, ricamente enfeitado com renda veneziana. Estava um pouco fora de moda, de fato, mas caía-lhe com perfeição, e com ele parecia a própria imagem de um nobre lorde. Deu uma ou duas voltas diante do espelho, para ter certeza de que as anáguas não lhe tinham prejudicado a liberdade das pernas, e então saiu secretamente de casa.

Era uma linda noite de princípios de abril. Miríades de estrelas, misturando-se à luz de uma lua minguante, reforçada ainda pela claridade dos lampiões de rua, produziam uma luz extremamente apropriada ao rosto humano e à arquitetura de Mr. Wren. Tudo se apresentava em seu aspecto mais suave, e, justo quando pareciam a ponto de dissolver-se, alguma gota de prata as aguçava e animava. Assim deveria ser a conversação, pensava Orlando (permitindo-se um tolo devaneio); assim a sociedade deveria ser, a amizade deveria ser, o amor deveria ser. Pois, só os céus sabem por que, quando perdemos a fé no relacionamento humano, a disposição aleatória de uns celeiros e de umas árvores ou de um monte de feno e uma carroça nos apresenta um símbolo tão perfeito do que é inatingível que recomeçamos a busca outra vez.

Entrava em Leicester Square ao fazer essas reflexões. Os edifícios tinham uma simetria graciosa, embora formal, que não possuíam durante o dia. A abóbada celeste parecia habilmente desbotada para destacar a silhueta dos telhados e das chaminés. No meio da praça, em um banco sob um plátano, uma jovem sentada de modo triste, um braço inclinado para o lado, o outro repousando no regaço, parecia a própria imagem da graça, da simplicidade e da desolação. Orlando tirou-lhe o chapéu, à maneira de um galã cortejando uma dama elegante em um lugar público. A jovem levantou a cabeça. Era de primorosa beleza. A jovem levantou os olhos. Orlando viu que eram de um brilho que às vezes se vê nos bules de chá, mas raramente em um rosto humano. Através desse esmalte de prata, a jovem olhou para ele (porque para ela era um homem) de modo suplicante, esperançoso, trêmulo, temeroso. Levantou-se. Aceitou o seu braço. Pois – precisamos esclarecê-lo? – era da tribo que toda noite lustra a sua mercadoria e a dispõe em ordem na vitrine comum, à espera do lance mais alto. Conduziu Orlando ao quarto que ocupava em Gerrard Street. Senti-la em seu braço, leve, mas como suplicante, despertou em Orlando todos os sentimentos próprios de um homem. Olhava, sentia, falava como homem. Embora ela mesma só tivesse se tornado mulher recentemente, suspeitava que a timidez da moça e suas respostas hesitantes e o tatear com a chave na fechadura e a dobra de sua capa e a inclinação de sua mão, era tudo fingimento para satisfazer sua masculinidade. Subiram, e o trabalho que a pobre criatura tinha tido para decorar o quarto e esconder o fato de que não havia outro, não enganou Orlando nem por um momento. A decepção despertou seu desprezo; a verdade despertou sua compaixão. Uma coisa introduzindo-se na outra ocasionou a mais estranha mistura de sentimentos, de modo que ela não sabia se ria ou chorava. Enquanto isso, Nell, que era o nome da moça, desabotoava as luvas; escondia cuidadosamente o polegar da mão

esquerda, que precisava de remendo; depois retirou-se para trás de um biombo, onde talvez pintasse as faces com ruge, arrumasse as roupas, colocasse um lenço novo no pescoço, tagarelando todo o tempo como fazem as mulheres, para distrair seu amante, embora Orlando pudesse ter jurado, pelo tom de sua voz, que seus pensamentos estavam em outro lugar. Quando tudo estava pronto, ela voltou, preparada – mas aqui Orlando não pôde suportar mais. Num estranho tormento de raiva, alegria e piedade, tirou todo o seu disfarce e admitiu que era mulher.

Diante disso, Nell prorrompeu em tais gargalhadas que podiam ser ouvidas do outro lado da rua.

“Bem, minha querida”, disse ela, quando se recobrou, “não estou nem um pouco triste de ouvir isso. Pois, para falar a verdade (e era notável como suas maneiras mudaram, e ela abandonou seus modos melancólicos e sedutores, assim que descobriu que eram do mesmo sexo,), “para falar a verdade, não estou disposta a lidar com o sexo oposto esta noite. De fato, estou em uma dificuldade dos diabos.” E assim, atijando o fogo e mexendo uma tigela de ponche, contou para Orlando a história inteira de sua vida. Considerando que é a vida de Orlando que nos interessa no momento, não precisamos relatar as aventuras da outra dama, mas o certo é que Orlando nunca vira as horas passarem mais rápido ou mais alegremente, embora a senhora Nell não possuísse uma partícula de inteligência, e quando o nome de Mr. Pope surgiu na conversa, perguntou inocentemente se ele era aparentado com o fabricante de perucas do mesmo nome, em Jermyn Street. Para Orlando, no entanto, tal é o encanto da espontaneidade e a sedução da beleza, a conversa dessa pobre moça, embora crivada das expressões mais vulgares dos becos, tinha o gosto do vinho, depois das belas frases a que estava acostumada; e foi forçada a concluir que havia algo no escárnio de Mr. Pope, na condescendência de Mr. Addison, e no segredo de lorde Chesterfield, que tirava seu prazer com a companhia dos intelectuais, embora continuasse a respeitar profundamente as suas obras.

Essas pobres criaturas, ela apurou, pois Nell trouxe Prue e Prue, Kitty e Kitty, Rose, tinham uma sociedade própria, da qual agora a elegiam membro. Cada uma contava a história das aventuras que as tinham levado ao seu atual modo de vida. Várias eram filhas naturais de condes, e uma eram muito mais próxima do que devia da pessoa do rei. Nenhuma era tão miserável ou tão pobre que não possuísse algum anel ou lenço no bolso, para servir-lhe de árvore genealógica. Assim faziam circular o ponche, que Orlando encarregava-se de servir generosamente, e muitas eram as belas histórias que contavam, e muitas as divertidas observações que faziam, pois não se pode negar que, quando as mulheres se juntam – mas, psiu! – têm sempre o cuidado de verificar se as portas estão fechadas e se nenhuma de suas palavras vai parar na imprensa. Tudo o que desejam é – mas, psiu! não é o passo de um homem na escada? Tudo o que desejam, estávamos a ponto de dizer quando o cavalheiro nos tirou as palavras da boca. As mulheres não têm desejos, diz esse cavalheiro, entrando na sala de Nell; apenas afetações. Sem desejos (ela o serviu e ele foi embora), sua conversa não pode ter o menor interesse para ninguém. “É fato sabido”, diz Mr. S. W., “que quando lhes falta o estímulo do sexo oposto, as mulheres não acham nada para dizerem umas às outras. Quando estão sozinhas, elas não conversam, arranham-se.” E já que não podem

conversar estando juntas, e as arranhaduras não podem continuar indefinidamente, e é fato bem conhecido (Mr. T. R. provou-o) “que as mulheres são incapazes de qualquer sentimento de afeição pelo seu próprio sexo, e cultivam uma profunda aversão mútua”, o que podemos imaginar que as mulheres façam quando procuram a companhia umas das outras?

Como esta não é uma questão que possa prender a atenção de um homem sensato, que seja permitido a nós, que desfrutamos da imunidade de todos os biógrafos e historiadores, qualquer que seja o seu sexo, ignorá-la, e declarar apenas que Orlando manifestou grande prazer na companhia de seu próprio sexo, e deixar que os cavalheiros provem, como eles adoram fazer, que tal coisa é impossível.

Mas fazer um relato exato e minucioso da vida de Orlando nesse momento torna-se cada vez mais difícil. Enquanto espiamos e tateamos pelos pátios mal iluminados, mal pavimentados e mal ventilados que, naquela época, se estendiam pela Gerrard Street e por Drury Lane, parece que a vemos de relance e em seguida a perdemos de vista outra vez. A tarefa se torna ainda mais difícil porque ela achava conveniente, naquele tempo, mudar constantemente de um tipo de roupas para outro. Assim, ela muitas vezes figura nas memórias contemporâneas como ‘lorde Fulano de Tal’, que na verdade era seu primo; sua generosidade foi atribuída a ele, e foi ele que disseram ter escrito os poemas que na realidade eram dela. Ela, ao que parece, não tinha qualquer dificuldade para sustentar os diferentes papéis, pois mudava de sexo com muito mais frequência do que podem conceber aqueles que só usaram um tipo de roupa; nem pode haver qualquer dúvida de que colhia uma dupla colheita com esse artifício; que os prazeres da vida aumentaram e suas experiências se multiplicaram. Pois ela trocava a probidade das calças pela sedução das anáguas, e desfrutava igualmente o amor de ambos os sexos.

Assim, se poderia representar Orlando passando a manhã entre os seus livros, em um robe chinês de gênero indefinido; depois, recebendo um ou dois clientes (pois ela tinha inúmeros solicitantes) com o mesmo traje; depois, daria uma volta pelo jardim e podaria as nogueiras – para isso os calções até o joelho eram mais convenientes; depois trocava-os por um vestido de tafetá floreado, que convinha melhor a um passeio por Richmond e à proposta de casamento de algum grande nobre; e de novo voltava para a cidade, onde vestiria uma beca cor de rapé como a de um advogado, e visitaria os tribunais para saber como iam os seus processos – pois sua fortuna estava se consumindo a cada hora, e suas causas não pareciam mais perto do fim do que tinham estado cem anos antes; e então, finalmente, quando caía a noite, tornava-se com mais frequência um nobre completo, da cabeça aos pés, e andava pelas ruas em busca de aventuras.

Voltando de algum desses passeios furtivos – dos quais se contavam muitas histórias, na época, como a de que tinha travado um duelo, servira como capitão em um dos navios do rei, fora vista dançando nua em uma sacada, e fugira com certa dama para os Países Baixos, onde o marido da dama as seguira – mas não expressamos qualquer opinião quanto à veracidade ou falsidade dessas histórias – voltando do que estivesse fazendo, fosse o que fosse, fazia questão às vezes de passar sob as janelas de um café, de onde podia observar os intelectuais sem ser vista, e assim imaginar, pelos seus

gestos, as coisas sábias, engenhosas ou maldosas que estariam dizendo, sem ouvir uma só de suas palavras; o que talvez fosse uma vantagem; e certa vez ficou meia hora observando três sombras na persiana, tomando chá juntas em uma casa em Bolt Court.

Nunca um espetáculo fora tão absorvente. Ela queria gritar: Bravo! Bravo! Pois, com certeza, aquele era um belo drama! Que página arrancada do mais grosso volume sobre a vida humana! Lá estava a pequena sombra de boca mal-humorada, mexendo-se para cá e para lá na cadeira, inquieta, petulante, impertinente; lá estava a sombra feminina curvada, enfiando um dedo na xícara para sentir a que profundidade estava o chá, pois era cega; e lá estava a ondulante sombra de aspecto romano na grande poltrona – que torcia os dedos de modo tão esquisito e sacudia a cabeça de um lado para outro e engolia o chá em goles tão grandes. Dr. Johnson, Mr. Boswell e Mrs. Williams – eram esses os nomes das sombras. Tão absorta estava Orlando com a visão, que esqueceu-se de pensar em como as épocas futuras a invejariam, embora pareça provável que desta vez invejariam mesmo. Estava contente de olhar e olhar. Afinal, Mr. Boswell levantou-se. Saudou a velha dama com amarga aspereza. Mas com que humildade não se humilhou diante da grande sombra romana, que agora se punha de pé e, balançando-se um pouco, lançava as mais magníficas frases já saídas de lábios humanos; ou assim Orlando as imaginou, embora não tivesse ouvido uma só palavra do que qualquer das três sombras dissera enquanto estavam ali tomando chá.

Afinal, voltou para casa uma noite, após uma dessas perambulações, e subiu para o seu quarto. Tirou o casaco rendado e ficou ali, de camisa e calções, olhando pela janela. Havia alguma coisa excitante no ar, que a impedia de ir para a cama. Uma neblina branca cobria a cidade, pois era uma noite gelada na metade do inverno, e uma vista magnífica espalhava-se ao seu redor. Podia avistar a catedral de St. Paul, a Torre, a Abadia de Westminster, com todos os pináculos e cúpulas das igrejas da cidade, o volume macio das margens do rio, as amplas e opulentas curvas dos edifícios e locais de encontro. Ao norte, erguiam-se as colinas suaves e toçadas de Hampstead, e a oeste as ruas e praças de Mayfair reluziam com claro fulgor. As estrelas fitavam, brilhantes, positivas, duras, de um céu sem nuvens, essa paisagem serena e ordenada. Na extrema claridade da atmosfera, percebia-se a linha de cada telhado, o capelo de cada chaminé; mesmo as pedras da rua se mostravam distintas umas das outras; e Orlando não pôde deixar de comparar essa cena ordeira com os subúrbios irregulares e apinhados que formavam a cidade de Londres no reinado da rainha Elizabeth. Naquela época, lembrava-se, a cidade, se é que se podia chamá-la assim, estendia-se amontoada, uma mera aglomeração confusa de casas, sob suas janelas em Blackfriars. As estrelas refletiam-se em fundas poças de água parada, que se espalhavam pelo meio das ruas. Uma sombra negra na esquina, onde costumava ficar a taberna, podia ser, com toda probabilidade, o cadáver de um homem assassinado. Era capaz de se lembrar dos gritos de mais de um ferido nessas brigas noturnas, quando era um menino, seguro nos braços da ama junto à janela com vidraças em losango. Bandos de desordeiros, homens e mulheres, indizivelmente enlaçados, arremetiam rua abaixo, cantarolando canções selvagens, com joias faiscando nas orelhas e facas reluzindo nos punhos. Numa noite como aquela, a massa confusa e impermeável das florestas de Highgate e Hampstead se delineava no

horizonte, retorcendo-se em um emaranhamento complexo contra o céu. Aqui e ali, em uma das colinas que se erguiam acima de Londres, havia uma árvore com uma forca, e um cadáver pregado a apodrecer ou a ressecar em sua cruz; pois perigo e insegurança, luxúria e violência, poesia e sujeira enxameavam pelas tortuosas estradas elisabetanas, e zumbiam e fediam – Orlando podia lembrar-se mesmo agora do seu cheiro em uma noite quente – nos quartos apertados e nas vielas estreitas da cidade. Agora – inclinava-se para fora da janela – tudo era luz, ordem e serenidade. Ouvia-se o ruído distante das rodas de uma carruagem nas pedras. Ela ouviu o grito longínquo do guarda-noturno. “É só meia-noite de uma madrugada gelada.” Nem bem acabara de dizer essas palavras, soou a primeira batida da meia-noite. Orlando notou então, pela primeira vez, uma pequena nuvem atrás da cúpula de St. Paul. À medida que soavam as batidas, a nuvem aumentava, e ela a viu escurecer e esparramar-se com extraordinária rapidez. Ao mesmo tempo, levantou-se uma leve brisa, e ao soar a sexta batida da meia-noite, todo o céu no oriente estava coberto por uma escuridão irregular e móvel, embora a oeste e ao norte o céu continuasse claro como sempre. Então, a nuvem se espalhou para o norte. Uma após a outra, as colinas da cidade foram todas engolfadas por ela. Apenas Mayfair, com todas as suas luzes acesas, brilhava, em contraste, com mais fulgor do que antes. Na oitava badalada, alguns apressados farrapos de nuvem se espalharam sobre Piccadilly. Pareciam se amontoar e avançar com extraordinária rapidez na direção do West End. Quando soaram a nona, a décima e a décima-primeira badaladas, um negrume imenso se espalhava sobre toda Londres. Com a décima segunda badalada, a escuridão era completa. Uma turbulenta confusão de nuvens cobria a cidade. Tudo era treva; tudo era dúvida; tudo era confusão. Terminara o século dezoito; o século dezenove começava.

A grande nuvem suspensa, não apenas sobre Londres, mas sobre todo o território das ilhas britânicas, no primeiro dia do século dezenove ficou – ou melhor, não ficou, pois foi impelida constantemente por ventos fortíssimos – por tempo suficiente para ter extraordinárias consequências sobre aqueles que viviam sob a sua sombra. Parecia ter havido uma mudança no clima da Inglaterra. A chuva caía com frequência, mas só em rajadas intermitentes que, nem bem tinham acabado, logo recomeçavam. O sol brilhava, é claro, mas tão envolvido por nuvens, e o ar estava tão saturado de água, que os seus raios eram descoloridos, e púrpuras, alaranjados e vermelhos de um tipo sombrio tomavam o lugar das paisagens mais claras do século dezoito. Sob esse dossel machucado e sombrio, o verde dos repolhos era menos intenso, e o branco da neve, lamacento. E o que era pior: a umidade agora começava a abrir caminho para dentro de cada casa – a umidade, que é o mais insidioso de todos os inimigos, pois, enquanto o sol pode ser evitado com cortinas, e o frio com um bom fogo, a umidade se instala enquanto dormimos; a umidade é silenciosa, imperceptível, onipresente. A umidade incha a madeira, incrusta-se nas panelas, oxida o ferro, deteriora a pedra. Tão gradual é o processo, que só quando levantamos um gaveteiro, ou um balde de carvão, e a coisa toda se esfarela em nossas mãos, é que suspeitamos que a doença está em curso.

Assim, furtiva e imperceptivelmente, sem que ninguém marcasse o dia exato ou a hora exata da mudança, a constituição da Inglaterra se alterou e ninguém percebeu. Os efeitos foram sentidos por toda parte. O robusto cavalheiro rural, que tinha se sentado alegremente para uma refeição de cerveja e carne em uma sala projetada, talvez, pelos irmãos Adam, com clássica dignidade, agora sentia frio. Surgiram mantas de lã; cresceram barbas; calças compridas eram apertadas debaixo do pé. O frio que o cavalheiro rural sentia nas pernas, logo se transferiu para sua casa; a mobília foi encapada; paredes e mesas foram cobertas; nada era deixado nu. Então, uma mudança de dieta tornou-se necessária. Inventou-se o muffin e o bolo assado. O café suplantou o porto, depois do jantar, e como o café conduz a um salão onde bebê-lo, e o salão a mostruários de vidro, e os mostruários de vidro às flores artificiais, e as flores artificiais aos consolos de lareira, e os consolos de lareira a pianos, e os pianos às canções de salão, e as canções de salão (pulando um ou dois estágios) a inúmeros cãezinhos, tapetes e bibelôs de porcelana, a casa – que tinha se tornado muito importante – foi completamente transformada.

Do lado de fora da casa – era outro efeito da umidade – a hera crescia em uma profusão sem paralelo. Casas que tinham sido de pedra nua, eram sufocadas pela vegetação. Em nenhum jardim, por mais formal que fosse originalmente o seu desenho, faltava agora um bosque, um recanto ermo, um labirinto. A luz que penetrava nos quartos onde as crianças nasciam era naturalmente de um verde fosco, e a luz que penetrava nos salões onde viviam homens e mulheres adultos passava através de cortinas de pelúcia castanhas e púrpuras. Mas a mudança não parou nas coisas externas. A umidade atacou dentro também. Os homens sentiam o frio em seu coração; a umidade em sua mente. Num esforço desesperado para agasalhar seus sentimentos com algum

tipo de calor, experimentaram-se todos os subterfúgios, um após o outro. O amor, o nascimento e a morte foram todos envolvidos em uma variedade de belas frases. Os sexos se afastaram cada vez mais. Não se tolerava mais nenhuma conversa franca. Evasivas e encobrimentos eram diligentemente praticados por ambas as partes. E, assim como a hera e a sempre-viva cresciam de modo desordenado na terra úmida lá fora, a mesma fertilidade se manifestava lá dentro. A vida da mulher comum era uma sucessão de partos. Casava-se aos dezenove anos, e já tinha quinze ou dezoito filhos quando chegava aos trinta, porque abundavam os gêmeos. Assim surgiu o império britânico; e assim – pois não há como deter a umidade, que entra no tinteiro assim como entra no madeiramento – as frases incharam, os adjetivos se multiplicaram, a poesia lírica tornou-se épica, e pequenas ninharias, que tinham sido ensaios de uma coluna, eram agora enciclopédias de dez ou vinte volumes. Mas Eusébio Chubb será nossa testemunha do efeito que tudo isso produzia na mente de um homem sensível, que nada podia fazer para detê-lo. Há uma passagem, no final de suas memórias, onde ele descreve como, depois de escrever trinta e cinco páginas de in-fólio em uma manhã, “tudo sobre coisa nenhuma”, ele atarraxou a tampa do tinteiro e saiu para dar uma volta pelo jardim. Logo se achou envolvido pelo bosque. Incontáveis folhas farfalhavam e cintilavam sobre sua cabeça. Parecia-lhe que “esmagava as formas de um milhão de outras folhas sob os pés.” Fumaça grossa se desprendia de uma fogueira úmida, no fundo do jardim. Refletiu que nenhum fogo da terra poderia esperar consumir aquele vasto estorvo vegetal. Para onde quer que olhasse, a vegetação era exuberante. Os pepinos “se enroscavam pela grama até seus pés.” Couves-flores gigantescas subiam em camadas, até que rivalizassem, em sua desordenada imaginação, com os próprios olmos. As galinhas punham, sem parar, ovos de nenhuma cor especial. Então, lembrando-se com um suspiro de sua própria fecundidade, e de sua pobre esposa Jane, agora em meio ao seu décimo quinto resguardo de parto, como ele poderia, perguntava-se, culpar as aves? Levantou os olhos para o céu. O próprio paraíso, ou esse grande frontispício do paraíso, que é o céu, não indicava o consentimento, ou o estímulo, na verdade, da hierarquia divina? Pois ali, no inverno ou no verão, ano após ano, as nuvens giravam e caíam como baleias, ponderou, ou melhor, como elefantes; mas não, não havia como escapar da comparação empurrada sobre ele por mil acres de ar; o próprio céu, largamente esparramado sobre as ilhas britânicas, não era nada mais que um vasto colchão de plumas; e a confusa fecundidade do jardim, do quarto e do galinheiro era copiada ali. Ele entrou em casa, escreveu a passagem citada acima, pôs a cabeça em um forno a gás, e quando mais tarde o encontraram já não vivia.

Enquanto isso continuava por toda a Inglaterra, não adiantava nada Orlando aconchegar-se em sua casa de Blackfriars e fingir que o clima era o mesmo; que ainda se podia dizer o que quisesse, e usar calças ou saias, conforme o seu capricho. Mesmo ela, afinal, foi forçada a reconhecer que os tempos haviam mudado. Uma tarde, no princípio do século, passeava pelo parque St. James em sua velha carruagem almofadada, quando um daqueles raios de sol que às vezes, embora não com frequência, conseguia chegar à terra, abriu caminho entre as nuvens, marmoreando-as com estranhas cores prismáticas ao passar. Depois dos céus claros e uniformes do século dezoito, tal visão era estranha o

bastante para fazê-la baixar a janela e contemplá-lo. As nuvens castanhas e cor de flamengo fizeram-na pensar, com aprazível angústia – prova de que ela já estava afetada pela umidade sem o sentir – em golfinhos morrendo no mar Jônio. Mas qual não foi a sua surpresa quando, ao atingir a terra, o raio de sol pareceu trazer à tona, ou iluminar, uma pirâmide, hecatombe ou troféu (pois tinha certo ar de mesa de banquete) – uma aglomeração, de qualquer modo, dos objetos mais sortidos e disparatados, empilhados de modo confuso em um vasto monte onde agora se ergue a estátua da rainha Vitória! De uma enorme cruz de ouro cinzelado com florões, pendiam roupas de viúva e véus de noiva; enganchados com outras excrescências havia palácios de cristal, berços, elmos militares, coroas fúnebres, calças compridas, suíças, bolos de casamento, canhões, árvores de Natal, telescópios, animais extintos, globos, mapas, elefantes e instrumentos matemáticos – tudo sustentado como um brasão gigantesco à direita por uma figura feminina usando uma esvoaçante túnica branca, e à esquerda por um distinto cavalheiro vestindo uma sobrecasaca e calças fofas. A incongruência dos objetos, a associação da figura inteiramente vestida com a outra parcialmente envolta, a extravagância das diferentes cores e sua justaposição em forma de xadrez causaram em Orlando o mais profundo horror. Nunca, em toda sua vida, havia visto alguma coisa ao mesmo tempo tão indecente, tão horrorosa e tão monumental. Podia ser, e realmente devia ser, o efeito do sol no ar saturado de água; desapareceria com a primeira brisa que soprasse; mas apesar de tudo, parecia-lhe, quando passou, que estava destinado a durar para sempre. Afundando em um canto da carruagem, ela sentia que nada, nem vento nem chuva, sol ou trovão, poderia jamais demolir aquele monumento extravagante. Só os narizes ficariam manchados, e as trombetas enferrujariam; mas ali permaneceria, apontando para leste, oeste, sul e norte, eternamente. Olhou para trás, enquanto a carruagem subia a Constitution Hill. Sim, lá estava ele, ainda brilhando placidamente a uma luz que – ela puxou o relógio do bolso – era, é claro, a luz das doze horas, no meio do dia. Nenhum outro poderia ser tão prosaico, tão trivial, tão impenetrável a qualquer sugestão de aurora ou crepúsculo, tão aparentemente calculado para durar para sempre. Estava determinada a não olhar mais. Já sentia o seu sangue correndo lentamente. Mas o mais curioso foi que um estranho rubor, vívido e singular, espalhou-se por suas faces quando passou pelo palácio de Buckingham, e seus olhos foram forçados, como por um poder superior, a olhar para seus joelhos. De repente percebeu, com um sobressalto, que vestia calções negros. Não parou de enrubescer até chegar à sua casa de campo, o que, considerando o tempo que levam quatro cavalos para percorrer trinta milhas, será tomado, esperamos, como uma prova notável de sua castidade.

Lá chegando, cedeu ao que agora havia se tornado a necessidade mais imperiosa da sua natureza, e envolveu-se o melhor que pôde em uma colcha de damasco que arrebatara da cama. Explicou à viúva Bartholomew (que sucedera à velha e boa Grimsditch como governanta) que estava com frio.

“Assim estamos todos nós, senhora”, disse a viúva, exalando um profundo suspiro. “As paredes estão suando”, disse com uma curiosa, lúgubre complacência, e por certo, bastava por a mão nos painéis de carvalho para que os dedos ficassem impressos ali. A hera crescera com tanta profusão, que muitas janelas estavam agora lacradas. A cozinha

era tão escura, que mal se podia distinguir uma chaleira de um coador. Um pobre gato preto tinha sido confundido com carvão, e atirado ao fogo com a pá. A maioria das criadas já estava usando três ou quatro anáguas de flanela vermelha, embora estivessem no mês de agosto.

“Mas é verdade, senhora”, perguntou a boa mulher, apertando os braços em torno de si, enquanto o crucifixo de ouro saltava-lhe no peito, “que a rainha, bendita seja, está usando uma... como é que chamam isso?... uma...” a boa mulher hesitava e corava.

“Uma crinolina”, ajudou-a Orlando (pois a palavra já tinha chegado a Blackfriars). Mrs. Bartholomew balançou a cabeça, em sinal de assentimento. As lágrimas já lhe corriam pelas faces, mas ela sorria, enquanto chorava. Pois era agradável chorar. Não eram todas elas apenas fracas mulheres, usando crinolinas para melhor ocultarem o fato; o grande fato; o único fato; mas, apesar disso, o deplorável fato, que toda mulher modesta fazia o melhor que podia para negar, até que negar fosse impossível; o fato de que ela estava para ter um filho? Ter quinze ou vinte filhos, na verdade, assim se consumia a vida da maioria das mulheres modestas, afinal de contas, negando aquilo que, pelo menos um dia em cada ano, se tornava evidente.

“Os muffins estão quentinhos,” disse Mrs. Bartholomew, enxugando as lágrimas, “na biblioteca.” E embrulhada em uma colcha de damasco, Orlando sentava-se agora diante de um prato de muffins.

“Os muffins estão quentinhos na biblioteca”. Orlando repetiu com afetação a horrível frase cockney, o dialeto dos pobres de Londres, no refinado sotaque cockney de Mrs. Bartholomew, enquanto bebia – mas não, ela detestava essa bebida doce – seu chá. Fora neste mesmo aposento, lembrava-se, que a rainha Elizabeth estivera escarranchada na lareira com uma caneca de cerveja na mão, que ela de repente atirara na mesa quando lorde Burghley, com a maior falta de tato, usara o imperativo em vez do subjuntivo. “Homenzinho, homenzinho,” – Orlando podia ouvi-la dizer – “deve é palavra que se dirija a príncipes?” E atirara a caneca na mesa: a marca ainda estava ali.

Mas quando Orlando se pôs de pé de repente, como a mera lembrança daquela grande rainha o ordenava, tropeçou na colcha, e caiu de novo sentada em sua poltrona, soltando uma praga. Amanhã teria que comprar vinte jardas ou mais de bombazina preta, supôs, para fazer uma saia. E depois (aqui ela corou), teria que comprar uma crinolina, e depois (aqui ela corou) um berço, e depois outra crinolina, e assim por diante... Os rubores iam e vinham, na mais refinada iteração de modéstia e vergonha que se possa imaginar. Se poderia ver o espírito da época soprando, ora quente, ora frio, sobre suas faces. E se o espírito da época soprava de modo um pouco desigual, pois ruborizava antes pela crinolina que pelo marido, sua posição ambígua deve desculpá-la (até mesmo seu sexo ainda estava em questão) bem como a vida irregular que levava antes.

Finalmente, a cor em suas faces retomou sua estabilidade, e parecia que o espírito da época – se de fato era isso – adormecera durante certo tempo. Então, Orlando apalpou o peito da camisa, como se buscasse algum medalhão ou relíquia de amor perdido, e dali não tirou outra coisa senão um rolo de papel, manchado de mar, manchado de sangue, manchado de viagens – o manuscrito do seu poema, “O Carvalho.”

Tinha carregado isso consigo por tantos anos, e em tão perigosas circunstâncias, que muitas das páginas estavam manchadas, algumas rasgadas, enquanto os apertos que passara para conseguir papel quando estivera com os ciganos a tinham forçado a preencher as margens e cruzar as linhas, até que o manuscrito se parecesse com um cerzido conscienciosamente executado. Voltou à primeira página e leu a data, 1586, escrita pela sua mão de adolescente. Estivera trabalhando nisso por quase trezentos anos. Era hora de terminar. Enquanto isso, começou a folhear, e a mergulhar na leitura, e a saltar, e a pensar, enquanto lia, em como tinha mudado pouco em todos esses anos. Tinha sido um rapaz triste, enamorado da morte, como são os rapazes; e então se tornara amoroso e corado; e depois, vivaz e satírico; e às vezes tentara a prosa, e às vezes tentara o drama. Mesmo assim, apesar de todas essas mudanças, refletia, tinha permanecido essencialmente a mesma. Tinha o mesmo temperamento taciturno e pensativo, o mesmo amor pelos animais e pela natureza, a mesma paixão pelo campo e pelas estações.

“Afinal de contas,” pensava, levantando-se e dirigindo-se à janela, “nada mudou. A casa, o jardim são precisamente como tinham sido. Nem uma cadeira foi removida, nem uma quinquilharia vendida. São os mesmos caminhos, os mesmos gramados, as mesmas árvores e o mesmo lago, onde, apostado, vive a mesma carpa. É verdade que a rainha Vitoria está no trono, e não a rainha Elizabeth, mas que diferença...”

Nem bem seu pensamento tomara forma, e eis que, como se para reprová-lo, a porta foi inteiramente aberta, e entrou Basket, o mordomo, seguido de Bartholomew, a governanta, para retirar o chá. Orlando, que tinha acabado de mergulhar a pena na tinta e estava a ponto de compor alguma reflexão sobre a eternidade de todas as coisas, ficou muito aborrecida de ter sido impedida por um borrão que se esparramava em volta da pena. Era algum problema com a pena, supôs; estava rompida ou suja. Molhou-a de novo. O borrão aumentou. Tentou prosseguir com o que estava dizendo; nenhuma palavra lhe acudiu. Logo ela começou a decorar o borrão com asas e bigodes, até que se tornou um monstro de cabeça redonda, algo entre um morcego e um vombatídeo. Quanto a escrever poesia, com Basket e Bartholomew na sala, era impossível. Mal acabara de dizer “impossível”, para sua surpresa e alarma, a pena começou a curvar-se e a caracolar com a mais suave fluência. E em sua página foram escritos, na mais pura caligrafia italiana inclinada, os mais insípidos versos que ela já lera em sua vida:

“Não sou mais que o desprezível elo
Entre as cadeias da vida, cansadas
Mas proferi palavras santificadas
Oh, não diga que foram em vão!
Será que a jovem donzela, quando seu pranto,
Sozinho à luz da lua brilhar
Lágrimas pelo ausente e pelo amado
Não irá murmurar...”[\[11\]](#)

ela escreveu sem parar, enquanto Bartholomew e Basket resmungavam e grunhiam pela sala, atiçando o fogo e recolhendo os muffins.

Orlando mergulhou a pena na tinta outra vez, e a pena disparou:

“Estava tão mudada, a frágil nuvem cor de cravo
Cobrindo sua face, como aquela que na véspera
Pendurava-se no céu, brilhando em rosado matiz
E desvanecera-se em palidez, despedaçada por
Rubores brilhantes e ardentes, archotes da tumba.”[\[12\]](#)

mas aqui, por um movimento brusco, derramou a tinta pela página, apagando-a da vista humana, esperava que para sempre. Orlando era só tremor, só ansiedade. Não se poderia imaginar nada mais repulsivo que sentir a tinta fluindo assim em cascatas de inspiração involuntária. O que tinha acontecido com ela? Seria a umidade, seria Bartholomew, seria Basket? O que seria? perguntava. Mas a sala estava vazia. Ninguém lhe respondeu, a menos que o gotejar da chuva na hera pudesse ser tomado por uma resposta.

Entrementes, parada junto à janela, percebeu um extraordinário tinido e uma vibração em todo o seu corpo, como se fosse feita de mil fios, sobre os quais alguma brisa ou dedos errantes estivessem executando escalas. Ora eram os dedos dos pés que formigavam; ora a medula. Tinha as sensações mais estranhas nos ossos da coxa. Seus cabelos pareciam eriçar-se sozinhos. Seus braços vibravam e ressoavam, como os fios do telégrafo estariam ressoando e vibrando dentro de vinte anos ou algo assim. Mas toda essa agitação parecia afinal concentrar-se em suas mãos; depois, em uma só mão; depois, em um dedo dessa mão, e depois, finalmente, contrair-se de modo a criar um anel de trêmula sensibilidade ao redor do segundo dedo da mão esquerda. E quando ela o ergueu para ver o que causara essa agitação, não viu nada – nada mais que a vasta esmeralda solitária que a rainha Elizabeth lhe dera. E isso não era o bastante? perguntou. Era da mais fina água. Valia pelo menos dez mil libras. A vibração parecia, do modo mais estranho (mas lembremos que estamos lidando com algumas das mais obscuras manifestações da alma humana), dizer, “Não, não era o bastante”; e, além disso, assumia um tom interrogativo, como se estivesse perguntando: o que significa isso? esse hiato, essa estranha omissão? Até que a pobre Orlando sentiu-se positivamente envergonhada do segundo dedo da sua mão esquerda, sem ao menos saber por quê. Nesse momento, Bartholomew entrou para perguntar qual vestido deveria separar para o jantar, e Orlando, cujos sentidos estavam muito aguçados, imediatamente olhou para a mão esquerda de Bartholomew, e imediatamente percebeu o que nunca tinha notado antes – um grosso anel de brilho amarelado, ao redor do terceiro dedo, onde, na sua própria mão, não havia nada.

“Deixe-me ver o seu anel, Bartholomew”, disse ela, estendendo a mão para pegá-lo.

Diante disso, Bartholomew agiu como se estivesse sendo golpeada no peito por um bandido. Recuou um ou dois passos, apertou a mão e afastou-a com um gesto de extrema nobreza. “Não,” disse ela, com resoluta dignidade; Sua Senhoria podia olhar, se quisesse, mas quanto a tirar do dedo o seu anel de casamento, nem o arcebispo nem o papa nem a rainha Vitoria em seu trono poderiam forçá-la a fazê-lo. O seu Thomas o

tinha posto em seu dedo fazia vinte e cinco anos, seis meses e três semanas; tinha dormido com ele; trabalhado com ele; lavado com ele; rezado com ele; e pretendia ser enterrada com ele. Na verdade, Orlando pensou ter entendido – mas sua voz estava entrecortada demais pela emoção – que era pelo brilho do seu anel de casamento que ela teria assegurado o seu lugar entre os anjos, e que seu brilho seria ofuscado para sempre se ela o deixasse por um segundo fora de sua guarda.

“Que o céu nos acuda”, disse Orlando junto à janela, observando os pombos em suas travessuras, “em que mundo vivemos! Que mundo, realmente!” Suas complexidades a espantavam. Parecia-lhe agora que o mundo inteiro estava anelado em ouro. Foi jantar. Anéis de casamento abundavam. Foi à igreja. Anéis de casamento estavam por toda parte. Foi passear de carruagem. De ouro ou ouropel, finos, grossos, lisos, polidos, brilhavam estupidamente em todas as mãos. As joalherias estavam cheias de anéis, não as flamejantes pedras falsas e os diamantes da lembrança de Orlando, mas simples aros, sem uma pedra. Ao mesmo tempo, ela começou a notar um novo hábito entre as pessoas da cidade. Nos velhos tempos, encontrava-se com muita frequência um rapaz brincando com uma moça sob uma cerca de espinhos. Orlando tinha cutucado muitos pares com a ponta do chicote, e rido e seguido adiante. Agora, tudo isso havia mudado. Os pares arrastavam-se, fatigando-se pelo meio da estrada, indissolúvelmente unidos. A mão direita da mulher sempre estava entrelaçada na mão esquerda do homem, com os dedos firmemente seguros pelos dele. Muitas vezes, só se moviam quando os focinhos dos cavalos já estavam em cima deles, e então, embora se movessem, era em um só bloco, de maneira pesada, para a beira do caminho. Orlando só podia supor que fora feita alguma nova descoberta sobre a raça humana; que eles eram, de algum modo, grudados juntos, casal após casal, mas quem tinha feito isso, e quando, não podia adivinhar. Não parecia ser coisa da natureza. Olhou para os pombos e os coelhos e os cães de caça e não lhe parecia que a natureza tivesse mudado seus modos, ou os tivesse consertado, pelo menos, desde o tempo de Elizabeth. Não havia nenhuma aliança indissolúvel entre os animais, que ela pudesse ver. Seria a rainha Vitória, então, ou lorde Melbourne? Seria deles que procedia essa grande descoberta do casamento? Embora, ponderava, dissessem que a rainha adorava cães, e lorde Melbourne, pelo que ouvira, adorava mulheres. Era estranho – era desagradável; na verdade, havia algo nessa indissolubilidade de corpos que repugnava ao seu senso de decência e de higiene. Suas rumações, no entanto, eram acompanhadas de al formigar e vibrar do aflito dedo que ela mal podia manter as ideias em ordem. Estavam enlanguescendo e ficando ternas como as fantasias de uma criada. Faziam-na corar. Não havia nada a fazer senão comprar um desses horríveis aros, e usá-lo como todo mundo. Foi o que fez, deslizando-o pelo dedo, cheia de vergonha, à sombra de uma cortina; mas sem resultado. A vibração persistia, mais violenta e mais revoltante do que antes. Não pregou olho aquela noite. Na manhã seguinte, quando tomou a pena para escrever, ou não conseguia pensar em nada, e a pena fazia um grande e lacrimoso borrão atrás do outro, ou, o que era ainda mais alarmante, andava a passo lento em melífluas digressões sobre a morte prematura e a corrupção, o que era pior do que não pensar em nada. Pois parecia – seu caso era a prova – que não escrevemos só com os dedos, mas com a pessoa inteira. O nervo que

controla a pena enrola-se em cada fibra do nosso ser, trespassa o coração, perfura o fígado. Embora o centro da sua inquietação parecesse ser a mão esquerda, sentia-se completamente envenenada, e foi obrigada, por fim, a considerar o mais desesperado dos remédios, que era ceder de modo completo e submisso ao espírito da época e arrumar um marido.

Que isso estava em completo desacordo com o seu temperamento natural, já foi claramente demonstrado. Quando o som das rodas da carruagem do arquiduque se extinguiu, o grito que saiu de seus lábios foi "Vida! Um amor!", não "Vida! Um marido!", e fora perseguindo esse objetivo que ela partira para a cidade e percorrera o mundo, como foi mostrado no capítulo anterior. Tal é, porém, a indomável natureza do espírito da época, que derruba com muito mais eficácia os que tentam opor-se a ele do que os que se inclinam aos seus propósitos. Orlando se inclinara, de modo natural, ao espírito elisabetano, ao espírito da Restauração, ao espírito do século dezoito e, por conseguinte, mal tinha percebido a mudança de uma época para outra. Mas o espírito do século dezenove lhe era antipático ao extremo, e, assim, tomou-a e venceu-a, e em suas mãos sentia-se derrotada como nunca fora antes. Porque é provável que o espírito humano tenha o seu lugar designado no tempo; alguns nascem para esta época, outros, para aquela; e agora que Orlando se tornara uma mulher, com um ou dois anos além dos trinta, as linhas do seu caráter, na verdade, já estavam fixadas e dobrá-las para outro lado era intolerável.

Assim ficou pesarosamente à janela da sala de visitas (Bartholomew tinha batizado a biblioteca assim), deprimida pelo peso da crinolina, que adotara com submissão. Era mais pesada e mais sem graça que qualquer vestido que já tivesse usado. Nenhum lhe tinha impedido tanto os movimentos. Já não podia passear pelo jardim com seus cães, ou subir depressa a alta colina e atirar-se sob o carvalho. Suas saias juntavam folhas úmidas e palha. O chapéu de plumas esvoaçava na brisa. Os sapatos finos logo ficavam encharcados e duros de lama. Seus músculos tinham perdido a flexibilidade. Tornou-se nervosa, com medo deque houvesse ladrões atrás do forro de lambri, e temerosa, pela primeira vez na vida, de fantasmas nos corredores. Todas estas coisas a inclinavam, passo a passo, a submeter-se à nova descoberta, fosse da rainha Vitoria ou de qualquer outro, de que cada homem e cada mulher têm um outro destinado para si, por toda vida, a quem apoia e por quem é apoiado, até que a morte os separe. Devia ser um conforto, sentia, apoiar-se; sentar-se; sim, deitar-se; nunca, nunca, nunca mais se levantar. Assim o espírito da época agiu sobre ela, apesar de todo o seu antigo orgulho, e, enquanto descia pela escala das emoções até esse humilde e incomum alojamento, aquelas vibrações e formigamentos, tão capciosos e interrogativos, modulavam-se nas mais doces melodias, como se anjos estivessem tangendo cordas de harpa com os dedos brancos, e todo o seu ser foi penetrado por uma seráfica harmonia.

Mas em quem poderia apoiar-se? Fez essa pergunta aos ventos selvagens do outono. Pois era agora outubro, e úmido como sempre. Não no arquiduque; ele se casara com uma grande dama, e caçava lebres na Romênia havia muitos anos; nem em Mr. M.; tinha se tornado católico; nem no marquês de C.; havia feito saques em Botanic Bay; nem em lorde O.; já tinha virado comida de peixes há muito tempo. De um jeito ou de

outro, todos os seus antigos admiradores tinham desaparecido, e as Nells e as Kits de Drury Lane, por mais que as favorecesse, dificilmente serviriam de apoio.

“Em quem”, perguntava ela, lançando os olhos às nuvens revoltas, apertando as mãos ao se ajoelhar no parapeito da janela, parecendo a própria imagem da feminilidade suplicante, “em quem posso apoiar-me?” Suas palavras se formaram por si mesmas, suas mãos se apertavam por si mesmas, de modo involuntário, assim como a pena tinha escrito por sua própria conta. Não era Orlando que falava, mas o espírito da época. Mas, fosse o que fosse, ninguém respondia. As gralhas giravam a esmo entre as nuvens cor de violeta do outono. A chuva parara, por fim, e havia no céu uma iridescência que a tentava a por o chapéu de plumas e os sapatinhos de cordões e a passear lá fora antes do jantar.

“Todo mundo tem um par, menos eu”, refletia, arrastando-se desconsolada pelo pátio. As gralhas, para começar; Canute e Pippin, também – por transitórias que fossem suas alianças, cada um parecia ter seu par, naquela tarde. “Enquanto eu, que sou a dona de tudo isso”, Orlando pensava, olhando, ao passar, as incontáveis janelas blasonadas da casa, “sou solteira, sem companheiro, sozinha.”

Tais pensamentos nunca lhe haviam ocorrido antes. Agora, afligiam-na de modo inescapável. Em vez de empurrar o portão, bateu com a mão enluvada para que o porteiro lhe abrisse. É preciso apoiar-se em alguém, pensou, nem que seja apenas em um porteiro; e quase desejou ficar para trás e ajudá-lo a assar sua carne em um balde de brasas, mas era muito tímida para pedir isso. Assim, perambulou pelo parque sozinha, hesitante, a princípio, e apreensiva de que houvesse caçadores clandestinos, guarda-caças, ou mesmo meninos de recados que se espantariam de ver uma grande dama passeando sozinha.

A cada passo, olhava nervosamente para ver se não havia algum vulto masculino escondendo-se atrás de um arbusto de tojos, ou alguma vaca selvagem abaixando os chifres para atacá-la. Mas só havia as gralhas pavoneando-se no céu. A pena azulada de uma das aves caiu entre os arbustos. Ela adorava penas de pássaros selvagens. Costumava colecioná-las, quando menino. Apanhou-a e prendeu-a no chapéu. O ar soprou algo em seu espírito e reanimou-o. Enquanto as gralhas giravam e davam voltas sobre sua cabeça, e as penas caíam uma após a outra, cintilando no ar purpúreo, ela as seguiu, a longa capa flutuando atrás de si, através do pântano, colina acima. Fazia anos que não caminhava tanto. Já tinha apanhado seis penas da grama, e passado entre os dedos, e pressionado nos lábios para sentir sua plumagem macia e lustrosa, quando viu, brilhando na encosta da colina, um lago prateado, misterioso como o lago em que Sir Bedivere atirou a espada de Arthur. Uma pena solitária estremeceu no ar e caiu dentro dele. Então, um estranho êxtase dominou-a. Uma ideia selvagem que ela tinha de seguir os pássaros até o fim do mundo e atirar-se na relva macia e ali beber esquecimento, com a risada rouca das gralhas ressoando no alto. Apressou o passo; correu; tropeçou; as duras raízes dos arbustos atiraram-na ao chão. Tinha quebrado o tornozelo. Não podia levantar-se. Mas ali ficou estendida, feliz. O cheiro da murta-do-pântano e da rainha-dos-prados estava em suas narinas. A risada rouca das gralhas estava em seus ouvidos. “Achei meu companheiro”, murmurou. “É a charneca. Sou a noiva da natureza”,

sussurrou, entregando-se em êxtase ao frio abraço da relva, embrulhada em sua capa, na cavidade junto ao lago. "Aqui me deitarei. (Uma pena caiu em sua testa.) Encontrei um loureiro mais verde que as folhas de louro. Minha testa sempre estará fresca. Estas são penas de pássaros selvagens – a coruja, o noitibó. Sonharei sonhos loucos. Minhas mãos não usarão anel de casamento", continuou, tirando o anel que tinha no dedo. "As raízes se entrelaçarão nelas. Ah!" suspirou, passando a cabeça voluptuosamente pelo seu fofo travesseiro, "Procurei a felicidade por muitas eras e não a encontrei; procurei a fama, e a perdi; o amor, e não o conheci; a vida... e veja só, a morte é melhor. Conheci muitos homens e muitas mulheres", continuou; "e não entendi nenhum. É melhor que eu descanse aqui em paz, só com o céu sobre mim – como o cigano me disse anos atrás. Foi na Turquia." E ela olhou para cima, direto para a maravilhosa espuma dourada na qual as nuvens se tinham desmanchado, e então viu ali um caminho, e camelos atravessando o deserto rochoso em fila indiana, entre nuvens de poeira vermelha; e então, depois que os camelos passaram, só havia montanhas, muito altas e cheias de fendas e com pináculos de rocha, e ela imaginou ouvir os sinos das cabras tocando nos desfiladeiros, e nas suas dobras havia campos de íris e genciana. Assim o céu foi mudando, e seus olhos foram baixando lentamente, mais e mais, até chegarem à terra escurecida pela chuva, e verem a grande corcova do South Downs fluindo como uma única onda ao longo da costa; e onde a terra acabava, havia o mar, o mar com navios passando; e imaginou ter ouvido um canhão ao longe no mar, e pensou, a princípio, "É a Invencível Armada", e depois pensou: "Não, é Nelson", e então lembrou-se que essas guerras já tinham acabado, e seus navios agora eram atarefados navios mercantes; e as velas no rio sinuoso eram velas de barcos de lazer. Viu, também, gado espalhado pelos campos escuros, ovelhas e vacas, e viu luzes surgindo aqui e ali nas janelas das fazendas, e lanternas que se moviam entre o gado, na ronda dos pastores e dos vaqueiros; e então as luzes se apagaram, as estrelas subiram e se misturaram no céu. Na verdade, estava adormecendo com as penas úmidas no rosto e o ouvido preso ao chão, quando ouviu, bem lá no fundo, um martelo batendo em uma bigorna, ou era um coração batendo? Tique-taque, tique-taque, assim martelava, assim batia a bigorna, ou o coração no meio da terra; até que, ainda escutando, imaginou que o som mudava para o trote de um cavalo; um, dois, três, quatro, contou; depois ouviu um tropeção; depois, à medida que ficava mais próximo, pôde ouvir o estalar de um ramo e o chapinhar dos cascos do cavalo no pântano úmido. O cavalo estava quase em cima dela. Sentou-se ereta. Destacando-se escuro contra o céu raiado de amarelo do amanhecer, com tarambolas subindo e descendo à sua volta, viu um homem a cavalo. Ele estremeceu. O cavalo parou.

"Senhora," gritou o homem, saltando para o chão, "está ferida?"

"Estou morta, senhor!" respondeu ela.

Poucos minutos depois, estavam noivos.

Na manhã seguinte, ao sentarem-se para o café da manhã, ele lhe disse o seu nome. Era Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, Escudeiro.

"Eu sabia!" disse ela, pois havia nele algo de romântico, cavalheiresco, apaixonado, melancólico, embora determinado, que combinava com seu nome selvagem, obscuro e emplumado – um nome que tinha, em sua mente, o brilho cinza azulado das asas das

gralhas, o riso rouco dos seus grasnidos, a serpenteante e tortuosa queda das suas penas em um lago prateado, e mil outras coisas que serão descritas em breve.

“O meu é Orlando”, disse ela. Ele tinha adivinhado. Pois quando se vê um navio à plena vela, tomado pelo sol, cruzando orgulhosamente o Mediterrâneo vindo dos Mares do Sul, imediatamente se diz, “Orlando”, explicou.

Na verdade, apesar do seu conhecimento tão recente, eles tinham adivinhado, como sempre acontece entre amantes, tudo o que tinha alguma importância sobre o outro em dois segundos, no máximo, e agora só faltava preencher alguns detalhes insignificantes, como por exemplo: como se chamavam; onde moravam; e se eram mendigos ou pessoas de relevância. Ele tinha um castelo nas Hébridas, mas estava em ruínas, contou-lhe. Gansos banquetevam-se no salão de jantar. Tinha sido soldado e marinheiro, e explorara o oriente. Agora estava a caminho de Falmouth para juntar-se ao seu brigue, mas o vento amainara, e só quando soprasse o vento sudoeste poderia partir para o mar. Orlando olhou apressadamente pela janela da sala de almoço para o leopardo dourado sobre o cata-vento. Felizmente, sua cauda apontava para o leste, e estava firme como uma rocha. “Oh! Shel, não me deixes!” exclamou. “Estou loucamente apaixonada por ti”, disse ela. Assim que deixou escapar essas palavras, uma terrível suspeita apossou-se de ambos ao mesmo tempo.

“És uma mulher, Shel!” ela exclamou.

“És um homem, Orlando!” ele exclamou.

Nunca, desde que o mundo é mundo, houve tal cena de protestos e demonstrações como a que aconteceu ali. Quando terminou, e estavam novamente sentados, ela lhe perguntou que conversa era aquela sobre o vento sudoeste. Para onde iria?

“Para o cabo Horn”, disse ele de modo breve, e corou. (Porque o homem cora, assim como a mulher, só que por motivos diferentes.) Foi só com o emprego de muita pressão e muita intuição, que ela conseguiu saber que ele passava sua vida na mais desesperada e esplêndida das aventuras – navegar em volta do cabo Horn em plena tormenta. Os mastros eram arrancados; as velas partidas em tiras (ela teve que arrancar-lhe a confissão). Às vezes, o navio afundava, e ele era o único sobrevivente, em uma balsa, com um biscoito.

“É tudo que um sujeito pode fazer, hoje em dia”, disse ele, envergonhado, e serviu-se de grandes colheradas de geleia de morango. A visão que Orlando teve então desse menino (pois era pouco mais que isso) chupando pastilhas de hortelã, pelas quais tinha paixão, enquanto os mastros rebentavam, e as estrelas giravam, e ele berrava breves ordens de cortar isso fora, atirar aquilo ao mar, trazia-lhe lágrimas aos olhos, lágrimas que, ela observou, tinham um sabor mais agradável que qualquer uma que tivesse derramado antes: “Sou uma mulher”, pensou, “uma verdadeira mulher, afinal.” Agradeceu a Bonthrop do fundo do coração, por ter lhe proporcionado esse raro e inesperado deleite. Se não estivesse mancando do pé esquerdo, teria se sentado aos seus joelhos.

“Shel, meu querido”, recomeçou ela, “conte-me...” e assim conversaram por duas horas ou mais, talvez sobre o cabo Horn, talvez não, e de fato seria de pouco proveito descrever o que disseram, pois se conheciam tão bem que podiam dizer qualquer coisa, o

que equivale a não dizer nada, ou a dizer coisas tão estúpidas, tão prosaicas, como a maneira de preparar uma omelete, ou onde comprar as melhores botas de Londres, coisas que não têm qualquer brilho fora do seu contexto, mas dentro dele são positivamente de uma beleza impressionante. Pois aconteceu, pela sábia economia da natureza, que o nosso espírito moderno quase pode dispensar a linguagem; as expressões mais comuns bastam, desde que nenhuma expressão basta; por isso, a conversação mais trivial é muitas vezes a mais poética, e a mais poética é precisamente a que não se pode descrever. Por estas razões, deixamos aqui um grande espaço em branco, o que serve para indicar que o espaço está preenchido em sua plenitude.

Depois de alguns dias mais desse tipo de conversa,

“Orlando, minha querida”, estava começando a dizer Shel, quando houve um tumulto lá fora, e Basket, o mordomo, entrou com a informação de que estavam embaixo dois oficiais de justiça, com um mandado da rainha.

“Mande que subam”, disse Shelmerdine brevemente, como se estivesse em seu próprio convés, assumindo, por instinto, uma pose com as mãos para trás, em frente à lareira. Dois oficiais de uniforme verde-garrafa, com cassetetes nos quadris, entraram então na sala, e pararam em posição de sentido. Terminadas as formalidades, entregaram nas próprias mãos de Orlando, como era sua obrigação, um documento legal de um tipo bastante impressionante, a julgar pelos selos de lacre, as fitas, os juramentos e as assinaturas, que eram todos da mais alta importância.

Orlando correu os olhos pelos papéis, e então, usando o primeiro dedo da mão direita como guia, leu em voz alta os seguintes fatos, que eram os mais relevantes no caso.

“As ações foram esclarecidas”, leu ela em voz alta... “algumas a meu favor, como por exemplo...outras não. Casamento turco, anulado (eu era embaixador em Constantinopla, Shel)”, explicou. “Os filhos, declarados ilegítimos (disseram que tive três filhos de Pepita, uma dançarina espanhola). Então eles não herdam, o que é uma vantagem... Sexo? Ah! O que dizem sobre o sexo? Meu sexo”, leu em voz alta com certa solenidade, “é declarado, indiscutivelmente e sem a menor sombra de dúvida (o que eu estava lhe dizendo há um minuto, Shel?), feminino. As propriedades, que deixam agora de ser sequestradas para sempre, passam e cabem por direito de sucessão aos herdeiros varões do meu corpo, ou, na ausência de matrimônio...” – aqui, no entanto, ficou impaciente com esse palavreado jurídico e disse, “mas não haverá nenhuma ausência de matrimônio, nem de herdeiros, de forma que o resto pode ser considerado como lido.” Diante disso, acrescentou sua própria assinatura sob a de lorde Palmerston, e entrou a partir daquele momento na posse indiscutível de seus títulos, sua casa e suas propriedades – tão reduzidas agora, pois o custo do processo havia sido prodigioso, que, embora fosse de novo infinitamente nobre, era também excessivamente pobre.

Quando o resultado do processo tornou-se conhecido (pois o rumor correra com muito mais rapidez que o telégrafo que o suplantou), a cidade inteira encheu-se de júbilo.

[Atrelaram-se cavalos em carruagens, com o único propósito de servir de escolta. Caleches vazias e landaus rodavam incessantemente, para cima e para baixo, pela High

Street. Foram lidas mensagens da estalagem do Touro. Foram respondidas da estalagem do Cervo. A cidade foi iluminada. Cofres de ouro foram firmemente lacrados dentro de cofres de vidro. E foram colocadas moedas, de modo apropriado, debaixo de pedras. Fundaram-se hospitais. Os clubes Rato e Pardal foram inaugurados. Queimaram-se dúzias de mulheres turcas, em efígie, na praça do mercado, junto com vintenenas de meninos de aldeia, tendo na boca um cartaz "Sou um vil impostor". Logo se viram os pôneis cor de creme da rainha trotando avenida acima, com ordem para que Orlando jantasse e dormisse no castelo, naquela mesma noite. Sua mesa, como em uma ocasião anterior, foi soterrada pelos convites da condessa de R., de Lady Q., de Lady Palmerston, da marquesa de P., de Mrs. W.E. Gladstone e outras, solicitando o prazer de sua companhia, lembrando-a de antigas alianças entre as suas famílias e a de Orlando, etc.] – tudo isso aqui corretamente incluído entre colchetes, pela simples razão de que um parêntese não tinha mais qualquer importância na vida de Orlando. Ela saltou essa parte, para prosseguir com o texto. Pois enquanto as fogueiras ardiam na praça do mercado, ela estava sozinha com Shelmerdine nos bosques escuros. Tão lindo estava o tempo que as árvores estendiam seus ramos imóveis sobre eles, e se uma folha caísse, manchada de ouro e vermelho, caía tão lentamente que se podia assistir sua queda durante meia hora, tremulando e descendo, até que viesse descansar por fim aos pés de Orlando.

"Fale-me, Mar", ela dizia (e aqui devemos explicar que, quando ela o chamava pela primeira sílaba do seu primeiro nome, estava em um humor sonhador, amoroso, submisso, doméstico, um pouco lânguido, como se houvesse madeiras aromáticas queimando, e que entardecia, embora ainda não fosse hora de vestir-se, e que estava talvez um pouco úmido lá fora, o bastante para fazer brilharem as folhas, mas mesmo assim um rouxinol podia estar cantando entre as azaleias, dois ou três cães latindo em fazendas distantes, um galo cantando – tudo isso o leitor deve imaginar em sua voz) – "Fale-me, Mar", ela dizia, "sobre o cabo Horn." Então Shelmerdine fazia um pequeno modelo do cabo no chão, com ramos e folhas mortas e um ou dois caramujos vazios.

"Aqui é o norte", dizia ele. "Aqui, o sul. O vento está vindo mais ou menos daqui. Agora, o brigue está velejando para oeste; acabamos de baixar a vela de mezena, e aqui se vê – aqui, onde está esse pedacinho de grama – entrar a corrente que encontrarás marcada – onde estão o mapa e as bússolas, contramestre? Ah! Obrigado, é o bastante – ali onde está o caramujo. A corrente apanha o navio a estibordo, assim temos que içar a bujarrona, ou seremos carregados para bombordo, ali onde está aquela folha de faia – pois debes entender, minha querida", e assim ele prosseguia, e ela escutava cada palavra; interpretando-as corretamente, de modo a ver, isto é, sem que ele precisasse dizer-lhe, a fosforescência nas ondas; os pingentes de gelo estalando nos ovéns; como ele subia ao topo do mastro durante um vendaval; lá refletia sobre o destino do homem; descia de novo; tomava um uísque com soda; descia para a costa; era agarrado por uma mulher negra; arrendia-se; refletia sobre aquilo; lia Pascal; decidia-se a escrever filosofia; comprava um macaco; debatia a verdadeira finalidade da vida; decidia-se a favor do cabo Horn, e assim por diante. Tudo isso e mil outras coisas ela o ouvia dizer, e assim, quando respondia, "Sim, as negras são sedutoras, não são?" depois que ele dizia que a provisão de biscoitos se acabara, ele ficava surpreso e encantado ao ver como ela

compreendia bem seu pensamento.

“Tens certeza de que não és homem?”, ele perguntava ansiosamente; e ela ecoava:

“Será possível que não sejas mulher?”, e então tinham que tirar a prova sem mais tardar. Pois cada um estava tão surpreso com a rapidez da simpatia do outro, e era uma revelação tão grande para cada um que uma mulher pudesse ser tão tolerante e franca quanto um homem, e que um homem fosse tão estranho e sutil quanto uma mulher, que tinham de pôr à prova a questão imediatamente.

E assim continuavam conversando, ou melhor, compreendendo, o que se tornou a arte principal da conversação, em uma época em que palavras vão se tornando a cada dia tão escassas, comparadas às ideias, que “os biscoitos se acabaram” pode implicar em beijar uma negra no escuro quando se acabou de ler pela décima vez a filosofia do bispo Berkeley. (E disso se deduz que só os mais profundos mestres do estilo podem dizer a verdade, e, quando se encontra um escritor simples e monossilábico, pode-se concluir sem qualquer sombra de dúvida que o pobre homem está mentindo.)

E assim conversavam; e depois, quando seus pés estavam totalmente cobertos de manchadas folhas de outono, Orlando se levantava e passeava pelo coração dos bosques em solidão, deixando Bonthrop sentado entre os caramujos, fazendo modelos do cabo Horn. “Bonthrop,” dizia ela, “vou embora”, e quando o chamava pelo segundo nome, “Bonthrop”, o leitor deve entender que ela estava em um humor solitário, sentia que ambos eram manchas em um deserto, que desejava apenas encontrar a morte sozinha, porque as pessoas morrem diariamente, morrem à mesa de jantar, ou do mesmo modo fora de casa, nos bosques de outono; e com as fogueiras ardendo, e Lady Palmerston ou Lady Derby convidando-a todas as noites para jantar, o desejo de morrer a dominava, e assim, dizendo “Bonthrop”, ela dizia, de fato, “Estou morta”, e abria seu caminho como um espírito por entre as faias de uma palidez espectral, e entranhava-se profundamente na solidão, como se a pequena chama do ruído e do movimento tivesse se extinguido, e agora ela fosse livre para seguir seu caminho – tudo isso o leitor deve ouvir em sua voz quando ela dizia “Bonthrop,” e também deve acrescentar, para melhor iluminar a palavra, que também para ele essa palavra significava, misticamente, separação e isolamento, e os fantasmas andando a passo pelo convés do seu brigue, em mares insondáveis.

Depois de algumas horas de morte, de repente um gaiogritava: “Shelmerdine”, e, inclinando-se, ela colhia um desses açafrões de outono que para algumas pessoas significam aquela mesma palavra, e o colocava no peito, junto com a pena de gaio que viera caindo azul pelo bosque de faias. Então ela chamava: “Shelmerdine”, e a palavra vinha vibrando para lá e para cá pelo bosque e o alcançava lá onde ele estava sentado, fazendo modelos com caramujos na relva. Ele a via e a ouvia aproximar-se, com o açafrão e a pena do gaio ao peito, e exclamava: “Orlando”, o que significava (e devemos lembrar-nos que quando cores luminosas como o azul e o amarelo se misturam aos nossos olhos, apagam um pouco os nossos pensamentos), primeiro, a inclinação e o balanço das samambaias, como se alguma coisa as atravessasse; e isso vinha a ser um barco à plena vela, levantando-se e balançando-se de modo um tanto sonhador, como se tivesse um ano inteiro só de dias de verão para fazer sua viagem; e assim o barco se

aproxima, oscilando para um lado, oscilando para o outro, nobremente, indolentemente, e passa sobre a crista de uma onda, e desce no buraco de outra, e assim de repente vem para cima de nós (que estamos em um bote pequeno como a concha de um marisco, olhando para ele) com todas as velas tremulando, e depois, vejam, caem todas em um monte no convés – como Orlando agora caía na relva ao lado dele.

Oito ou nove dias tinham se passado assim, mas no décimo, que era o dia 26 de outubro, Orlando estava deitada entre as samambaias, enquanto Shelmerdine recitava Shelley (cuja obra inteira ele sabia de cor), quando uma folha que tinha começado a cair bem lentamente da copa de uma árvore bateu com força no pé de Orlando. Seguiu-se uma segunda folha, e então uma terceira. Orlando estremeceu e empalideceu. Era o vento. Shelmerdine – mas seria mais apropriado agora chamá-lo de Bonthrop – levantou-se de um salto.

“O vento!”, exclamou.

Juntos correram pelos bosques, fustigados pelas folhas atiradas pelo vento enquanto corriam, até o grande pátio e através dele aos pátios menores, com as criadas assustadas largando suas vassouras e caçarolas para segui-los até que chegassem à capela, onde acendeu-se uma profusão de luzes o mais rápido possível, tropeçando neste banco, apagando aquela vela. Tocaram-se os sinos. Convocou-se o povo. Finalmente, lá estava Mr. Dupper, puxando as pontas da gravata branca e perguntando onde estava o livro de orações. Atiraram em suas mãos o livro de orações da rainha Mary, e ele procurou, folheando apressadamente as páginas, e disse, “Marmaduke Bonthrop Shelmerdine e Lady Orlando, ajoelhem-se”; e eles se ajoelharam, e ora ficavam brilhantes, ora escuros, conforme a luz e a sombra entravam em desordem pelos vitrais; e entre as batidas de inúmeras portas, e um ruído como de vasos de metal vibrando, soou o órgão, seu rugido crescendo e desmaiando alternadamente, e Mr. Dupper, que já estava muito velho, agora tentava erguer sua voz acima do tumulto, e não podia ser ouvido, e então tudo se aquietou por um momento, e uma palavra – talvez “as mandíbulas da morte” – soou bem clara, enquanto todos os criados da propriedade se esforçavam para escutar, ainda apertando nas mãos os ancinhos e chicotes, e alguns cantavam em voz alta, e outros rezavam, e ora um pássaro era jogado contra a vidraça, ora retumbava um trovão, de modo que ninguém ouviu dizerem a palavra “obedecei”, nem viu, exceto como um clarão dourado, o anel passar de uma para outra mão. Tudo era movimento e confusão. E assim se levantaram, com o órgão retumbando, o trovão rugindo e a chuva caindo, e Lady Orlando, com o anel em seu dedo, saiu para o pátio no seu fino vestido e segurou o estribo oscilante, pois o cavalo tinha sela e rédeas e a espuma ainda estava em seu flanco, para que seu marido montasse, o que ele fez de um salto, e o cavalo saltou para a frente, e Orlando, parada ali, gritou: “Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!”, e ele lhe respondeu: “Orlando!” e as palavras foram se precipitando e girando como falcões selvagens juntos entre os campanários, e giravam cada vez mais alto, cada vez mais longe, cada vez mais depressa, até se despedaçarem e desabarem no chão em uma chuva de estilhaços; e então ela entrou.

Orlando entrou em casa. Tudo estava absolutamente calmo. Havia um grande silêncio. Lá estava o tinteiro; lá estava a pena; lá estava o manuscrito do seu poema, interrompido no meio de um tributo à eternidade. “Nada muda”, estava a ponto de dizer, quando Basket e Bartholomew interromperam com as coisas do chá. E então, no espaço de três segundos e meio, tudo mudara – tinha quebrado o tornozelo, se apaixonado, casado com Shelmerdine.

Ali estava o anel de casamento em seu dedo para prová-lo. É verdade que ela mesma o pusera ali, antes de conhecer Shelmerdine, mas tinha se revelado mais do que inútil. Agora girava e girava o anel, com supersticiosa reverência, tomando cuidado para que não deslizesse pela junta do dedo.

“O anel de casamento deve ser posto no terceiro dedo da mão esquerda”, dizia ela, como uma criança repetindo cuidadosamente sua lição, “para que seja de alguma utilidade.”

Assim falou, em voz alta e bem mais solenemente do que era o seu costume, como se desejasse ser escutada por alguém cuja opinião lhe importasse. Na verdade, agora que podia, afinal, coordenar seus pensamentos, pensava no efeito que seu comportamento poderia ter sobre o espírito da época. Estava muito ansiosa para saber se os passos que dera no sentido de comprometer-se com Shelmerdine e casar-se com ele contariam com sua aprovação. Sentia-se, com certeza, mais dona de si. Seu dedo não tinha formigado uma vez sequer, ou nada que fosse digno de nota, desde aquela noite na charruca. Ainda que não pudesse negar que tinha as suas dúvidas. Estava casada, é certo; mas se seu marido estava sempre navegando ao redor do cabo Horn, seria isso um casamento? Se alguém gostasse dele, seria isso um casamento? Se alguém gostasse de outras pessoas, seria isso um casamento? E, finalmente, se alguém ainda desejasse, mais do que qualquer coisa no mundo, escrever poesia, seria isso um casamento? Ela tinha as suas dúvidas.

Mas iria colocá-las à prova. Olhou para o anel. Olhou para o tinteiro. Teria coragem? Não, não tinha. Mas precisava ter. Não, não podia. O que fazer então? Desmaiar, se possível. Mas nunca tinha se sentido melhor em sua vida.

“O diabo que o carregue!” exclamou, com uma pitada do seu antigo espírito. “Aí vai!”

E mergulhou a pena bem fundo no tinteiro. Para sua enorme surpresa, não houve qualquer explosão. Retirou a ponta da pena. Estava molhada, mas não escorrendo. Escreveu. As palavras demoraram um pouco a vir, mas vieram. Ah! Mas será que fariam sentido? desejou saber, dominada pelo temor de que a pena pudesse começar de novo com suas travessuras involuntárias. Ela leu:

“E então cheguei a um campo onde era a relva nascente
Mitigada pelas taças suspensas das fritilárias,
Triste e estrangeira, a flor serpentina,

Chanfrada em esmaecido púrpura, como meninas egípcias”^[13]

Ao escrever, sentiu como uma força (lembrem-se de que estamos lidando com as mais obscuras manifestações do espírito humano) lendo por cima de seu ombro, e depois que tinha escrito "meninas egípcias", a força lhe disse que parasse. A relva, parecia dizer a força – voltando ao começo, com uma régua, como usam as governantas – está bem; as taças suspensas das fritilárias – admirável; a flor serpentina – uma ideia forte para a pena de uma dama, talvez, mas sem dúvida sancionada por Wordsworth; mas... meninas? As meninas são necessárias? Você tem um marido no cabo Horn, não tem? Ah, sim, então está bem.

E assim prosseguiu o espírito.

Orlando agora fez em espírito (pois tudo isso aconteceu em espírito) uma profunda reverência ao espírito de sua época, tal como – para comparar coisas grandes com pequenas – a que faz um viajante, consciente de ter um pacote de charutos no canto da mala, para o inspetor da alfândega, que amavelmente lhe põe um traço de giz na tampa. Pois ela tinha sérias dúvidas de que, se o espírito examinasse cuidadosamente o conteúdo de sua mente, não teria encontrado alguma coisa contrabandeada pela qual ela teria que pagar a multa mais alta. Só tinha escapado por um triz. Acabara de conseguir, por uma hábil deferência ao espírito da época, pondo um anel no dedo e encontrando um homem em um pântano, por amar a natureza e não ser satírica, cínica nem psicológica – qualquer uma dessas coisas seria imediatamente descoberta – passar com sucesso em seu exame. Deu um profundo suspiro de alívio, como, de fato, bem merecia, porque a transação entre um escritor e o espírito da época é de infinita delicadeza, e é de um bom acordo entre os dois que depende toda a sorte das suas obras. Orlando tinha ordenado isso tão bem que estava em uma posição extremamente feliz; não precisava nem combater sua época, nem submeter-se a ela; pertencia a ela, embora permanecesse ela mesma. Agora, portanto, podia escrever, e escreveu. Escreveu. Escreveu. Escreveu.

Agora era novembro. Depois de novembro vem dezembro. Depois, janeiro, fevereiro, março e abril. Depois de abril vem maio. Seguem-se junho, julho e agosto. A seguir, setembro. Depois, outubro, e assim, vejam, voltamos outra vez a novembro, com um ano inteiro de permeio.

Este método de escrever uma biografia, embora tenha seus méritos, é um pouco reduzido, talvez, e o leitor, se continuarmos com isso, pode reclamar que é capaz de recitar o calendário sozinho, e assim poupar ao seu bolso qualquer soma que a Editora Hogarth possa ter achado conveniente cobrar por este livro. Mas o que pode fazer o biógrafo quando o seu personagem o coloca em uma situação tão desagradável como essa em que Orlando nos colocou agora? A vida, concordam todos cuja opinião tem algum valor, é o único tema adequado ao romancista ou ao biógrafo; a vida, decidiram as mesmas autoridades, nada tem a ver com sentar-se imóvel em uma cadeira pensando. O pensamento e a vida são como polos opostos. Portanto – já que sentar-se em uma cadeira e pensar é precisamente o que Orlando está fazendo agora – não há nada a fazer senão recitar o calendário, rezar o terço, assoar o nariz, atizar o fogo, olhar pela janela, até que ela acabe. Orlando estava tão quieta que se podia ouvir um alfinete cair. Quem dera, de fato, que um alfinete caísse! Teria sido algum tipo de vida. Ou se uma borboleta tivesse entrado pela janela e pousado em sua cadeira, poderia se escrever sobre isso.

Ou, suponham que ela se levantasse e matasse uma vespa. Então, imediatamente, poderíamos puxar da pena e escrever. Pois haveria derramamento de sangue, nem que fosse só o sangue de uma vespa. Onde há sangue há vida. E se matar uma vespa é uma coisa insignificante comparado a matar um homem, ainda seria um assunto mais adequado ao romancista ou ao biógrafo que este simples emaranhado; este pensar; este sentar-se em uma cadeira entra dia sai dia, com um cigarro, uma folha de papel, uma pena e um tinteiro. Se ao menos os personagens, poderíamos reclamar (pois nossa paciência está se esgotando), tivessem mais consideração pelos seus biógrafos! Pode haver coisa mais irritante do que ver o nosso personagem, com o qual desperdiçamos tanto tempo e trabalho, escapar inteiramente ao nosso controle e abandonar-se – como provam seus suspiros e arquejos, seu rubor, sua palidez, seus olhos ora brilhantes como lâmpadas, ora cansados como auroras – pode haver coisa mais humilhante que ver todo esse tolo espetáculo de emoção e excitação desenrolar-se diante dos nossos olhos, quando sabemos que a sua causa – pensamento e imaginação – não tem nenhuma importância?

Mas Orlando era mulher – lorde Palmerston acabara de prová-lo. E quando se escreve sobre a vida de uma mulher, pode-se, sem discordâncias, renunciar à nossa exigência de ação e substituí-la pela do amor. O amor, disse o poeta, é toda a vida de uma mulher. E se olharmos por um momento para Orlando escrevendo em sua mesa, teremos que admitir que nunca houve mulher mais talhada para essa ocupação. Certamente, já que ela é mulher, e uma bela mulher, e uma mulher na flor da idade, logo desistirá dessa pretensão de escrever e refletir, e começará a pensar nem que seja em um guarda-caça (e, contanto que pense em um homem, ninguém desaprova que uma mulher pense). E então lhe escreverá um pequeno bilhete (e, contanto que escreva pequenos bilhetes, ninguém desaprova que uma mulher escreva, também) e marcará um encontro para o anoitecer de domingo, e o anoitecer de domingo chegará; e o guarda-caça assobiará debaixo da sua janela – tudo o que, é claro, constitui a genuína matéria-prima da vida, e o único tema possível para a ficção literária. Decerto Orlando deve ter feito alguma dessas coisas? Ai de mim, mil vezes ai de mim! Orlando não fez nenhuma delas. Deve-se então admitir que Orlando era um desses monstros de iniquidade que não ama? Era bondosa com os cães, fiel aos amigos, a generosidade em pessoa para uma dúzia de poetas famintos, tinha uma paixão pela poesia. Mas o amor – como o definem os romancistas do sexo masculino – e quem, afinal, pode falar com mais autoridade? – não tem nada a ver com bondade, fidelidade, generosidade ou poesia. O amor é despir as próprias saias e... Mas todos sabemos o que é o amor. E Orlando fez isso? A verdade nos obriga a dizer que não, não fez. Então, se a personagem da nossa biografia não vai amar nem matar, mas só pensar e imaginar, podemos concluir que ele ou ela não é mais que um cadáver, e assim abandoná-la.

O único recurso que nos resta agora é olhar pela janela. Havia pardais; havia estorninhos; havia várias pombas e uma ou duas gralhas, todos ocupados a seu modo. Um encontra uma minhoca, outro um caracol. Um salta para um ramo, outro dá uma corridinha pela grama. Então um criado atravessa o pátio, usando um avental de baeta verde. É provável que esteja envolvido em alguma pequena intriga com uma das criadas

da despensa, mas como ali no pátio nenhuma prova visível nos é oferecida, só podemos esperar pelo melhor e deixá-lo. Passam nuvens, finas ou grossas, causando alguma perturbação na cor da relva embaixo. O relógio de sol marca a hora no seu modo misterioso habitual. Nossa mente começa a levantar uma ou duas questões, inutilmente, preguiçosamente, sobre essa mesma vida. A vida, canta, ou antes sussurra, como uma chaleira em um fogão. Vida, vida, o que és tu? Luz ou escuridão, o avental de baeta do criado ou a sombra do estorninho na grama?

Sigamos, portanto, explorando esta manhã de verão, quando todos estão adorando a flor da ameixa e a abelha. E, hesitantes, vamos perguntar ao estorninho (que é um pássaro mais sociável que a cotovia) o que ele pensa, na beira da lata de lixo, de onde bica, entre os gravetos, fios de cabelo do ajudante de cozinha. O que é a vida, perguntamos, apoiados no portão do curral; vida, vida, vida! grita o pássaro, como se tivesse ouvido e soubesse precisamente o que pretendemos com esse nosso hábito curioso e aborrecido de fazer perguntas dentro e fora de casa, e espreitar e colher margaridas, como é o costume dos escritores quando não sabem o que dizer em seguida. Então eles vêm aqui, diz o pássaro, e me perguntam o que é a vida; vida, vida, vida!

Arrastamo-nos então pelo caminho da charneca, até o cume da colina, vinho-azulado e púrpura-escuro, e ali nos atiramos ao chão, e ali sonhamos, e ali vemos um gafanhoto carregando com dificuldade uma palhinha para sua casa em um buraco. E ele diz (se a rumores como os seus pode ser dado nome tão sagrado e terno): a vida é trabalho, ou assim interpretamos o zumbido de sua goela sufocada de pó. E a formiga e a abelha concordam, mas se ficarmos estendidos aqui por tempo suficiente para perguntar às mariposas, quando vierem à noitinha, insinuando-se por entre as campânulas mais pálidas, sussurrarão em nossos ouvidos alguma louca tolice, tal como as que ouvimos nos fios telegráficos durante uma tempestade de neve: hi, hi, ha, ha. É riso, é riso! dizem as mariposas.

Tendo assim perguntado ao homem, ao pássaro e aos insetos, pois os peixes – dizem os homens que têm vivido em cavernas verdes, solitários, durante anos, para ouvi-los falar, os peixes nunca, nunca falam, e por isso talvez saibam o que é a vida – tendo perguntado a todos eles sem nos tornarmos mais sábios, mas só mais velhos e mais frios (pois não imploramos, uma vez, por um modo de encerrar em um livro algo tão duro, tão raro, que se poderia jurar ser o sentido da vida?), é preciso voltar para trás, e dizer diretamente para o leitor que espera ansioso para ouvir o que é a vida – ai de nós! não sabemos.

Nesse momento, mas justo a tempo de salvar este livro da extinção, Orlando empurrou para trás a cadeira, estendeu os braços, largou a pena, foi até a janela e exclamou, "Pronto!"

Ela quase caiu ao chão, com a extraordinária visão que se deparou aos seus olhos. Lá estava o jardim e alguns pássaros. O mundo seguia como sempre. Todo o tempo em que estivera escrevendo, o mundo tinha continuado.

"E se eu estivesse morta, tudo seria igual!" exclamou.

Tal era a intensidade dos seus sentimentos que ela podia imaginar-se desagregada, e talvez realmente tivesse sido atacada por certo desfalecimento. Por um momento, ficou

olhando para o belo e indiferente espetáculo com olhos de espanto. Por fim, reanimou-se de um modo singular. O manuscrito aninhado em seu peito começou a mexer-se e a vibrar como se fosse uma coisa viva, e, o que era ainda mais estranho e mostrava a fina simpatia que havia entre eles, Orlando, inclinando a cabeça, podia entender o que ele estava dizendo. Desejava ser lido. Precisava ser lido. Morreria em seu peito, se não fosse lido. Pela primeira vez em sua vida, Orlando rebelou-se de modo violento contra a natureza. Havia ao seu redor uma profusão de cães de caça e roseiras. Mas nem os cães de caça nem as roseiras podiam ler. É um lamentável descuido da Providência, que nunca antes lhe tinha ocorrido. Somente os seres humanos possuíam esse dom. Seres humanos tinham se tornado necessários. Ela tocou a campainha. Ordenou que a carruagem a levasse a Londres imediatamente.

“Há tempo apenas para pegar o trem das onze e quarenta e cinco, senhora”, disse Basket. Orlando ainda não tinha se apercebido da invenção da máquina a vapor, mas tal era a sua absorção nos sofrimentos de um ser que, embora não fosse ela mesma, no entanto dela dependia por inteiro, que viu um trem de ferro pela primeira vez, tomou seu assento em um vagão da ferrovia e arranhou a manta sobre os joelhos sem pensar uma só vez nessa “estupenda invenção, que” (diz a história) “tinha mudado totalmente a face da Europa nos últimos vinte anos” (como, de fato, acontece com muito mais frequência do que os historiadores supõem). Só notou que era muito sujo; que matraqueava horrivelmente; e que as janelas emperravam. Perdida em pensamentos, foi arremessada até Londres em menos de uma hora, e ficou na plataforma de Charing Cross sem saber para onde ir.

A velha casa de Blackfriars, onde ela tinha passado tantos dias agradáveis no século dezoito, estava agora vendida, parte ao Exército de Salvação, parte a uma fábrica de guarda-chuvas. Tinha comprado outra em Mayfair, que era higiênica, cômoda e no coração do mundo elegante, mas seria em Mayfair que o seu poema realizaria o seu desejo? Queira Deus, pensou, lembrando-se do brilho dos olhos das damas e da simetria das pernas dos cavalheiros, que eles não tenham dado para ler ali. Pois seria muitíssimo lamentável. Depois havia a casa de Lady R. O mesmo tipo de conversa ainda acontecia lá, não tinha a menor dúvida. Talvez a gota do general já tivesse migrado da perna esquerda para a perna direita. Mr. L. podia ter ficado dez dias com R., em vez de T. Então, entraria Mr. Pope. Ah! Mas Mr. Pope tinha morrido. Quem seriam agora os talentosos? gostaria de saber – mas isso não era pergunta que se fizesse a um carregador, e assim seguiu adiante. Seus ouvidos estavam agora distraídos com o tilintar de incontáveis campainhas nas cabeças de incontáveis cavalos. Frotas das mais estranhas caixinhas com rodas eram puxadas pelas ruas. Caminhou para a Strand. Ali, o barulho era ainda maior. Veículos de todos os tamanhos, puxados por cavalos de sangue e por cavalos de carga, transportando alguma viúva solitária ou apinhados até o topo com homens de bigode e chapéu de seda, misturavam-se inextricavelmente. Carruagens, carroças e ônibus, a seus olhos, por tanto tempo habituados a olhar uma simples folha de papel, pareciam andar assustadoramente às turras; e a seus ouvidos, afinados pelo arranhar da pena, a barulheira da rua soava violenta e horrivelmente cacofônica. Cada polegada da rua estava apinhada. Torrentes de pessoas, abrindo espaço com incrível

agilidade entre seus próprios corpos e o balanço e o embaraço do tráfego, fluíam sem cessar para leste e para oeste. Ao longo do meio-fio, homens estendiam bandejas de brinquedos e gritavam. Nas esquinas, mulheres sentavam-se ao lado de grandes cestas de flores da estação e gritavam. Meninos correndo por entre os narizes dos cavalos, apertando junto ao corpo folhas impressas, gritavam também, "Desastre! Desastre!" A princípio, Orlando imaginou que tinha chegado em algum momento de crise nacional; mas se era feliz ou trágico, não saberia dizer. Olhou ansiosamente para os rostos das pessoas. Mas isso a confundiu ainda mais. Aqui vinha um homem dominado pelo desespero, murmurando sozinho, como se conhecesse algum sofrimento terrível. Depois dele, acotovelava-se um sujeito gordo e de cara alegre, abrindo caminho como se aquilo fosse uma festa para todo o mundo. Na verdade, chegou à conclusão que não havia nem rima nem sentido em nada daquilo. Cada homem e cada mulher estava envolvido em seus próprios assuntos. E ela, para onde ia?

Caminhou sem pensar, subindo uma rua e descendo outra, passando por vastas vitrinas empilhadas de carteiras, e espelhos, e roupões, e flores, e varas de pescar, e cestas de piquenique; enquanto panos de toda cor e padrão, grossos ou finos, eram presos, enfeitados e armados de ponta à ponta. Às vezes passava por avenidas de tranquilas mansões, sobriamente numeradas, um, dois, três, e assim por diante até duzentos ou trezentos, cada uma a cópia da outra, com dois pilares e seis degraus e um par de cortinas cuidadosamente puxadas, e almoços familiares servidos nas mesas, e um papagaio espiando por uma janela, e um criado por outra, até que ficou com a cabeça tonta com essa monotonia. Então chegou a grandes praças abertas, tendo ao meio estátuas negras, brilhantes, de homens gordos firmemente abotoados, e cavalos de batalha se empinando e colunas subindo e fontes caindo e pombos esvoaçando. Assim ela caminhou e caminhou, ao longo das calçadas, por entre as casas, até que sentiu muita fome, e alguma coisa tremulando em seu peito reprovou-a por tê-lo esquecido. Era o seu manuscrito: "O Carvalho."

Estava perplexa com sua própria negligência. Parou de repente onde se encontrava. Não havia nenhuma carruagem à vista. A rua, larga e bonita, estava singularmente deserta. Apenas um cavalheiro idoso se aproximava. Em seu andar, havia algo que lhe era vagamente familiar. Quando ele chegou mais perto, teve a certeza de que já o tinha encontrado em algum momento. Mas onde? Será que este cavalheiro tão elegante, tão digno, tão próspero, com uma bengala na mão e uma flor na lapela, com uma face rechonchuda e rosada e bigodes brancos penteados, poderia ser – Sim, cáspite, era ele mesmo! – seu velho, velhíssimo amigo, Nick Greene!

Ao mesmo tempo, ele olhou para ela; lembrou-se; reconheceu-a. "Lady Orlando!" exclamou, quase varrendo o chão com seu chapéu de seda.

"Sir Nicholas!" exclamou Orlando. Pois ela soubera, intuitivamente, por alguma coisa em seu porte, que o escritor vulgar e sem um centavo, que tinha satirizado a ela e a muitos outros no tempo da rainha Elizabeth, agora subira na vida, e com certeza se tornara um cavaleiro, e uma dúzia de outras belas coisas de quebra.

Com outra reverência, ele confirmou que sua conclusão fora correta; era cavaleiro; era doutor em literatura; era um professor. Era autor de uma vintena de volumes. Era,

em suma, o crítico mais influente da era vitoriana.

Um violento tumulto de emoções a dominou, ao encontrar o homem que lhe tinha causado, anos atrás, tanto sofrimento. Poderia ser este o sujeito provocador, agitado, que havia queimado seus tapetes, e assado queijo na lareira italiana, e contado histórias tão engraçadas sobre Marlowe e os outros que acabavam vendo o sol nascer nove noites em dez? Ele agora estava elegantemente vestido, em um terno matinal cinzento; tinha uma flor cor-de-rosa na lapela e luvas de camurça cinzentas, para combinar. Mas apesar de seu espanto, ele fez outra reverência, e perguntou se ela lhe daria a honra de almoçar com ele. Sua reverência era um pouco excessiva, talvez, mas a imitação de boas maneiras era aceitável. Seguiu-o, admirada, a um esplêndido restaurante, todo em veludo vermelho, toalhas brancas e galheteiros de prata, tão diferente quanto possível da velha taverna ou café, com seu chão coberto de areia, seus bancos de madeira, suas tigelas de ponche e chocolate, e seus cartazes e escarradeiras. Ele estendeu cuidadosamente as luvas a seu lado, na mesa. Ela ainda mal podia acreditar que fosse o mesmo homem. Suas unhas estavam limpas, onde antes costumavam medir uma polegada. Seu queixo estava barbeado, onde antes costumava brotar uma barba negra. Usava abotoaduras de ouro, onde antes a camisa rasgada costumava mergulhar no caldo. Na verdade, não foi senão quando ele encomendou o vinho, o que fez com um cuidado que a lembrou do seu gosto por vinho madeira, há muito tempo, que ela se convenceu de que era o mesmo homem. "Ah!" disse ele, dando um pequeno suspiro bastante confortador, "ah! minha cara senhora, os grandes dias da literatura se foram. Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson – aqueles eram gigantes. Dryden, Pope, Addison – aqueles eram heróis. Todos, todos estão mortos agora. E quem eles nos deixaram? Tennyson, Browning, Carlyle!" – colocou na voz uma imensa quantidade de desprezo. "A verdade disso tudo", disse, enchendo uma taça de vinho, "é que todos os nossos jovens escritores estão a soldo dos livreiros. Despejam qualquer lixo que lhes sirva para pagar a conta do alfaiate. Estamos em uma época", disse, servindo-se do hors-d'oeuvre [\[14\]](#), "marcada por vaidades preciosas e experiências loucas – nenhuma das quais os elisabetanos teriam tolerado por um momento sequer. Não, minha cara senhora", continuou, aprovando de passagem o rodovalho au gratin, que o garçom exibia para sua apreciação, "os grandes dias se foram. Vivemos em tempos degenerados. Precisamos apreciar o passado; honrar aqueles escritores – ainda restam alguns – que tomam a antiguidade como modelo, e escrevem não por dinheiro, mas pela..." – aqui, Orlando quase gritou "Glor!". De fato, ela poderia jurar que o ouvira dizer as mesmíssimas coisas trezentos anos antes. Os nomes eram diferentes, é claro, mas o espírito era o mesmo. Nick Greene não tinha mudado nada, com todo o seu cavalheirismo. Ainda assim, alguma mudança havia. Pois enquanto ele discorria sobre se tomar Addison como modelo (uma vez tinha sido Cícero, ela pensava) e passar as manhãs na cama (dava-lhe certo orgulho pensar que a pensão que lhe pagara trimestralmente o habilitara a fazê-lo) saboreando as melhores obras dos melhores autores durante uma hora, pelo menos, antes de colocar a pena sobre o papel, de modo que a vulgaridade do tempo presente e a deplorável condição da nossa língua materna (ele tinha vivido muito tempo na América, acreditava ela) pudessem ser purificados – enquanto ele discorria do mesmo modo que Greene

discorrera trezentos anos antes, ela teve tempo de se perguntar em quê, então, ele havia mudado. Tinha engordado; mas era um homem que beirava os setenta. Tornara-se polido: a literatura fora uma ocupação próspera, evidentemente; mas, de algum modo, a antiga inquietude, a incômoda vivacidade se foram. Suas histórias, por brilhante que fossem, não eram mais tão livres e desembaraçadas. Ele citava, é verdade, "meu querido amigo Pope", ou "meu ilustre amigo Addison", a cada dois segundos, mas tinha um ar de respeitabilidade que era deprimente, e parecia preferir esclarecê-la sobre os ditos e feitos dos próprios parentes dela, em vez de contar-lhe, como costumava fazer, escândalos sobre os poetas.

Orlando ficou inexplicavelmente desapontada. Durante todos aqueles anos tinha pensado na literatura (sua reclusão, sua posição social, seu sexo, servem de desculpa) como algo selvagem como o vento, ardente como o fogo, rápido como o raio; algo errante, incalculável, repentino, e vejam só, a literatura era um cavalheiro idoso em um terno cinzento falando sobre duquesas. Tal foi a violência de sua desilusão, que um dos ganchos ou botões que fechavam a parte superior do seu vestido rebentou, e sobre a mesa caiu seu poema "O Carvalho".

"Um manuscrito!" disse Sir Nicholas, colocando o pincenê de ouro. "Que interessante! Extraordinariamente interessante! Permita-me vê-lo." E uma vez mais, depois de um intervalo de cerca de trezentos anos, Nicholas Greene tomou o poema de Orlando, e, estendendo-o entre as xícaras de café e os cálices de licor, começou a lê-lo. Mas agora o seu veredicto era muito diferente do que tinha sido então. Fazia-o lembrar, disse, enquanto virava as páginas, do "Catão", de Addison. Comparou-o favoravelmente às "Estações", de Thomson. Não havia nele qualquer traço, folgava em dizer, do espírito moderno. Fora composto com respeito pela verdade, pela natureza, pelos ditames do coração humano, o que era raro, de fato, nestes dias de excentricidade sem escrúpulo. Devia, é claro, ser publicado imediatamente.

Na verdade, Orlando não entendia o que ele queria dizer. Sempre tinha carregado seu manuscrito consigo, no peito, por dentro do vestido. A ideia divertiu Sir Nicholas imensamente.

"E quanto aos direitos autorais?" perguntou ele.

Num instante veio à mente de Orlando o palácio de Buckingham e alguns obscuros potentados que por acaso estavam por lá.

Sir Nicholas divertia-se muito. Explicou que aludia ao fato de que os Senhores... (aqui, mencionou uma famosa casa editora), ficariam encantados em colocar o livro em seu catálogo, se ele lhes escrevesse uma linha. Ele provavelmente poderia conseguir uma porcentagem de dez por cento sobre todos os exemplares até dois mil; passando disso, seria quinze por cento. Quanto aos críticos, ele mesmo escreveria uma notinha para Mr..., que era o mais influente; então um agrado – digamos uma pequena homenagem de seus poemas, dirigido à esposa do editor de... – não faria mal algum. Ele iria visitar... E assim prosseguiu. Orlando não entendeu nada de tudo isso, e, pela sua antiga experiência, não confiava inteiramente em sua boa-fé, mas não havia outra coisa a fazer senão submeter-se ao que evidentemente era o desejo dele, e o ardente desejo do próprio poema. De forma que Sir Nicholas fez um pacote organizado com aquele maço

manchado de sangue; achatou-o no bolso do peito, para que não perturbasse a forma do seu paletó; e com muitos cumprimentos de parte à parte, separaram -se.

Orlando subiu a rua. Agora que o poema se fora – e sentia um lugar vazio no peito, onde costumava carregá-lo – não tinha nada a fazer senão refletir sobre o que quisesse – talvez sobre os extraordinários acasos da vida humana. Aqui estava ela, na St. James Street; uma mulher casada; com uma aliança no dedo; onde uma vez houvera um café, havia agora um restaurante; eram mais ou menos três e meia da tarde; o sol brilhava; havia três pombos; um cão terrier mestiço; dois carros de aluguel e um landau. O que era, então, a vida? O pensamento veio-lhe à mente de modo violento e inesperado (a menos que o velho Greene fosse, de algum modo, a causa disso). E pode ser tomado como um comentário, adverso ou favorável, como o leitor preferir considerá-lo, sobre as relações de Orlando com o marido (que estava no cabo Horn) que, sempre que alguma coisa lhe vinha repentinamente à cabeça, ela ia direto à agência de telégrafo mais próxima e lhe telegrafava. Casualmente, havia uma bem à mão. “Meu Deus, Shel”, telegrafou; “vida literatura Greene bajulador” – aqui ela entrou em uma linguagem cifrada que tinham inventado entre si, de modo que todo um estado espiritual de extrema complexidade pudesse ser transmitido em uma ou duas palavras, sem que o telegrafista entendesse, e acrescentou as palavras “Rattigan Glumphoboo”, que o descrevia precisamente. Pois não só os eventos daquela manhã lhe tinham causado uma profunda impressão, como também não poderia ter escapado à atenção do leitor que Orlando estava crescendo – o que não necessariamente significa tornar-se melhor – e “Rattigan Glumphoboo” descrevia um estado de espírito muito complicado – que o leitor, se puser toda a sua inteligência a nosso serviço, poderá descobrir por si mesmo.

Não poderia haver resposta ao seu telegrama por algumas horas; na verdade, pensou, olhando para o céu onde as nuvens altas corriam apressadas, era provável que houvesse uma tempestade no cabo Horn, de modo que seu marido estaria no mastro principal, ou cortando algum mastro despedaçado, ou mesmo sozinho em um barco com um biscoito. E assim, deixando a agência postal, foi distrair-se na loja próxima, uma loja tão comum em nossos dias que não necessita descrição, embora, aos olhos dela, fosse algo muito estranho: uma loja onde se vendiam livros. Durante toda sua vida, Orlando conhecera manuscritos; tinha segurado em suas mãos as ásperas folhas pardas em que Spenser tinha escrito em sua letra miúda e ilegível; vira manuscritos de Shakespeare e de Milton. Possuía, de fato, um bom número de in-quartos e in-fólios, muitas vezes com um soneto em sua homenagem, e às vezes com um anel de cabelo. Mas aqueles inúmeros volumezinhos lustrosos, idênticos, efêmeros, pois pareciam encadernados em papelão e impressos em papel de seda, causavam-lhe infinita surpresa. As obras completas de Shakespeare custavam meia coroa, e cabiam no seu bolso. Mal se podia lê-las, na verdade, tão pequeno era o tipo, mas não deixavam de ser uma maravilha. “Obras” – as obras de todos os escritores que ela conhecia ou tinha ouvido falar, e muitos mais, estendiam-se de uma ponta a outra das longas estantes. Por cima de mesas e cadeiras, mais “obras” estavam empilhadas em desordem, e estas, ela viu, virando uma ou duas páginas, que eram com frequência obras sobre outras obras, da autoria de Sir Nicholas e uma vintena de outros, que ela, em sua ignorância, supôs, já que estavam

impressos e encadernados, serem grandes escritores também. Assim, Orlando deu ao livreiro a espantosa ordem de que lhe enviasse tudo de importância que houvesse em sua loja; e saiu.

Virou no Hyde Park, que já conhecia de antigamente (debaixo daquela árvore partida, lembrou-se, o duque de Hamilton caíra com o corpo trespassado por lorde Mohun) e seus lábios, que com frequência eram culpados, começaram a formar as palavras do telegrama em uma cantilena sem sentido; vida literatura Greene bajulador Rattigan Glumphoboo; de modo que vários guardas do parque começaram a olhá-la com suspeita, e só se inclinaram a uma opinião mais favorável sobre a sua sanidade mental ao notar o colar de pérolas que ela usava. Trouxera da loja um maço de papéis e jornais de crítica literária, e por fim, apoiando-se no cotovelo, debaixo de uma árvore, espalhou essas páginas ao seu redor e fez o possível para compreender em profundidade a nobre arte da composição em prosa, da maneira que a praticavam esses mestres. Porque a sua antiga credulidade ainda estava viva; e até mesmo os tipos borrados de um jornal semanal tinham aos seus olhos certa santidade. Assim, leu, apoiada ao cotovelo, um artigo de Sir Nicholas sobre as obras completas de um homem que ela conhecera uma vez – John Donne. Mas ela se sentara, sem perceber, não muito longe do Serpentine. O latido de mil cães soava em seus ouvidos. Rodas de carruagens rodavam em círculos sem cessar. As folhas sussurravam sobre ela. De vez em quando, uma saia enfeitada de fitas e um par de calças justas vermelhas cruzavam a relva, a alguns passos de distância. Uma vez, uma bola de borracha gigantesca pulou sobre o jornal. Violetas, alaranjados, vermelhos e azuis penetravam pelos interstícios das folhas e refletiam na esmeralda em seu dedo. Ela lia uma frase e erguia os olhos para o céu; erguia os olhos para o céu e abaixava-os para o jornal. Vida? Literatura? Transformar uma na outra? Mas que monstruosa dificuldade! Pois – agora passava um par de calças justas vermelhas – como Addison teria escrito isso? Aqui vinham dois cães dançando nas pernas traseiras. Como Lamb o teria descrito? Porque, lendo Sir Nicholas e seus amigos (como ela fazia quando não estava olhando ao seu redor), tinha de algum modo a impressão – aqui levantou-se e se pôs a andar – de que eles faziam com que se sentisse – sentimento extremamente incômodo – que nunca, nunca se poderia dizer o que se pensava. (Parou à margem do Serpentine. Suas águas eram cor de bronze; botes finos como aranhas deslizavam de um lado para o outro.) Fazem a gente sentir, continuou, que sempre, sempre se deve escrever como alguma outra pessoa. (Lágrimas se formavam em seus olhos.) Pois realmente, pensava, empurrando um barquinho com a ponta do pé, não creio que pudesse (aqui, o artigo inteiro de Sir Nicholas surgiu diante dela, como fazem os artigos, dez minutos depois de terem sido lidos, com uma vista de seu quarto, sua cabeça, seu gato, sua mesa de trabalho e até a hora do dia), não creio que pudesse, continuou, considerando o artigo desse ponto de vista, sentar-me em um estúdio, não, isto não é um estúdio, é uma espécie de sala de visitas bolorenta, o dia todo, e falar com belos jovens, e contar-lhes pequenas anedotas, que eles não devem repetir, sobre o que Tupper disse de Smiles; e depois, continuou, chorando amargamente, todos são tão másculos; e além disso, eu detesto duquesas; e não gosto de bolos; e, embora seja bastante maldosa, nunca aprenderia a ser tão maldosa quanto eles – então como poderei

ser um crítico e escrever a melhor prosa inglesa do meu tempo? Que se danem todos! exclamou, empurrando um vaporzinho com tanta força que o pobre barquinho quase afundou nas ondas cor de bronze.

Mas a verdade é que, quando estamos em certo estado mental (como dizem as amas-secas) – e ainda havia lágrimas nos olhos de Orlando – a coisa para a qual se está olhando se torna, não aquilo que é, mas outra coisa, que é muito maior e muito mais importante, e ainda assim é a mesma coisa. Se olharmos para o Serpentine nesse estado mental, as ondas logo se tornam tão grandes quanto as ondas do Atlântico; os barcos de brinquedo não se distinguem dos transatlânticos. Assim, Orlando confundiu o barco de brinquedo com o brigue de seu marido; e a onda que fizera com a ponta do pé com uma montanha de água ao largo do cabo Horn; e, enquanto observava o barco de brinquedo escalar a ondulação, pensou que via o navio de Bonthrop escalando uma parede de água; subia cada vez mais, e uma crista branca carregada com mil mortos arqueou-se sobre ele; e por entre esses mil mortos ele se foi e desapareceu. “Afundou!” gritou ela, em agonia – e então, vejam só, lá estava ele navegando de novo são e salvo por entre os patos, do outro lado do Atlântico.

“Êxtase!” gritou. “Êxtase! Onde é a agência postal?” perguntou-se. “Pois preciso telegrafar a Shel imediatamente, e contar-lhe..” E repetindo “um barco de brinquedo no Serpentine”, e “Êxtase”, de modo alternado, pois as ideias eram intercambiáveis e significavam exatamente a mesma coisa, apressou o passo na direção de Park Lane.

“Um barco de brinquedo, um barco de brinquedo, um barco de brinquedo”, repetia, reforçando em si o fato de que não são os artigos de Nick Greene sobre John Donne nem projetos de lei sobre oito horas nem acordos nem leis fabris que importam; é algo inútil, súbito, violento; algo que custa uma vida; vermelho, azul, púrpura; um espírito; um jorro; como esses jacintos (estava passando por um belo canteiro deles); livres de mácula, dependência, contaminação humana ou preocupação com a espécie humana; algo áspero, ridículo, como meu jacinto, quer dizer marido, Bonthrop: é isso que importa – um barco de brinquedo no Serpentine, êxtase – é o êxtase que importa. Assim, falava em voz alta, esperando as carruagens passarem em Stanhope Gate, pois a consequência de não se viver com o marido, exceto quando o vento declina, é que se fala tolices em voz alta em Park Lane. Sem dúvida, teria sido diferente se ela vivesse o ano todo com ele, como recomendava a rainha Vitoria. Mas desse jeito, a lembrança dele caía sobre ela como um relâmpago. Achou absolutamente necessário falar com ele imediatamente. Não se importava nem um pouco que isso fosse tolice, nem o deslocamento que pudesse provocar na narrativa. O artigo de Nick Greene a mergulhara nas profundezas do desespero; o barco de brinquedo a elevara aos cumes da alegria. Assim, repetia: “Êxtase, êxtase”, enquanto esperava para atravessar.

Mas o tráfego era intenso, naquela tarde de primavera, e manteve-a ali parada, repetindo êxtase, êxtase, ou um barco de brinquedo no Serpentine, enquanto a riqueza e o poder da Inglaterra instalavam-se, como esculpidos, de chapéu e capa, em carruagens de quatro cavalos, vitórias e landaus. Era como se um rio de ouro se tivesse coagulado e amontoado em blocos de ouro ao longo de Park Lane. As damas seguravam estojos de cartões de visita entre os dedos; os cavalheiros equilibravam bengalas de castão de ouro

entre os joelhos. Ela ficou ali, olhando, admirando, intimidada. Um só pensamento a perturbava, um pensamento familiar a todos os que veem grandes elefantes, ou baleias de incrível magnitude: como será que esses leviatãs, a quem obviamente repugnam esforço, mudança e atividade, propagam sua espécie? Talvez, pensava Orlando, olhando para os rostos imponentes, imóveis, seu tempo de propagação tenha terminado; isto é o fruto; esta é a consumação. O que agora via era o triunfo de uma época. Ali estavam, dignos e esplêndidos. Mas então o policial baixou a mão; o fluxo tornou-se líquido; o maciço conglomerado de objetos esplêndidos moveu-se, espalhou-se e desapareceu em Piccadilly.

Então, ela atravessou Park Lane e foi para sua casa em Curzon Street, onde, quando as campânulas floriam, podia lembrar-se da visita das tarambolas e de um homem muito velho com uma arma.

Podia lembrar-se, pensou, atravessando a soleira da casa, de como lorde Chesterfield dissera... mas sua memória deteve-se. Seu discreto vestíbulo do século dezoito, onde podia ver lorde Chesterfield colocando o chapéu aqui, o sobretudo ali, com uma elegância de maneiras que dava gosto ver, agora estava completamente abarrotado de pacotes. Enquanto estivera sentada em Hyde Park, o livreiro tinha entregue a sua encomenda, e a casa estava atulhada – havia pacotes escorregando pela escada – de toda a literatura vitoriana, envolta em papel cinzento e cuidadosamente amarrada com barbante. Orlando levou quantos pacotes pôde para o seu quarto, mandou que os criados trouxessem o resto, e, cortando rapidamente inúmeros barbantes, logo estava rodeada de inúmeros volumes.

Acostumada à escassa literatura dos séculos dezesseis, dezessete e dezoito, Orlando ficou chocada com as consequências da sua encomenda. Pois, naturalmente, mesmo para os próprios vitorianos, a literatura vitoriana significava não apenas quatro grandes nomes separados e distintos, mas quatro grandes nomes mergulhados e embutidos em uma massa de Alexander Smiths, Dixons, Blacks, Milmans, Buckles, Taines, Paynes, Tuppens, Jamesons – todos expressivos, rumorosos, proeminentes e exigindo tanta atenção quanto qualquer outro. A reverência de Orlando por uma obra impressa tinha uma árdua tarefa pela frente, mas, puxando a cadeira para a janela, a fim de aproveitar qualquer luz que pudesse se filtrar por entre as altas casas de Mayfair, tentou chegar a uma conclusão.

É claro que só há duas maneiras de se chegar a uma conclusão sobre a literatura vitoriana: uma é escrevê-la em sessenta volumes in-oitavo, a outra é condensá-la em seis linhas do tamanho desta. Das duas, a economia, já que o tempo é curto, nos leva a escolher a segunda; e assim procedemos. Orlando chegou então à conclusão (depois de abrir meia dúzia de livros) de que era muito estranho que não houvesse entre eles nenhum dedicado a um nobre; depois (examinando uma vasta pilha de memórias), que vários desses escritores tivessem uma árvore genealógica quase da altura da sua; depois, que seria uma enorme falta de polidez enrolar uma nota de dez libras nas pinças de açúcar, quando Miss Christina Rossetti viesse para o chá; depois (aqui havia meia dúzia de convites para celebrar centenários com jantares), que a literatura, se comesse todos esses jantares, ficaria muito corpulenta; depois (ela fora convidada para uma

vintena de conferências sobre a influência disto sobre aquilo; o renascimento do clássico; a sobrevivência do romântico, e outros títulos igualmente atrativos), que a literatura, se ouvisse todas essas conferências, ficaria muito seca; depois (aqui ela foi a uma recepção dada por uma dama da nobreza), que a literatura, se usasse todas essas capas de pele, ficaria muito respeitável; depois (aqui visitou o quarto à prova de som de Carlyle, em Chelsea), que o gênio, se precisa de todo esse mimo, ficaria muito delicado; e assim, finalmente, chegou à conclusão final, que era da mais alta importância, mas que, como já ultrapassamos há muito nosso limite de seis linhas, temos que omitir.

Tendo chegado a essa conclusão, Orlando ficou à janela, olhando, por um bom tempo. Pois quando alguém chega a uma conclusão, é como se tivesse lançado a bola por cima da rede, e precisa esperar que o antagonista invisível a devolva. O que lhe seria atirado daquele céu descolorido sobre Chesterfield House? perguntava-se. E apertando as mãos, ficou divagando por um bom tempo. De repente, teve um sobressalto – e aqui só podemos desejar que, como em uma ocasião anterior, a Pureza, a Castidade e a Modéstia empurrem a porta entreaberta e nos proporcionem, pelo menos, um tempo para respirar, no qual possamos pensar em como apresentar agora o que precisa ser dito com toda delicadeza, como é dever de um biógrafo. Mas não! Tendo atirado suas vestes brancas a Orlando nua, e vendo-as cair a pouca distância, essas senhoras desistiram de qualquer relacionamento com ela durante todos esses anos; e agora estavam ocupadas com outra coisa. Nada, então, vai acontecer nesta pálida manhã de março, para mitigar, velar, cobrir, ocultar, amortilhar este irrefutável acontecimento, qualquer que seja? Porque, depois daquele sobressalto repentino, violento, Orlando – mas, o céu seja louvado, nesse exato momento começou a tocar lá fora um desses delicados, agudos, maviosos, tolos e antiquados realejos, que às vezes ainda são tocados por afiadores de piano italianos, nas ruas afastadas. Vamos aceitar essa intervenção, por humilhe que seja, como se fosse a música das esferas, e permitir que ela, com todos os seus suspiros e gemidos, encha esta página de som até que chegue o momento em que seja impossível negar a chegada desse acontecimento; que o laçao e a criada veem chegar; e que o leitor verá também; pois a própria Orlando claramente não pode mais ignorá-lo – deixemos o realejo soar e nos transportar em pensamento, que não é mais que um pequeno barco, quando há música, lançado nas ondas; em pensamento, que, de todos os transportes, é o mais desajeitado, o mais irregular, por sobre os telhados e os quintais com roupas penduradas na corda – que lugar é este? Reconheces o Green, e no meio o campanário, e o portão com um leão deitado de cada lado? Oh sim, é Kew! Bem, que seja Kew. Então, aqui estamos em Kew, e lhe mostrarei hoje (dia 2 de março), sob a ameixeira, um cacho de jacintos e um açafão, e um broto, também, na amendoeira; de modo que caminhar por ali é estar pensando em bulbos, vermelhos e enraizados, enfiados na terra em outubro, agora florescendo; e estar sonhando com mais do que pode ser dito, e tirar do bolso um cigarro ou mesmo um charuto, e jogar um casaco (como pede a rima) debaixo de um carvalho, e sentar-se aí, esperando o martim-pescador que, dizem, foi visto cruzando à noitinha de uma margem para outra.

Espere! Espere! Aí vem o martim-pescador; o martim-pescador não vem.

Enquanto isso, observemos as chaminés das fábricas e sua fumaça; observemos os

empregados dos escritórios passando como um raio em seus barcos. Observemos a velha senhora levando seu cachorro para um passeio, e a criadinha usando seu chapéu novo pela primeira vez no ângulo errado. Observemos todos eles. Embora os céus misericordiosamente tenham decretado que os segredos de todos os corações fiquem ocultos, de modo que somos sempre enganados ao suspeitar de algo que talvez não exista; embora, através da fumaça do nosso cigarro vejamos brilhar, e saudemos, o esplêndido cumprimento dos desejos naturais de um chapéu, de um barco, de um rato em um fosso; como uma vez vimos brilhar – que saltos tolos e omissões faz a mente, quando derrama essa pieguice toda sobre o pires e o realejo toca – como uma vez vimos brilhar um fogo em um campo diante dos minaretes, perto de Constantinopla.

Salve, desejo natural! Salve, felicidade, divina felicidade! E prazeres de todo tipo, flores e vinho, embora umas murchem e o outro embriague; e passeios de meia-coroa para fora de Londres, aos domingos; e cantar em uma capela escura hinos sobre a morte; e qualquer coisa, qualquer coisa que interrompa e confunda o martelar das máquinas de escrever, e o arquivamento de cartas, e o forjar de elos e cadeias que liguem todo o Império. Salve, até os grosseiros e vermelhos arcos nos lábios das vendedoras de lojas (como se Cupido, muito desajeitado, mergulhasse o polegar em tinta vermelha e rabiscasse um sinal ao passar). Salve, felicidade! Martim-pescador flamejando de uma margem para outra, e todo o cumprimento do desejo natural, seja ele o que o romancista do sexo masculino diz que é; ou oração; ou renúncia; salve! Sob qualquer forma que venha, e quem dera haja mais formas, e mais estranhas. Pois escuro corre o rio – quem dera fosse verdade, como sugere a rima “como em desvario” – mas mais sombrio e pior do que o seu é o nosso destino habitual; sem sonhos, mas vivo, orgulhoso, fluído, trivial, sob as árvores, cuja sombra de um tom verde oliva afoga o azul da asa do esvaecido pássaro quando dispara de repente de uma margem para outra.

Salve, então, a felicidade, e depois da felicidade não saudemos aqueles sonhos que distorcem a imagem nítida, como os espelhos manchados fazem com os rostos em um salão de uma estalagem do interior; sonhos que estilhaçam o todo e nos partem em pedaços, e nos ferem, e nos despedaçam à noite, quando devíamos dormir; mas dormir, dormir, de modo tão profundo que todas as formas fiquem reduzidas a um pó de infinita suavidade, água de uma opacidade inescrutável, e lá, enfaixados e amortalhados como uma múmia, como uma mariposa, vamos nos estender debruçados na areia das profundezas do sono.

Mas espere! Espere! Não estamos indo, dessa vez, visitar a terra cega. Azul como um fósforo aceso direto no fundo do globo ocular, ele voa, arde, rompe o selo do sono; o martim-pescador; de modo que agora volta a fluir, a correr para trás como o refluxo da maré, a vermelha e espessa correnteza da vida; borbulhante, gotejante; e nos erguemos, e nossos olhos (pois como é oportuna uma rima que nos faça passar a salvo pela complicada transição da morte para a vida) caem sobre... (aqui, o realejo para de tocar bruscamente).

“É um lindo menino, milady”, disse Mrs. Banting, a parteira, colocando nos braços de Orlando o seu primogênito. Em outras palavras: Orlando dera à luz um filho, na quinta-feira, 20 de março, às três horas da madrugada.

Mais uma vez, Orlando parou junto à janela, mas que o leitor não se assuste; nada da mesma espécie está para acontecer hoje, que não é de modo algum o mesmo dia. Não – pois se olharmos pela janela, como Orlando fazia naquele momento, veremos que a própria Park Lane tinha mudado consideravelmente. De fato, podia-se ficar ali por dez minutos ou mais, como fazia Orlando agora, sem ver uma única carruagem. “Olhe só para aquilo!” exclamou ela, alguns dias depois, quando uma absurda carruagem truncada, sem cavalo algum, começou a deslizar por sua própria conta. Uma carruagem sem cavalos, realmente! Ela foi chamada justo na hora em que dizia isso, mas voltou depois de algum tempo, e tornou a olhar pela janela. Era um tempo estranho, esse de agora. O próprio céu, não podia deixar de pensar, havia mudado. Não era mais tão espesso, tão aguado, tão multicolorido, agora que o rei Edward – vejam, lá estava ele, a descer de seu elegante automóvel para visitar certa dama defronte – havia sucedido à rainha Vitória. As nuvens tinham se reduzido a uma fina névoa; o céu parecia feito de metal, que com o calor se manchava de verde gris, cor de cobre ou alaranjado, como o metal na neblina. Era um pouco alarmante, essa redução. Tudo parecia ter encolhido. Passando pelo palácio de Buckingham na noite anterior, não viu sequer um rastro daquela vasta construção que julgara eterna; chapéus altos, véus de viúva, trombetas, telescópios, grinaldas, tudo desaparecera sem deixar sombra, nem mesmo uma poça, no pavimento. Mas era agora – depois de outro intervalo, ela tinha voltado de novo ao seu lugar predileto junto à janela – era agora, à noitinha, que a mudança era mais notável. Olhem as luzes nas casas! A um toque, uma sala inteira era iluminada; centenas de quartos eram iluminados; e um era exatamente igual ao outro. Podia-se ver tudo nas pequenas caixas quadradas; não havia privacidade; nenhuma daquelas sombras alongadas e cantos estranhos que costumava haver; nenhuma daquelas mulheres de avental carregando instáveis lamparinas, que colocavam cuidadosamente sobre esta mesa, sobre aquela. A um toque, a sala inteira se iluminava. E o céu ficava claro a noite inteira; e as calçadas eram claras; tudo era claro. Orlando voltou ao seu posto ao meio-dia. Como as mulheres haviam ficado delgadas, nos últimos tempos! Pareciam-se com espigas de milho, retas, brilhantes, idênticas. E o rosto dos homens era tão liso como a palma das mãos. A secura da atmosfera ressaltava a cor de tudo, e parecia endurecer os músculos das faces. Era mais difícil chorar, agora. A água esquentava em dois segundos. A hera tinha morrido, ou fora raspada das casas. Os legumes eram menos férteis; as famílias eram muito menores. Cortinas e capas tinham sido abolidas e as paredes estavam desnudas, de modo que quadros novos, vivamente coloridos, de coisas reais como ruas, guarda-chuvas, maçãs, eram pendurados em molduras, ou pintados na madeira. Havia algo definido e preciso, sobre a época, que a fazia lembrar-se do século dezoito, exceto que havia uma distração, uma desesperança... Enquanto pensava nisso, o túnel imensamente longo pelo qual ela parecia ter estado viajando por centenas de anos se alargou; a luz penetrou; seus pensamentos se tornaram misteriosamente tensos e sensíveis, como se um afinador de piano tivesse posto a chave em suas costas, e lhe esticasse muito os nervos; ao mesmo tempo, sua audição se aguçou; podia ouvir qualquer sussurro e estalido na sala, de modo que o tique-taque do relógio no consolo da lareira soava como um martelo. E assim, por alguns segundos, a luz se tornou cada vez mais clara, e ela viu todas as coisas

cada vez mais nítidas, e o relógio soava cada vez mais alto, até que houve uma terrível explosão bem no seu ouvido. Orlando pulou, como se tivesse levado uma violenta pancada na cabeça. Dez vezes, repetiu-se a pancada. Na verdade, eram dez horas da manhã. Era o dia 11 de outubro. Era 1928. Era o momento presente.

Ninguém precisa se espantar de que Orlando tenha tido um sobressalto, tenha levado a mão ao coração e empalidecido. Pois que revelação mais assustadora pode haver do que se descobrir que este é o momento presente? Se conseguimos sobreviver ao choque, é só porque o passado nos ampara de um lado e o futuro do outro. Mas não temos tempo agora para reflexões; Orlando já estava terrivelmente atrasada. Correu escada abaixo, saltou para o automóvel, pressionou o arranque e partiu. Vastos blocos de edifícios azuis erguiam-se para o ar; os capelos vermelhos das chaminés salpicavam de modo irregular o céu; a estrada brilhava como pregos de cabeça de prata; vinham sobre ela os ônibus, com motoristas de esculpidas faces brancas; percebeu esponjas, gaiolas de pássaros, caixas de pano verde americano. Mas não permitiu que essas visões penetrassem em sua mente nem uma fração de polegada, enquanto atravessava a estreita prancha do presente, para que não caísse na furiosa torrente abaixo. “Por que não olha para onde vai? Será que pode pôr a mão para fora?” – era tudo o que dizia, rispidamente, como se lhe arrancassem as palavras. Porque as ruas estavam apinhadas; as pessoas cruzavam sem ver para onde iam. As pessoas murmuravam e zumbiam em volta das vitrinas espelhadas, dentro das quais se podia avistar um brilho vermelho, uma chama amarela – como se fossem abelhas, pensou Orlando; mas sua ideia de que eram abelhas foi violentamente cortada, e ela viu, recuperando a perspectiva com uma passada de olhos, que eram corpos. “Por que não olham para onde vão?” censurou-os.

Por fim, parou em frente a Marshall & Snelgrove’s e entrou na loja. Sombra e perfume a envolveram. O presente abandonava-a como gotas de água fervente. A luz flutuava para cima e para baixo, como finos panos inflados por uma brisa de verão. Tirou uma lista da bolsa e começou a ler, a princípio em uma estranha, dura voz, como se estivesse segurando as palavras – botinhas de menino, sais de banho, sardinhas – debaixo de uma torneira de água multicolorida. Observava-as mudar, conforme a luz incidia sobre elas. Banho e botas tornavam-se embotadas, obtusas; sardinhas serrilhavam-se como uma serra. Assim, ficou no departamento térreo dos senhores Marshall & Snelgrove; olhava para aqui e para ali; cheirava este e aquele perfume, e assim gastou alguns segundos. Então entrou no elevador, pela simples razão de que a porta estava aberta; e foi lançada suavemente para cima. A própria estrutura da vida, agora, pensou enquanto subia, é mágica. No século dezoito, sabíamos como cada coisa era feita; mas aqui, eu subo pelo ar; escuto vozes na América; vejo homens que voam – mas como tudo isso é feito, não posso nem sequer imaginar. De modo que a minha crença na magia está de volta. Agora, o elevador dava um leve solavanco, ao parar no primeiro andar; e ela teve uma visão de inúmeros tecidos coloridos flutuando em uma brisa que exalava cheiros distintos, estranhos; e a cada vez que o elevador parava e suas portas se abriam, exibiam-se outra fatia do mundo, carregada com todos os cheiros daquele mundo. Lembrou-se do rio para além de Wapping, nos tempos da rainha Elizabeth, onde os navios de tesouros e os navios mercantes costumavam ancorar. Como

cheiravam de maneira rica e curiosa! Como se lembrava bem dos ásperos rubis deslizando entre seus dedos, quando os mergulhava em um saco de tesouros! E então de deitar-se com Sukey – ou seja qual for o seu nome – e sentir a lanterna de Cumberland sobre eles! Os Cumberland agora tinham uma casa em Portland Place, e ela almoçara com eles, outro dia, e se aventurara a um pequeno gracejo com o velho, sobre os asilos de pobres na Sheen Road. Ele piscara o olho. Mas aqui, como o elevador não podia subir mais, tinha que descer – sabe Deus em que “departamento”, como eles chamam. Ela parou para consultar sua lista de compras, mas seria uma benção se pudesse ver, em qualquer lugar por ali, saís de banho ou botas de menino, conforme mandava a lista. E na verdade estava a ponto de descer outra vez, sem comprar nada, mas foi poupada desse ultraje ao dizer em voz alta, de modo automático, o último item da lista; que por acaso era “lençóis para cama de casal.”

“Lençóis para cama de casal”, disse a um homem em um balcão, e, por um desígnio da Providência, aconteceu que o homem naquele balcão específico vendia lençóis. Pois Grimsditch... não, Grimsditch estava morto; Bartholomew... não, Bartholomew estava morto; Louise, então – Louise tinha vindo procurá-la, outro dia, em uma grande aflição, porque encontrara um buraco na ponta do lençol do leito real. Muitos reis e rainhas tinham dormido ali – Elizabeth, James, Charles, George, Vitoria, Edward; não era de se espantar que o lençol tivesse um buraco. Mas Louise tinha certeza, sabia quem o fizera. Fora o príncipe consorte.

“Sale bosch!”^[15], disse ela (pois tinha havido outra guerra; desta vez contra os alemães).

“Lençóis para cama de casal”, repetia Orlando, sonhadora, para uma cama de casal com uma colcha de prata, em um quarto decorado com um gosto que ela agora achava talvez um tanto vulgar – todo em prata; mas tinha-o mobiliado quando tivera uma paixão por esse metal. Enquanto o homem foi buscar os lençóis de casal, tirou um espelinho e uma pluma de pó de arroz. As mulheres não eram nem de longe tão dissimuladas em suas maneiras, pensou, empoando-se com a maior despreocupação, como eram no tempo em que ela se tornou mulher e se reclinou no convés do “Enamoured Lady”. Deliberadamente, deu ao nariz o tom adequado. Nunca tocava nas faces. De fato, embora agora tivesse trinta e seis anos, não aparentava nem um dia a mais. Parecia tão amuada, tão mimada, tão bonita, tão rosada (como uma árvore de Natal com um milhão de luzinhas, dissera Sasha) quanto naquele dia no gelo, quando o Tâmis estava congelado e tinham ido patinar...

“O melhor linho irlandês, senhora”, disse o vendedor, ao estender os lençóis no balcão... e eles tinham encontrado uma velha catando gravetos. Então, enquanto ela tocava distraidamente o linho, uma das portas giratórias entre os departamentos se abriu e deixou passar, talvez do departamento de artigos de fantasia, um sopro de perfume ceroso, como se tingido por velas cor-de-rosa, e o perfume fechou-se como uma concha em torno de uma figura – fosse rapaz ou moça – jovem, esbelta, sedutora... uma moça, por Deus!, envolta em peles, envolta em pérolas, de calças russas; mas infiel, infiel!

“Infiel!” Orlando exclamou (o vendedor tinha saído), e toda a loja parecia mergulhar e lançar-se em águas amarelas, e viu ao longe os mastros do navio russo

fazendo-se ao mar, e então, milagrosamente (talvez a porta tivesse se aberto outra vez) a concha com o perfume transformou-se em uma plataforma, em um balcão onde estava uma mulher gorda, envolta em peles, maravilhosamente bem conservada, sedutora, coberta de joias, uma amante de um grão-duque; a mesma que, reclinada às margens do Volga, ao comer sanduíches, observava os homens se afogarem; e começou a atravessar a loja em sua direção.

“Oh Sasha!” exclamou Orlando. Realmente, estava surpresa de que ela tivesse chegado a isso; tinha ficado tão gorda; tão apática; e fez um movimento de cabeça para a roupa de cama, de modo que esta aparição de uma mulher grisalha envolta em peles, e de uma moça em calças russas, com todos esses cheiros que trouxera, de velas de cera, flores brancas e velhos navios, pudessem passar despercebidas por trás de si.

“Guardanapos, toalhas, espanadores, senhora?” insistiu o vendedor. E foi somente graças à lista de compras que agora consultava, que Orlando pôde responder, com toda a aparência de compostura, que havia só uma coisa no mundo que ela precisava: sais de banho; que ficavam em outro departamento.

Mas descendo outra vez no elevador – tão insidiosa é a repetição de qualquer cena –, ela foi novamente mergulhada para longe do momento presente; e pensou, quando o elevador bateu no chão, que tinha ouvido uma vasilha quebrando-se contra a margem de um rio. Quanto a encontrar o departamento certo, fosse qual fosse, parou absorta entre as sacolas, surda às sugestões de todos os cortesões, penteados, vivazes caixeiros de preto que, descendo assim como ela, e alguns, talvez, com o mesmo orgulho, de tais profundezas do passado, escolheram baixar a impenetrável cortina do presente, de modo a aparecerem hoje como simples caixeiros da loja Marshall & Snelgrove’s. Orlando ficou ali, hesitante. Pelas grandes portas de vidro, podia ver o tráfego em Oxford Street. Os ônibus pareciam empilhar-se uns sobre os outros, e então separar-se com um solavanco. Do mesmo modo, os blocos de gelo tinham se lançado e arremessado aquele dia no Tâmis. Um velho nobre, de chinelos de pele, estava montado em um deles. E vinha – podia vê-lo agora – lançando maldições contra os rebeldes irlandeses. Havia afundado ali, onde estava o seu carro.

“O tempo passou por cima de mim”, pensou, tentando se recobrar; “é a chegada da meia-idade. Que coisa estranha! Nada é mais uma coisa só. Pego uma sacola e penso em uma velha em um barco preso no gelo. Alguém acende uma vela cor-de-rosa e vejo uma moça de calças russas. Quando saio pela porta – como faço agora,” e aqui ela saiu para a calçada de Oxford Street, “que gosto eu sinto? O de pequenas ervas. Ouço sinos de cabras. Vejo montanhas. Turquia? Índia? Pérsia?” Seus olhos se encheram de lágrimas.

Talvez ocorra ao leitor, que a vê agora preparar-se para entrar em seu automóvel com os olhos cheios de lágrimas e de visões das montanhas persas, que Orlando se afastara um pouco demais do momento presente. E, de fato, não se pode negar que os mais bem-sucedidos adeptos da arte de viver – pessoas muitas vezes desconhecidas, aliás – conseguem de alguma maneira sincronizar os sessenta ou setenta tempos diferentes que batem simultaneamente em todo sistema humano normal; de modo que, quando soam onze horas, todos os tempos batem em uníssono, e o presente não é nem um violento rompimento nem um esquecimento completo do passado. Desses, podemos

dizer com justiça que vivem precisamente os sessenta e oito ou setenta e dois anos que lhes são atribuídos em suas lápides. Dos restantes, sabemos que alguns estão mortos, embora andem entre nós; alguns ainda não nasceram, embora passem por formas de vida; outros têm centenas de anos, embora admitam ter só trinta e seis. A verdadeira extensão da vida de uma pessoa, não importa o que possa dizer o "Dicionário Biográfico Nacional", é sempre uma questão discutível. Pois é uma coisa difícil, essa contagem do tempo; nada a desordena mais depressa que o contato com qualquer uma das artes; e pode ter sido o seu amor pela poesia o que fez Orlando perder sua lista de compras e chegar em casa sem as sardinhas, os sais de banho ou as botinhas. Agora, enquanto estava com a mão na porta do automóvel, o presente de novo golpeou-lhe a cabeça. Onze vezes, foi violentamente agredida.

"Com os diabos!" gritou, pois é um grande choque para o sistema nervoso ouvir um relógio bater – tanto que agora, por algum tempo, não há nada a dizer sobre ela, exceto que franziu ligeiramente a testa, mudou de marcha admiravelmente, e gritou, como antes, "Olhe para onde vai!"

"Não sabe o que quer?" "Então por que não disse?" enquanto o automóvel disparava, girava, forçava passagem e deslizava, pois ela era excelente motorista, pela Regent Street, por Haymarket, pela Northumberland Avenue, por sobre a ponte de Westminster, para a esquerda, para a frente, para a direita, para a frente outra vez...

A velha Kent Road estava apinhada na quinta-feira, 11 de outubro de 1928. Pessoas transbordavam das calçadas. Havia mulheres com sacolas de compras. Crianças corriam. Havia liquidações nas lojas de tecidos. As ruas se alargavam e estreitavam. Longas perspectivas se encolhiam com firmeza. Aqui havia um mercado. Ali, um funeral. Aqui, uma procissão com bandeiras, em que estava escrito "Ra...Un", mas o que mais? A carne era muito vermelha. Os açougueiros paravam na porta. As mulheres quase tinham os saltos arrancados. Amor Vin... estava escrito em um pórtico. Uma mulher olhava pela janela de um quarto de dormir, profundamente pensativa, e muito quieta. Applejohn e Applebed, Undert... Nada se podia ver por inteiro, nem ler do princípio ao fim. O que se via começar – como dois amigos começando a atravessar a rua para se encontrarem – nunca se via terminar. Depois de vinte minutos, o corpo e a mente eram como pedaços de papel picado caindo de um saco, e, de fato, o processo de dirigir depressa por Londres se assemelha tanto ao despedaçamento parcial da identidade que precede a inconsciência e talvez a própria morte, que é uma questão em aberto dizer em que sentido pode ter Orlando existido no presente momento.

Na verdade, deveríamos considerá-la como uma pessoa inteiramente desagregada, se não acontecesse que, afinal, uma tela verde se estendesse à direita, contra a qual os pedacinhos de papel caíam mais lentamente; e depois outra se estendesse à esquerda, de modo que se podia ver os pedacinhos de papel separados, agora girando sozinhos no ar; e então as telas verdes se estenderam continuamente de cada lado, de modo que sua mente recuperou a ilusão de manter as coisas dentro de si, e ela viu uma cabana, um curral e quatro vacas, tudo precisamente em tamanho natural.

Quando isso aconteceu, Orlando deu um suspiro de alívio, acendeu um cigarro e soprou a fumaça em silêncio por um ou dois minutos. Depois chamou hesitante, como se

a pessoa que procurava pudesse não estar ali: "Orlando?" Pois se existe (por acaso) setenta e seis tempos diferentes, todos a fazer tique-taque na cabeça ao mesmo tempo, quantas pessoas diferentes não deve haver – que Deus nos ajude – todas alojadas, em um momento ou noutro, no espírito humano? Alguns dizem que duas mil e cinquenta e duas. De modo que é a coisa mais natural do mundo uma pessoa chamar, logo que estão a sós, "Orlando?" (se esse é o seu nome), querendo dizer com isso, "Venha, venha! Estou mortalmente cansada deste eu em especial. Preciso de outro." Por isso, as mudanças espantosas que vemos em nossos amigos. Mas isso em geral é bem difícil, também, pois embora se possa dizer, como Orlando disse (estando no campo, e pelo jeito precisando de outro eu), "Orlando?", ainda assim o Orlando de que ela precisa pode não vir; esses eus de que somos constituídos, um em cima do outro, como pratos empilhados na mão de um garçom, tem outras afeições, simpatias, pequenos códigos e direitos próprios, como quer que se chamem (e para muitas dessas coisas não existe nome), de modo que um só virá se estiver chovendo; outro, só em um quarto com cortinas verdes; outro, se Mrs. Jones não estiver lá; outro, se pudermos prometer-lhe uma taça de vinho – e assim por diante; pois todo mundo pode multiplicar com sua própria experiência as diferentes condições que os seus diferentes "eus" lhe colocam – e algumas são por demais ridículas para que sejam de algum modo mencionadas em letra de fôrma.

Assim, Orlando, dando a volta ao celeiro, chamou "Orlando?" com um tom de interrogação na voz, e esperou. Orlando não veio.

"Muito bem, então", disse Orlando, com o bom humor de que as pessoas se utilizam nessas ocasiões; e experimentou outro. Pois ela tinha uma grande variedade de "eus" para chamar, muito mais do que o espaço que temos para acomodá-los, visto que uma biografia já é considerada completa se contar apenas com seis ou sete "eus", embora uma pessoa possa muito bem ter vários milhares. Escolhendo, então, apenas aqueles "eus" a quem já concedemos espaço, Orlando podia agora ter chamado o rapaz que derrubara no chão a cabeça de negro; o rapaz que a pendurou de novo; o rapaz que sentava-se na colina; o rapaz que viu o poeta; o rapaz que ofereceu à rainha a tigela de água de rosas; ou podia ter chamado pelo jovem que se apaixonou por Sasha; ou pelo cortesão; ou pelo embaixador; ou pelo soldado; ou pelo viajante; ou podia ser que quisesse chamar uma mulher; a cigana; a bela dama; a eremita; a moça apaixonada pela vida; a protetora das letras; a mulher que chamava Mar (significando banhos quentes e fogos noturnos) ou Shelmerdine (significando açafrões nos bosques de outono) ou Bonthrop (significando a morte que morremos diariamente) ou todas as três juntas – o que significa muito mais do que o espaço que temos para escrever – todos eram diferentes, e ela podia ter chamado qualquer deles.

Talvez; mas o que parece certo (pois agora estamos na região do "talvez" e do "parece") é que aquele eu de que ela mais precisava se mantinha à distância, pois ela, a julgar pelo que se ouvia, estava mudando de eus tão depressa quanto dirigia – havia um novo eu em cada esquina – como acontece quando, por alguma razão inexplicável, o eu consciente, que é o mais importante e tem o poder de desejar, não deseja ser mais do que um único eu. Isto é o que algumas pessoas chamam o eu verdadeiro, e é, dizem, a concentração de todos os eus que possam existir dentro de nós; comandados e

trancafiados pelo eu-capitão, o eu- chave, que amalgama e controla a todos. Orlando por certo estava buscando esse eu, como o leitor pode julgar ao ouvir sua conversa enquanto dirigia (e se é uma conversa incoerente, desconexa, banal, tola, e às vezes ininteligível, a culpa é do leitor, por escutar a conversa de uma senhora consigo mesma; nós apenas copiamos as suas palavras à medida que fala, acrescentando entre parênteses o eu que, em nossa opinião, está falando, mas nisso podemos muito bem estar errados).

“O quê, então? Quem?” dizia ela. “Trinta e seis; em um automóvel; uma mulher. Sim, mas um milhão de outras coisas, também. Esnobe, eu? A liga da jarreteira no vestíbulo? Os leopardos? Meus antepassados? Orgulhosa deles? Sim! Gulosa, voluptuosa, depravada? Eu? (aqui entrou um novo eu). Não me importa a mínima, se sou. Sincera? Creio que sim. Generosa? Ah, mas isso não conta (aqui entrou um novo eu). Estendida na cama a manhã toda, em finos lençóis, ouvindo os pombos; baixela de prata; vinho; criadas; lacaio. Mimada? Talvez. Coisas demais para nada. Por isso meus livros (aqui ela mencionou cinquenta títulos clássicos; que representavam, acreditamos, as primeiras obras românticas, que ela destruíra). Fácil, fluente, romântico. Mas (aqui entrou um novo eu) estúpido, um trapalhão. Mais desajeitado não podia ser. E... e... (aqui ela hesitou sobre uma palavra, e, se sugerirmos “amor”, podemos estar errados, mas com certeza ela riu e corou e então gritou...) Um sapo engastado em esmeraldas! O arquiduque Harry! Moscas azuis no teto! (aqui entrou um novo eu). E Nell, Kit, Sasha? (estava mergulhada em tristeza; na verdade, lágrimas surgiram em seus olhos, e ela há muito deixara de chorar). Árvores”, disse ela. (Aqui entrou um outro eu.) “Amo as árvores (estava passando por um arvoredo) que crescem ali há milhares de anos. E celeiros (passou por um celeiro caindo aos pedaços, à beira da estrada). E cães pastores (aqui, veio um trotando pela estrada. Evitou-o cuidadosamente). E a noite. Mas não as pessoas (aqui entrou um outro eu). Pessoas? (repetiu em forma de pergunta.) Não sei. Tagarelas, maldosas, sempre dizendo mentiras. (Aqui, dobrou na rua principal de sua cidade natal, que estava apinhada, pois era dia de mercado, de fazendeiros, pastores, e velhas com galinhas em cestos.) Gosto dos camponeses. Entendo de colheitas. Mas...” (aqui, um outro eu saltou no alto de sua mente, como o clarão de um farol).

“Fama! (Ela riu.) Fama! Sete edições. Um prêmio. Fotografias nos jornais vespertinos (aqui ela aludia a “O Carvalho” e ao prêmio comemorativo Burdett Coutts, que havia ganho; e temos que roubar algum espaço para observar como é embaraçoso para o seu biógrafo que esta culminância para a qual o livro inteiro conduz, esta peroração com a qual o livro devia terminar, nos sejam frustradas por um riso casual como esse; mas a verdade é que quando escrevemos sobre uma mulher tudo fica fora de lugar – culminâncias e perorações; o acento nunca cai onde costuma cair com um homem). Fama!” repetiu. “Um poeta – um charlatão; ambos toda manhã, tão regularmente quanto o correio. Jantar, encontrar-se; encontrar-se, jantar; fama... fama!” (Aqui, teve que reduzir a velocidade para atravessar a multidão no mercado. Mas ninguém a notou. Um boto na banca de um peixeiro chama muito mais a atenção que uma senhora que tinha ganho um prêmio, e que poderia, se quisesse, usar três coroas na testa, uma em cima da outra.) Dirigindo muito devagar, ela agora entoava com os lábios fechados, como se fosse parte de uma velha canção: “Com meus guinéus comprei

magnólias, magnólias, magnólias, e caminhando sob a rama, contarei aos meus filhos, aos meus filhos, o que é a fama.” Assim entoava, e agora todas as suas palavras começavam a ceder, aqui e ali, como um colar primitivo de pesadas contas. “E caminhando sob a rama”, cantava, acentuando bem forte as palavras, “verei a lua subir devagar, e o vagão do trem se afastar...” Aqui, parou de repente e olhou para o capô do carro, em profunda meditação.

“Ele estava sentado à mesa de Twitchett”, refletiu, “com uma gola franzida e suja... Seria o velho Mr. Baker, que viera medir a madeira? Ou seria Sh... p... re? (pois quando falamos para nós mesmos nomes por quem temos profunda reverência, nunca os falamos por inteiro). Orlando ficou olhando pensativa à sua frente durante dez minutos, quase deixando o carro parar.

“Assombrações!” exclamou, pressionando o acelerador de repente. “Assombrações! Desde que eu era criança. Lá vai voando o ganso selvagem. Passa voando pela janela, na direção do mar. Dei um salto (agarrou o volante com força) tentando alcançá-lo. Mas o ganso voa rápido demais. Eu o vi aqui... lá... além... na Inglaterra, na Pérsia, na Itália. Ele sempre voa depressa para o mar, e eu sempre atiro palavras atrás dele como redes (aqui, ela lançou a mão para fora) que se encolhem, como vi redes encolhidas atiradas no convés, só com algas dentro; e às vezes há uma polegada de prata – seis palavras – no fundo da rede. Mas nunca o grande peixe que habita os bosques de coral.” Aqui, baixou a cabeça, refletindo profundamente.

E foi nesse momento, quando tinha parado de chamar “Orlando” e estava imersa em profundos pensamentos sobre alguma outra coisa, que o Orlando a quem chamara apareceu por sua própria conta, como ficou provado pela mudança que agora acontecia com ela (tinha atravessado os portões da guarita e estava entrando no parque).

Toda ela se obscureceu e ajustou, como quando se acrescenta a uma superfície o contraste final que lhe dá relevo e solidez, e o que é raso se torna profundo; e o próximo, distante; e tudo fica contido, como a água é contida pelas paredes de um poço. Assim, ela agora estava obscurecida e calma, e tornou-se, com o acréscimo desse Orlando, aquilo que, com ou sem razão, se chama um único eu, um eu real. E caiu em silêncio. Pois é provável que, quando as pessoas falam em voz alta, os “eus” (dos quais pode haver mais de dois mil) tenham consciência de sua divisão, e se esforcem para comunicar-se, mas, quando a comunicação é estabelecida, eles se calam.

Com maestria e rapidez, fez a curva pela aleia, entre olmos e carvalhos, pela relva inclinada do parque, de declive tão suave que, se fosse água, teria coberto a praia de uma lisa maré verde. Aqui havia faias e carvalhos, plantados em grupos solenes. Os cervos caminhavam entre eles, um branco como a neve, outro com a cabeça de lado, pois alguma cerca de arame havia lhe prendido os chifres. Ela observava tudo isso, árvores, cervos, relva, com a maior satisfação, como se sua mente tivesse se tornado um líquido, que fluía ao redor das coisas e as envolvia completamente. No minuto seguinte, estava no pátio onde, durante tantos séculos, tinha chegado a cavalo ou em carruagem de seis cavalos, com homens cavalgando à frente ou atrás; onde plumagens se agitaram, tochas flamejaram, e as mesmas árvores floridas que agora deixavam cair as folhas, haviam sacudido suas flores. Ela agora estava só. As folhas de outono caíam. O porteiro

abriu os grandes portões. "Bom-dia, James", disse ela, "há algumas coisas no carro. Poderia trazê-las?" palavras sem nenhuma beleza, interesse ou valor em si mesmas, admite-se, mas agora tão carregadas de significado, que caíam como nozes maduras de uma árvore, e provavam que, quando a pele enrugada do comum é recheada de significado, satisfaz os sentidos de modo extraordinário. Isso de fato era verdade agora, em relação a cada movimento e ação, por habituais que fossem; de modo que ver Orlando trocar sua saia por um par de calças grossas e uma jaqueta de couro, o que ela fez em menos de três minutos, era ser arrebatado pela beleza do movimento, como se madame Lopokova estivesse apresentando sua mais perfeita arte. Depois caminhou a passos largos até o salão de jantar, onde seus velhos amigos Dryden, Pope, Swift, Addison a olharam com afetação, a princípio, como quem dissesse: Aí vem a vencedora do prêmio!, mas quando refletiram que havia duzentos guinéus em jogo, balançaram a cabeça em assentimento. Duzentos guinéus, pareciam dizer; duzentos guinéus não são de se desprezar. Ela cortou uma fatia de pão e presunto, juntou as duas e começou a comer, caminhando para cá e para lá na sala, despojando-se assim em um segundo, sem pensar, dos seus hábitos de sociedade. Depois de cinco ou seis voltas, esvaziou um copo de vinho tinto espanhol, e, enchendo outro que pegou na mão, caminhou devagar pelo longo corredor e por uma dúzia de salas, e assim começou uma perambulação pela casa, escoltada pelos cães de caça e spaniels que resolveram acompanhá-la.

Isso, também, fazia parte da rotina diária. Assim como vir para casa e não dar um beijo em sua própria avó, seria voltar e não visitar a casa. Imaginava que os quartos se iluminavam, quando ela entrava; que se mexiam, abriam os olhos, como se tivessem estado cochilando em sua ausência. Também imaginava que, nas centenas e milhares de vezes em que os tinha visto, nunca pareciam os mesmos, como se em uma vida tão longa tivessem acumulado incontáveis humores, que mudavam com o inverno e o verão, com o tempo claro ou sombrio, com a sua própria sorte e a índole das pessoas que os visitavam. Com os estranhos, sempre foram corteses, embora um pouco enfadados; com ela, eram inteiramente abertos e sentiam-se à vontade. E de fato, por que não? Conheciam-se há quase quatro séculos, agora. Não tinham nada a esconder. Ela conhecia suas tristezas e alegrias. Sabia a idade de cada uma de suas partes, e seus pequenos segredos – uma gaveta oculta, um armário escondido, ou alguma deficiência, talvez, como um pedaço consertado ou acrescentado depois. Eles, também, a conheciam em todos os seus humores e mudanças. Não tinha lhes ocultado nada; viera a eles como menino e como mulher, chorando e dançando, pensativa e alegre. Neste banco junto à janela, escrevera seus primeiros versos; naquela capela, havia se casado. E ali seria enterrada, refletia, ajoelhando-se no rebordo da janela, no longo corredor, e tomando um gole do vinho espanhol. Embora tivesse dificuldade em imaginá-lo, o corpo do leopardo heráldico estaria formando poças amarelas no chão, no dia em que a baixassem para jazer entre os seus antepassados. Ela, que não acreditava em nenhuma imortalidade, não podia deixar de sentir que sua alma estaria sempre indo e vindo, com os vermelhos dos painéis e os verdes do sofá. Pois o quarto – tinha entrado no dormitório do embaixador – brilhava como uma concha que, tendo jazido no fundo do mar durante séculos, fora incrustada e pintada com um milhão de matizes pela água; era cor-de-rosa

e amarela, verde e cor-de-areia. Era frágil como uma concha, e do mesmo modo iridescente e vazia. Nenhum embaixador dormiria ali outra vez. Ah, mas ela sabia onde o coração da casa ainda batia. Abrindo suavemente uma porta, parou na soleira, de modo que (na sua imaginação) o quarto não a pudesse ver, e observou a tapeçaria subindo e descendo, à eterna e suave brisa que nunca deixava de agitá-la. O caçador ainda cavalgava; Daphne ainda fugia. O coração ainda batia, pensou, embora muito fraco, embora muito longe; o frágil e indomável coração do imenso edifício.

Então, chamando seu bando de cães, desceu pela galeria, cujo chão fora coberto de troncos inteiros de carvalho serrados. Fileiras de cadeiras, com os seus veludos desbotados, estavam encostadas contra a parede, oferecendo seus braços para Elizabeth, para James, para Shakespeare, talvez, para Cecil, que nunca veio. A visão a deixou triste. Desenganchou a corda que as cercava. Sentou-se na cadeira da rainha; abriu um livro manuscrito que estava sobre a mesa de Lady Betty; moveu os dedos pelas antigas pétalas de rosa; escovou seu cabelo curto com a escova de prata do rei James: saltou para cima e para baixo no seu leito (mas nenhum rei voltaria a dormir ali, apesar dos lençóis novos de Louise) e pressionou a face contra a colcha de prata puída que o cobria. Mas por toda parte havia saquinhos de lavanda para afastar as traças, e avisos impressos, "Pede-se não tocar", que, embora ela mesma os tivesse posto ali, pareciam censurá-la. A casa não era mais inteiramente sua, suspirou. Pertencia agora ao tempo; à história; estava além do contato e do controle dos vivos. Nunca mais se derramaria cerveja ali, pensava (estava no quarto que fora do velho Nick Greene) nem se queimariam buracos no tapete. Nunca mais duzentos criados desceriam correndo e gritando pelos corredores, com panelas quentes e grandes ramos para as enormes lareiras. Nunca mais se produziria cerveja, nem se fabricaria velas, nem se faria selas, nem se talharia pedras nas oficinas do lado de fora da casa. Martelos e malhos estavam agora calados. Cadeiras e leitos estavam vazios; jarras de ouro e prata estavam trancadas em escrínios de vidro. As grandes asas do silêncio adejavam para cima e para baixo na casa vazia.

E assim sentou-se, na extremidade da galeria, com os cães deitados em volta, na poltrona dura da rainha Elizabeth. A galeria se estendia ao longe, até um ponto onde a luz quase não alcançava. Era como um túnel profundamente escavado no passado. Espiando através dele, podia ver pessoas rindo e falando; os grandes homens que conhecera: Dryden, Swift e Pope; e estadistas em colóquio; e namorados flertando nos bancos sob as janelas; e pessoas comendo e bebendo nas longas mesas; e a fumaça da lenha enovelando-se ao redor de suas cabeças, fazendo-as espirrar e tossir. Mais distante ainda, viu grupos de esplêndidos dançarinos formados para a quadrilha. Uma música maviosa, delicada, mas, no entanto imponente, começou a tocar. Um órgão ressoou. Um caixão era carregado para a capela. Um cortejo de casamento saía dela. Homens com armas e capacetes partiam para as guerras. Traziam estandartes de Flodden e de Poitiers, e penduravam-nos na parede. A longa galeria enchia-se assim, e, perscrutando ainda mais a frente, pensou que podia perceber, bem no fim, mais além de elisabetanos e Tudors, alguém mais velho, mais distante, mais sombrio, uma figura encapuzada, monástica, austera, um monge, que ia com um livro nas mãos cruzadas, murmurando...

Como um trovão, o relógio da torre bateu as quatro. Nunca um terremoto destruiu assim uma cidade inteira. A galeria e todos os seus ocupantes foram reduzidos a pó. Seu próprio rosto, que estivera sombrio e triste enquanto observava, iluminou-se como por uma explosão de pólvora. Nessa mesma luz, tudo que a cercava apareceu com extrema nitidez. Viu duas moscas circulando ao redor, e notou o brilho azul de seus corpos; viu um nó na madeira onde estava o seu pé, e o tremor na orelha de um dos seus cães. Ao mesmo tempo, ouviu um ramo rangendo no jardim, uma ovelha tossindo no parque, um pássaro gritando pela janela. Seu próprio corpo estremeceu e formigou, como se de repente ficasse despida em um frio intenso. Mas, ao contrário do que fizera em Londres, quando o relógio batera dez horas, manteve-se perfeitamente calma (pois agora era uma e íntegra, e apresentava, talvez, uma superfície maior para o choque do tempo). Levantou-se, mas sem precipitação, chamou seus cães e, firme, porém com grade agilidade de movimentos, desceu a escadaria e saiu para o jardim. Aqui, as sombras das plantas eram miraculosamente distintas. Reparou em cada grão separado de terra, nos canteiros, como se tivesse um microscópio preso aos olhos. Viu o emaranhamento dos ramos de cada árvore. Cada folha de grama era distinta, e as marcas das nervuras e das pétalas. Viu Stubbs, o jardineiro, andando pelo caminho, e cada botão de suas polainas era visível; viu Betty e Prince, os cavalos do carro, e nunca reparou com tanta clareza na estrela branca na testa de Betty, e nos três pelos mais compridos do que os outros na cauda de Prince. No pátio lá fora, as velhas paredes cinzentas da casa pareciam uma fotografia nova arranhada; ouviu o alto-falante condensando no terraço uma melodia de dança que estava sendo ouvida na Ópera de Viena, toda em veludo vermelho. Preparada e motivada pelo momento presente, sentia-se também estranhamente receosa, como se a cada vez que o abismo do tempo se abria para deixar passar um segundo, este pudesse trazer consigo algum perigo desconhecido.

A tensão era implacável e rigorosa demais, para ser suportada por muito tempo sem desconforto. Caminhou com mais vivacidade do que gostaria, como se suas pernas se movessem sozinhas, atravessando o jardim e saindo para o parque. Aqui ela obrigou-se, com grande esforço, a parar na carpintaria, e a ficar imóvel observando Joe Stubbs trabalhar em uma roda de carro. Estava parada, com os olhos fixos nas mãos dele, quando o relógio bateu o quarto de hora. O choque atravessou-a como um meteoro, tão quente que não havia dedos que o segurassem.

Ela viu com repugnante nitidez que o polegar direito de Joe não tinha unha, e no lugar onde ela deveria estar havia uma bolinha de carne rosada. A visão era tão repulsiva que, por um momento, ela sentiu-se desfalecer, mas na escuridão daquele momento, quando suas pálpebras estremeeceram, foi aliviada da pressão do presente. Havia algo estranho na sombra lançada pelos seus olhos trementes, algo que (como qualquer um pode verificar por si mesmo olhando agora para o céu) está sempre fora do presente – daí seu terror, seu caráter indefinido – algo que se hesita em alfinetar o corpo e nomear como beleza, porque não tem corpo, é como uma sombra sem substância ou qualidade própria, embora tenha o poder de mudar tudo aquilo a que se acrescenta. Esta sombra, agora, enquanto ela piscava os olhos em sua fraqueza diante da carpintaria, saía furtivamente e, prendendo-se às inúmeras visões que vinha presenciando, transformou-

as em algo tolerável, compreensível. Sua mente começou a se agitar como o mar. Sim, pensava, dando um profundo suspiro de alívio, ao voltar-se da carpintaria para subir a colina, posso começar a viver outra vez. Estou no Serpentine, pensava, o barquinho está subindo pelo arco branco de mil mortes. Estou a ponto de compreender...

Essas foram as suas palavras, ditas de modo bastante distinto, mas não se pode esconder o fato de que, agora, ela era uma testemunha muito indiferente da verdade do que estava diante de si, e poderia facilmente ter confundido uma ovelha com uma vaca, ou um velho chamado Smith com um que se chamava Jones e não tinha nada a ver com aquele. Pois a sombra de desmaio que o polegar sem unha tinha lançado, havia cavado, na parte de trás do seu cérebro (que é a parte mais fora de vista), um poço onde viviam coisas em uma escuridão tão profunda que dificilmente sabemos o que são. Ela agora olhava para dentro desse poço, ou mar, no qual tudo se reflete – e, de fato, dizem alguns que todas as nossas paixões mais violentas, e a arte e a religião, são reflexos do que vemos na escura cova da parte de trás da cabeça, quando o mundo visível está obscurecido pelo tempo. Ela olhava para lá, agora, longa, profundamente, do fundo do coração, e de imediato o caminho de samambaias que subia a colina, por onde ela caminhava, tornou-se não inteiramente um caminho, mas em parte o Serpentine; os espinheiros eram em parte damas e cavalheiros sentados, com cartões de visita e bengalas de castão de ouro; as ovelhas eram, em parte, altas casas de Mayfair; tudo era em parte alguma outra coisa, como se sua mente tivesse se tornado uma floresta com clareiras ramificando-se aqui e ali; as coisas se aproximavam e se distanciavam, se misturavam e se separavam, e faziam as mais estranhas alianças e combinações, como em um xadrez incessante de luz e sombra. A não ser quando Canute, o cão de caça, perseguindo um coelho, lembrou-a que deviam ser quatro e meia – na verdade, faltavam vinte e três minutos para as seis – ela esqueceu-se do tempo.

O caminho de samambaias conduzia, com muitas voltas e rodeios, cada vez mais alto até o carvalho, que ficava no topo. A árvore tinha se tornado maior, mais robusta e mais nodosa, desde que a conhecera, por volta do ano de 1588, mas ainda estava no vigor da vida. As pequenas folhas nitidamente recortadas ainda tremulavam densamente nos seus ramos. Atirando-se ao chão, sentiu os ossos da árvore mexendo-se para cá e para lá debaixo de si, como as costelas de uma espinha. Gostava de pensar que estava cavalgando o dorso do mundo. Gostava de prender-se a alguma coisa sólida. Quando se atirou ao chão, um livrinho quadrado, encadernado em pano vermelho, caiu do peito de sua jaqueta de couro – seu poema "O Carvalho." "Eu devia ter trazido uma pá", refletiu. A terra era tão rasa sobre as raízes que parecia duvidoso que ela conseguisse, como desejava, enterrar o livro ali. Além disso, os cachorros iriam desenterrá-lo. Essas celebrações simbólicas nunca são bafejadas pela sorte, pensou. Então, talvez fosse melhor passar sem elas. Tinha um pequeno discurso na ponta da língua, que pretendia pronunciar enquanto enterrasse o livro. (Era um exemplar da primeira edição, autografado pelo autor e pelo ilustrador.) "Enterro isto como um tributo", ia dizer, "uma retribuição à terra pelo que a terra me concedeu", mas, Senhor!, quando se começa a dizer as palavras em voz alta, como soam tolas! Recordava-se do velho Greene, outro dia, subindo a uma tribuna para compará-la a Milton (a não ser pela cegueira) e

entregar-lhe um cheque de duzentos guinéus. Ela havia pensado, então, no carvalho, aqui na sua colina, e o que tinha uma coisa a ver com outra? perguntava-se. O que a fama e o louvor tinham a ver com a poesia? O que tinham sete edições (o livro já tinha chegado a isso) a ver com o valor do livro? Escrever poesia não era uma secreta transação, uma voz respondendo a outra voz? De forma que todo esse falatório e elogios e censuras e conhecer pessoas que nos admiram e conhecer pessoas que não nos admiram assentavam tão mal quanto seria possível com o que era a coisa em si mesma – uma voz respondendo a outra voz. O que poderia haver de mais secreto, pensou, mais lento e mais parecido com a comunicação entre os amantes, do que a resposta balbuciante que ela dera todos esses anos à velha e sussurrante canção dos bosques, e às fazendas, e aos cavalos pardos parados no portão, pescoço com pescoço, e à ferraria e à cozinha e aos campos, tão laboriosamente produzindo trigo, nabos, grama, e aos jardins floridos de íris e fritilárias?

Assim, deixou o livro insepulto e em desalinho no chão, e contemplou o vasto panorama, variado como um fundo de oceano naquele entardecer, com o sol a iluminá-lo e as sombras a escurecê-lo. Havia uma aldeia com um campanário entre os olmos; um solar de cúpula cinzenta, em um parque; o cintilar de luz no vidro de alguma estufa; um pátio de fazenda com pilhas de espigas amarelas. Os campos eram demarcados por negros grupos de árvores, e para além dos campos estendiam-se longos bosques, e havia o vislumbre de um rio, e depois outra vez as colinas. À distância, os rochedos de Snowdon rompiam brancos por entre as nuvens; ela via as longínquas colinas escocesas, e as selvagens marés que rodeiam as Hébridas. Prestou atenção ao som dos canhões, no mar.

Não – só o vento soprava. Hoje não havia guerra. Drake tinha morrido; Nelson tinha morrido. “E ali”, pensava, deixando seus olhos, que tinham estado a olhar essas distâncias longínquas, repousarem uma vez mais na terra logo abaixo, “foi um dia a minha terra: aquele castelo entre as enseadas era meu; e foi minha toda aquela charneca que se estende até quase o mar.” Aqui, a paisagem (devia ter sido algum jogo da luz que empalidecia) estremeceu, ergueu-se, e deixou escorregar toda essa aglomeração de casas, castelos e bosques pelas suas encostas abruptas. As nuas montanhas da Turquia estavam diante dela. Era meio-dia, o calor era abrasador. Olhou diretamente para a encosta tostada pelo sol. Cabras arrancavam os tufos arenosos a seus pés. Uma águia planava no alto. A voz rouca do velho Rustum, o cigano, grasnou em seus ouvidos, “O que é toda a sua antiguidade, e a sua raça, e os seus bens comparados a isto? Para quê precisa de quatrocentos quartos, e tampas de prata em todas as travessas, e criadas espanando?”

Nesse momento, algum relógio de igreja soou no vale. A paisagem abrupta desmoronou e ruiu. O presente mais uma vez caiu sobre sua cabeça, mas agora que a luz desaparecia, mais suavemente que antes, sem ressaltar nenhum detalhe, nenhuma coisa pequena, mas apenas campos cobertos de névoa, cabanas com luzes dentro, o volume adormecido de um bosque, e uma luz em forma de leque abrindo caminho na escuridão à sua frente, ao longo de alguma alameda. Se tinham batido as nove, as dez ou as onze, ela não saberia dizer. A noite chegara – a noite que ela amara desde sempre, a noite em

que os reflexos no escuro poço da mente brilham mais claros que de dia. Não era necessário desfalecer agora para olhar profundamente na escuridão, onde coisas se moldam a si mesmas, e ver no poço da mente ora Shakespeare, ora uma moça de calças russas, ora um barco de brinquedo no Serpentine, e então o próprio Atlântico, onde as tempestades formam grandes ondas perto do cabo Horn. Olhou para a escuridão. Ali estava o brigue do seu marido, subindo ao topo da onda! Subia e subia, cada vez mais alto. O branco arco de mil mortes erguia-se diante dele. Oh, homem imprudente, homem ridículo, sempre velejando assim inutilmente em torno do cabo Horn, nas garras da tormenta! Mas o brigue passara pelo arco e saíra do outro lado; estava salvo, afinal!

“Êxtase!”, gritou, “êxtase!” E então o vento amainou, as águas se acalmaram; e ela viu as ondas ondulando pacificamente ao luar.

“Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!”, gritou, de pé junto ao carvalho.

O nome bonito, brilhante, caiu do céu como uma pluma cinza azulada. Observou-a cair, girando e torcendo-se como uma flecha lenta que rasga o ar profundo, lindamente. Ele estava vindo, como sempre vinha, em momentos de total calma; quando a onda se agitava e as folhas manchadas caíam lentamente sobre seus pés, nos bosques de outono; quando o leopardo estava imóvel; e a lua se refletia nas águas, e nada se movia entre o céu e o mar. Então ele chegou.

Tudo estava quieto, agora. Era quase meia-noite. A lua subia lentamente por cima dos campos. Sua luz fazia surgir um castelo fantasma sobre a terra. Ali estava a grande mansão com todas as suas janelas vestidas de prata. Não havia paredes nem substância alguma. Tudo era ilusão. Tudo era quietude. Tudo iluminado como para a chegada de uma rainha morta. Olhando para baixo, Orlando viu plumagens escuras agitando-se no pátio, e tochas flamejantes, e sombras que se ajoelhavam. Uma vez mais, uma rainha descia de sua carruagem.

“A casa está à vossa disposição, senhora”, exclamou ela, fazendo uma profunda reverência. “Nada mudou. O falecido lorde, meu pai, vos conduzirá para dentro.”

Enquanto falava, soou a primeira batida da meia-noite. A fria brisa do presente roçou-lhe a face com seu breve sopro de medo. Olhou ansiosamente para o céu. Estava escuro e com nuvens, agora. O vento rugia em seus ouvidos. Mas no rugido do vento, ela ouviu o rugido de um avião, que se aproximava cada vez mais.

“Aqui, Shel, aqui!”, gritou, descobrindo o peito à luz da lua (que agora brilhava) de modo que suas pérolas cintilassem – como os ovos de alguma enorme aranha lunar. O avião rompeu as nuvens e pairou sobre sua cabeça. Flutuou no ar sobre ela. Suas pérolas resplandeciam como uma chama fosforescente na escuridão.

E quando Shelmerdine, agora um belo capitão do mar, bronzeado, de aspecto saudável e ativo, saltou para o chão, por sobre sua cabeça surgiu um solitário pássaro selvagem.

“É o ganso!”, gritou Orlando. “O ganso selvagem...”

E a décima segunda batida da meia-noite soou; a décima segunda batida da meia-noite de quinta-feira, onze de outubro de mil novecentos e vinte e oito.